

AS OBRAS DE RICHARD GREENHAM

Volume 2
(de 5)



Vários Tratados
Sobre Verdades
Sagradas

AS OBRAS DE RICHARD GREENHAM | Volume 2: Vários Tratados sobre Verdades Sagradas

Ano de publicação: 2026

Tradução, revisão, edição e diagramação por Casuística Puritana.

Instagram: @casuisticapuritana
Site:

www.casuisticapuritana.com

INFORMAÇÕES EDITORIAIS

Este volume foi traduzido a partir de edição moderna baseada em transcrições digitais de textos históricos originalmente preservados pelo projeto EEBO-TCP (Early English Books Online – Text Creation Partnership).

A presente tradução em língua portuguesa foi realizada de forma independente por Casuística Puritana.

© 2026 Casuística Puritana
Todos os direitos reservados da presente tradução em língua portuguesa.

Como observou o puritano Edward Leigh:

“Se encontrares falhas e erratas neste livro, que o amor as cubra; pois errar [...] é o triste privilégio da mortalidade.”

NOTA SOBRE O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Esta obra contou com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial em etapas específicas do processo editorial, incluindo apoio linguístico, revisão preliminar, padronização textual e assistência técnica na preparação do material.

Todavia, todas as decisões finais de tradução, revisão, adaptação, conferência teológica e edição textual foram realizadas e supervisionadas por revisores humanos.

O uso dessas ferramentas teve como objetivo auxiliar a preservação, acessibilidade e difusão de obras teológicas históricas, sem substituir o trabalho crítico, acadêmico e editorial humano.

Publicado por Casuística Puritana
2026

Sumário

PREFÁCIO.....	4
SEÇÃO I. O Primeiro Tratado para uma Consciência Aflita sobre esta Escritura.	20
SEÇÃO II. O Segundo Tratado, pertencente ao Conforto de uma Consciência Aflita.	65
SEÇÃO III. As Marcas de um Homem Justo.....	82
SEÇÃO IV. Sinais Doces e Certos da Eleição, para aqueles que foram Humilhados.	91
SEÇÃO V. Um Tratado sobre o Contrato Antes do Matrimônio.	93
SEÇÃO VI. Um Tratado sobre o Sábado.	108
SEÇÃO VII. Notas de nossa Salvação, com a Necessidade; e Notas de um Coração Verdadeiro e Reto.....	222
SEÇÃO VIII. Um Tratado Proveitoso Contendo uma Direção para a Leitura e Entendimento das Sagradas Escrituras: pelo Mestre Greenham.	225
SEÇÃO IX. Um Tratado da Ressurreição.	237
SEÇÃO X. Um Tratado de Autoexame Antes e Depois da Ceia do Senhor.	263
SEÇÃO XI. Um Tratado do Temor de Deus.	285
SEÇÃO XII. Um Tratado sobre a Hipocrisia.	301
SEÇÃO XIII. Um Tratado sobre a Ira.	311
SEÇÃO XIV. Um Tratado sobre a Bem-aventurança.	319
SEÇÃO XV. Um Tratado sobre a Doutrina do Jejum.	328
SEÇÃO XVI. Do envio do Espírito Santo.	340
SEÇÃO XVII. Um breve Tratado sobre a Oração, baseando-se nas palavras do profeta Joel, cap. 2:32: citado por Pedro, Atos 2:21.	391

PREFÁCIO

Aos Dignos de Honra

Ao Sir Dru Drury, cavaleiro, fidalgo da câmara privada de sua majestade; e ao Mestre Thomas Fanshaw, escudeiro, registrador da rainha em sua corte do erário:

H.H. deseja o aumento de todas as misericórdias e consolações em Jesus Cristo para sempre.

Alguns destes Tratados (Ilustres Senhores) servem bem para nos ensinar tanto o perigo quanto a cura da maior ferida que um homem pode ter na terra; os demais diferem em argumento, contudo possuem um escopo geral, a saber, a edificação do povo de Deus na fé e na obediência a Cristo. Nisto, peço primeiramente a paciência de Vossas Senhorias para que tomem vista de uma breve representação de todo o livro, por ramos específicos, expressando as próprias palavras e matérias do autor nesta forma compendiada que se segue.

O primeiro tratado é sobre o espírito ferido, no qual este fiel servo de Cristo nos ensina: 1. Quão grande mal é a ferida do espírito; pois os próprios pagãos e papistas podem suportar grandes aflições até que seus espíritos sejam feridos, mas, se suas mentes forem abatidas, eles se entregarão a qualquer morte violenta. Também os fiéis, prostrados pelas flechas de Deus, pela visão de seus pecados e pelo sentimento da mão de Deus sobre suas mentes — como Jó, Davi, Ezequias e Jeremias — lamentaram pesadamente pela ferida do espírito. 2. Que consolo a verdadeira paz de consciência traz consigo, sendo capaz de nos livrar de todos os desconfortos desta vida; e, contrariamente, como, estando a mente apavorada, nenhuma bênção pode nos alegrar por muito tempo nesta vida presente.

3. Quão loucos são aqueles que, por meio de uma morte violenta, buscam dar fim às suas aflições mentais; pois este é o único caminho para aumentar seus tormentos: pois, se o fardo deles é grande aqui, será intolerável no inferno. 4. Como a maioria dos homens parece ativa, diligente e prudente para prevenir e prever outros problemas e males, mas poucos atentam com qualquer cuidado para prevenir os problemas da mente. Quantos viajam com grande perícia em busca de riquezas e honra, etc., mas poucos se esforçam pelo precioso tesouro da paz de uma boa consciência. 5. Os preservativos contra as aflições da mente são a busca por nossos pecados passados e presentes, grandes e pequenos, e o exame de nossa fé. 6. No exame do pecado, não devemos nos contentar apenas em tê-los abandonado. Devemos também lamentá-los sinceramente, mesmo os pecados de nossa juventude; pois, se não nos arrependermos verdadeiramente deles, eles podem novamente recair sobre nós (diz ele), após muitos anos, para a grande aflição e tormento de nossas mentes. 7. O exame dos pecados deve ser tanto dos pecados cometidos após o nosso chamado quanto antes; pois estes pecados, acima de todos os outros, mordem com mais força e perfuram mais profundamente. Não os encubra, mas confesse-os a Deus a tempo, para que não seja constrangido a divulgá-los publicamente para seu excessivo pesar e tormento. 8. Após o conhecimento e a luz recebidos de Deus, observe sempre quais pecados mais exercem domínio sobre você, pelas frequentes repreensões de sua consciência, e assim esforce-se para evitá-los, entristecendo-se por eles; o que, se não fizer, não poderá escapar nem da dureza de coração, nem das aflições da mente. 9. Pecados de omissão têm perturbado muito os bons filhos de Deus, como o uso negligente dos meios de salvação e a falta de colocar seus dons em prática; muitos foram açoitados depois

em suas consciências nuas, e o Senhor chegou a perfurá-los em suas entranhas secretas. 10. Alguns são perturbados por seu orgulho oculto, e este é um bom preparativo para receber a Cristo. Alguns por fazerem mais na aparência do que na verdade, abusando de seu conhecimento ao torná-lo apenas uma máscara para ludibriar, e por fazerem com que suas afeições lutem contra seu próprio julgamento. Alguns homens justos são perturbados quando não ofendem (pois são seus próprios maiores acusadores) por algumas corrupções secretas em outras matérias; de modo que nada é mais difícil do que sondar nossos corações até o fundo em busca de pecados passados e presentes, orgulho oculto, carências escondidas e corrupções secretas. 11. Que devemos evitar cuidadosamente tanto um medo escrupuloso quanto a segurança carnal. Se o diabo nos encontra desprovidos de todo medo, ele pensa que seus assaltos devem ser mais fortes, porque nossa resistência é mais fraca; mas, se ele encontra em nós um medo covarde e um desfalecimento de coração antes mesmo de desferirmos um golpe contra ele, ele subitamente nos apunhalará no coração e fará de nós um despojo. 12. Se virmos os piedosos aflitos em suas consciências, seja antes ou nos momentos da morte, não devemos concluir, por isso, que sejam hipócritas ou grandes pecadores diante de Deus; pois o Senhor pode tanto fazer prova de sua fé quanto punir seus pecados, como vemos em Jó e outros; pois (diz ele), se tal aflição viesse principalmente pelo pecado, então os maiores pecadores teriam as maiores aflições. 13. Quando alguém vier para a cura de almas aflitas, não deve começar apenas com palavras de compaixão, dizendo que Deus é misericordioso, etc., mas primeiro com uma suave sondagem de suas feridas, esforçando-se para extrair delas a confissão de alguns pecados especiais e secretos. 14. Todas as dores são ou confusas ou distintas, surgindo de causas conhecidas ou

desconhecidas. O Médico espiritual deve considerar sabiamente a origem do mal, se está na alma ou no corpo, ou em ambos; por esta causa, ele adverte que, nesta enfermidade, o conselho do Médico nunca seja separado, nem o trabalho dos ministros piedosos negligenciado. 15. As pessoas que ministram nesta aflição devem ser homens instruídos, de são julgamento, sábios e de boa experiência, mansos e de espíritos mui amorosos. Eu te aconselho (diz ele) que, se não puderes chegar à visão particular do pecado por ti mesmo, uses a ajuda de tais homens, aos quais deves oferecer livremente teu coração para ser medido e sondado, e todo o curso de tua vida para ser examinado pelo espelho brilhante da lei de Deus. 16. Uma causa certa ou pecado conhecido é ou algo já cometido e não arrependido, ou um pecado não cometido, mas ao qual somos tentados. Se os problemas vêm por algum pecado especial cometido, diga assim: "Este único pecado tanto te desagrada? E mereço eu ser punido assim, e de forma muito mais grave, por este único? Quão grande, então, seria minha punição se lidasses comigo por todos os meus outros pecados?" Se o coração estiver aterrorizado com o medo da comissão do pecado, por tentações e inclinações ao pecado, não devemos tanto discutir com nossas inclinações, mas resisti-las fortemente por meio de uma vigilância instantânea e extraordinária em oração. 17. Se te esforçares neste devido exame de ti mesmo, serás capaz, com o tempo, de descobrir os caminhos, o corpo, a idade e a força de muitas tentações em outros; por uma santa experiência que Deus te ensinou, verás as corrupções secretas dos homens e serás capaz de gerar uma alegria indizível em outros que possam ser tentados como tu és ou foste. 18. Novamente, quando os homens procedem nesta cura, devem lembrar-se de dois fundamentos especiais: primeiro, trabalhar para que o aflito se convença de que seus

pecados são perdoáveis e suas feridas curáveis. Segundo, que suas visitas não são tanto um sinal da ira e cólera de Deus, mas um selo de Sua misericórdia e favor; pois não é algo cego e estéril, mas propenso a ser abundante em bons efeitos e frutífero em resultados piedosos. 19. Embora alguns, nesta cura, suprimam a Lei e apliquem apenas o Evangelho, eu não vejo como não deva haver uma tristeza profunda pelo pecado antes que o perdão do pecado seja selado; e os homens devem saber e reconhecer-se doentes antes de buscarem o Médico; contudo, aqui se requer sabedoria, nem para pressionar a consciência severamente demais, nem para aliviá-la de forma imprudente. 20. Por fim, ao aplicar a Lei a algumas pessoas aflitas, ele nos adverte sabiamente a observar: Primeiro, se falamos a um homem ou a uma mulher, pois podemos impor a Lei mais estritamente ao homem, por ser o vaso mais forte. Segundo, se possuem conhecimento ou não; pois o ignorante, neste caso, pensa que ninguém jamais foi tão tentado, e Satanás persuade aquele que tem conhecimento de que pecou contra o Espírito Santo. Terceiro, se são fortes ou fracos, mais ou menos feridos por seu pecado. Quarto, se por natureza são mais temerosos e melancólicos. Quinto, se é um sinal de enfermidade ou de costume. Sexto, considere bem a idade, os bens e a condição de vida da pessoa; pois as tentações e aflições variam de acordo com tudo isso. E, no entanto, lembre-se bem de como existem muitos (de qualquer condição, sexo e conhecimento que sejam) que se perturbam mais pela vexação de suas mentes desordenadas do que pela vileza e horror de seus pecados cometidos; como quem teme alguma vergonha externa, em vez de humilhar-se por seu pecado interior. Sétimo, o tempo deve ser observado: ser mais brando no auge da febre de seus acessos, mas mais agudo na admoestação durante seus intervalos e repouso. Oitavo e

último, suportar pacientemente a impaciência do enfermo, lembrando-se sempre das palavras do bendito Espírito de Deus: "O espírito ferido, quem o suportará?" E até aqui quanto aos principais conteúdos e regras do primeiro Tratado.

O segundo é sobre o mesmo argumento; e aqui ele recomenda estas santas observações seguintes: Primeiro, ele nos ordena que, nas aflições, não fixemos tanto nossos olhos nelas, mas no fim, que é mui doce e confortante. 2. Que o Senhor nos acorrenta mais com os grilhões de Seus castigos porque somos mais cuidadosos em ser descarregados de nossas aflições do que em ser libertos de nossos pecados. 3. Como os piedosos devem se regozijar em sua tristeza piedosa pelo pecado, pois ela é um penhor de sua regeneração. E que tomem cuidado para não se inquietarem por serem atormentados por inclinações perversas, suspeitas, ilusões, fantasias vãs e imaginações; pois o corpo do pecado sempre emitirá alguma espuma imunda, a qual não é apenas (diz ele) detestável para a mente regenerada, mas também deixaria envergonhado o próprio homem natural e incrédulo, se ele pudesse enxergar esse mar de pecado e sumidouro de iniquidade. 4. Embora encontremos em nós mesmos múltiplas enfermidades; embora não saibamos se lutamos por medo da punição ou por amor a tão bom Pai; contudo, se sentimos em nós mesmos que desejaríamos amar ao Senhor e ser melhores, e, estando desgastados e cansados de nossos pecados, ansiamos por desfrutar da paz da justiça e desejamos agradar a Deus em uma simples obediência de fé: então sejamos confortados, pois não há tempo tarde demais para o arrependimento. 5. Se alguém disser que sua fé é fraca e fria, e que sua consciência é como uma fornalha ardente, e temer que o Senhor o persiga com Sua ira, eu respondo: fazes bem em temer; mas teme e não peques.

Pois aquele medo que subjuga a segurança da carne é, em tudo, mui necessário; mas luta sempre contra aquele medo que impede a certeza da fé, pois isso encorajará nossos inimigos a nos atacarem com mais ferocidade. 6. Ele diz que alguns são totalmente ignorantes das aflições da mente; e, quando ouvem qualquer discurso sobre tal assunto, supõem ouvir um homem falar em uma língua estranha. Mas ele nos aconselha a correr para o Senhor nesta vida com uma mente atribulada, para que não tardemos com tais homens a ponto de sermos trancados com os pesados grilhões do desespero, quando Ele nos convocar ao tribunal de Seu julgamento à vista de Seus anjos, etc. 7. Na prosperidade, muitos pensam que as bênçãos de Deus são seu próprio direito e vinculam a Deus (por assim dizer) nesta vida para mantê-los com todas as despesas pagas; e O processam como se fosse por uma obrigação, caso Ele pareça retirar Sua mão deles. Assim, eles O provocam a provar em seus rostos, por meio de alguma cruz e aflição especial, que tudo o que possuem é apenas emprestado. Mas os filhos de Deus reconhecem continuamente que Deus tem varas prontas (embora não vejam males presentes) para afastá-los de seus pecados; e aplicam todo o seu cuidado em como podem antes sofrer a adversidade para a glória de Deus do que dormir seguros na prosperidade para desfrutar dos prazeres do pecado por uma temporada. Pois sabem que as graças de Deus não devem estar ociosas em Seus filhos, mas bem exercitadas pelas aflições. Até aqui o segundo tratado.

O terceiro tratado nos ensina quais são as marcas especiais de um homem justo. Aqui, primeiro, ele mostra que a verdadeira justiça não consiste em qualquer qualidade inerente, por mais excelente que seja, mas é apenas por imputação; para a obtenção da qual o homem deve sentir e encontrar-se nu e

desprovido de toda justiça, e cheio de toda injustiça, em razão daquele pecado que habita em nós. 2. O homem deve desejar abandonar seus pecados e escapar da punição a eles devida. 3. Entregar-se pela fé a Cristo, confiando nEle e em Seus méritos suficientes para sua total reconciliação com Deus. 4. O homem assim justificado e reconciliado é também santificado para andar com um coração íntegro diante do Senhor. 5. Esta integridade é provada por quatro notas especiais. Primeira: devemos amar todas as coisas boas tanto quanto uma só, e odiar todos os pecados tanto quanto um só, tendo respeito a todos os mandamentos de Deus. Contudo, esta regra pode ter algumas exceções (diz ele), pois não conhecemos de início todo o bem, nem todo o mal, muito menos amamos um e odiamos o outro como deveríamos; todavia, que cada homem ande de acordo com a medida de graça e luz recebida. Pois disto tenha certeza: na medida em que gostamos do pecado, nessa medida há hipocrisia em nós. Segunda: devemos ter um cuidado singular em aprovar a nós mesmos diante do próprio Deus e em manifestar Sua glória no bem fazer sem esperança de recompensa, ainda que o problema nos sobrevenha por isso. E aqui (diz ele), enquanto os papistas farisaicos, que nunca conheceram a verdadeira causa eficiente, nem a matéria, nem a forma, nem o fim de uma boa obra, superaram em eras passadas muitos de nossos frios seguidores do Evangelho, isso é um sinal de que há poucos homens justos na terra. E se aqui encontrarmos em nós mesmos muita rebelião e hipocrisia, observemos sempre nosso objetivo principal em todas as nossas ações; pois uma coisa é fazer algo por hipocrisia, e outra coisa é algo misturado com hipocrisia. A terceira marca é prosseguir em cada boa graça e em toda obediência, não parando no início, nem retrocedendo quando já se avançou um pouco. E aqui, contudo, os filhos de Deus podem tanto tardar

quanto cair; mas eles desgostam e lamentam sua demora; e, se caem, apegam-se melhor a Cristo em um novo arrependimento; e, porque pela queda perderam muito terreno, correm mais rápido e alegremente no restante de sua carreira. A quarta nota de um homem justo é amar modos justos e matérias justas, tanto nos outros quanto em nós mesmos: devemos amar nossos superiores que nos precedem, para segui-los; nossos iguais, para confirmá-los e ser por eles confirmados; nossos inferiores, para instruí-los e ajudá-los a avançar nos caminhos da piedade. E até aqui este tratado.

A quarta porção deste livro contém suas breves notas sobre a eleição. O quinto tratado é sobre o contrato antes do casamento. E aqui, primeiramente, para a recomendação deste santo contrato, ele usa estes argumentos: 1. Que parece que a luz da natureza o recomenda, pois os próprios gentios o apreciavam e aprovavam. 2. Nossos benditos exemplos apresentados na Sagrada Escritura também o recomendam em sua prática. 3. A lei santa, instituindo a mesma punição para a poluição das partes contratadas que impõe aos adúlteros, argumenta que o contrato é uma promessa especial grandemente respeitada por Deus. No próximo ponto, ele mostra que o contrato é uma preparação das partes contratadas, por meio de oração e instrução, para se apresentarem para o casamento em um tempo especial designado publicamente diante de Deus e de Sua congregação. Por fim, ele dá às partes contratadas muitas santas instruções e exortações, todas fundamentadas nos artigos da fé e no decálogo. Assim quanto ao contrato: um argumento grandemente desejado (estou bem certo) por muitos, porque tão poucos em nossa época escreveram sobre isso.

Agora segue a sexta parte, e este é um tratado mui extenso e erudito sobre o Sábado: os principais conteúdos do qual (tão brevemente quanto pude compendiá-los) dispus nesta ordem: Primeiro, ele mostra a necessidade deste argumento a partir da inconveniência de quebrá-lo e das utilidades e bênçãos de guardá-lo. 1. Muitas inconveniências são apresentadas, tanto em relação aos ímpios e incrédulos, quanto aos verdadeiros crentes na Igreja de Deus, os quais sentem muitos escrúpulos a esse respeito por não serem minuciosamente ensinados nem convencidos disso. As utilidades e frutos que seguem o correto entendimento e observação do Sábado são também muitos e grandes; pois este dia é o dia de mercado do Senhor, no qual Ele expõe as múltiplas graças de Seu Santo Espírito.

1. O método de tratar este argumento pode ser este:
2. Este Mandamento é 1. Afirmativo e 2. Negativo. Os demais não o são.
3. As razões para confirmação:
4. Pelo fim, na palavra "Lembra-te".
5. Pela autoridade do Legislador: "O sétimo dia é o Sábado do Senhor".
6. Pela equidade dele: "Seis dias trabalharás".
7. Pela proporção do próprio exemplo do Senhor na criação: "Pois em seis dias", etc. Uma quinta razão pode ser incluída em todas: pelo tempo da primeira instituição: se antes da lei era tão eficaz para manter o pecado fora, então é muito mais necessário agora, para nos recuperar do pecado e nos manter recuperados.
8. Geralmente ele observa como este mandamento é mais extenso em palavras e mais pleno em razões do que qualquer outro mandamento: porque os homens não o

admitirão tão cedo pela razão, nem estarão tão prontos em afeição para abraçá-lo e praticá-lo. Pois assim Ele fez com todos os demais Mandamentos que encontram aceitação e amor entre os homens.

9. Somente este Mandamento possui um prefácio na palavra "Lembra-te": onde somos ensinados nesta primeira razão que, se desejamos conhecer e obedecer a Deus de acordo com a primeira e a segunda tábuas, devemos nos lembrar desta lei colocada (por assim dizer) entre ambas. Segundo, que esta lei foi dada antes e sempre praticada na Igreja de Deus, Êx 16, antes da promulgação no Sinai. Portanto, não é cerimonial, como alguns fantasticamente conceberam. Ele acrescenta muitas razões; este argumento especial é um deles. O primeiro fim é o principal; santificar o Sábado era o primeiro fim, e é o principal.
10. A segunda razão é pela equidade da lei: que, concedendo-nos o Senhor livremente seis dias para viajar e comerciar para nós mesmos, não deveríamos presumir intervir ou invadir o próprio dia do Senhor, o sétimo dia reservado para Si mesmo. E aqui novamente (contra os adversários), ele diz que, se estes Mandamentos forem cerimoniais, então a permissão de seis dias para o trabalho também é da mesma natureza.
11. A terceira razão é tomada da autoridade do Legislador, "O Sábado do Senhor": porque deve ser totalmente dedicado ao Senhor, ou em atendê-Lo e esperá-Lo. Se os judeus tinham necessidade deste dia inteiro para sua instrução, etc., então nós temos tanta necessidade quanto eles, para que, sendo libertos da múltipla distração de nossas vocações, possamos nos entregar inteiramente à adoração a Deus comandada no Evangelho.

12. A quarta e última razão é extraída da proporção do próprio exemplo de Deus: "Em seis dias fez Deus", etc., onde ele mostra que Deus prometeu uma bênção especial a este dia na verdadeira santificação dele.
13. Após tudo isso, ele enfrenta objeções mui especiais que são trazidas por adversários para prejudicar a doutrina do Sábado, contra a observação moral dele. E aqui, para saber o que é moral e cerimonialmente ordenado no Antigo Testamento, ele nos dá esta regra especial: quando uma coisa é imposta aos judeus e possui uma razão peculiar feita propriamente para a lei, então, como começou com os judeus, cessou com os judeus; mas quando a razão da coisa imposta não é peculiar aos judeus, mas também pertence aos cristãos, então a coisa ordenada é comum a judeus e gentios.
14. Os gentios, pela luz da natureza, não podem ver o verdadeiro Sábado do Senhor mais do que os meios e a maneira puros que o Senhor designou para Sua adoração. A lei moral e a lei natural diferem: pois, embora a lei moral seja a explicação da lei natural, contudo não se segue que aquilo que está na lei moral não seja nada mais do que o que está na lei da natureza.
15. Tendo mostrado que o uso moral do Sábado concerne tanto aos gentios quanto aos judeus, e respondido a todas as objeções em contrário, ele ensina, no próximo ponto, a observação dele: como deve ser guardado e como é quebrado; quais são os exercícios públicos do Sábado; com que cuidado e consciência devemos nos preparar para encontrar o Senhor no Sábado; como devemos atendê-Lo, no tempo presente, na congregação; e, por fim, quais devem ser nossos exercícios privados após a nossa saída da assembleia pública.

16. Na segunda parte ou negativa, ele nos mostra nesta lei quais obras são proibidas; e a todas elas ele as remete a estes dois cabeçalhos: Primeiro, todas as obras de nossa vocação comum. Segundo, todas as recreações lícitas. Concernente ao primeiro tipo, sejam elas mais usuais ou menos usuais, uma questão seria levantada se os homens fossem tão sábios para servir a Deus dividindo os tempos e estações para o alívio de seus corpos e o refrigério de suas almas no Sábado, quanto são astutos para o aumento de seus bens mundanos. E quanto à recreação lícita no dia de Sábado: se o trabalho é proibido no tempo da sementeira e da colheita, muito mais o prazer durante todo o ano; se coisas mais necessárias para a preservação da vida, para a glória de Deus, são desaprovadas, então certamente estas menos necessárias não podem ser permitidas. Novamente (diz ele), o zelo dos mundanos pode nos envergonhar em nossa segurança: pois, enquanto qualquer lucro lhes advém, eles não dão lugar ao prazer. Eis que a astúcia e a diligência do mundo podem nos ensinar o que deveríamos fazer por nós mesmos. E até aqui o resumo compendiado do tratado do Sábado. Sobre este argumento, encontrei três cópias mui boas; após o devido exame e conferência realizados, publiquei aqui a melhor em meu julgamento, tanto em matéria quanto em forma, da melhor maneira que pude. Esta obra esteve em muitas mãos por muitos anos e deu luz a alguns, e confio que dará nova ocasião para que outros se esforcem ainda mais nisto para o bem da posteridade. E visto que tantos em todas as Igrejas nestes dias passam por alto este argumento do Sábado, e aquele outro do Dízimo, como meras sombras e cerimônias, seria desejável que, assim como este reverendo homem de Deus e o Mestre D. B. trabalharam penosamente em um, assim os servos

instruídos e fiéis de Cristo comunicassem seu conhecimento e julgamento sobre o outro à Igreja e ao povo de Deus.

A sétima porção é breve, mas contém notas mui boas de salvação e de um coração íntegro.

A oitava e última parte ou tratado ensina-nos regras mui proveitosas e necessárias para a leitura e o entendimento da Sagrada Escritura, que são estas:

1. Que o povo de Deus que deseja lucrar com a pregação deve lembrar-se de atender cuidadosamente à leitura das Sagradas Escrituras; pois ninguém (diz ele) pode lucrar tanto com a pregação quanto aqueles que foram treinados na leitura das Escrituras ou em ouvi-las ler.
2. Em seguida, para lucrar com a leitura da Escritura, ele requer que oito coisas especiais sejam observadas: 1. Diligência. 2. Sabedoria. 3. Preparação. 4. Meditação. 5. Conferência. 6. Fé. 7. Prática. 8. Oração.
3. A diligência torna plano e fácil um caminho áspero: aqui, mantenha um curso constante e persevere sem cansaço ou desvio.
4. Com a diligência, deseje unir a sabedoria: para a escolha de *qual* matéria, de *como* ordenar e de *quando* ler. Quanto à matéria, busque as coisas reveladas e não cace as coisas não reveladas. Nas coisas reveladas, busque primeiro as mais necessárias e depois as menos necessárias. Quanto à ordem, deseje primeiro lançar o fundamento da religião cristã, e então construa sobre ele, conforme Deus lhe der aumento de fé e conhecimento. Quanto ao tempo, não devemos ler sempre, mas guardar nossos horários designados. No Dia do Senhor, podemos passar grande

parte dele na leitura; nos dias de semana, pela manhã, ao meio-dia e à noite, quando pudermos remir o dia das obras de nossa vocação.

5. Novamente, uma devida preparação é requerida, à qual pertencem: primeiro, o temor da majestade de Deus, que serve bem para corrigir o orgulho da razão e para subjugar nossas afeições, e assim nos ajustar para a escola de Cristo. Segundo, a fé em Cristo, pois somente Ele abre o nosso entendimento para que possamos compreender as Escrituras. Terceiro, um grande desejo no coração de se alimentar da boa palavra de Deus (*Lc 24:45*).
6. A quarta propriedade é a meditação, que é a vida de todo bom aprendiz e faz com que aquilo que ouvimos seja nosso; e esta é dupla: primeiro, da mente ou entendimento, percorrendo sobre as coisas lidas ou ouvidas. Segundo, da afeição, quando, apreciando algo no julgamento, trabalhamos para que isso opere também sobre nossas afeições. Aqui esta regra deve ser notada: que a meditação sem a leitura é errônea, e a leitura sem a meditação é estéril.
7. A quinta ajuda aqui é a conferência. Pois, se nas coisas naturais e em tudo o que pertence a esta vida o homem necessita da ajuda de outros homens, muito mais nas coisas espirituais.
8. A sexta propriedade após a leitura, meditação e conferência é a fé, a qual ele requer como um aumento daquela preparação anterior. Devemos crer em Jesus Cristo por uma fé geral precedente; mas devemos usar (diz ele) todos os meios antes nomeados para aumentar nosso conhecimento e fé em todos os particulares subsequentes.
9. A sétima é a prática; pois este é um bom caminho para aumentar nosso estoque, pondo em bom uso aquela

mediocridade de conhecimento e dons que recebemos. E, certamente, de acordo com as palavras de Cristo, vemos por experiência diária que os dons daqueles que não os colocam em prática decaem.

10. A oitava regra ou propriedade é a oração e a ação de graças. Com isto ele deseja que comecemos, continuemos e terminemos toda esta obra. Assim como não temos direito à comida e à bebida sem a nossa oração, assim (diz ele) são impudentes aqueles que tocam no livro de Deus sem oração. E aqui ele requer também uma ação de graças espiritual; pois (diz ele), se isto é necessário para o alimento corporal, quanto mais para o espiritual; seja grato por qualquer luz e por cada bom movimento que proceda do Espírito de Deus. E até aqui o resumo compendiado de todos estes tratados.

Agora (Ilustres Senhores), recomendo esta santa obra à vossa proteção: primeiro, porque não conheci ninguém em coração mais afeiçoado àquele reverendo homem, Mestre R. Greenham, que foi o autor de todos eles. Além disso, esta obra em parte pertence a um de Vossas Senhorias por uma dedicação anterior. E, portanto, sinto-me mais encorajado a recomendá-la assim ampliada e aumentada a ambos. E tanto mais porque o bom Espírito de Deus, tendo unido vossos corações na santa fé de Cristo, não posso duvidar que estas e outras bênçãos semelhantes, procedentes do mesmo Espírito, devam deleitar vossos espíritos e encontrar graça e aceitação perante vós. Muito presumi de vossa paciência cristã; recomendo-vos com todos os vossos à tutela do Todo-Poderoso.

Anno Domini 1599. 30 de abril.

Vosso para servir em Jesus Cristo: Henry Holland.

SEÇÃO I. O Primeiro Tratado para uma Consciência Aflita sobre esta Escritura.

O espírito do homem sustentará a sua enfermidade; mas o espírito ferido, quem o suportará? (Pv 18:14)

Esta Escritura não é apenas digna de ser gravada em aço com a pena de um diamante e de ser escrita com letras de ouro, mas também de ser guardada e registrada pelo dedo do Espírito de Deus nas tábuas de nossos corações. Tal sentença nos diz brevemente que, qualquer que seja o problema que sobrevenha ao homem (estando sua mente inabalável), ele o suportará com indiferença; mas, se o espírito do homem estiver uma vez perturbado e desanimado, ele não saberá como ser liberto. E não é de se admirar: pois, se a mente do homem é a fonte de consolação que lhe ministra conforto em todos os outros problemas, caso ela mesma se torne desconsolada, o que a confortará? Se ela estiver desprovida de ajuda, como será ajudada? Se o olho, que é a luz do corpo, forem trevas, quão grandes serão essas trevas? Se o sal, que salga todas as coisas, tornar-se insípido, para que servirá? Se a mente, que sustenta todos os problemas, estiver perturbada, quão intolerável será essa perturbação? Para demonstrar isso melhor, declararei primeiramente quão grande castigo de Deus é esta ferida da consciência. Em segundo lugar, ensinarei como esta aflição da mente pode ser prevenida e evitada. Por fim, estabalecerei como os filhos de Deus, caindo em alguma medida nesta aflição de espírito, podem ser recuperados dela.

Quanto ao primeiro ponto, a gravidade desta moléstia é vista ou por uma devida consideração das pessoas que a sentiram, ou por uma sábia comparação feita entre esta dor da mente e outras dores externas incidentes ao homem.

As pessoas nas quais podemos considerar esta ferida de espírito são ou homens meramente naturais, ou aqueles que foram renovados pelo Espírito de Deus. Os homens meramente naturais são ou os gentios, que nunca conheceram a Deus em Cristo, ou os professores carnaís, que não professaram o cristianismo retamente. Se olharmos entre os gentios, quantos deles suportaram voluntariamente toda a pobreza e contentaram-se em despojar-se de todos os tesouros mundanos? Como alguns deles (enquanto suas mentes não estavam abatidas) sofreram prisão, exílio e extremas torturas corporais, preferindo isso a trair seus países? Quantos deles devoraram muitas injúrias e suportaram problemas externos com certa facilidade e sem resistência, enquanto suas mentes estavam livres? E, no entanto, não olhe para os menores, mas para os melhores e mais excelentes homens entre eles, até mesmo seus sábios filósofos, doces oradores e poetas requintados, que julgavam consistir a virtude principal no suportar e no abster-se; e vereis que, assim que alguma grande angústia mental lhes feria, alguns punham fim a isso preparando uma taça de veneno mortal; alguns corriam violenta e voluntariamente contra as lanças dos inimigos; alguns se lançavam de montanhas altas; alguns não hesitavam em apunhalar monstruosamente seus próprios corpos com adagas ou instrumentos de morte semelhantes. Todos esses homens pareciam ter grande coragem em sustentar muitos danos, enquanto suas mentes não eram dominadas. Mas quando a Essência divina e suprema (a quem reconheciam como Deus) cruzava e subvertia, por Seu poder, seus engenhosos planos e tentativas obstinadas, de modo que, sem esperança de remédio, viam-se presos em melancolia e tristeza de mente, então, não sendo capazes de se mover sob fardo tão pesado, sucumbiam e, pela morte violenta, buscavam

livrar-se daquela inquietude e impaciência de suas mentes perturbadas.

Mas aproximemo-nos; quer observemos os papistas, ou a Família do Amor, ou o tipo comum de cristãos, veremos que passarão tranquilamente por muitas aflições, seja porque possuem um espírito de sonolência e entorpecimento lançado sobre eles, ou porque se tornaram endurecidos por uma estupidez insensível, como homens esculpidos em carvalhos duros ou gravados em pedras de mármore, não o sei. Contudo, quando o Senhor soltar a corda de suas consciências e puser diante de seus rostos os pecados cometidos, vede que fins terríveis eles têm, enquanto alguns, enforcando-se, alguns lançando-se na água, alguns cortando suas próprias gargantas, livraram-se dessas dores intoleráveis. Ora, qual é a diferença entre os que morrem tão insensivelmente e os que se matam tão violentamente? Certamente, uns, não sentindo o pecado, partem como suínos brutos; os outros, sobrecarregados pelo pecado, morrem como cães que ladram.

Mas venhamos aos filhos de Deus, que em algum grau sentiram esta ferida da mente; e parecerá, tanto nos membros quanto na Cabeça, que de todos os fardos o mais intolerável é sustentar uma consciência ferida. E para começar, coloquemos na primeira fila Jó, aquele homem de Deus recomendado a nós pelo Espírito Santo como um espelho de paciência; o qual, embora por suas riquezas fosse o homem mais abastado na terra de Uz, por sua autoridade pudesse amedrontar uma grande multidão e, por seus bens, fosse o maior de todos os homens do Oriente, contudo, quando os sabeus vieram violentamente e levaram seu gado; quando o fogo de Deus, caindo do céu, queimou suas ovelhas e seus servos; quando os caldeus levaram seus camelos; quando um grande vento derrubou sua

casa sobre seus filhos, embora ele tenha rasgado suas vestes — o que não foi tanto por impaciência, mas para mostrar que não estava insensível a esses males —, diz-se que ele, adorando, bendisse o Nome do Senhor, dizendo: "Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o Nome do Senhor". Mas eis que, na estranha conferência de seus amigos desconsolados, sua mente começou a ficar apavorada, o que não ocorrera em toda a sua provação anterior; quando sua consciência começou a ser perturbada, quando viu o Senhor cravar nele setas agudas e colocá-lo como um alvo para nelas atirar; quando pensou que Deus o fazia possuidor dos pecados de sua juventude, esse glorioso padrão de paciência não pôde suportar sua dor; ele ficou pesado, e agora muitos recomendam a imagem de um espírito ferido a todos os que vêm depois. Davi, um homem escolhido segundo o próprio coração do Senhor; Ezequias, um puro adorador de Deus e cuidadoso restaurador da verdadeira religião; Jeremias, o Profeta do Senhor, santificado e ordenado para aquele ofício antes de ser formado no ventre de sua mãe, foram raros e singulares nas graças e no favor de Deus; contudo, quando sentiram esta ferida, perfurando-os com dor de coração, eram como pardais que lamentam, como grou que chilreia, como pelicanos lançando gritos temerosos; julgavam-se como na sepultura, desejavam ter habitado solitários, eram como odres ressequidos na fumaça, eram como pombas que gemem, incapazes de proferir suas palavras sem suspiros e gemidos; seus corações apegaram-se ao pó e suas línguas ao céu de suas bocas.

Mas acima de tudo (se estes não fossem suficientes para nos convencer desta doutrina), resta um exemplo, o qual afirmamos ser a perfeita anatomia de uma mente aflita. Este é o

Senhor e Salvador Jesus Cristo, a imagem do Pai, a cabeça do corpo, o espelho de todas as graças, a sabedoria, justiça, santidade e redenção de todos os santos, que sustentou a cruz desde a sua juventude; e além da pobreza, baixeza e fome, submeteu-se voluntariamente ao grande problema do desprezo e do vitupério, e isso entre aqueles de quem deveria ter recebido a honra devida, em respeito à doutrina que lhes ensinou e em consideração aos múltiplos milagres que operou entre eles, como a cura dos enfermos, o dar vista aos cegos e o restaurar a vida aos mortos. Essa ingratidão, todavia, não o atingiu tanto. Mas no momento em que foi posto como sacrifício por todos, quando deveria carregar nossas enfermidades e levar nossas dores, no momento em que foi castigado e ferido por Deus, humilhado e ferido por nossas transgressões, quando deveria ser moído por nossas iniquidades e o castigo de nossa paz estava sobre Ele, então clamou: "A minha alma está profundamente triste até a morte". Então ora: "Pai, se é possível, passe de mim este cálice". Mas como Ele ora? Até suar. Como Ele sua? Até gotas de sangue. Por quanto tempo ora? Por três vezes. Quando termina Sua agonia? Somente quando estava morto. O que disse Ele, estando pronto para partir? "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" Teria sido isso por Sua morte humana, como alguns imaginaram? Não, não; homens ímpios morreram sem queixa, cuja paciência, então, poderia parecer exceder a dEle; foi o Seu sofrimento em Seu espírito humano, que se deparou com a ira de Deus, Sua divindade suprimindo-se por um tempo; Ele sofreu, de fato, muitos tormentos no corpo, mas muito mais pesadamente a ira de Deus repousou sobre Sua alma.

Se esta consideração de um espírito aflito nestes exemplos não mostra suficientemente quão dolorosa coisa é

sustentar uma consciência ferida, procedamos à comparação disto com outros males que recaem sobre a natureza do homem. Não há doença para a qual a Medicina não providencie um remédio; não há ferida para a qual a Cirurgia não ofereça um bálsamo; a amizade auxilia na pobreza; não há prisão onde não haja esperança de liberdade; o favor e o pleito recuperam o homem do banimento; a autoridade e o tempo desgastam o vitupério. Mas que Medicina cura? Que Cirurgia salva? Que riquezas resgatam? Que semblante sustenta? Que autoridade abrandam? Que favor alivia uma consciência perturbada? Todos estes unidos em liga (ainda que conspirassem em confederação) não podem ajudar esta única angústia de uma mente perturbada; e, no entanto, este único conforto de uma mente tranquila cura maravilhosamente e abrandam confortavelmente todas as outras dores, quaisquer que sejam. Pois, se nossa assistência fosse como um exército de soldados armados; se nossos amigos fossem os príncipes e governadores da terra; se nossas posses fossem tão vastas quanto o espaço entre o Oriente e o Ocidente; se nossa comida fosse o Maná do céu; se nossas vestes fossem tão custosas quanto o Éfode de Arão; se cada dia fosse tão glorioso quanto o dia da ressurreição de Cristo; ainda assim, se nossas mentes estivessem apavoradas com os julgamentos de Deus, essas coisas pouco nos confortariam. Que a experiência fale: se uma mente perturbada não prejudica a saúde, não seca o sangue, não consome a medula, não definha a carne, não consome os ossos; se não torna todos os prazeres dolorosos e não encurta esta vida; certamente nenhuma sabedoria pode aconselhá-la, nenhum conselho pode orientá-la, nenhum aviso pode abrandá-la, nenhum alívio pode curá-la, nenhuma eloquência pode persuadi-la, nenhum poder pode superá-la, nenhum cetro a amedrontará, nenhum encantador poderá feri-la. E, contudo, ao

contrário, se um homem definha em doença, mas seu coração está íntegro e ele está convencido da saúde de sua alma, sua enfermidade não o entristece. Se um homem é vituperado, mas é precioso aos olhos de Deus e de Seus anjos, que perda ele sofre? Se um homem é banido, mas não duvida que o céu é sua pátria e que ele é um cidadão entre os santos, isso não o apavora. Se um homem está em dificuldades e encontra paz de consciência, ele digerirá tranquilamente sua tribulação. Mas se a mente estiver perturbada, quem ousará enfrentar a ira do Senhor dos Exércitos? Quem poderá silenciar a voz do desespero? Quem se adiantará e fará um acordo com o inferno para nos poupar? Quem ousa fazer um pacto com o diabo para que ele não reivindique direito sobre nós? Se, portanto, uma boa consciência ajuda em todos os males, e todos os outros benefícios desta vida, por si mesmos, não podem ajudar uma consciência perturbada, vemos que é verdade na prática o que aqui está em provérbio: *O espírito do homem sustentará a sua enfermidade; mas o espírito ferido, quem o suportará?*

Novamente, em todas as outras aflições podemos ter algum conforto contra o pecado; esta, porém, é sempre acompanhada pela acusação do pecado. Um homem pode estar doente, vituperado, empobrecido, preso e banido; e ainda assim, em tudo isso, ter uma consciência limpa, com seu próprio coração dizendo-lhe que não há causa especial para essas cruzes nele, mas que ele as sofre para a prova de sua fé, ou por amor à justiça e ao bem fazer. Mas quando o espírito está ferido, há sempre uma culpa de pecado; e quando o espírito de um homem está perturbado, ele suspeita de todos os seus caminhos, teme todos os seus pecados e não sabe por qual pecado começar; isso gera tais turbulências nele que, quando é dia, ele deseja a noite; quando é noite, desejaria que fosse dia;

sua comida não o nutre, seus sonhos lhe são temerosos, o sono muitas vezes o abandona; se fala, pouco se alivia; se guarda silêncio, ferve em inquietude de coração; a luz não o conforta, as trevas o aterrorizam.

Para prosseguir em nossas comparações: enquanto todos os outros males são mais toleráveis por serem temporais e nos perseguirem apenas até a morte, este, não sendo curado, não termina na morte, mas torna-se eterno. Pois até mesmo os homens gentios pensavam que a morte era o fim de toda miséria; a convicção disso os levava (estando em alguma miséria) a dar fim a si mesmos e apressar sua própria morte, como o Diabo faz muitos hoje em dia fazerem, os quais ignoram o inferno, que é um lugar de dores muito maiores do que qualquer uma que possam sofrer neste mundo. Pois uma consciência atormentada, se já havia começado antes, agora continua; ou, se não existia antes, agora começa e nunca termina, mundo sem fim. Pois, embora seja verdade que a doença, a pobreza, a prisão ou o banimento tenham encerrado seu termo na morte, contudo um coração ferido, que era temporal nesta vida, é agora eterno após esta vida; aquilo que antes da morte era recuperável em esperança, após a morte torna-se incurável e irrecuperável. É bom, portanto, considerar que, se mesmo nesta vida o tormento da consciência é tão temível, quão mais doloroso é sustentá-lo no inferno, onde aquilo que aqui é finito é lá infinito; onde o que aqui é mensurável é lá imensurável; onde está o mar de dor, do qual isto é apenas uma gota; onde está a chama daquele fogo, do qual isto é menos que uma fálscia?

Mas para encerrar este argumento: alguns houve que, durante toda a sua vida, estiveram livres de todos os outros problemas, de modo que ou não os sentiram de modo algum,

ou os sentiram em medida mui pequena, e por esse meio nunca souberam o que significava um problema externo. Como, por exemplo, houve alguns homens que, por saúde, nunca conheceram a dor de cabeça; por pobreza, nunca souberam o que era a carência; que, por descrédito, nunca foram mal falados; que sempre afastaram de si o dia mau do Senhor; que fizeram um pacto com a morte, por assim dizer, e uma aliança com o inferno; os quais, embora pudessem crucificar cada cruz em vez de se submeterem a qualquer cruz, contudo nunca puderam escapar de uma consciência ferida, seja nesta vida, seja na vida por vir. É verdade que os filhos de Deus, pela fé e pelo arrependimento, frequentemente escapam dela; mas os ímpios, e aqueles que para ela nasceram como para sua herança certa, quanto mais dela fogem, mais ela os persegue. Se transgredimos as Leis Civis, o Juiz pode ser corrompido por subornos; se um homem cometeu algum crime capital, fugindo de seu país ele pode escapar das mãos dos magistrados; mas, se nossa consciência nos diz que pecamos contra Deus, que suborno ofereceremos? Ou para onde fugiremos? Para onde iremos para longe de Seu Espírito? Ou para onde iremos para longe de Sua presença? Se subirmos ao céu, não está Ele lá? Se nos deitarmos no inferno, não está Ele lá? Se voarmos para as partes mais remotas do mar, não está Ele lá também? Não é necessário nenhum oficial para nos citar, nem meirinho para nos buscar, nem acusador para depor contra nós; o pecado nos prenderá e jaz à porta; nossas próprias consciências convocarão um júri contra nós, nossos próprios corações darão evidências suficientes e nossas próprias iniquidades se declararão culpadas diante de nossos rostos. Assim vemos, tanto pela experiência daqueles que sofreram a ferida do espírito quanto pela comparação desta com outros males, que peso mui grave e fardo intolerável é ter uma consciência atormentada.

Agora, mostremos como podemos prevenir e por quais meios os filhos de Deus, caindo em alguns graus disso (pois, se grassar em extremidade, é um mal mui perigoso), podem ser salvos e tranquilamente libertos. E aqui uma justa queixa deve ser levantada, e é uma maravilha a ser notada que vemos muitos tão cuidadosos e vigilantes para evitar outros problemas, e tão poucos ou nenhum se esforçando para escapar da perturbação da mente, que é tão dolorosa. Vemos homens amando a saúde e detestando a doença, temperantes na dieta, moderados no sono, peritos em Medicina, habilidosos para purgar e evitar tais humores corruptos que, com o tempo, podem gerar (embora presentemente não produzam) alguma doença perigosa; contudo, para evitar as doenças da alma, nenhum homem diminui seu sono, nenhum homem abrevia sua dieta, nenhum homem prepara Medicina para ela, nenhum homem sabe quando estar farto e quando estar vazio, como ter falta e como ter abundância. Outros, levados pelo amor às riquezas e mui astutos para não caírem na pobreza, não hesitarão em levantar-se cedo e deitar-se tarde, em comer o pão da dor, em desgastar e afligir sua carne no trabalho por terra e por mar, com tempo bom ou ruim, por rochas e areias, de longe e de perto; e, no entanto, para não caírem em decadência espiritual, para evitarem a pobreza da consciência, nenhum homem se esforça tanto; como se a salvação e a paz de espírito não fossem algo pelo qual valesse a pena trabalhar. Alguns, caçando ambiciosamente a honra e não digerindo facilmente os vitupérios, comportam-se nem com preguiça nem com sonolência, mas são ativos em cada tentativa, por amor e por conselho, por prudência e proeza, por engenho e por prática, por trabalho e aprendizado, por astúcia e diligência para se tornarem famosos e evitarem um descrédito civil; contudo, para sermos gloriosos à vista de Deus e de Seus anjos, para não

cairmos diante dos céus e para não sermos cobertos de vergonha e confusão de consciência na presença do Todo-Poderoso, não fazemos conta alguma, como aqueles que nem usam qualquer meio para obter um, nem evitam aquelas ocasiões que podem trazer o outro.

Outros, relutantes em ficar ao alcance e perigo da lei, para que possam escapar da prisão do corpo ou do confisco de bens, serão diligentes nos Estatutos penais, habilitados em cada ramo da lei civil e, especialmente, trabalharão para se manterem longe de traições, assassinatos, crimes graves e ofensas semelhantes que merecem a punição de morte; contudo, quando o Senhor Deus ameaça o confisco tanto da alma quanto do corpo, a prisão de nossos espíritos, o confisco de nossas consciências, o banimento do céu, o enforcamento no inferno, a suspensão de nossa salvação e o julgamento à condenação pela quebra de Seus mandamentos, nenhum homem busca Sua lei eterna, nenhum homem se importa com o Evangelho, nem a sentença de divórcio eterno do Senhor, nem o pacto de reconciliação são estimados por nós.

E para levar nossa queixa um grau além: eis que, quanto mais buscamos prazeres externos e buscamos evitar a perturbação interna da mente, tanto mais nos apressamos e corremos para ela, e subitamente nos mergulhamos em um espírito ferido antes que percebamos. Quem corre mais para se tornar rico, quem espera menos tornar-se pobre do que o mercador? Quem aventura grandes tesouros, quem arrisca seus bens, quem coloca em perigo sua vida; e, no entanto, subitamente, ou ele se choca contra a rocha da dureza de coração, ou é engolido pelo abismo de uma mente desesperada, da qual, depois, não pode ser liberto nem com um navio cheio de ouro. Prova lamentável confirmou como alguns homens

(inteiramente entregues a prazeres, tais que não suportavam estar tristes e ser sempre cercados pela tristeza piedosa) tiveram suas mesas transformadas em laços, e até mesmo o excesso de seus prazeres trouxe excesso de dores; e enquanto trabalhavam para afastar de si o dia mau, usaram de tais loucuras que lhes geraram os mais amargos e terríveis tormentos de suas consciências temerosas e trêmulas (*1Tm 6:7-9*).

Há outros de outra espécie que, nunca sonhando com uma mente perturbada, tiveram seus corações fixos em nada mais senão em como poderiam obter alguma grande fama e renome; e, portanto, deslizaram em tais tentativas vãs e gloriosas, e lisonjas sórdidas, que não apenas perderam a paz de suas consciências, mas também caíram mui profundamente em vergonha afrontosa, a qual buscavam evitar. Ora, assim como a paz de consciência e a alegria da mente é um tesouro tal que o olho não viu, o ouvido não ouviu, nem a língua expressou, mas que excede todo o entendimento; assim o espírito ferido é tal que o olho não o viu, o ouvido não o ouviu, nem a língua o proferiu, mas excede todo o entendimento. E assim como apenas conhecem o que significa a paz da mente aqueles que a sentem, assim também apenas podem, em verdade, falar de uma mente perturbada aqueles que a provaram por experiência.

Mas mostremos que caminho deve ser usado para nos guardar desta ferida do espírito. É o uso da Medicina, tanto para nos curar das doenças quando nelas caímos, quanto para nos preservar da enfermidade antes que ela se apodere de nós; é o poder da palavra, tanto para abrandar a perturbação da consciência quando esta nos pressiona, quanto para preveni-la antes que nos alcance. É um ponto principal de sabedoria mundana não esperar pelo uso da Medicina até estarmos

mortalmente doentes, mas estarmos familiarizados com as preservações misericordiosas de Deus para nos defendermos dela; da mesma forma, é uma política principal de um cristão piedoso não apenas buscar conforto quando a agonia está sobre ele, mas também usar todas as boas ajudas para enfrentá-la antes que venha. E condenamos por loucura aqueles que não trabalham tanto para se manterem fora de dívidas quanto para pagar a dívida quando a devem; assim, é uma loucura não ser tão circunspecto para evitar todas as ocasiões que possam trazer perturbação de mente sobre nós, quanto seríamos providentes para entrar em cada bom caminho que possa nos tirar desta perturbação, uma vez que nela tenhamos entrado.

Os remédios preservativos são, primeiro, a busca por nossos pecados e, depois, o exame de nossa fé.

A busca por nossos pecados é o caminho para o devido reconhecimento de nossos pecados e para o verdadeiro senso e sentimento de nossos pecados. O reconhecimento de nossos pecados é ou daqueles que passaram, se nos arrependemos deles sem fingimento, ou daqueles que estão presentes, se estamos verdadeiramente entristecidos por eles.

Em terceiro lugar, daquelas corrupções secretas que, no curso de nossa vida, são propensas a vir, se as tememos reverentemente e resolvemos suprimi-las com todo o nosso esforço.

Concernente aos pecados passados, devemos trazer à mente os pecados cometidos outrora, em nossa juventude, em nossa meia-idade, em nossa velhice; para que, julgando a nós mesmos, não sejamos julgados pelo Senhor; para que, acusando a nós mesmos, Satanás não tenha ocasião de nos acusar; e, prostrando-nos diante do Senhor, Ele possa nos

levantar. Pois muitos, passando tranquilamente e dormindo em segurança carnal (não obstante os pecados de sua juventude) e negligenciando fazer consciência de seus pecados cometidos há muito tempo, subitamente caíram em tal horror de mente que (a lembrança violenta de todos os seus pecados sobrecarregando-os) foram esmagados (*Sl 25; 1Co 11:31*).

Este exame procede retamente quando alcança os erros desta vida e os pecados de nossa juventude; porque muitos homens (mesmo desde a infância, por uma vida civilmente justa), tendo escapado de pecados grosseiros dos quais o mundo nunca poderia acusá-los, carregaram, não obstante, o fardo de seus pecados secretos cometidos em sua juventude. Davi (*Sl 25:7*) roga ao Senhor que não se lembre dos pecados de sua juventude; Jó (*Jó 13:26*, o homem de Deus) confessa que o Senhor, escrevendo contra ele coisas amargas, fê-lo possuidor das iniquidades de sua juventude. Ora, pensaremos que Davi ou Jó foram entregues a uma maldade notória em sua juventude? Não; eles sabiam que estavam sujeitos à lascívia juvenil e à instabilidade de suas afeições, o que, embora não tenha explodido, tornou-os menos cuidadosos em glorificar a Deus; essa frouxidão é o caminho para a libertinagem; essa fraqueza, o caminho para vaidades estranhas; essa lascívia, o caminho para a maldade aberta, e ela está presente até mesmo nos melhores filhos de Deus nos dias de sua juventude, a qual, sendo depois, no tempo de sua regeneração, trazida (por assim dizer) a julgamento e posta diante de suas consciências, faz com que se arrependam.

Mas há aqui algo de que se envergonhar, que faz os ouvidos dos homens formigarem quando o ouvem: que muitos homens (longe, sem dúvida, deste verdadeiro arrependimento) podem, de fato, discorrer amplamente sobre as coisas feitas em

sua juventude, mas com tal bravata, com tais jactâncias e deleitando-se na lembrança delas, que, além de provocarem outros ao pecado de modo semelhante e se colocarem em oposição direta ao arrependimento e a este exame cristão, parecem renovar as cores desbotadas de seus antigos pecados com o novo traje de seus segundos prazeres neles. Mas, ai de mim, que prazer têm eles nessas coisas das quais não tiram proveito? Que lucro têm eles daquelas coisas das quais deveriam se envergonhar? Nem nesta linhagem podemos esquecer a loucura daqueles que parecem dar um passo além em direção a este exame do pecado do que os anteriores, ao pensarem que o abandonar o pecado e o arrepender-se do pecado são a mesma coisa. Contra estes, tanto a experiência diária quanto a palavra de Deus se opõem suficientemente. Os irmãos de José (filhos de Jacó), que planejaram o mal contra seu irmão, lançaram-no na cova e o venderam a estrangeiros, cessaram essa crueldade; contudo, não se lê que tenham se lembrado de seus pecados com qualquer remorso até treze anos após o pecado ter sido cometido, como podemos ver no processo da história. Davi havia deixado seus pecados de assassinato e adultério (pensando estar tudo calmo e bem) pelo espaço de um ano inteiro; após esse tempo (sendo admoestado pelo profeta Natã), ele se arrependeu. E a experiência tem provado em muitos que tiveram alguma obra de Deus neles que, embora tenham deixado seus pecados há muitos anos, contudo, porque não se arrependeram verdadeiramente deles, estes recaíram sobre eles com visões terríveis e visões temerosas, para humilhá-los e levá-los a um exame sério deles, tendo sido cometidos e abandonados há muito tempo. Exemplos disso não precisamos buscar longe, visto que tantos pregadores que estão familiarizados com espíritos temerosos darão testemunho disso. O fruto de tais mentes atônitas por

pecados já abandonados é nosso, para que nos acautelemos dos pecados que estão por vir. E que os danos de outros homens nos ensinem a bendita sabedoria: esforcemo-nos não apenas para deixar o pecado — o que se pode fazer por lucro, por medo, por louvor ou por cansaço —, mas também para nos arrependermos dele por amor à consciência (*Rm 6:22*).

Este exame de nossos pecados passados deve ser, em parte, daqueles que cometemos antes de nossa vocação e, em parte, daqueles praticados após o nosso chamado. Todo homem (especialmente aquele que tem sua razão reformada pela palavra de Deus) admitirá que um exame da vida anterior ao nosso verdadeiro conhecimento de Deus em Cristo é mui necessário. Todavia, talvez alguns pensem que não precisamos ser tão precisos na busca daqueles pecados cometidos após o nosso conhecimento. Mas, visto que, de todos os outros pecados, estes são os que mais dolorosamente mordem e perfuram mais profundamente — por serem agravados por todas as misericórdias de Deus que os precederam, sendo o pecado mais pecaminoso quando nele caímos após conhecermos a verdade, após sermos libertos do pecado e após sermos iluminados pela graça de Deus —, julgo que um exame deve ser feito mui especialmente destes pecados.

Portanto, para reiterar nossos exemplos anteriores em uma nova matéria: assim como podemos ver o primeiro tipo de exame dos pecados (antes da vocação) nos filhos de Jacó, temos um padrão do segundo tipo na prática do profeta Davi. Este, ao ouvir sobre seus pecados, ficou tão perturbado em seu espírito que não pôde descansar na fala do profeta, que lhe dizia que seu pecado fora perdoado; antes, permaneceu inquieto, como alguém totalmente desamparado por Deus, não encontrando o consolo do Espírito de Deus em si. Pois, como

frequentemente ocorre com as chagas, acontece também com os pecados: somos relutantes em permitir que nossas feridas sejam frequentemente tocadas; não suportamos que nossas chagas sejam esquadrinhadas, cauterizadas e lancetadas, mas desejamos ser alimentados com bálsamos curativos. Assim, dificilmente somos levados a permitir que nossas consciências sejam moídas, ou que nossos pecados sejam vasculhados, peneirados, buscados e abertos; antes, desejaríamos que fossem sempre cobertos com doces promessas e banhados nas misericórdias de Deus.

Contudo, é muito mais seguro, antes dos medicamentos cicatrizantes e curativos, usar águas corrosivas e purificadoras; sem as quais, embora algumas feridas pareçam fechar e criar pele rapidamente, elas acabam por piorar, permanecendo apodrecidas em seu cerne, tendo apenas uma fina pele por cima e carne morta por baixo. Da mesma forma, desejaríamos ocultar, esconder e cobrir nossos pecados como que com uma cortina; mas é uma cirurgia mais sã perfurar e traspassar nossas consciências com o ferro em brasa da Lei, e limpar a ferida da alma por meio de severas ameaças, para que, ao puxarmos uma pele sobre a consciência por um tempo, não deixemos a corrupção apodrecida sem cura por baixo, sendo depois constrangidos a clamar abertamente por nossos pecados. Assim como é uma loucura dissimular nossas chagas enquanto são curáveis, para depois revelá-las quando se tornarem incuráveis, é igualmente uma grande loucura dissimular nossos pecados enquanto podem ser remediados, para depois sermos constrangidos, com vergonha, a divulgá-los quando os considerarmos sem remédio. Mas digo isto de passagem, pois tocaremos mais amplamente neste ponto na última parte que virá.

É suficiente cometer pecado antes do conhecimento; mas, após alguma boa luz do espírito, pecar gera ou dureza de coração, ou um espírito perturbado. Evitaremos ambos se, em verdade, formos cuidadosos em vigiar nossas afeições e nos acautelarmos para que, após nossa libertação, não caiamos no pecado novamente.

Diferentes homens, sujeitos a diferentes pecados, possuem diferentes repreensões em suas consciências: alguns são dominados pela ira e, contudo, após o acesso de fúria, conseguem discernir que a ira do homem não opera a justiça de Deus; alguns estão sujeitos à lascívia e, depois, dizem que ela de nada lhes aproveita; alguns são entregues a um curso contínuo de vaidade e, não obstante, conseguem dizer que a vida do homem tem outro fim; alguns deslizam profundamente no mundanismo e, contudo, são frequentemente enfraquecidos por terríveis repreensões da consciência. Bem-aventurados são aqueles cujos corações estão verdadeiramente compungidos; e que se acautelem os que brincam com o pecado, pois ou a dureza de coração os alcançará, ou uma consciência perturbada os confundirá.

Por isso, acontece que muitos, gastando seus corpos na lascívia, lamentam por terem abusado de suas forças; muitos, entregues excessivamente aos prazeres desta vida, sentiram dor ao lembrar como desperdiçaram as graças de Deus, esbanjaram Seus bons dons e malgastaram seu tempo; ou então, se não possuem esta dor, caem na voluptuosidade e criam uma pele tão grossa sobre seus corações que fará com que as mais fortes denúncias dos julgamentos de Deus ricocheteiem, por mais que sejam desferidas com força. E, certamente, é o pecado deste mundo que os homens, sendo repreendidos em suas consciências enquanto oram, e sentindo uma carga secreta

imposta contra eles para que se acautelem do engano no comprar e vender, ou tenham estas repreensões cada vez menores, tornando-se assim profanos, ou depois fiquem maravilhosamente feridos por terem sido tão mundanos, perseguindo tão gananciosamente as coisas terrenas e buscando tão friamente as coisas celestiais. Assim, até nossos pensamentos íntimos (quando não aproveitados) são geradores de problemas futuros.

Ora, o remédio contra esta perturbação é, voluntária e conscientemente, não acalentar o pecado; desejar que o Ministro toque em nossos pecados mais íntimos e secretos; alegrar-se em ser admoestado privadamente; lucrar com nossos inimigos quando estes nos vituperam; e antes desejar (em tal caso) ser humilhado do que permitir ser lisonjeado. Esta prova de nós mesmos deve estender-se ainda mais, não apenas ao cometimento do mal, mas também à omissão do bem. Como quando (após alguma boa operação e sentimento do espírito) começamos a lutar e conflitar com nossas próprias consciências, dizendo: "embora eu deva orar, preciso de tempo também para prover para minha família; se eu for ouvir a palavra de Deus, certamente estarei em perigo de perder este lucro; se eu atender assim aos exercícios da religião, serei cerceado no uso de meus prazeres".

Portanto, será bom esquadrihar nossos corações, não apenas no uso negligente dos meios, mas também na vigilância negligente sobre os frutos dos meios, dizendo a nós mesmos desta maneira: "Ouvi um sermão, mas (ai de mim) sem qualquer sentimento ou operação sobre minhas afeições; estive orando, mas sem poder do espírito; recebi o sacramento, mas sem aquelas alegrias gloriosas e indizíveis que costumava provar; vi a disciplina da Igreja ser executada, mas sem

qualquer temor do pecado em mim mesmo, ou compaixão pelo membro censurado".

E aqui ousou, por minha própria observação, afirmar com segurança que pecados externos não foram, em certos momentos, tão dolorosos para os filhos de Deus quanto o fato de terem, por vezes, usado os meios com pouca reverência e com menos fruto. E não é de se admirar: veremos muitos homens, por vezes, não tão entristecidos pela doença em si, quanto por terem ou voluntariamente negligenciado os meios que poderiam ter preservado sua saúde, ou por terem abusado da Medicina que poderia ter-lhes restaurado a saúde novamente. Da mesma maneira (digo eu), acontece com aqueles que, ou irreverentemente recusaram os meios que deveriam guardar suas almas do enfado, ou então, ingratamente, abusaram daquelas ajudas que poderiam tê-los recuperado. Daí provém que alguns homens ficam tão entristecidos por não usarem seus bons dons para o benefício da Igreja de Deus, quanto outros se perturbam por infestarem a Igreja com corrupções inúteis; ou como veremos um homem rico, por vezes, tão humilhado por não dar dinheiro aos pobres — o que poderia ter feito —, quanto por amontoar riquezas falsamente, o que não deveria ter feito.

Assim, muitos (tendo recebido bons dons e graças do Senhor) são temperados e santificados pelas aflições, pelas quais são ensinados a colocar seus dons em prática e a oferecer seu serviço a Cristo; enquanto outros são forçados a esconder seus dons, o que não pode ocorrer sem algum declínio da glória de Deus, sem ofensa aos fracos, sem a perda de muitas almas que, de outro modo, poderiam ser ganhas para o Evangelho, e sem fortalecer a mão do adversário para caluniar nossa profissão obscura e muda. Todas essas coisas, ao final, trarão

terror de mente; porque, se o Senhor não puder operar em nós tirando bens, amigos, crédito, esposa, filhos ou coisas semelhantes para nos levar ao arrependimento, Ele certamente açoitará nossas consciências nuas; Ele entrará até mesmo em nossas entranhas e perfurará nosso íntimo secreto. Assim como devemos examinar a nós mesmos pelos pecados do tempo passado e presente, devemos também usar esta prática quanto ao pecado por vir; e isto é mui necessário. Pois, ainda que nossa vida e conversação fossem tais que, nem antes nem depois de nossa vocação, o homem pudesse justamente acusá-las, a corrupção oculta de nossa natureza pode ameaçar alguma queda hedionda no futuro, o que tem feito homens de mui boa reputação e conduta baixarem suas cabeças e temerem sua hipocrisia secreta, como algo que pode irromper para a vergonha de toda a sua vida anterior no tempo que virá.

Mas, visto que nos esquecemos de falar daqueles que, ao examinarem suas vidas passadas, sentem-se mui entristecidos pela falta de sinceridade e pelo orgulho oculto em si mesmos, falemos um pouco disto antes de passarmos à sondagem de nossos corações quanto ao pecado por vir. Homens perturbados por este orgulho oculto são ou tocados, ou não tocados. Se o véu do pecado era tão grande neles que ocultava a Cristo, é a boa vontade de Deus que, por esta visão de seus pecados secretos, eles venham a ver a justiça que há em Cristo Jesus, e assim sejam melhor guardados de serem Fariseus justiceiros. Pois, quando alguém foi por longo tempo bem criado e levou uma vida civilizada, o diabo tentará persuadi-lo de alguma justiça inerente em si; é a sabedoria de nosso Deus tocar-nos com a consciência das corrupções mais ocultas, para certificar-nos e dar-nos a conhecer que, desde o nosso nascimento, havia uma semente secreta de pecado em

nós, a qual (sem o Senhor vigiando sobre nós) certamente teria irrompido para Sua desonra.

Quanto àqueles que tiveram alguma operação em si e, contudo, são frequentemente mergulhados em graves angústias, esta perturbação lhes advém por duas causas especiais: ou por alguma hipocrisia, por terem feito mais na aparência do que na verdade — pelo que o Senhor os traz de volta para verem seus procedimentos corruptos, e para que saibam que toda a sua religião não passa de hipocrisia, e toda a sua justiça não passa de injustiça —; ou pelo abuso de seu conhecimento, ao torná-lo apenas uma máscara para ludibriar, e por fazerem com que suas afeições lutem contra seus próprios julgamentos. Devemos remediar isto não pensando de nós mesmos além do que convém, e trabalhando para abraçar a verdade em verdade. E aqui notemos que muitos dos filhos de Deus acusam-se de hipocrisia quando, na verdade, não ofendem nela (pois as pessoas mais justas são seus próprios maiores acusadores), e, no entanto, a acusação surge justamente de alguma falha de sua parte: pois, embora tenham feito coisas em verdade, por não terem trabalhado com a verdade para ver suas corrupções secretas em outras matérias, sustentam esta perturbação de mente. De modo que nada é mais difícil do que peneirar e esquadriñar nossos corações até o fundo, quer consideremos nossos pecados passados, quer nossos pecados presentes, quer olhemos para o nosso orgulho oculto, carências escondidas ou corrupções secretas.

E para retornar de onde nos desviamos, ao exame de nossos corações quanto ao pecado por vir: observemos que nos filhos de Deus existe tal zelo que eles tremem aos primeiros movimentos e estremecem à menor ocasião de pecado; embora, porque o vício reside mui perto da virtude, possa haver neles,

por vezes, excessiva escrupulosidade. Este temor faz com que os mais queridos santos de Deus raciocinem desta sorte: "Ó Senhor, vejo quantos, excelentes em dons e constantes na profissão por longo tempo, tiveram um fim que não correspondeu aos seus começos, cujas mortes não foram semelhantes às suas vidas". Isto é verdade, quer olhemos para a Palavra, quer para o mundo; e é algo que pode nos humilhar muito. Pois, embora possamos lembrar o que fomos e saibamos o que somos, quem pode dizer o que lhe sobrevirá futuramente?

Oxalá a séria meditação disto habitasse longamente em nossas consciências: para que, com um santo zelo, pudéssemos prevenir o pecado que está por vir. Mas, aí de nós, há alguns cavaleiros audazes que julgam não ser nada oferecer-se a máscaras, jograis e danças, nem correr para contendendas, brigas e disputas, como se tivessem seus ouvidos, seus olhos, suas mãos e seus pés em seu próprio poder, e sob comando para usar e governar conforme desejarem. Contudo, os filhos de Deus, melhor protegidos por Sua graça do que esses tolos atrevidos, temem tais ocasiões; pois sabem muito bem que seus olhos podem ser logo provocados à lascívia, seus ouvidos podem rapidamente dar ouvidos a deleites impuros, suas mãos podem subitamente desferir um golpe mortal e seus pés podem facilmente ser enlaçados em prazeres carnavais. Acautela-te, ó homem; sê circunspecta, ó mulher, para que não te prostituas a excessiva liberdade: pois, embora ao ires a tais lugares lascivos e contenciosos não tivesses mau propósito, por te aventurares sem garantia, podes estar com os pés atolados no pecado e mergulhado em alguma tentativa perversa até o pescoço, antes que percebas. E porque o vício é tão limítrofe à virtude, acautela-te também da superstição; pois o inimigo ainda

trabalha ou para te tornar audaz demais no pecado, ou para te fazer temeroso e supersticioso demais; ou ele te inflará com presunção, ou te assaltará com desespero.

Para estas tentações nossa natureza é mui inclinada: primeiro à presunção, como pode parecer por nossa fala comum: "ora, o pregador é apenas um homem como eu; tenho certeza de que ele tem enfermidades como os outros; não somos anjos, nossa natureza é corrupta, somos apenas carne; certamente não quereríeis que fôssemos deuses". Assim o diabo vem para tentar; mas ele se veste com outro traje quando vem para acusar, e então de uma mosca faz um elefante; do menor furo de alfinete, um globo de toda a terra; de um montículo de terra, uma montanha; e pressiona as pobres almas com medos e terrores, de modo que não sabem como se desvencilhar. Se ele não consegue levá-las a não fazer consciência onde deveriam fazê-la, trabalhará para levá-las a fazer consciência onde não precisam fazê-la. Ele não se importa se serás negligente ou supersticioso, desde que sejas um deles. Se não consegue levarte a seguir o epicurismo do mundo, como libertinos na dieta e no vestuário, ele te tornará tão preciso a ponto de pensares ser um pecado hediondo comer um pedaço de carne ou vestir um trapo de roupa além do necessário. Quão preciso é, portanto, navegar em um curso equilibrado, podemos conjecturar por outras coisas que revelam a corrupção de nossa natureza.

Em tempos de peste, veremos que alguns serão tão ousados que, sem qualquer chamado legítimo ou garantia piedosa, lançar-se-ão em lugares infectados; e então, caindo doentes, suas consciências os picam por terem tentado a Deus com uma audácia imprudente na hora de sua morte.

Outros, mergulhados tão profundamente em uma extremidade oposta, são temerosos demais ao apenas ouvirem falar da enfermidade; e, por puro medo, foram levados às portas da morte, apenas por imaginarem estarem infectados quando estavam mui livres; os quais, muitas vezes, chegaram a morrer, e isso sem qualquer causa natural que pudesse ser conhecida, mas apenas por meio de um medo imoderado e pelo julgamento de Deus que sobre eles veio por sua infidelidade e incredulidade. Assim ocorre conosco no cristianismo: tanto o oprimir-nos com excessivo medo de sermos vencidos, quanto a segurança carnal de não temer ser vencido, podem nos trazer pecado. Os filhos de Deus devem esforçar-se por uma medida, e esta deve ser buscada na Palavra, que os ensinará como não devem declinar nem para a direita, nem para a esquerda; mas os guiará pelo caminho estreito, mostrando em tudo o que é virtude e o que é vício; o que é o meio e o que é o extremo.

Entre muitos exemplos, consideremos o zelo, uma virtude mui preciosa no cristianismo, enquanto estiver livre das extremidades. Caso contrário, se formos frios no zelo, é um pecado à esquerda; se formos zelosos sem conhecimento, é algo prepostero e torna-se um pecado à direita.

Mas não podemos chegar a alguma perfeição? Não, se por isso entenderdes uma ausência absoluta de manchas; embora possamos chegar àquela perfeição que a Escritura toma por integridade, verdade e sinceridade de coração, a qual é isenta de negligência descuidada. Nem o Senhor lida conosco segundo nossos pecados, nem nos recompensa segundo nossas iniquidades; em cujos olhos as ações mais gloriosas dos homens são apenas como águas que fluem puras da fonte, mas são contaminadas ao passarem por um canal imundo. Portanto, tendo estas imperfeições, não busquemos ser mais justos do

que podemos ser, dizendo por cada erro desta vida: "Oh, não sou um dos filhos de Deus, não sou uma de Suas filhas, pois não encontro em mim aquela perfeição que é exigida". Mas consolemo-nos na verdade de nossos corações e na singeleza de nossos desejos de servir a Deus, porque Ele é Deus; e assim seremos aceitos por Deus.

Digo isto para que as pobres almas tenham conforto e saibam que, se abominam o pecado como pecado, se examinam a si mesmas por ele, se gemem sob ele, se desgostam de si mesmas por causa dele, se temem cair nele, o Senhor não as perseguirá com o rigor de Sua lei, mas lhes dará a doçura de Suas promessas; elas não estão mais sob a maldição, mas sob a graça.

Mas, para reforçar ainda mais nossa exortação a evitar um medo excessivamente escrupuloso, que impede o verdadeiro exame de nossos corações: pensemos que ocorre no conflito espiritual como nas guerras civis. Lemos que muitas cidades que jaziam em grande segurança foram subitamente assaltadas e destruídas; como também que alguns países (negligentes demais nos meios), por meio de uma excessiva temeridade, encorajaram seus inimigos a atacá-los com violência mais ávida. Com esse tipo de estratégias nosso adversário, o diabo, estando bem familiarizado, frequentemente pratica tal política. Se ele nos vê sem qualquer temor, descansando tranquilamente em nós mesmos, ele pensa que seu assalto deve ser mais forte, porque nossa resistência é mais fraca. Novamente, se ele percebe em nós um medo covarde e um desfalecimento de coração antes mesmo de começarmos a travar batalha com ele, ele atacará nosso medo imoderado e, tão vil quanto subitamente, nos apunhalará no coração e fará de nós um despojo imediato.

A prática comum ensina-nos ainda que, quando podemos ouvir a palavra sem qualquer tremor diante dos julgamentos de Deus; quando podemos orar sem qualquer temor diante da Majestade de Deus; quando podemos comparecer à disciplina da Igreja sem qualquer reverência à ordenança do Senhor — tudo é em vão. Novamente, ouçamos com tremor excessivo e nada aprenderemos; oremos com um medo mui servil e nossa adoração a Deus será sem qualquer conforto e desanimada. Assim, se nem diminuirmos o pecado que é pecado de fato, nem fizermos pecado daquilo que não é pecado em verdade, é bom prosseguir para este exame tríplice, e aplicar o gume desta doutrina mais perto de nossas afeições; porque muitos serão sãos nesta madureza de conhecimento e esterilidade de consciência para falar, disputar e declamar sobre todas estas coisas mui habilmente, as quais, flutuando na circunferência do cérebro e não se assentando no âmago do coração, selam contra eles uma sentença de condenação mais justa.

Para remediar este mal, devemos meditar profundamente na Lei e no Evangelho, juntamente com o que a ambos pertence, para que, encontrando-nos longe das bênçãos de Deus prometidas aos guardadores da lei, e vendo-nos perto das maldições devidas aos transgressores da lei, possamos despertar em nós algum senso de pecado. Contudo, nisto não devemos parar nosso passo, mas dar um passo adiante: pois, enquanto muitos, por uma visão diligente da lei, chegaram ao senso do pecado em si mesmos e viram claramente sua própria condenação, contudo, por não terem trabalhado para ver a culpa absolvida pela remissão do pecado em Cristo, mergulharam em um mar sem fundo de tristezas. Outros, tendo passado por estes graus e feito até aqui estes passos para evitar

a ferida da consciência, também ficaram aquém e erraram o alvo: quando, porque além do senso do pecado perdoado pela morte de Cristo, não sentiram também a virtude de Sua paixão crucificando o pecado neles, mas viram que à remissão do pecado não se unia a mortificação do pecado, temeram que não houvesse perdão para eles, mas, ainda definhando em tristeza, julgavam-se ainda carregados com sua culpa anterior. Sim, e o que é mais, por tais homens não terem sido verdadeiramente instruídos, nem seguramente fundamentados na doutrina da morte e ressurreição de Cristo — isto é, por não terem visto tanto o poder que flui de Sua morte para matar o pecado neles, quanto a virtude para perdoar o pecado neles; por não terem sentido tanto a força para a santificação, que emana da ressurreição de Cristo, quanto estavam convencidos da justificação e da justiça nela contidas —, eles permaneceram com o coração ainda sangrando, de tal sorte que a ferida da dor dificilmente ou nunca pôde ser estancada e detida.

Portanto, fortaleçamos nossas almas fracas com esta corda sêxtupla de consolação contra estes assaltos amargos. Esforcemo-nos primeiro por conhecer o pecado, depois por lamentar o pecado, após por sentir nossos pecados perdoados em Cristo, mais adiante por buscar poder para crucificar o mesmo, então por lançar mão da justificação por Sua ressurreição e, por fim, pela esperança de força para dali prosseguir, para nos fazer avançar na santificação e santidade de vida, até o fim. E isto basta, brevemente, para a segunda coisa que unimos ao exame do pecado, a saber, a prova da fé; ambas as quais, retamente usadas, nos protegerão em certa medida da tribulação de uma mente aflita.

Apressemos-nos agora para a terceira parte de nossa divisão, para mostrar como os filhos de Deus, tendo caído nesta

ferida de espírito, podem ser ajudados a sair dela: o que (querendo Deus) também realizaremos, após termos respondido a uma objeção necessária que (na parte anterior) poderia parecer opor-se a nós. Não há homem que não admita que Davi, Jó e outros santos de Deus tiveram uma visão de seus pecados, uma tristeza por seus pecados e um gosto da remissão de seus pecados; como então aconteceu que esses homens foram tão perturbados em suas mentes? A isto respondo que a tribulação lhes sobreveio ou por falharem em algumas dessas coisas anteriores, ou então foram antes afligidos para prova de sua fé do que para punição do pecado neles. E, portanto, que se entenda sempre que não devemos pensar que cada conflito de consciência seja contínua e principalmente para a perseguição de nossos pecados; mas que, às vezes e principalmente, ele venha para a prova de nossa fé; e contudo, secundariamente ou menos principalmente, para o castigo do pecado, como podemos ver em Jó. Pelo que sejam todos os homens admoestados, quando virem homens bons assim humilhados e prostrados em mente, a porem as mãos em suas bocas e não dizerem: "Certamente estes homens não passam de hipócritas; sem dúvida estes homens são grandes pecadores, o Senhor descobriu a hipocrisia deles". Pois há boa razão para que tal silêncio seja guardado: pois o Senhor pode tanto fazer prova da fé deles quanto punir seus pecados. Pois, se tal aflição fosse sempre e principalmente enviada pelo pecado, seguir-se-ia que todos os outros, conforme excedessem a estes no pecado, deveriam também excedê-los na punição do pecado.

Mas agora, ao chegar à cura desta ferida, parecerei mui estranho em meu tratamento; e serei tanto mais admirado quanto mais, no modo de proceder, eu difiro da maioria dos

homens nisto. Não ignoro que muitos, ao visitarem consciências aflitas, clamam constantemente: "Oh, confortai-os; oh, dizei-lhes coisas alegres". Sim, há alguns, e estes dos mais instruídos, que em tais casos estão cheios destes e de semelhantes discursos: "Por que estais tão pesado, meu irmão? Por que estais tão abatido, minha irmã? Tende bom ânimo; não o tomeis de forma tão dolorosa. O que há para temer? Deus é misericordioso, Cristo é o Salvador". Estes são, de fato, discursos de amor; mas frequentemente fazem tanto bem às pobres almas quanto se derramassem água fria em seus peitos; visto que, sem uma sondagem mais profunda de suas feridas, podem tanto ministrar uma moléstia quanto um remédio. Pois, assim como medicamentos nutritivos e cordiais não são bons para cada pessoa doente, especialmente quando o corpo necessita antes de uma forte purgação do que de uma matéria restauradora; e assim como medicamentos cicatrizantes podem por um tempo aliviar a dor do paciente, mas depois a dor torna-se mais grave; assim a aplicação confortável das promessas de Deus não é tão proveitosa para todos os que estão humilhados, especialmente quando suas almas devem antes ser mais prostradas do que, por ora, levantadas. Assim, aquelas consolações açucaradas podem, por um momento, curar superficialmente a consciência e abater alguma dor presente; mas de tal modo que, depois, o ardor seja mais doloroso e a dor cresça ainda mais. Disto decorre o efeito de que o conforto parece curar por um tempo, mas, por falta de sabedoria no correto discernimento da causa, os homens ministram um remédio por outro; e assim, por falta de perícia, o acesso posterior os mói mais dolorosamente que o anterior.

Há alguns que, sem qualquer preceito ou prática, desejam ser seus próprios médicos; e estes, assim que o acesso

lhes sobrevém, julgam ser o melhor castigar e afugentar sua tristeza bebendo em tavernas, por meio de jograis, em companhia alegre ou purgando a melancolia com medicamentos físicos. Tudo isso pode parecer dissipar a dor por um momento, mas depois ela morde mais profundamente, quando a febre ardente de seus espíritos os sacode com um segundo recurso; e, por não terem sido antes verdadeiramente sondados, purgados, cauterizados e lancetados, acontece que a segunda recaída é mais perigosa que a primeira impressão.

Para chegarmos ao nosso propósito, devemos saber que todas as dores são ou confusas ou distintas; e certo é que a mente se apavora ou por alguma causa conhecida por nós como certa, ou por algo desconhecido e incerto para nós. Àqueles que são perturbados com tais dores cegas, das quais não conseguem ver razão — como frequentemente acontece aos filhos de Deus na providência secreta, os quais ou nunca conheceram a Deus, ou tiveram apenas um conhecimento geral dEle —, respondo que, assim como não nego que a Medicina deva ser ministrada, se a dor em parte proceder de uma causa natural, exijo que a Palavra seja usada especialmente para mostrar que a causa principal e original começa na alma. E faço isto tanto mais porque desejo que haja sabedoria tanto em considerar o estado do corpo, se necessário for, quanto em olhar principalmente para a alma, na qual tão poucos pensam. Se um homem perturbado em sua consciência vem a um Ministro, talvez este olhe inteiramente para a alma e nada para o corpo; se ele vem a um Médico, este apenas considera o corpo e negligencia a alma. De minha parte, jamais desejaria que o conselho do Médico fosse apartado, nem que o labor do Ministro fosse negligenciado; porque, habitando a alma e o corpo juntos, é conveniente que, assim como a alma deve ser curada pela

palavra, pela oração, pelo jejum, pela ameaça ou pelo consolo, o corpo também seja trazido a algum equilíbrio pela Medicina, pela purgação, pela dieta, pela restauração, pela música e por meios semelhantes; provendo sempre que isso seja feito no temor de Deus e na sabedoria de Seu espírito, para que não pensemos, por esses meios ordinários, abafar ou dissipar nossas tribulações; mas sim com o propósito de usá-los como preparativos, pelos quais tanto nossas almas quanto nossos corpos possam ser tornados mais capazes para os meios espirituais que se seguirão.

Assim como exigimos que estas coisas sejam a matéria de nosso Ministério em tal perplexidade, desejaríamos que as pessoas que ministram fossem homens instruídos e de são julgamento, sábios e de experiência piedosa, mansos e de espíritos mui amorosos. Pois, quando o paciente atribulado estiver bem convencido de nosso conhecimento e discrição, e com isso perceber que nos aproximamos com terna e amorosa afeição, creio que uma entrada foi feita e todo preconceito retirado, de modo que possamos trabalhar mais livremente sobre a consciência; primeiro levando-os à visão do pecado, como causa de sua tribulação. Nisto devemos trabalhar para afastar toda confusão e cegueira de dor, esforçando-nos pela sabedoria para trazer as partes feridas a algum objeto e matéria certos de sua tribulação; e assim extrair delas a confissão de algum pecado individual, especial e secreto. Digo pecado individual e secreto porque sei quantos (por meio de uma cegueira palpável ou discernimento desordenado do pecado) falam de nada tanto quanto do pecado; e, contudo, ou não conseguem discernir pecados individuais, ou não serão levados a reconhecer seus pecados secretos; do que um procede da ignorância da lei de Deus, e o outro do amor-próprio, que nos

torna relutantes, mesmo em nosso sofrimento mental, em nos envergonharmos.

Ora, que a confissão de pecados particulares é necessária, pode parecer pelo Salmo trinta e dois, no qual (sendo um Salmo de instrução concernente ao perdão dos pecados) o Profeta (por sua própria experiência) ensina-nos que não pôde encontrar alívio para sua enfermidade até que se lembrasse e fizesse confissão de seus pecados (*Sl* 32).

O quê? Pensaremos que o Profeta de Deus (ensinado tão maravilhosamente pela palavra e pelo espírito) não via seus pecados antes? Longe de nós tal pensamento. Antes, saibamos que ele não havia aberto individual e particularmente seus pecados perante o Senhor, em uma confissão distinta deles. O que, embora o Senhor saiba muito melhor do que nós mesmos, contudo tal tipo de sacrifício Lhe é mui aceitável.

Ora, se nesta tribulação as pessoas humilhadas não conseguem chegar à visão particular do pecado em si mesmas, é bom usar a ajuda de outros, aos quais possam oferecer seus corações para serem medidos e sondados, e suas vidas para serem examinadas mais profundamente, ao ouvirem os diversos Artigos da Lei expostos diante delas; pelos quais possam provar todo o curso de suas ações. Pois (como dissemos antes) os hipócritas mais grosseiros geralmente se queixarão do pecado; e, contudo, ao lidar com eles em pontos particulares dos preceitos específicos, e prová-los na aplicação das coisas feitas ou não feitas às suas próprias consciências, veremos muitas dessas pobres almas jogadas de um lado para o outro, ora flutuando em alegrias, ora mergulhadas em tristezas, incapazes de distinguir um pecado de outro.

Ora, quando vimos que a ferida do espírito surge de algum pecado certo e conhecido, é ou por algum pecado já cometido, no qual fazemos; ou então por algum pecado ainda não cometido, mas ao qual somos tentados. Quanto ao primeiro, apraz a Deus muitas vezes trazer pecados antigos à mente, quando não nos arrependemos deles profundamente antes; para que assim (por assim dizer), representando-os a nós novamente, possamos cair em um maior desgosto por eles. E, contudo, nisto não consiste tudo, em desgostar de nós mesmos por alguns particulares, embora seja bom ocupar-se com alguns pecados especiais: pois, assim como não é suficiente para evitar a hipocrisia ver o pecado de modo geral, também não basta para escapar do engano do coração estar sempre debruçado diligentemente em um particular e esquecer-se de nossos pecados grandes e gerais. Mas aprendamos, pelos particulares, a passar aos gerais. Quando qualquer pecado desse tipo te perseguir, não descanses apenas nele, mas dize antes a ti mesmo: "Ó Senhor, é este único pecado tão doloroso? E pune o meu Deus este único pecado tão severamente? Quão grande, então, deveria ser minha punição se Tu (ó Senhor) lidasses comigo por todos os meus outros pecados?". Esforcemo-nos por ter um senso tanto dos pecados gerais quanto dos particulares, para que, com o tempo, nossa dor não passe sem fruto, enquanto, não estando descontentes tanto com um pecado quanto com outro, olhamos mui superficialmente para os gerais e não para os particulares; ou então observamos mui supersticiosamente os particulares e não os gerais.

Concernente àqueles pecados aos quais somos tentados — como quando um homem é movido a pensar blasfemamente de Deus Pai, ou a duvidar se existe um Cristo ou não, ou a imaginar grosseiramente sobre o Espírito Santo, ou a negar a

Deus, ou a duvidar da Trindade, ou a ser movido ao assassinato, adultério ou coisas semelhantes —, em cujas tentações ele sente o espírito de Deus repreendê-lo por elas, de modo que não sabe, neste caso, o que fazer: pois, por um lado, não ousa dar ouvidos voluntariamente a estas temerosas e monstruosas tentações; e, por outro lado, teme que, com o tempo e por longa insistência, possa cair nelas; ou, ao menos, por não ver como ser liberto delas: suponho que estes movimentos não devam ser tanto discutidos, mas que devamos ser por eles provocados a um zelo de oração mais instantâneo e extraordinário.

Certamente, estas são tentações perigosas e, portanto, não devem ser mantidas em segredo, algo a que nossa natureza facilmente se inclina; antes, devem ser por nós particularmente confessadas. Pois o diabo virá por vezes a ti, para manter-te apenas em um reconhecimento geral do pecado, e te instigará desta maneira: "Certamente tu precisas cometer este pecado; tu vês que não podes ter descanso até que consintas; tu foste ordenado para isso; a razão pela qual és tão incessantemente tentado é porque não tomas o teu prazer desta forma. Vai, nega a Deus, não creias em Sua palavra; isto não passa de uma política para manter os homens em temor; a religião não é nada do que os homens dizem". Assim, por medo de ceder, por um lado, e por vergonha de revelar as tentações, por outro, muitos homens têm definhado e quase foram vencidos por elas. Se revelássemos isto (dizem estes homens), o que as pessoas diriam de nós? Elas nos considerariam ateus; pensariam que somos os homens mais perversos do mundo.

Ora, para nossa instrução e consolação nisto, aprendamos que estes tipos de tentações são ou correções por alguns pecados passados, ou punições por algum pecado

presente, ou avisos prévios de algum pecado que está por vir. Veremos muitos tentados ao adultério que (sem dúvida) não podem ser levados a cometê-lo; e, no entanto, porque em sua juventude o cometeram e não se arrependeram, ele volta a eles. O mesmo pode ser observado no furto, na glotonaria e em outras tentações, que não nos são enviadas tanto para nos vencerem no presente, mas para nos lembrarem de que, em algum momento anterior, tendo sido vencidos por elas, devemos agora nos arrepender. Por vezes, um homem jazerá em algum pecado do qual não quer ser admoestado, nem por meios públicos nem privados; então, alguma outra tentação estranha cairá sobre ele, diferindo daquela em que presentemente jaz, para admoestá-lo daquele outro pecado. Como quando um mundano for tentado ao adultério, algo que ele não deseja fazer; contudo, isto serve para fazê-lo olhar para o seu mundanismo, do qual ele possui um gosto tão forte e profundo; com o qual, se não for despertado, poderá subitamente cair naquele também, e assim, pelo castigo de Deus, ao punir um pecado com outro, ambos os seus pecados serão expostos para sua grande vergonha, e um pecado dará a conhecer o outro.

Por vezes também acontece que alguém seja tentado com um pecado ao qual nem antes nem presentemente deu qualquer gosto ou acolhida; e, contudo, o Senhor pode, por meio dele, avisá-lo de como ele pode cair nisso futuramente, como também para mostrar que ele se manteve em toda a sua vida anterior antes pela graça de Deus do que pela força da carne e do sangue. Portanto, quando fores movido a duvidar de Deus, de Cristo, da palavra ou da justificação, não fiques tanto a maravilhar-te com estas estranhas tentações, mas pensa contigo mesmo que é a misericórdia de Deus, por meio delas,

que te faz discernir melhor tais tentações em outros: quando tiveres observado com temor e tremor como elas fazem sua primeira entrada no coração do homem, como ganham força, como concordam com nossa natureza corrupta, em que graus chegam a algum crescimento, como o Espírito de Deus as resiste então e quais são os melhores meios para prevalecer contra elas. E assim, se tirares proveito delas, sondarás e descreverás tão maravilhosamente, por diversas vias, o corpo, a idade e a astúcia destas tentações em outros — por uma santa experiência que Deus te ensinou em ti mesmo —, que, além de expores as corrupções secretas dos homens como se estivesses em seus íntimos, serás capaz também, pela semente da tristeza em ti mesmo, de gerar uma alegria indizível em outros que, com o tempo, possam ser tentados como tu és agora.

Pensa, além disso, que tal é a eficácia do pecado que aqueles que agora não são papistas, heréticos, adúlteros ou ladrões, podem, por seu desprezo seguro e passagem insensata por estas tentações que lhes são enviadas, cair subitamente nelas pouco depois; porque não quiseram fazer algum uso delas, nem confessar diante do Senhor tanto sua inclinação quanto o merecimento de caírem nelas. Mas se nos humilharmos em tais tentações e aprendermos por elas a discernir mansamente as corrupções de nossos corações, não apenas nos livraremos presentemente do perigo, mas seremos também capacitados a auxiliar outros futuramente, em perigo semelhante.

Mas alguns se oporão a estas coisas que entregamos: "Acreditais ser um remédio abater aqueles que já estão humilhados? Isto é antes ser um carniceiro do que um edificador da consciência de um homem". Aos quais respondo que desejo que os pregadores sejam edificadores, e não

carniceiros; e uma coisa é aplicar genericamente, e outra, particularmente, colocar o remédio sobre a ferida. É bom começar com a sondagem primeiro, e purgar a chaga pelo vinagre da Lei, e depois suavizá-la com o óleo do Evangelho. Ambos devem ser feitos com sabedoria, usando-os para alguns em maior medida, para outros em menor. Pois, assim como alguns, tendo apenas um declínio da natureza e nenhum humor mortal, necessitam antes de medicamentos restauradores do que purgativos; assim também alguns, mais perturbados por carências espirituais do que por pecados mais grosseiros, necessitam não tanto das agudas ameaças da Lei, mas das doces promessas do Evangelho. Assim como o corpo, por meio de alguma repleção extraordinária, tendo contraído algum grande enfado, não tanto pelo enfraquecimento da natureza, mas pela ameaça de morte iminente, requer, portanto, antes uma forte purgação do que medicamentos confortáveis e cordiais; da mesma forma, a alma trazida quase às portas da morte por algum pecado extraordinário deve ser antes perfurada e traspassada com a denúncia dos julgamentos de Deus do que de outra forma. Mas, porque desejaríamos lidar de forma mais clara e menos confusa, é bom, em nossa aproximação de consciências aflitas, estabelecer estes dois fundamentos. Primeiro, devemos persuadir as pessoas humilhadas de que seus pecados são perdoáveis e suas feridas curáveis. E, depois, que esta visitação não é tanto um sinal da ira e cólera de Deus, mas um selo de Sua misericórdia e favor, visto que não é algo cego nem estéril, mas propenso a ser abundante em bons efeitos e frutífero em resultados piedosos. O quão necessário é o primeiro ponto, a experiência de quase todos os que foram prostrados é testemunha suficiente; os quais tiveram isto como uma etiqueta atada às suas tentações: que nunca ninguém foi tão flagelado como eles, ninguém jamais

teve tentações semelhantes, o Senhor certamente lhes porá um fim em alguma tentação estranha e desconhecida. Nisto, eles não são dessemelhantes a homens caídos em alguma doença perigosa que, julgando-se fora do alcance da perícia do Médico e não estando dentro da esfera das coisas recuperáveis, acrescentam uma segunda e mais dolorosa dor à anterior.

Portanto, assim como estes homens parecem estar meio curados quando se pode trazer algum homem de conhecimento que, por experiência, tenha curado moléstia semelhante em graus iguais em outros; assim também estas almas entristecidas são não pouco refrescadas e fortalecidas pela esperança ao buscarem algum alívio, quando veem que nenhuma outra tentação as sobreveio senão aquela que, tendo caído na natureza humana, encontrou misericórdia nas mãos de Deus, para que Ele fosse temido. Estabelecido este alicerce, é bom (para edificar e reparar a alegria decaída da mente) usar em parte a Lei, para fazer um preparativo para estas alegrias, se a mente, não estando verdadeiramente humilhada, não estiver apta para ser verdadeiramente confortada; e em parte o Evangelho, se a consciência, gentilmente prostrada, tornou-se um sujeito apto para que se lhe apliquem as doces promessas de Deus em Jesus Cristo. E aqui, novamente, para responder àqueles que negam que a Lei deva ser usada de todo ou inteiramente quando desejamos gerar conforto em alguém: pergunto se, caso seja necessário manter a justiça de Cristo, não é também necessário preservar a justiça da Lei? Visto que a justiça da Lei, por nós não cumprida, nos atrairá para a justiça de Cristo a nós imputada; e visto que a justiça de Cristo a nós imputada nunca é profunda e verdadeiramente estimada até que vejamos a justiça da Lei por nós não realizada.

Novamente, se nosso Salvador Cristo previu aos Seus discípulos que a primeira obra do Espírito Santo, em Sua vinda, seria convencer o mundo do pecado, para fazer os homens saberem que sem Jesus Cristo nada há senão pecado, e então, que Ele deveria repreender o mundo da justiça, para que vissem como Cristo morreu não por Seus próprios pecados, mas pelos pecados de outros; não vejo por que não seria mui conveniente, primeiro, expor a justiça da Lei para que os homens vejam seus pecados; e depois a justiça de Cristo, para que os homens vejam seus pecados quitados nEle. Além disso, onde o Senhor diz por Seu Profeta: "No momento em que o pecador se arrepender de seus pecados do fundo de seu coração, porei toda a sua maldade fora de Minha lembrança", bem se pode concluir que deve haver primeiro uma tristeza profunda pelo pecado; e então uma verdadeira alegria pelos pecados perdoados poderá, mais livremente, por virtude de Sua promessa, ser tanto esperada quanto buscada posteriormente. Ademais, visto que todas as promessas de Deus no Evangelho nos são recomendadas sob o título e teor de restaurar a vista aos cegos, a audição aos surdos, a força aos coxos, a saúde aos doentes e a vida aos mortos; é manifesto não apenas que não há doença da alma que Cristo não possa curar, mas também que devemos primeiro encontrar-nos cegos, surdos, mudos, coxos, doentes e mortos antes que Ele lide conosco; porque os que estão sãos não precisam de Médico, e Ele veio chamar os pecadores, e não os justos, ao arrependimento. Ora, para fazer isto com sabedoria, nem pressionando a consciência severamente demais, nem aliviando a consciência de forma mui imprudente, será um caminho seguro usar a fala equilibrada do Apóstolo ao feiticeiro: "Arrepende-te, para que, se for possível, o teu pecado te seja perdoado". Onde ele não o desencoraja totalmente, porque pode ser que seu pecado seja

perdoado; nem o encoraja audazmente demais, ao mostrar que, sem arrependimento, é de todo impossível ser perdoado.

E para que não sejamos *praeposterus*¹ em nossa consolação, sejamos advertidos pela fala blasfema daquele detestável ariano que, em anos recentes, foi executado em Norwich. Este herético infernal, pouco antes de ser executado, verteu algumas lágrimas fingidas, perguntando se poderia ser salvo em Cristo ou não. Quando alguém lhe disse que, se ele verdadeiramente se arrependesse, certamente não pereceria, ele rompeu mui monstruosamente neste discurso: "Ora, é o vosso Cristo tão fácil de ser rogado assim, como dizeis? Então eu O desafio e não me importo com Ele". Oh, quão boa coisa teria sido não ter lançado esta pedra preciosa a este porco? Oh, quão seguro teria sido ter lidado de forma mais amarga e ter habitado mais veementemente na consciência deste miserável?

Ora, para alcançar alguma descrição na cura deste espírito ferido, devemos aprender a julgar sabiamente tanto a pessoa aflita quanto a natureza de sua aflição. Primeiro, podemos notar se é um homem ou uma mulher, porque podemos impor com mais temor o uso da Lei a um homem, por ser o vaso mais forte. E como Satanás soube que a mulher era a mais fácil e moldável para ser trabalhada em sua primeira tentação, assim ele não ignora que ela é a parte mais fraca para sustentar qualquer tentação agora. Então, consideremos se aqueles que estão assim humilhados possuem conhecimento ou não. Porque, se não possuem conhecimento, pensam que a

¹ N. E.: No inglês do século XVI (e no latim *praeposterus*), "preposterous" não significava apenas "ridículo". Significava, literalmente, "colocar o que vem depois na frente do que vem antes" (do latim *prae* [antes] + *posterus* [depois]). É a famosa expressão "colocar a carroça na frente dos bois".

perturbação da mente é algo tão estranho que ninguém antes a teve; se possuem conhecimento, então Satanás está pronto para acusá-los do pecado contra o Espírito Santo, como se cada pecado cometido contra o conhecimento fosse um pecado de presunção. Além disso, devemos inquirir quão fortes ou fracos são, para que, se estiverem gravemente feridos, cessemos de humilhá-los ainda mais; se não estiverem suficientemente feridos, então devemos tocá-los com algum senso mais profundo de pecado. Também devemos ser circunspectos para descobrir se por natureza são temerosos e melancólicos ou não; como também se são pecadores habituais ou se caíram uma vez por enfermidade; para que, sobre sua disposição e inclinação, possamos construir melhor nossos discursos. A isto é bom acrescentar a consideração da idade, bens e capacidade da pessoa: como se a parte estiver perturbada por mundanismo, se ela não é um grande chefe de família; se se queixa de impureza, se não é um homem jovem e solteiro; se está humilhada pela avareza, se não é idosa; porque diversos países, vocações, idades, condições e estados dos homens possuem seus pecados diversos e peculiares, os quais devemos discernir retamente.

Todavia, de qualquer sexo que sejam, homens ou mulheres, de qualquer compleição que sejam, de qualquer conhecimento para discernir o pecado, de qualquer grau de cometimento do pecado, de qualquer idade, autoridade, riqueza, estado ou condição que sejam, é bom notar que existem muitos que se perturbam mais pela vexação e inquietude de sua mente desordenada do que pela vileza e horror de seu pecado cometido; os quais estão feridos mais pelo medo da vergonha, pelo medo de enlouquecerem ou pelo medo de perderem o juízo do que pela consciência do pecado. O que, se encontrarmos neles, é nossa parte trabalhar com eles

para que façam menos caso da vergonha externa e tenham mais consciência do pecado interior. Nem devemos aqui esquecer de fazer uma distinção entre nossos discursos usados aos humilhados no exato momento de sua agonia extrema e febre ardente de suas tribulações, e aqueles discursos que usamos para eles quando o acesso já passou; porque o primeiro requer mais consolação e menos exortação; o segundo exigiria que fôssemos mais abundantes na admoestação e mais poupadores no conforto, quando podemos sabiamente admoestá-los a se acautelarem do pecado, que assim provocou sua própria desgraça. Neste tempo de respiro, é também conveniente exortá-los para que, por algum tempo, até que encontrem maior poder de regeneração, se vinculem a algumas ordens santas e votos piedosos, pelos quais possam ser auxiliados na mortificação de algum pecado especial que, por não encontrarem poder contra ele, mais os entristeceu; ou fortalecidos em alguma graça especial, cuja falta também os feriu.

Mas antes de nos lançarmos mais profundamente neste mar de tentações particulares e começarmos a sondar as passagens perigosas da corrupção natural e do pecado original — cuja espuma turbulenta quase submerge muitos pobres peregrinos —, será bom dar esta cautela: que, tanto nestas quanto nas tribulações anteriores, os homens sejam novamente admoestados a suportar pacientemente um espírito ferido, ainda que aconteça de serem eles um tanto irritadiços, visto que o Espírito Santo fala tão favoravelmente deles, dizendo: "O espírito ferido, quem o suportará?". E certamente nossa prática em outras coisas, pela lei da equidade, pode nos exigir isto. Pois, se os homens, pela luz da razão, conseguem ver que é um dever conveniente não repreender furiosamente, mas sofrer

mansamente e suportar sabiamente os discursos imprudentes de um homem com o cérebro perturbado em razão de alguma febre ardente ou enfermidade violenta e veemente semelhante; podemos facilmente concluir, pela mesma regra da razão, que não devemos censurar tão severamente os discursos impacientes daquele que, em razão de alguma febre causticante do espírito, está inquieto em todas as partes de sua mente e tem todas as veias de seu coração (como que em uma agonia espiritual) atormentadas. Portanto, tanto insípidas por falta de sabedoria piedosa quanto sem caridade por falta de amor cristão são suas maledicências murmurantes que dizem: "O quê? É este o homem piedoso? É este quem está tão perturbado por seus pecados? Ora, vede como ele é irritadiço; nada pode agradá-lo, ninguém pode satisfazê-lo". Considera, ó homem, se podes suportar um corpo frágil, que deves muito mais suportar uma mente frágil. Considera, ó homem, que esta irritabilidade dele o fere mais no coração do que qualquer injúria que pudesses lhe impor. E, portanto, visto que ele aflige sua própria alma por isso, não precisas acrescentar nada à sua aflição nem exacerbar seu sofrimento doloroso.

Considera que é uma coisa bendita refletir misericordiosamente sobre o estado do necessitado, e que tocar em uma ferida aberta e forçar uma chaga que sangra nada mais é do que, com os amigos de Jó, trazer um novo tormento onde não há necessidade dele. Assim como o pai sábio antes apieda-se do que repreende seu filho quando, por razão de doença, o apetite não é facilmente satisfeito; assim, se pretendemos fazer algum bem a uma mente aflita, não devemos ser austeros em repreender cada enfermidade, mas piedosos ao considerar a terna fragilidade dela. Nem digo isto para nutrir a irritabilidade em ninguém, mas desejaria que se esforçassem pela paciência e

buscassem a paz; a qual, embora não a encontrem de início, devem contudo, por meio da oração, esperar no Senhor e dizer: "Senhor, porque Contigo há misericórdia para que sejas temido, esperarei em Ti, como o olho do servo espera pela mão de seu senhor. Condenar-me-ei por minha loucura e direi: Ó minha alma, por que estás tão pesada? Por que estás tão abatida dentro de mim? Confia ainda no Senhor, pois Ele é a tua saúde e a tua salvação".

FINIS

SEÇÃO II. O Segundo Tratado, pertencente ao Conforto de uma Consciência Aflita.

Em todas as aflições, os filhos de Deus devem atentar para o fim: devem desejar tirar proveito delas e, nelas, buscar o caminho do sólido conforto e consolação. Para que o encontrem, devem saber que as aflições dos piedosos duram apenas um pouco; elas lhes servem tão somente como bálsamos e remédios, e o fim delas é sempre feliz. Nelas, eles não são apenas preservados e purificados de muitos pecados, mas também grandemente embelezados com a imagem de Jesus Cristo, que é o filho primogênito na casa de Deus. Ademais, a cruz dos verdadeiros cristãos é o doce e amável chamado de Deus ao arrependimento, no qual Ele nos recorda de considerar nossas dívidas; pois somos propensos a pensar que o dia do pagamento ainda está longe. Sim, caímos no sono até que nosso turno termine e, enquanto Deus prolonga nossos dias aguardando nosso arrependimento, jamais pensamos em nossos pecados, até que chegue a hora em que perecemos em vergonha.

O melhor encontro com a visitação do Senhor, portanto, é, sem demora e em sinceridade, orar pelo perdão de nossos pecados. Pois é por isso que o Senhor, muitas vezes, nos acorrenta ainda mais com os grilhões de Seus castigos: porque somos mais cuidadosos em sermos descarregados de nossa enfermidade do que em sermos libertos de nosso pecado — o qual, antes, relutamos em confessar, porque não desejaríamos ser vistos como estando sob a ira de Deus. Outros há que, ouvindo sobre seus pecados no tempo de suas aflições, reconhecerão, de fato, que suas enfermidades são a mãe de tal prole; contudo, não possuem verdadeiro remorso para se

refrearem do pecado, porque possuem apenas um conceito confuso sobre ele. E, embora seu navio seja intensamente sacudido e atormentado, não pensam que é Deus quem segura o leme. Esses homens, se Deus os suporta, estabelecem-se, por assim dizer, em suas borras, e ficam como que encharcados em seus pecados. Pois a prosperidade é uma embriaguez que nos lança em um sono profundo; e quando o Senhor nos deixa a sós, não cessamos de nos lisonjear, persuadindo-nos de que estamos no favor de Deus e que Ele nos ama, porque não nos açoita. E assim, negligentes, permanecemos enquanto medimos o amor de Deus segundo nosso próprio senso e humor. Nisto, revelamos nossa ignorância sobre o exercício da cruz, visto que a aflição é a mãe da humildade, a humildade gera o arrependimento, e o arrependimento alcança a misericórdia.

Há também alguns que, usualmente, enquanto o temível julgamento de Deus está diante de seus olhos, seja em si mesmos ou em outros, possuem alguns movimentos passageiros e pensamentos súbitos de seus pecados e da paixão de Cristo; contudo, em todos os outros momentos, suas mentes estão tão fechadas para não pensarem em tentações, e seus corações tão trancados para não preverem ou meditarem sobre os julgamentos, que não sentem nenhuma tristeza piedosa. Eles zombam dos dias de pranto dos eleitos, como se estes fossem de natureza melancólica; fazem do pecado um esporte, lembrando-se pouco do aguilhão que, ou lhes traspassará o sangue do coração mui temivelmente na hora da morte, ou os encontrará com agonias lancinantes no dia de sua visita, mais apressadamente. Porventura pensam ter dado bom testemunho e palavra de seu arrependimento e lembrança de Deus quando dão um suspiro profundo e se vão, passando pela pesada indignação de Deus como quem passa sobre brasas

vivas. Assim, enquanto o Senhor, na prosperidade, lhes oferece amplas porções de Seu amor, eles brincam com Sua Majestade e fazem pouco caso de Sua misericórdia.

Todas essas imperfeições poderiam ser melhor corrigidas se, em nosso mais profundo repouso, com um reverente e humilde temor dos julgamentos de Deus, esperássemos pelo dia de nossa provação e nos preparássemos para as visitações do Senhor. Pois o sentimento da misericórdia de Deus deve provir da visão de nossa miséria pelo pecado; o qual, sendo perdoado, logo teremos nossas enfermidades curadas. Portanto, aprendamos primeiro a purificar nossas almas do pecado, e então a sustentar as chagas de nosso corpo. Certo é que, se permitimos que nossos corações fossem lavrados pelo ancinho dos julgamentos de Deus (conforme a ocasião dada pelo Senhor), tornando-nos mansos e bem exercitados no temor de Deus, chegaremos ao sentimento de nossos pecados. O sentido disso, se trouxer, por assim dizer, uma enfermidade ao corpo e um corrosivo à alma, é um penhor indubitável de nossa regeneração; e felizes somos se nos encontramos assim doentes e perturbados com nossos pecados.

É verdade que dificilmente podemos (estando no combate e na agonia) fazer qualquer diferença entre os movimentos para o mal e o consentimento ao mesmo. Pois, muitas vezes, maus movimentos possuem as almas dos filhos de Deus, afundando-se tão profundamente nelas que, embora chorem, orem e meditem (que são os últimos meios e remédios para aliviá-los e curá-los), e embora os sintam com tédio e aversão, como sentimos a doença em nossos corpos, contudo esses movimentos estarão continuamente neles sem diminuir, exceto pelo deleite. Portanto, para nosso conforto nisto, não devemos nos martirizar com a inquietude da mente por

estarmos tão infestados e cercados por movimentos e assaltos ímpios; antes, aquietemo-nos e não permitamos ser impedidos por enfermidades, seja do corpo ou da mente, por meio das quais nos tornaríamos mais inúteis para nós mesmos e para toda a Igreja de Deus.

Pois os piedosos não serão de tal modo libertos do pecado que deixem de ser assaltados por maus movimentos, suspeitas, delírios, vãs fantasias e imaginações; o corpo do pecado jamais estará longe de nós enquanto vivermos. Pois a sua escória está quase continuamente fervendo e borbulhando em nós, espumando tal fétida imundice e odor estéril em nossas mentes, que não apenas é detestável à mente regenerada e renovada pelo Espírito de Deus, mas também faria corar o próprio homem natural ao olhar para tão repugnante chiqueiro de pecado e sumidouro de iniquidade. Sim, isso nos faz muitas vezes desfalecer e, se fosse possível, corromperia a própria parte regenerada. Pois imenso é o poder e furiosa é a força do pecado. Nem por tudo isso devemos cessar de lamentar nossos pecados, nem, por outro lado, desesperar, embora nossa tristeza seja pequena. Pois, se estamos entristecidos pela dureza de nossos corações; se podemos nos afligir por não estarmos mais aflitos por nossos pecados; se podemos apenas suspirar e gemer porque sentimos nossas iniquidades — isso é um conforto tanto maior para nós, quanto maior é o testemunho de que nossos corações não estão totalmente endurecidos. Assim, se sentimos tristeza de fato, embora não choremos, podemos colher conforto, considerando que esta tristeza é pelo pecado, com amor e fome de justiça.

Sim, se nossos assaltos forem desconfiança, orgulho, arrogância, ambição, inveja, concupiscência, tão quentes como o fogo na fornalha todos os nossos dias; e embora Satanás

derrame óleo em grande medida e fora de medida, de modo que seja pela maravilhosa misericórdia do Senhor que permanecemos de pé; e embora nossas orações sejam enfadonhas e cheias de cansaço; se o esforço e a tensão de nós mesmos para a bondade forem tão árduos que não saibamos se lutamos por medo da punição ou por amor a tão bom Pai — contudo, se sentimos isso em nós mesmos, que desejaríamos amar ao Senhor e ser melhores, e estando exaustos e cansados de nossos pecados, ansiamos alegremente por desfrutar da paz da justiça e desejamos agradecer a Deus em uma simples obediência de fé, então consolemo-nos: não há tempo tarde demais para o arrependimento. Pois chega rapidamente a Cristo (ainda que na hora da morte) aquele que vem voluntariamente e no desejo de uma vida melhor, por mais que o pecado e Satanás, naquele momento, tentem persuadi-lo do contrário.

Pois, como a abelha que, tendo perdido o seu ferrão em outrem, continua, não obstante, a fazer um ruído temível e penoso pelo seu zumbido constante ao nosso redor, mas é incapaz de nos ferir; assim o pecado e a morte, tendo perdido seus agulhões em Cristo Jesus, não cessam de modo algum, mesmo no auge do calor abrasador de nossas consciências, de murmurar e, com furiosas tempestades de tentações, aterrorizar a nós e às nossas consciências, embora jamais nos firam. Portanto, se Satanás acusar nossas consciências de pecado (se pudermos sentir as coisas há pouco mencionadas em nossas consciências), ordenemos que ele não nos diga o que fomos, mas o que desejaríamos ser. Pois somos tais por imputação, como somos em afeição; e agora não é pecador aquele que, pelo amor que devota à justiça, não desejaria ser pecador. Tais como somos em desejo e propósito, tais somos em conta e consideração perante Deus, que concede esse verdadeiro desejo

e santo propósito a ninguém senão aos Seus filhos, a quem Ele justifica.

Nem, indubitavelmente, pode a culpabilidade do pecado quebrar a paz de nossa consciência, visto que é obra de Outro, que nos recomendou como justos diante de Deus e nos salvou. Deve-se, de fato, confessar que nossas próprias obras nada farão na questão da justificação, a qual, de Cristo e em Cristo, nos é dada livremente. Deve-se conceder que, em nós mesmos, somos mais fracos do que para resistir ao menor pecado, estando tão longe de podermos encontrar-nos com a lei, o pecado, a morte, o inferno e Satanás; e, contudo, em Cristo, somos mais que vencedores sobre todos eles. Quando a lei te acusar porque não a observaste, envia-a a Cristo e diz: "Há um homem que cumpriu a lei; a Ele me apego; Ele a cumpriu por mim e me deu o cumprimento dela. Nada tenho a ver contigo; tenho outra lei que te abate, a saber, a lei da liberdade, que por meio de Cristo me libertou". Pois minha consciência, que doravante serve à lei da graça, é um Príncipe glorioso para triunfar sobre ti.

Se o pecado vier e quiser agarrar-te pela garganta, envia-o a Cristo e diz: "Tanto quanto podes fazer contra Ele, tanto direito terás contra mim. Pois eu estou nEle, e Ele em mim; portanto (ó pecado), sou justo por meio do meu Cristo, que se fez pecado para me libertar, a mim que fui um pecador condenado". Se a morte rastejar sobre ti e tentar devorar-te, dize-lhe: "Cristo te venceu e abriu para mim as portas da vida eterna. Tu querias matá-Lo com o aguilhão do pecado, mas, sendo este sem força, teu propósito (ó morte) falhou; e Ele, sendo minha vida, tornou-se a tua morte". Se Satanás te intimidar a responder por tuas dívidas, envia-o também a Cristo e diz: "Que a esposa não é passível de ação judicial, mas sim o

marido; move tua ação contra Cristo, meu Esposo, e Ele te dará resposta suficiente". Quem, pois, nos condenará? Ou que juiz nos intimidará? Visto que Deus é o nosso Juiz e nos absolve? E Cristo foi condenado e nos justifica? Ele é o nosso Juiz, que não quer a morte do pecador; Ele é o nosso Advogado que, para nos escusar, permitiu ser acusado por nós.

Ó inferno glutão, onde está tua defesa? Ó pecado cruel, onde está teu poder tirânico? Ó morte voraz, onde está teu aguilhão sangrento? Ó leão que ruga, por que te enfureces e espumas? Cristo, minha Lei, luta contra ti, ó lei, e é minha liberdade; Cristo luta contra ti, ó pecado, e é minha justiça; Cristo luta contra ti, ó diabo, e é meu Salvador; Cristo luta contra ti, ó morte, e é minha vida. Tu desejaste pavimentar meu caminho para o lago ardente dos condenados; mas, contrariamente à tua vontade, és constrangida a erguer a escada pela qual devo ascender à nova Jerusalém. Portanto, se nos encontrarmos desamparados por Deus, de modo que percebamos nada além de matéria para o desespero, mantenhamos nossa posição e, na certeza de nossa fé, sustentemo-nos, pois Cristo nos é dado por Deus para que Ele extinguisse o pecado, triunfasse sobre a lei, vencesse a morte, superasse o diabo e destruísse o inferno, para nosso único conforto e consolação.

Mas, porventura, alguém dirá: "Minha fé é fraca e fria, e minha consciência é como uma lâmpada flamejante e uma fornalha ardente; temo que o Senhor ainda me persiga com Sua colérica indignação". Fazes bem em temer; mas teme e não peques. Pois o temor que submete a segurança da carne é em tudo mui necessário, visto que, quanto mais fracos somos em nós mesmos, mais fortes somos em Deus. Mas aquele temor é perigoso, o qual impede a certeza da fé, pois encoraja nosso

inimigo a nos atacar mais ferozmente quando nós (entrando no campo) lançamos fora nossa armadura, que deveria especialmente nos defender. Consola-te: o Senhor não apagará o pavio que fumeja, nem quebrará a cana esmagada; Ele não olha para a quantidade, mas para a qualidade de nossa fé.

Pois, como uma boa mãe não rejeita seu filho porque, por alguma enfermidade, ele está fraco, débil e incapaz de andar sozinho, mas antes se compadece dele e o sustenta, para que não caia, e compensa com afeto materno aquilo que em seu filho falta pela ocasião; da mesma maneira, o Senhor Deus, nosso mui gracioso Pai, não nos lança fora porque, por nossas imperfeições, somos incapazes ou temerosos de nos aproximarmos do trono da graça; mas antes se compadece de nós e, vendo-nos de longe desejosos de vir a Ele, encontra-nos pelo caminho e, pela graça e força de Sua própria mão, dirige nossos passos ao Seu reino. E como aquele que, propondo-se livremente a dar uma barra de ouro, não retirará o seu dom porque a mão de quem o deve receber está fraca, afligida pela gota, paralisia ou lepra, de modo que, por qualquer meio, ainda que em grande fraqueza, ele seja capaz de segurá-la; assim também o Senhor, propondo em livre misericórdia conceder-nos um eterno peso de glória, não nos privará dele, embora muitas manchas imundas tenham poluído e enfraquecido nossa fé, contanto que, em qualquer pequena medida, sejamos capazes de nos apegar às Suas promessas. Nem devemos buscar a perfeição da fé, porque jamais cremos como deveríamos; mas antes olhar para aquilo que o Evangelho oferece e concede, e para a misericórdia e paz de Deus em Cristo, em cujo colo, se pudermos reclinar nossas cabeças com São João, estaremos em felicidade, segurança e perfeito sossego.

Ao contrário, há alguns que (não obstante uma consciência atormentada ser uma serpente que pica, e que seria muito melhor que todas as criaturas se levantassem contra nós, cada uma trazendo sua ruína, do que uma vez comparecer diante da face terrível de Deus) são tão embrutecidos que estão totalmente resolvidos na dureza. Se são atingidos por doença, gritam "ai de mim"; se são apertados pela pobreza, podem queixar-se; mas quanto ao tormento da mente, não possuem habilidade para lidar com ele. E até mesmo falar de um coração quebrantado, contrito e ferido, é para eles uma língua estranha. Para prova disso, nossas consciências estão embaladas no sono, de modo que nem um entre mil sabe o que é ser pressionado e lavrado pelo ancinho dos julgamentos de Deus. Mas bem-aventurados são aqueles que, para sua própria salvação, sentem isso em seus corpos, enquanto o pecado pode ser tanto punido quanto purgado. Pois, embora Deus nos poupe por um tempo, sabemos o que Ele reserva para o nosso fim.

Portanto, é melhor para nós correremos ao Senhor nesta vida com uma mente atribulada, para que não esperemos até que o Senhor nos tenha trancado com os pesados grilhões do desespero, quando nos convocará à barra de Seu julgamento à vista de Seus anjos e, reunindo o grande júri de Seus santos contra nós, pronunciará nossa terrível e final sentença de condenação eterna. Pois vemos muitos que foram negligentes e banquetearam-se durante toda a vida; sim, e quando os homens trabalharam para fazê-los sentir o julgamento de Deus, tornaram tudo em zombaria; mas a alegria deles o Senhor tanto abateu quando se aproximaram da morte que, em vez de descanso e esporte (aos quais se entregaram), sentiram o terror da morte, do inferno e da danação e, envolvendo suas alegrias

em desespero final, forçaram maldições contra seus prazeres imundos.

Portanto, se nós, na tempestade de nossas tentações, quisermos navegar em curso reto, nem encolhendo nem deslizando para o abismo do desespero, nem batendo nossa barca contra a rocha da presunção; clamemos ao Senhor em espírito contrito: "Tem misericórdia de mim, cura minha alma, pois pequei contra Ti; perdoa todas as minhas iniquidades e cura todas as minhas enfermidades. Tu curas os que têm o coração quebrantado e ligas as suas feridas. Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda O louvarei; Ele é o meu auxílio presente e o meu Deus. Contudo, ó minha alma, guarda silêncio diante de Deus; dEle vem a minha salvação; Ele é a minha força, portanto não serei muito abalado".

Sua magnitude é suficiente para me dar coragem, sim, e o será mesmo quando eu estiver desamparado. Sei que a diminuição do meu corpo, bens, amigos ou qualquer outra coisa é um chamado para aquilo que jamais diminuirá nem decairá. Creio que meu Senhor e meu Deus me atrai diariamente para lá, para que eu não duvide que, quando meu corpo for depositado na sepultura e ali consumido como que em nada, contudo, minha alma, descansando no seio do Senhor, retornará a mim e ressurgirá para a glória — assim como ela (descansando nesta vida nas misericórdias de Cristo) ressurgiu para a graça. Verdadeiramente vejo, e isso com alegria, que minha carne deve caminhar para a decadência; pois qualquer frescor que nela houvesse, diminuía dia após dia. E não preciso ir longe para buscar a morte, pois não sinto a menor enfermidade em meu corpo que não seja para mim um mensageiro da dissolução. Contudo, apesar de tudo isso, verei

o meu Deus; e quando eu estiver coberto no ventre da sepultura com a terra, estou seguro de que Ele me estenderá Sua mão para me levantar novamente para a beleza de Sua herança: de modo que esta pequena cabana e abrigo de folhas, sendo levada à sepultura, será transportada para um tabernáculo incorruptível.

Assim, comungando com nossos próprios corações e permanecendo na paz de uma boa consciência quanto aos nossos sofrimentos exteriores, descobriremos que o Senhor, por Seus castigos paternais e amorosos, não pretende nada mais do que provar nossa obediência, como é justo que faça, e confirmar nossa fé, o que também é mui necessário. Todavia, como eu disse, Ele usa uma correção paternal, isto é, em misericórdia, medida e juízo. Pois, assim como nos abate em ira por nossos pecados com uma mão, assim nos levanta novamente em amor para nossa salvação com a outra mão. Pois, embora Suas correções sejam feridas enfadonhas para a carne e o sangue, contudo são remédios soberanos para a alma e a consciência, especialmente quando o Senhor nos concede aquele privilégio de Seus filhos: que por Seu Santo Espírito Ele nos domine, para que finalmente não sejamos nós os Seus juízes, mas Ele o nosso.

E por esta causa o Senhor é muitas vezes provocado a assumir (por assim dizer) uma face contrária e a nos trancar em uma prisão de adversidade, para nos refrear da liberdade de nossos pecados, nos quais Satanás desejaria que nos lançássemos violentamente. E certamente, embora a sabedoria da carne nos convença de que nada é melhor do que ser poupado e não ser visto quando o Senhor nos chama a contas, contudo o Espírito, mostrando nosso estado desesperador sem o crivo da aflição e o batedor da adversidade, ensina-nos que

não podemos estimar suficientemente esta entre todas as bênçãos de Deus, sendo ela a mãe da humildade e a fonte do verdadeiro arrependimento.

Novamente, o Senhor, muitas vezes por tentações internas e cruces externas, retira-nos da estaca da segurança e da relutância para as boas obras, para que, com o tempo, não percamos a experiência de nosso conhecimento e fé em Cristo, e busquemos algum tipo de vida mais fácil para a carne e o sangue. Nem podemos verdadeiramente nos arrepender até que, por alguma cruz, saibamos que este mundo é um lugar de tristeza, e não de alegria e deleite. Pois, enquanto fazemos de nossa prosperidade um baluarte para repelir todos os danos, devemos esperar pela adversidade para abater as velas altas de nossos corações orgulhosos, pelos quais corremos atrás de nossas próprias concupiscências e deixamos a âncora da paz, que é nossa confiança em Deus.

Aprendamos, então, quando o mundo começar a nos favorecer e tivermos, por assim dizer, cem mil soldados para nos sustentar, a não estarmos seguros; pois nada é mais fácil para um homem do que fazer-se acreditar que sempre continuará em estado feliz e pensar que morrerá no ninho. Mas devemos ser como pássaros em um galho, prontos para partir ao prazer de Deus, e isso sem resistência quando o Senhor nos visitar. E porque somos mui propensos a pensar que possuímos as coisas por direito próprio, as quais detemos pela livre bondade de Deus, somos ensinados na aflição quão hedionda ingratidão seria obrigar o Senhor a nos manter continuamente nesta vida com tanto encargo e custo, sem respeito aos Seus dons gratuitos e imerecidos; ou litigar contra Ele e processá-Lo, por assim dizer, por uma obrigação, de cujas mãos deveríamos mendigar diariamente e em cuja porta recebemos

todo o nosso sustento; ou fazer uma renda fixa de tudo o que Ele dá por Sua livre liberalidade. Assim, ao final, reivindicamos os dons de Deus como nossos e fazemos conta de ter sua companhia até a sepultura, pelo que provocamos o Senhor muitas vezes a provar em nossas faces que tudo o que temos é apenas emprestado.

Tenhamos, pois, tal olhar para cada golpe que, quando quer que o Senhor coloque qualquer cruz sobre nós, estejamos prontos para recebê-la e para Lhe entregar nossos títulos, cuja condição é que estejamos prontos para partir quando quer que Lhe apraza, sabendo que a providência de Deus nos impele sempre para o melhor, e para o que mais possa contribuir para a pressa de nossas almas rumo à nossa herança eterna. Aprendamos a não fazer as contas sem o anfitrião, e que detemos nossa prosperidade do Senhor não em propriedade plena, mas como inquilinos precários, isto é, de dia em dia, resignando a Deus a soberania de nos revogar quando Lhe aprouver. Assim, convém ao Senhor mudar nosso estado, para que não nos tornemos enredados nos dons da prosperidade e nos tornemos tão tolos a ponto de não seguirmos nosso caminho para a vida celestial.

Nossa inclinação natural é esquecer que estamos na terra como peregrinos; é saltar para as nuvens e prometer a nós mesmos que todo o curso de nossas vidas será em prosperidade; e enquanto Deus nos deixa a sós em nosso conforto, tomamo-nos (por assim dizer) por pequenos deuses. Mas quando nos vemos encerrados e não sabemos qual será o fim de nossa miséria, descobrindo que somos mantidos nesta vida apenas como jornaleiros, pagos pelo dia presente, mas sem saber o que será de nós no dia seguinte, desejamos tomar nosso descanso no seio da providência de Deus; e tanto mais

baixamos nossas velas quando o Senhor proclama guerra contra nossa segurança próspera, a qual nos persuade de que viveremos para sempre e nos afasta de meditar em nossas misérias e fragilidades.

Portanto, cortemos nossa prosperidade pelo padrão da humildade e, em nosso melhor estado, coloquemo-nos em prontidão para sofrer a adversidade; e quando estivermos bem, esperemos pelo pior, e mantenhamos boa vigília quando Deus nos trata mui gentilmente, para que, na abundância, possamos prever nossas carências; na saúde, nossa doença; e na prosperidade, nossa calamidade. Pois, concernente às coisas desta vida, os fiéis devem estar em dúvida, para que aquilo que seguram com uma mão possa ser tirado pela outra. Não devemos pensar que desfrutaremos sempre de nossa liberdade e que não veremos cruz alguma; mas devemos nos abrir para receber açoitamentos do Senhor, sabendo que nossos menores clamores deterão Seus maiores flagelos. Esperemos ser assaltados, mas não desmedidamente, porque Deus nos assistirá. Esperemos cair, mas de joelhos, porque a mão de Deus nos sustenta. Esperemos ser humilhados, mas em misericórdia, porque o Senhor nos sustenta; e como estamos seguros de que a misericórdia nos cerca por todos os lados, é nossa parte confessar continuamente perante o Senhor que sempre damos novas ocasiões para que Ele nos siga com novas punições, e que nossos pecados muitas vezes sacodem as asas da misericórdia de Deus, sob as quais fomos por muito tempo confortados.

Pois os filhos de Deus reconhecem sem cessar que Deus tem varas em prontidão (embora não vejam mal presente) para afastá-los de seus pecados; e dedicam todo o seu cuidado em como podem antes sofrer a adversidade para a glória de Deus,

do que dormir seguramente na prosperidade para o seu próprio prazer. Ora, quando o Senhor nos mantém, por assim dizer, no cavalete por estas causas antes nomeadas, devemos orar a Ele para que (de qualquer modo que nos mantenha sob pressão) tenhamos um momento de fôlego para considerar nossos dias passados em prazer e para examinar nossa ingratidão, que nos fecha a porta da misericórdia de Deus. E porque nossas aflições são tanto mais dolorosas quanto mais se aproximam da alma, podemos concluir conosco mesmos em manter o caminho de nossa jornada; e embora não vejamos nada senão espinhos de tentações e abrolhos de afeições malignas, de modo que sejamos obrigados a saltar sobre sebes, rochas e valas, contudo não devemos cessar de continuar no serviço de Deus.

Pois, se não fosse assim, que prova e exame de nossa fé haveria? Se estivéssemos como em um belo prado, onde pudéssemos correr ao longo da margem das águas à sombra, e que não houvesse nada senão prazer e alegria em todo o tempo de nossa vida, quem poderia vangloriar-se de ter servido a Deus com boa afeição? Mas quando Deus nos envia coisas inteiramente contrárias aos nossos desejos, de modo que sejamos obrigados, ora a entrar em um pântano, ora a marchar sobre rochas e pedras escarpadas, então teremos o uso de uma mente bem exercitada na oração, no arrependimento e no desprezo desta vida. E por que o Senhor às vezes permite que definhemos e agonizemos em contínua dor, visto que Ele poderia nos livrar totalmente logo de início? Sem dúvida, para este fim: para que pudéssemos confessar Sua misericórdia mais livremente e sentir o gosto de Sua justiça mais agudamente.

Aprendamos agora a manter todas as paixões da impaciência em cativo, tanto comparando nossos males com as maravilhosas misericórdias de Deus, quanto nossos

pequenos sofrimentos com os conflitos intoleráveis de nossos antepassados. Pois não há causa maior para o nosso desespero sob a cruz do que quando Satanás nos persuade de que jamais alguém foi tratado tão rudemente; ou então nos faria crer que, embora Deus tenha afligido os fiéis que nos precederam, contudo eles não eram tão fracos quanto nós. Mas lembremo-nos de que Deus assim apertou Seus servos, mesmo aqueles a quem amava e cujo bem-estar era caro e precioso aos Seus olhos, e muitas vezes os trouxe a tais extremidades que não eram mais capazes de olhar para cima, nem sabiam como falar, nem como manter silêncio.

Portanto, para que nossas enfermidades não nos dominem e, quando as tentações forem ferozes sobre nós, não saibamos para onde ir, tragamos à memória os santos de Deus, que foram constrangidos com suspiros e gemidos a se curvarem sob a mão de Deus; cujos mártires e filhos atormentados devem ser nossos espelhos, a fim de que por eles aprendamos que, conforme Deus distribui os dons do Espírito, assim também envia maiores aflições, tanto para torná-los mais estimados quanto para causar um fruto mais abundante de sua fé. Como Deus lidou com Abraão — não um homem comum, mas antes um anjo — a décima parte de cujos sofrimentos faria um coração robusto desfalecer? Como foi Davi, o servo de Deus, exercitado na escola de Deus, ele que sentiu todos os dardos de Deus e teve todas as Suas flechas atiradas contra si? Assim, é necessário que as graças de Deus não sejam ociosas em Seus filhos, mas postas a trabalhar pelas aflições, pelas quais podem ser conhecidas em tempo e lugar devidos. Como Deus agiu como um leão para com Ezequias, que (como que com garras e dentes) esmagou e quebrou seus ossos? Não para que possamos acusar Deus de crueldade, mas para que vejamos

com que angústia o Senhor às vezes exercita Seus santos servos e com que paciência Ele os arma; os quais, não obstante Suas veementes provações, sustentam-se em Deus, acusando-se a si mesmos e dizendo: "Eu suportarei a ira do Senhor, porque pequei contra Ele"; e escusando o Senhor com toda a humildade com Davi, no Salmo 114: "Bem sei, ó Senhor, que os Teus juízos são justos, e que com fidelidade me afligiste" (Sl 119:75, cf. Sl 114).

É mui proveitoso para a mortificação e para a paciência cristã, também, ocupar nossos corações na casa do luto, mesmo em nossos maiores banquetes, e entregar-nos a alguma meditação séria sobre a adversidade, quando os prazeres presentes mais desejariam nos divorciar da lembrança dela. Assim, embora tenhamos muito em posse, teremos pouco em afeição; e quando Deus mais nos exaltar, temeremos nossa falta de humildade; e então, especialmente, estaremos perscrutando nossas enfermidades, quando o Senhor, para nossa provação, mais nos enriquecer com Seus benefícios. Pois, se o Senhor Deus, ao multiplicar Suas misericórdias, aumenta nossa conta, devemos frequentemente suspeitar, chamar a juízo e processar a nós mesmos pelo uso das criaturas de Deus; Ele, que muitas vezes dá em juízo aquilo que poderia nos negar em misericórdia, e muitas vezes nos priva de algumas coisas em Seu amor, as quais poderia nos dar em Sua ira.

FINIS

SEÇÃO III. As Marcas de um Homem Justo.

O homem justo possui três privilégios. Primeiro, que ele jamais perecerá, embora seja frequentemente afligido; sim, se houver um número deles, o Senhor poupará a habitação de seu lugar por amor a eles. Segundo, se o Senhor estiver disposto a trazer destruição sobre uma terra ou país, Ele primeiro livrará o justo, seja pela morte, seja transportando-o para algum outro lugar; como aqui Ele faz com Ló e com os filhos de Israel, quando Faraó foi derrotado. Terceiro, o Senhor não punirá tanto por causa dos ímpios, quanto favorecerá por amor aos piedosos; e se estes caírem nos mesmos castigos temporais, por meio deles o justo será levado para mais perto do céu, mas o ímpio será lançado no inferno, assim como com o mesmo mangual bate-se na palha para ser queimada e no puro grão para ser preservado (Rm 8).

Alguns pensam que não há ninguém justo, o que ocorre ou por ignorância, ou porque veem os pecados e a frouxa justiça de outrem; mas, nesse caso, as Escrituras seriam falsas ao chamar alguns de justos. Então Cristo teria morrido em vão, e não haveria salvação, porque ninguém é salvo senão o justo.

Alguns pensam que a justiça é uma qualidade inerente e que, por meio das obras, podemos ser perfeitamente justos, como antigamente os pelagianos e puritanos, e agora os papistas e a Família do Amor. Mas os testemunhos das Escrituras, que afirmam que toda a nossa justiça é como trapo de imundícia e que não somos capazes de responder a uma coisa entre mil, etc., e também os pecados daqueles que na Palavra são contados como justos, provam o contrário: pois Abraão pecou depois de ter sido declarado justo, ao desconfiar da providência de Deus, ao possuir sua serva, ao mentir e ao

fazer sua esposa pecar. Assim também Ló, ao apartar-se de Abraão, a quem a aliança fora feita, e sem justa causa; ao relutar em partir de Sodoma; ao deitar-se com suas filhas. Assim também pecaram Davi, Jó, Zacarias, Noé, Pedro e o Publicano, os quais foram todos justificados pela fé como Abraão, que creu em Deus (2Pe 3; Hb 11; Lc 18).

Alguns, como um meio-termo entre estes, magnificam a justiça que é pela fé sem as obras, mas, entretanto, vivem impiamente; estes, porém, imaginaram um tipo de justiça comum aos protestantes dissolutos, a qual será melhor descoberta quando se estabelecer o que é um homem justo (Rm 4:3).

A verdadeira justiça é por imputação: para cuja obtenção devemos, primeiro, sentir e reconhecer que somos desprovidos de toda justiça e cheios de toda injustiça, em razão de nossos pecados. E isso fez com que Paulo contasse toda a sua justiça anterior como esterco. Segundo, que nós, sentindo o peso de nossos pecados, desejemos abandoná-los e ser libertos da punição a eles devida (Sl 32; Mt 11:28; Fp 3). Terceiro, que pela fé voemos para Cristo, buscando ter a Sua justiça imputada a nós, e nossos pecados não imputados, mas totalmente perdoados. Assim foi o Publicano e Abraão; assim Cristo nos é enviado como Mediador quando somos feridos pela espada da Palavra.

Ora, embora sendo assim justificados em Cristo, o pecado ainda permaneça em nós; nem por isso ele deve reinar em nossos corpos mortais, mas devemos fazer a obra de nosso pai Abraão, andando em retidão de coração perante o Senhor, como foi exigido de Abraão; sentido no qual Davi diz: *Em cujo espírito não há dolo*; como se dissesse que seus pecados ainda

permaneceriam se ele não andasse retamente. Esta retidão de coração pode ser provada por quatro notas especiais:

Primeiro, que amemos todas as coisas boas tanto quanto uma só, e odiemos todos os pecados tanto quanto um só, e isso tanto em nós mesmos quanto nos outros; de modo que, embora não possamos cumprir tudo, tenhamos respeito a todos os Mandamentos (Sl 119:6). Do que São Tiago dá a razão quando diz que Aquele que ordenou um, ordenou o outro; por meio do que ele descobre a hipocrisia daqueles que tinham a religião em acepção de pessoas, e tal é a religião dos papistas e da Família do Amor (Lc 18; Rm 4; Fp 3:2; Hb 4; Gn 17; Sl 4, 32 e 129; Tg 2). Tal foi a religião de Herodes e do jovem que queria seguir a Cristo; mas quando um foi repreendido por seu adultério e ao outro foi ordenado vender tudo o que tinha, não quiseram mais ser discípulos, embora antes fizessem muitas coisas de boa vontade e fossem grandes professores. Tal é o estado de muitos protestantes, que condenarão o adultério e, no entanto, serão gananciosos; sim, farão grandes coisas, mas não serão levados a glorificar a Deus em suas vocações, o que mostra ser a religião deles vã e seus corações cheios de hipocrisia.

Contudo, esta regra pode ter exceções: pois não conhecemos todo o bem nem todo o mal de início, muito menos amamos um e odiamos o outro como deveríamos; sim, vemos muitos pecados dos quais ainda não podemos sair como deveríamos. Novamente, pode haver pecados de fragilidade, embora não de presunção; mas se não nos entristecermos por estes e não estivermos descontentes conosco mesmos quando por algum deles formos surpreendidos, e se não odiarmos o pecado e amarmos a bondade quando o Senhor no-la revela, mantemos uma má consciência e nossa corrupção será descoberta. Pois, na medida em que gostamos do pecado, nessa

medida há hipocrisia em nós; e se, quanto mais pecamos, mais nos entristecemos, é sinal de retidão, e então há esperança de recuperar a queda, pois isso gera um cuidado e uma luta para sair do pecado e, por fim, uma recuperação; mas no hipócrita ocorre o contrário.

A segunda nota é que tenhamos um cuidado singular em agradar e glorificar a Deus em todos os nossos atos, e em nos aprovarmos diante dEle sem esperança de recompensa, ainda que nos sobrevenham problemas por isso, e isso apenas porque desejaríamos agradar a Deus e glorificar o Seu Nome, e pela mesma causa evitar o mal. A falta disso fez com que Cristo repreendesse os escribas e fariseus pelo jejum e oração, porque o faziam para serem vistos pelos homens. A falta disso condena os papistas e a Família do Amor em todas as suas obras, porque as fazem para que, por meio delas, possam ser justos. Quando a justificação era atribuída às obras, então os homens edificavam igrejas, abadias, etc., e essas coisas eram grandemente louvadas pelos homens; mas agora, quando as boas obras são ordenadas não para merecer, mas para a glória de Deus, como sinais e selos da justiça, poucos são levados a fazê-las, o que é um sinal de que há poucos homens justos sobre a terra.

Esta regra também tem suas exceções, pois veremos muita rebelião em nossa carne e, com ela, hipocrisia; mas devemos notar qual é o nosso objetivo principal e o que exerce o maior domínio dentro de nós, e por isso seremos nomeados, como é o uso em outras coisas — como ser desta ou daquela compleição porque esta ou aquela é a principal; e chama-se pão levedado, embora água seja misturada a ele. Assim, se nossas consciências testemunham conosco que nosso principal cuidado é agradar a Deus, então nosso coração é reto para com Deus, embora a hipocrisia esteja unida a ele. Pois uma coisa é

fazer algo por hipocrisia, e outra coisa é o ato misturado com hipocrisia; uma coisa é pela vanglória, e outra coisa misturada com vanglória. Se nada pudéssemos ver em nós mesmos, ainda assim não deveríamos nos justificar; e quando vemos enfermidades unidas ao nosso cuidado especial, devemos ter o cuidado de abandoná-las e lutar para isso, de modo que não nos entreguemos a elas, mas antes que elas nos levem cativos; e sempre que as virmos, que contemplemos Satanás nelas e, portanto, as odiemos; e embora elas nos esbofeteiem, ainda assim oremos e nos armemos contra elas, como Paulo fez (2Co 12:7).

A terceira nota é que jamais nos contentemos conosco mesmos, nem nas coisas que fizemos, mas que sigamos sempre adiante para abandonar o pecado e nos aproximar de Deus. E isso pode ser visto em Abraão e está estabelecido nos Provérbios. E Paulo diz: *Todos quantos somos perfeitos, sintamos isto mesmo*. Aqui, então, são revelados aqueles que ou param nos princípios, ou então retrocedem quando já avançaram um pouco. Pois, se provamos uma vez da boa graça de Deus e depois nos desviamos dela, é impossível sermos renovados pelo arrependimento, do que há duas causas: primeiro, porque estão sempre aprendendo e nunca chegam ao melhor (Is 28), onde o Profeta repreende dizendo: *Mandamento sobre mandamento, regra sobre regra*. Segundo, porque se atingem o conhecimento, contudo não se edificam sobre ele para manter uma boa consciência; e assim a experiência ensina naqueles que se tornam heréticos. Isso é tão temível para os piedosos que eles prefeririam cair em todas as misérias de Jó do que nesta apostasia. Devemos, então, prosseguir sempre, dando louvores a Deus por termos feito algo, e contudo não tanto para nos ensoberbecermos com isso, mas entristecidos

por não termos feito tanto quanto deveríamos; de modo que olhemos para nossos pecados para nos humilhar, e para o bem que o Senhor operou em nós para sermos gratos.

Contudo, às vezes os filhos de Deus veem que não avançam, mas como que se detêm; sim, às vezes caem em pecados grosseiros. Quanto ao primeiro caso, se não lutarmos contra isso, não nos desagradarmos por isso, nem prantearmos porque assim ocorre conosco, estamos em perigo de que o Senhor nos exclua. E se Ele pune aqueles que não avançam assim, o que será daqueles que retrocedem? Mas se nos desagradarmos por nossos pecados e prantearmos lutando contra eles, podemos tirar disso sólido conforto. E quanto ao segundo caso, o Senhor reverte as quedas de Seus filhos para que avancem e cresçam mais rápido; pois assim eles veem mais sua corrupção, com a qual sendo humilhados (embora seja algo mui temível para os cristãos cair em qualquer pecado grosseiro), eles voam mais rápido para Cristo. E, novamente, a queda os torna mais cautelosos e também os faz correr mais depressa, como aqueles que correm em uma carreira ou viajam em uma jornada: sendo retardados ou por uma queda ou pela companhia, depois apressam-se mais para que não percam o seu propósito. Davi, após sua queda, levado a ver sua corrupção original, implorou mais fervorosamente pelo Espírito para ser renovado nele. Os filhos de Deus, então, caem, mas o Senhor o revela e eles se levantam novamente; mas os hipócritas e ímpios continuam no mesmo estado e vão de mal a pior, porque a salvação não é dada a ninguém senão àqueles que a amam (Pv 4:18; Fp 3:15; Hb 6; Is 28; Ap 3; Hb 3:14; Sl 51; Sl 119:6-10; Sl 15 e 16).

A quarta nota é que amemos os homens justos e as coisas justas, tanto nos outros quanto em nós mesmos. Homens

justos, isto é, ou aqueles que estão à nossa frente, nossos iguais ou nossos inferiores. Devemos amar aqueles que estão à nossa frente, para que possamos segui-los e ser como eles, e não para nos agradarmos em nós mesmos; e, portanto, devemos ser desejosos de manter a companhia deles, sejam pregadores ou professores. Pois aqueles que amam o aprendizado deleitar-se-ão na companhia daqueles que são instruídos; e se amamos os homens bons porque o são, é um bom sinal de que amamos muito mais a Deus, que é a própria bondade; como se o pai ama o mestre de escola por amor ao filho, é sinal de que ama muito mais o seu filho. E se assim for, isso nos impedirá de invejar ou desprezar os dons que vemos nos outros; mas antes daremos a Deus a glória por eles e buscaremos lucrar com eles; ao contrário de tudo isso é o homem injusto e vanglorioso.

Para que mais prontamente fizessemos isso, Cristo prometeu uma recompensa: *Quem recebe um profeta*, etc. Sim, vemos que homens mundanos foram abençoados por amor aos piedosos, como Labão por Jacó, Potifar por José e Nabucodonosor por amor a Daniel; muito mais são os piedosos abençoados, como Abraão e Ló receberam anjos em forma de homens, tiveram a praga revelada a eles e escaparam. Assim Ebode-Meleque e Baruque tiveram suas vidas por despojo por causa de Jeremias, o Profeta; assim a mulher sunamita recebeu bênçãos singulares por hospedar Elias. Ao contrário, o homem que não ouve a instrução, nem ama os homens justos, mas despreza os que lhe são superiores, sendo elevado aos seus próprios olhos, não possui justiça em si. Isso também traz uma punição, como se viu sobre os judeus, que mataram os profetas, mas cujos filhos edificaram seus sepulcros. Assim, podemos pensar bem de muitos quando eles se foram, mas quando estão presentes conosco e poderíamos receber algum proveito por

eles, não os podemos digerir. Mas devemos considerar os outros melhores que nós mesmos, contudo aprovando-nos tanto a Deus quanto aos outros também, como Paulo faz (Mt 10; 2Co 5).

Devemos amar nossos iguais, tanto para confirmá-los quanto para por eles sermos confirmados. O verdadeiro e sensível sentimento de nossas próprias carências nos moverá a este dever, para que tenhamos o mesmo deles (Rm 15:14; Jd 20).

Devemos amar nossos inferiores, para instruí-los e atraí-los para frente. E porque nossas vocações não nos permitirão fazer isso com todos, devemos primeiro começar com os que nos são mais próximos, como os pais com suas esposas e filhos; os senhores com seus servos; os príncipes com seus súditos. Assim Abraão ensinou sua família; de outro modo, ele não poderia ter esperado pelo cumprimento da aliança, da qual um dos fins era este: que ele ensinasse sua família. Isso pertence a nós e a todos os cristãos, que sendo justos têm a aliança feita com eles e com sua semente; e, portanto, devem eles ser ensinados e instruídos, para que guardem as ordenanças de Deus e observem Suas leis. A pequena prática disso mostra que poucos homens possuem o penhor da salvação em si mesmos. Este amor estende-se mais longe a outros, como aos parentes: pois os ímpios tomam grandes dores para tornar muitos semelhantes a si mesmos, o que deve ser uma vergonha para os cristãos se não lutarem diariamente para ganhar alguns. E para que façamos isso, há uma recompensa: *Aquele que converter um pecador brilhará como as estrelas*. Mas se é condenado aquele que destrói o corpo e permite que até o jumento caia, quanto mais o será aquele que perde uma alma?

Devemos amar todas as coisas justas nos outros, como em nós mesmos. Devemos acautelar-nos dos homens injustos e separar-nos deles; mas isso deve ser em relação aos seus pecados e corrupção, pelos quais Deus é desonrado; não em relação à sua pessoa, que Deus fez, o que pode ser provado desta sorte: se não espalhamos suas faltas, mas até pranteamos por elas e por sua salvação. Assim Ló pranteou, e aqueles são assinalados que choraram pela iniquidade do tempo e foram preservados. Em relação à glória de Deus, estar irado; mas em relação aos homens, lamentar: este é o verdadeiro zelo. E assim Cristo irou-se e chorou sobre Jerusalém. Contudo, aqui deve ser considerada a maneira de ofender; pois alguns pecam por malícia e outros pecam por enfermidade. Assim devemos odiar todas as coisas injustas e prantear por elas, e não apenas por elas, mas também pelo abuso daquelas coisas que, em sua própria natureza, são lícitas (Gn 18; Mt 23; Tg 5; Dn 12; Mt 25; Mt 5; Sl 126; 2Pe 2; Ez 9:4; Sl 119:3-5; Mc 3; Rm 15; Sl 69; Jr 12).

FINIS.

SEÇÃO IV. Sinais Doces e Certos da Eleição, para aqueles que foram Humilhados.

1. Um esclarecimento do juízo, concebendo a verdade e o verdadeiro significado das Escrituras, quer façam a nosso favor ou contra nós.
2. Uma repreensão do pecado interiormente, uma pobreza de espírito daí decorrente e um pranto por isso (Mt 5:3-4).
3. Uma mansidão de espírito, para nos lançarmos aos pés de Cristo (Mt 5:4).
4. Uma fome pela justiça que há em Cristo, e um apreço e estima por ela acima de todas as coisas terrenas (Fp 3:8-9).
5. Um meditar sobre, e um desejo de pensar e falar de coisas celestiais.
6. Um conflito entre a carne e o espírito e, nele, pela prática, o poder do espírito obtendo a vitória (Rm 7:23).
7. Um semear para o espírito, pelo uso dos meios, como a Palavra, a oração, etc.
8. Um propósito sincero, mediante a força recebida, de consagrar-se inteiramente à glória de Deus e ao bem de nossos irmãos.
9. Uma resignação de nós mesmos nas mãos de Deus.
10. Uma expectativa do aumento diário da saúde de nossa alma e da ressurreição de nossos corpos.
11. O perdão de nossos inimigos.
12. Um reconhecimento de nossas ofensas, com o propósito de verdadeiramente abandoná-las.
13. Um deleite nos santos de Deus.
14. Um desejo de que, após nossa morte, a Igreja de Deus floresça e tenha toda a paz.

15. Um espírito sem dolo: isto é, um propósito sincero de sempre fazer o bem, por mais que nossas enfermidades nos desviem disso.

Estes são sinais seguros de nossa eleição: nos quais, se alguém for carente, contudo deixe-o apenas olhar para o seu coração, se ele deseja e anseia por estas graças, e lembre-se de Ne 1:11; Sl 103:18; Sl 119:6, 40 e 37.

SEÇÃO V. Um Tratado sobre o Contrato Antes do Matrimônio.

Após a oração, ele falou como se segue...

Para que nenhum de nós duvide se há ou não justa ocasião para esta nossa reunião, devemos trazer à memória, até mesmo dos pagãos, que a luz da natureza lhes ensinou que havia uma promessa solene a ser feita pelas partes que deveriam se casar, antes de serem unidas em matrimônio, e isso era chamado de esposais. Portanto, seríamos tanto mais dignos de culpa se negligenciássemos tão bom costume, especialmente sendo recomendado ao povo escolhido de Deus, como podemos colher de Suas palavras: pois lemos que o Senhor Deus fez uma lei concernente às pessoas desposadas, que se fossem infiéis em seus corpos, deveriam ser condenadas como adúlteras, tanto quanto as partes casadas. Maria também estava prometida a José antes da solenização de seu casamento. E o uso da Igreja sustenta-se com boa razão: pois a negligência disso é ocasião para que muitos sejam frustrados em seus casamentos pretendidos, porque alguns deles, por inconstância, retrocedem. É mui apropriado, também, que recebam algumas instruções concernentes às graças e deveres que são exigidos nesse estado, para que possam orar ao Senhor e assim estarem preparados e aptos para serem apresentados publicamente à congregação posteriormente.

Agora, quanto à natureza deste contrato e esposais, embora seja um grau abaixo do casamento, contudo é mais do que um propósito determinado, sim, mais do que uma simples promessa. Pois, assim como aquele que entrega a posse de suas terras por escrito (com todas as condições acordadas) está mais obrigado ao cumprimento de seu negócio do que aquele que

apenas o propôs, ou mesmo fez promessa disso por palavra, embora os escritos ainda não estejam selados; da mesma forma, há uma necessidade maior de manter este contrato de casamento do que qualquer outro propósito ou promessa feita privadamente pelas partes. Observadas estas coisas, pretendo (conforme Deus me der graça) dar algumas lições sobre como deveis vos preparar para viver no estado de matrimônio. Para auxílio de vossa memória, tratarei desta sorte e ordem: primeiro, percorrendo brevemente os Artigos de vossa fé e, depois, os Mandamentos, notando alguns deveres especiais adequados para este propósito.

Quanto à vossa crença em Deus Pai, sabeis (irmãos) que deveis crer nEle como sendo o Criador de todas as coisas, e também o Governador e Preservador das mesmas. Deveis também entender que Ele criou o homem segundo a Sua própria imagem e deu-lhe a preeminência e o governo sobre a mulher, para auxílio do homem, para que ele fosse auxiliado no serviço de seu Deus. Assim, deveis muito mais cuidar para que não sejais impedidos de servir ao Senhor por vossa esposa: pois há muitos que, enquanto desejam o casamento, enquanto sua esperança é adiada, são cuidadosos no cumprimento de seu dever; mas, depois, uma vez desfrutando das coisas que esperavam, tornam-se mais negligentes do que eram antes, desonrando grandemente a Deus por sua ingratidão. E pode ser a única falta do homem se ele não for ajudado por sua esposa a crescer na piedade: pois penso que até Eva, ao mover seu marido Adão a comer do fruto proibido, teria sido uma ajudadora para ele, para torná-lo ciente da maliciosa inimizade de Satanás contra ambos, se, de acordo com a grande medida de graças que recebera do Senhor, ele tivesse sido mais fiel em

obedecer à vontade de Deus e tivesse sabiamente repreendido sua esposa.

E, novamente, embora a mulher tenha sido a ocasião do pecado, contudo a força do pecado para a corrupção da humanidade entrou no mundo pelo pecado do homem. Pois assim diz o Apóstolo em Romanos 5: *Como por um só homem (referindo-se a Adão) entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte; e assim a morte passou a todos os homens, porquanto todos pecaram.* Tanto mais a graça de Deus, e o dom da graça, que é por um só homem, Jesus Cristo, abundou para com muitos. E no terceiro capítulo de Gênesis lemos que os olhos da mulher não foram abertos até que o homem tivesse comido do fruto; mas logo que ele comeu, os olhos de ambos foram abertos e souberam que haviam pecado. Portanto, colho disto que a repreensão deveria ter prevalecido mais para convertê-la do que o movimento dela para transgredir deveria ter sido capaz de pervertê-lo. Não falo para escusar a mulher, pois sei que o Senhor se desagradou dela e, por essa causa, impôs-lhe um castigo especial no doloroso parto de filhos.

Mas falo para mostrar o grande encargo que recai sobre o homem, de conter as corrupções da mulher, em razão da autoridade que o Senhor lhe deu sobre ela; o que desejaria que vós (irmão) considerásseis diligentemente. E vós, minha irmã, deveis tirar proveito ao trazer à memória que este foi um dos fins de vossa criação: que devíeis glorificar a Deus sendo uma ajudadora para vosso marido. Portanto, tende cuidado para não serdes um impedimento para ele, para perturbá-lo ou vexar o seu coração, pelo que ele seria menos frutífero em sua vocação; mas sede alegre para com ele, de modo que, embora ele tenha pouco conforto em todas as outras coisas, contudo encontre grande causa para se regozijar em vós. E isto deveis saber: que,

assim como se exige de vosso marido que busque sabedoria para ser capaz de vos governar, assim o Senhor exige de vós que lhe sejais sujeita, lembrando também que, como Deus vos ordenou silêncio na congregação, assim deveis buscar instrução da boca dele em vosso aposento privado.

Outra coisa que desejaria que ambos considerásseis neste ponto de vossa crença é a fé na providência de Deus. E marcai bem o que vos direi: pois é algo especial, e sei que vos fará bem se Deus o abençoar para vós. Pois, se estiverdes assegurados em vossos corações de que foi o Senhor quem, em Sua graciosa providência, vos uniu assim, sereis confortados contra todas as tribulações e impedimentos que, por qualquer meio, se levantarem contra vós. Pois esta é a natureza de Satanás: levar homens e mulheres a esta dúvida; e quando eles uma vez cedem a ela, que perturbação e que luta ele opera entre eles! Pois de onde surge aquela impaciência de espírito que vemos haver em muitos, em murmurações, em contendas, em palavras malditas e em inquietações semelhantes? Não vem disto, porque não possuem uma persuasão reverente de que o Senhor, em Sua providência, como que por Sua própria mão, os uniu naquele estreito laço e conjunção? Portanto, meu bom irmão e irmã, se desejais continuar e crescer em muito amor e paz um para com o outro, marcai (digo) este ponto diligentemente: pois será um esteio mui confortável para ambos, o que quer que venha a acontecer depois, contrário ao que esperáveis; como se houvesse qualquer desacordo em vossas diversas disposições e naturezas, ou se cairdes em enfermidades, em quaisquer doenças ou provações semelhantes. Lembrando-vos de que isto foi obra do Senhor, podereis estar mais seguros de que, apesar de tudo isso, tudo terminará bem, se fordes constantes na oração, invocando a

Deus Pai por meio da fé em Jesus Cristo. Agora, para que possais provar aos vossos próprios corações que o Senhor vos uniu assim, deveis considerar que deve necessariamente ser o Senhor quem moveu os corações de vossos pais cristãos para darem seus consentimentos legítimos a vós nisto mesmo; e Deus, em misericórdia, vos dará maior segurança disso se observardes os Seus tratos convosco de tempos em tempos.

Agora, quanto à vossa fé em Jesus Cristo, entendei que o matrimônio é santo apenas para aqueles cujos corações são santificados pela fé em Seu nome. E embora Deus sempre aprove Sua própria ordenança, contudo ela necessariamente se provará prejudicial, ao fim, para aqueles que não clamam por Sua bênção sobre a mesma; e, sem arrependimento, tornar-se-á em sua maior condenação. Portanto, deveis ambos examinar-vos diligentemente nisto. E vós, irmão A., deveis aprender por meio disto a amar vossa esposa como Cristo Jesus amou Sua Esposa, Sua Igreja: isto é, assim como nosso Salvador Cristo é mui paciente para com ela e, pouco a pouco, purifica, lava e limpa a corrupção dela, assim deveis vós, de igual modo, em toda sabedoria, usar os meios e, com mente paciente, esperar pela emenda de qualquer coisa que encontrardes estar errada em vossa esposa, e para que as graças do Espírito de Deus aumentem diariamente nela.

Portanto, eu vos encarrego, à vista de Deus e de Seus anjos, e conforme haveis de responder a mim e aos pais desta minha irmã perante o tribunal de Cristo, que, assim como a recebeis virgem de seus pais, assim não negligencieis nenhum dever pelo qual a salvação dela possa ser promovida, para que possais apresentá-la pura e irrepreensível, tanto quanto em vós estiver, a Jesus Cristo, quando Ele vos chamar a prestar contas. E não penseis que este é um encargo mais pesado do que

convém: pois, visto que Deus prometeu uma bênção àqueles maridos que são fiéis na conversão de suas esposas incrédulas, quanto mais, então, prevalecereis com uma filha cristã e uma (espero) que recebeu a fé tão bem quanto vós mesmo? E vós, minha irmã, deveis igualmente acautelar-vos para que não recuseis obedecer a vosso marido em todas as coisas condizentes com a mui santa Palavra de Deus. Pois deveis, por ordenança dEle, ser sujeita a ele, assim como a Igreja é sujeita a Jesus Cristo. E como a Igreja não passaria de uma meretriz e seria indigna de Cristo e das bênçãos que Ele traz consigo para ela, se não O recebesse e reconhecesse como sua cabeça, assim não poderíeis esperar nenhum benefício de vosso marido, a menos que vos submetêsseis a ele, segundo o mandamento de Deus. Nem vos encarrego assim com qualquer obediência senão no Senhor: pois, se ele vos exigisse qualquer coisa que vos fizesse apartar de Cristo, desejaria que, em qualquer caso, vos lembrásseis de que sois principalmente desposada com Cristo. E nisto também deveis considerar que serão esperadas de vós graças especiais de obediência, modéstia e bondade: não apenas em respeito à vossa boa educação, mas também por causa daquele auxílio que agora vos é oferecido. E quando o Espírito Santo, nas Escrituras, vos diz que a esposa crente pode (por meio da bênção dEle) ganhar o marido incrédulo, se ela andar cristãmente em conversa piedosa com modéstia e temor diante dele, que isso vos encoraje a esperar por melhor sucesso, por todos os meios de lidar com alguém que é fiel e, confio, estará disposto em todas as boas coisas a vos confortar.

Agora, em terceiro lugar, no fato de que sois ensinados a crer em Deus, o Espírito Santo, isso vos admoesta a orar pelo Seu ensino, para que possais por Ele ser guiados a toda a verdade e ser mais instruídos e atraídos a cada dever cristão de

tempos em tempos. Os deveres são mui numerosos para serem colhidos de cada artigo, bem como de cada um dos Mandamentos; mas dar-vos-ei apenas um gosto e tocarei apenas em algum dever exigido de vós em cada um deles. No fato de crerdes que há uma Igreja universal e Comunhão dos Santos, deveis ser diligentes em aprovar-vos um ao outro como partes e membros da mesma; e, além disso, as graças que Deus concedeu a qualquer de vós devem ser comuns no uso das mesmas para o outro. Assim, novamente, deveis sustentar as enfermidades um do outro. Finalmente, deveis provocar e estimular um ao outro, para que vossa fé seja fortalecida e vós mesmos confortados contra todas as outras dores, pela segurança que tereis operada em vós concernente ao perdão dos pecados, no qual consiste vossa felicidade; como também na esperança da ressurreição de vossos corpos e na meditação contínua da vida eterna.

Viremos agora aos Mandamentos: e primeiro, quanto ao **primeiro mandamento**, que exige de vós todo o serviço espiritual devido ao Senhor — que creiais nEle firmemente, que O ameis de todo o vosso coração e que, com temor e reverência, invoqueis o Seu Nome, dando graças em todas as coisas, como Àquele que é o autor e doador de cada dom bom e perfeito para vós. Deveis tirar proveito deste mandamento considerando que, se buscardes, em verdade de coração, serdes fiéis, amorosos e zelosos um com o outro, essas graças devem brotar daquele primeiro amor, sendo ele a fonte e o manancial de toda vida e verdade para elas. Pois, ao contrário, se fordes esquecidos de Deus, Ele não permitirá que encontreis os benefícios dessas graças um no outro.

O **segundo Mandamento**, que exige de vós que adoreis a Deus segundo a maneira verdadeira que Ele designa em Sua

Palavra, ensina-vos que deveis nutrir vosso amor neste estado matrimonial pela prática das coisas pelas quais Ele é adorado e honrado por nós: a saber, pelo ouvir e ler de Sua santa Palavra e pelo uso dos Sacramentos. Pois esse amor que é despertado e nutrido por esses meios é o mais puro e o que mais durará, ao passo que o amor carnal logo se desvanece e fenece.

No **terceiro Mandamento**, assim como vos é confiada a glória de Deus, também sois encarregado (irmão) de não abusardes do Seu Nome. Se fordes fiel ao Senhor ao buscar a Sua glória e o avanço de Sua verdade e do reino de Jesus Cristo, preferindo-o em todas as coisas como é justo, então certamente o Senhor vos abençoará e prosperará os vossos caminhos. Mas se vos desviardes e deslizardes para qualquer heresia, desonrando assim a Sua Majestade, então Deus certamente vos castigará em Sua ira e fará com que aquilo em que desejáveis ter o maior conforto se torne em maldição sobre vós. E desejaria que vos lembrásseis, para este fim, de como o Senhor Deus lidou com o ímpio Amazias, que, pela profanação da glória e do culto de Deus, teve o coração de sua esposa desviado dele e, para sua grande vergonha, ela se tornou uma meretriz notória. Da mesma forma, minha irmã, cuidai para que não desonreis a Deus sendo um meio de retirar o coração de vosso marido dos deveres de sua vocação; antes, nutri a fé e a boa consciência em todas as coisas com ele. Assim o Senhor, por amor do Seu próprio Nome, vos abençoará juntos. Pois achareis ser verdade o que Ele falou: *Aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão desprezados* (1Sm 2:30). Mas acautelai-vos (digo) para que não deis ocasião de queda ou retrocesso ao vosso marido, para que Deus não traga também vergonha sobre vós por meio dele, entregando-o a algum pecado. Não digo isto como se duvidasse destas coisas

em qualquer de vós, pois espero coisas melhores de vós; mas, ao falar a vós, admoesto a mim mesmo, desejando que todos tenhamos cuidado para não cairmos, como os ímpios e pecadores, na mão de Deus; pois Ele não terá por inocente o que tomar o Seu Nome em vão (Am 7:16-17; 1Sm 2:30).

Nada direi sobre o **quarto Mandamento**, apenas remetendo-vos ao que ensinei publicamente hoje, concernente à consciência que devemos ter na guarda verdadeira e espiritual do mesmo.

O **quinto Mandamento** ensina-vos a serdes obediente, e a socorrer e obedecer ao vosso marido. E marcai isto (irmã) que agora vos direi: se tivésseis tantos dons quantos fossem, se tivésseis a sabedoria de Abigail e todas as outras graças que há em qualquer mulher, contudo, se vos faltasse a obediência ao vosso marido, digo-vos a verdade: nada valeríeis e não poderíeis ter parte em Jesus Cristo, que nega ser o governador de qualquer pessoa que não reconheça o seu marido como sua cabeça. Portanto (irmã), que outros façam o que quiserem, mas estai vós no número daquelas que temem a Deus e, como filha de Sara, fazei o bem, ela que rendeu reverência a Abraão e é louvada na Escritura por sua fala respeitosa que sempre usava para com ele, chamando-o de Senhor. Agora (irmão), lembrai-vos de que deveis governar de tal modo que tereis de prestar contas da maneira de vosso governo ao próprio Deus. Além disso, onde há maior dignidade, deveis saber que maiores graças são exigidas; e, no governar bem, há muitos deveres especiais a serem cumpridos. Portanto, deveis comportar-vos sabiamente, para não vos desonrardes abusando de vossa autoridade; pois é uma filha de Israel que vos é confiada, e uma que é coerdeira da mesma graça em Jesus Cristo convosco. Novamente, deveis considerar que a mulher é uma criatura mui

frágil e pode logo ser desencorajada, ao passo que deve haver mais constância e firmeza de vossa parte.

Portanto, no **sexto Mandamento**, Deus proíbe todo comportamento rude, toda melancolia, toda falta de bondade e falas descorteses, encarregando-vos também de suportar muitas fraquezas, a fim de que sejam mais calmamente reformadas. E a vós (irmã), é proibida toda amargura, e que também, de vossa parte, vos acauteleis de todas as falas amargas e de nomes sórdidos que ouvimos serem lançados por algumas mulheres de espírito inquieto; e se desejais que vossa enfermidade seja curada pela gentileza, então agi de igual maneira para com vossos maridos. Pois não pode ser senão que ocasiões de inquietação às vezes se ofereçam de qualquer das partes; e, portanto, em muitas coisas, deveis voluntariamente levar a carga um do outro. Além disso (irmã), há um dever exigido neste Mandamento: que cuideis da saúde de vosso marido, preparando-lhe alimentos saudáveis. E isto será um meio para que o coração dele se incline mais em toda afeição amorosa para convosco.

No **sétimo Mandamento**, há muitas coisas a serem notadas, mas posso apenas tocar em uma ou duas no presente por falta de tempo. O uso especial e a substância dele é isto: que vivais castamente neste estado e que mantenhais o leito matrimonial sem mácula. E permiti-me dar a ambos este aviso: que tomeis cuidado no início — marcai o que digo — para que aquilo que deveria ser um meio para promover a castidade não se torne um impedimento para vós. Portanto, orai a Deus para que vos dê graça para serdes sobriamente afetados em todas as coisas, a saber, no uso do matrimônio; e arrependei-vos do que passou, se de algum modo ofendestes ao Senhor neste sentido. Pois muitos, falhando no arrependimento por seus pecados

anteriores, caem depois em sua impureza novamente. Quanto a vós, irmão, o verdadeiro amor para com vossa esposa será um esteio notável contra todas as corrupções; lemos isto sobre Isaque, em Gênesis 24:67: porque ele amava Rebeca mui ternamente, não teve mais esposas além dela, embora naqueles dias (o que era um pecado grave), mesmo entre muitos dos fiéis, tivessem mais de uma esposa ao mesmo tempo. Portanto, quando estiverdes longe dela, fazei um pacto com vossos olhos e não permitais que vosso coração vagueie após qualquer outra, mas pensai em vossa própria esposa, e deleitai vosso coração nela continuamente, e orai fervorosamente a Deus por ela; assim o Senhor aumentará vosso amor por ela e moverá o coração dela também para se deleitar e ansiar por vós. Assim deveis fazer, irmã, para que as mesmas bênçãos vos alcancem; pois certamente, se abraçardes o temor dEle e andardes em Seus caminhos, Ele vos abençoará tanto no gerar filhos quanto em Suas outras múltiplas graças que Ele tem em reserva para vos conceder.

Aqui também devo, de passagem, admoestar-vos de uma outra coisa que esquecera antes: vosso amor deve brotar daquela reverência e temor que deveis prestar ao vosso marido; pois o verdadeiro amor é misturado, por assim dizer, com estes dois. E este é um dever especial, e frequentemente repetido na Escritura, que a esposa deve temer ao marido. Assim vedes (irmã) que não deveis esperar ter vosso marido ao vosso aceno por causa de vosso amor; mas deveis render a devida benevolência um ao outro. Pois, como o corpo do marido não é dele mesmo, mas de sua esposa, assim o da mulher não é dela mesma, mas de seu marido; pois ambos são uma só carne, como a Escritura ensina.

Ora, se alguém objetar que este é o caminho para trazer as mulheres à servidão e para serem como escravas de seus maridos, se devessem desta maneira ser sujeitas a eles — não, não, não é assim; mas é o caminho mais pronto para procurar para si mesmas graça, paz de consciência e uma liberdade mais doce, enquanto vivem em obediência a Deus e às Suas santas ordenanças. E, portanto, o Espírito de Deus admoesta todas as mulheres a que não tenham medo de nenhum terror vão.

Além disso, meu irmão e irmã, para que possais manter vossos corpos puros e castos, um para o outro, eu vos aconselharia a acautelar-vos de estardes a sós com qualquer pessoa quando houver temor de tentação para o mal; mas sede cuidadosos para que possais sempre ter testemunho de vosso comportamento cristão; e, ao manter companhia conveniente, escolhei para vós mesmos aqueles que sejam mais sóbrios e fiéis. Bem, embora haja muitos outros deveres, contentar-me-ei em avançar mais um ponto: assim como buscais a continuidade e o aumento do amor, acautelai-vos do ciúme. Pois, embora o verdadeiro amor seja mui zeloso e misturado com um ciúme piedoso, há um ciúme ímpio que causa suspeitas sem causa, o qual opera grande aflição naqueles que lhes dão crédito. Acautelai-vos, portanto, meu irmão e irmã, disto; sim, ainda que pareça haver justa causa, não lhes deis crédito apressado. Ora, se desejais saber em vosso coração quais são as suspeitas ímpias, conhecei-as por este sinal: elas vos tornarão mais negligentes em orar um pelo outro e mais frouxos em cumprir todos os outros deveres de amor um para com o outro.

No **oitavo Mandamento**, sois encarregado (irmão) de usar todos os meios lícitos para prover o sustento de vossa esposa em estado honesto; do contrário, sereis pior que um infiel. Mas eu vos encarrego de tomar cuidado para que, por

desconfiança na providência de Deus, não façais naufrágio de uma boa consciência, usando qualquer meio injusto ou ilícito. E vós (irmã), sois mandada a ser uma boa dona de casa e a guardar as coisas que tendes, e assim aumentá-las, para que possais, de tempos em tempos, ser útil aos outros. Pois, se consumísseis e desperdiçásseis coisas inúteis, entristeceríeis e perturbaríeis a mente de vosso marido, que deveria ser aliviado desse cuidado por vós. E, além disso, se aprouvesse a Deus chamar qualquer de vós para sofrer perseguição em tempo de provação, o mais fraco deve (por causa do Senhor) dar lugar ao mais forte e pedir ao Senhor que dê maior força; pois devemos laborar pela graça, para que estejamos dispostos, pelo Evangelho, a abandonar todas as coisas que possuímos.

Do **nono Mandamento**, dar-vos-ei esta regra: que nenhum de vós espalhe as enfermidades um do outro; isso é um grande inimigo do amor puro. Mas, se houver necessidade de conselho e ajuda em qualquer assunto, então escolhei um amigo fiel com consentimento mútuo, que possa ser um juiz imparcial entre vós. E, novamente, em qualquer caso, dizei a verdade um ao outro; pois é algo a ser diligentemente observado nestes nossos dias, quando homens e mulheres estão tão cheios de políticas e estratégias sutis que quase não se encontra simplicidade em ninguém.

No **último mandamento**, que concerne aos movimentos e pensamentos ímpios, embora não se lhes dê consentimento, deveis considerar que vossa natureza jamais estará livre deles nesta vida; portanto, deveis vos preparar para a oração e outros exercícios celestiais da fê, para lutar continuamente contra eles.

Assim terminarei, suplicando a Deus, por amor de Cristo Jesus, que vos dê do Seu Espírito, para que vos ensine nestas coisas e vos capacite para outros deveres condizentes com a Sua santa vontade, para a glória do Seu nome e vosso eterno conforto.

Ó Senhor Deus, querido Pai, por amor de Teu Filho bem-amado, nosso Salvador, torna-nos gratos por esta Tua graciosa providência para conosco. Ó Senhor, perdoa todos os nossos pecados e guarda-nos puros tanto na alma quanto no corpo; por amor do Teu próprio Nome, escreve estas instruções em nossos corações e dá-nos graça para praticá-las em todo o curso de nossas vidas. Guia-nos em todas as coisas, querido Pai, pela graça de Teu bom Espírito, e que o olho misericordioso de Tua providência paternal vigie sobre nós continuamente, para que sejamos confortados em Teus caminhos e vivificados sempre para Te dar louvor imortal, e isso por meio de Teu querido Filho Jesus Cristo, nosso Senhor e único Salvador. Amém.

Após a exortação e a oração, ele fez às partes a serem contratadas estas duas perguntas:

1. Sobre o consentimento dos pais.

Após a resposta sobre o consentimento dos pais, para fazerem uma promessa fiel de casamento um ao outro no tempo em que seus pais pudessem concordar, foram encarregados de se manterem castos até que o casamento fosse santificado pelas orações públicas da Igreja; pois, de outro modo, muitos casamentos foram punidos pelo Senhor pela impureza cometida entre o contrato e o casamento (Jd 14:21; 2Sm 13:13).

2. Se algum deles já havia sido pré-contratado?

Então ele os encarregou, dizendo: Eu vos encarrego, como por autoridade de Jesus Cristo, em quem esperais ser salvos, que, tendo o consentimento de vossos pais e recebido estes preceitos, que (digo) vos esforceis para crescer no conhecimento e no temor de Deus. E agora, como à vista de Deus (com toda a seriedade, e não com a leviandade usada por outros), deveis fazer perante o Senhor um contrato, que é muito mais do que uma promessa. E desta maneira, estando suas mãos unidas: *Eu, R., prometo a ti, F., que serei teu marido, o que confirmarei pelo casamento público, em penhor do que te dou a minha mão.* De igual maneira faz a mulher ao homem. Então, após a oração, as partes são dispensadas.

FINIS.

SEÇÃO VI. Um Tratado sobre o Sábado.

Está escrito em Êxodo 20:8: *Lembra-te do dia do sábado, para o santificar, etc.*

Mui amados no Senhor, não há Mandamento da parte de Deus mais instado, e da nossa parte menos observado, do que este do Sábado. Pelo que, com zelo pela glória de Deus e amor sincero por vós mesmos, esforcei-me, na medida e maneira que Deus me capacitou, para tratar deste argumento. O uso necessário dele perceberemos mais claramente se considerarmos sabiamente ou as lamentáveis inconveniências que acompanham a falta da pura compreensão do mesmo, ou as múltiplas utilidades que resultam do seu correto acolhimento.

As inconveniências devem ser observadas em parte nos ímpios e em parte nos filhos de Deus. Nos ímpios, que ou são seduzidos por falsa doutrina, ou são negligentes quanto à verdadeira doutrina. Aqueles que são enganados por falsa religião são ou os papistas, por um lado, ou a Família do Amor com heréticos semelhantes, por outro. Destes, os primeiros, isto é, os papistas, fazem do dia de Sábado apenas uma ordenança e cerimônia da Igreja e, portanto, observam-no apenas como algo adotado e retido pela Igreja de Roma, assim como fazem com muitos outros dias santos no ano. Os outros, não vendo nada além de uma ordenança e cerimônia, e pensando que ele não contém nada moral, clamam contra ele como desejando que fosse totalmente revogado, visto que todas as cerimônias tiveram seu fim em Cristo; alegando, embora sem propósito, que Deus é espírito e quer ser adorado em espírito e em verdade e, portanto, a observação de um dia em nada contribui para o Seu culto.

Além disso, que crédito ele tem entre os que são negligentes com a religião, todos podem ver. "Ora", dizem estes homens, "o Sábado é judeu demais e cheio de superstição"; e, portanto, para eles, é o mesmo que outros dias santos comuns, exceto que, porventura, prefeririam tê-lo a não tê-lo, não por qualquer amor à religião, mas para o alívio de sua carne e para mais se fartarem de prazeres carnaís. Por meio disso, fazem dele um dia do mundo, não um dia da Igreja; um tempo dedicado antes ao mimo da carne do que sinceramente consagrado à edificação da alma e do espírito.

Nos filhos de Deus, por outro lado, embora bem instruídos, também surgiram muitos escrúpulos concernentes a esta matéria — como ele é cerimonial e como não é. Esse tipo de homens guarda o Sábado não como heréticos grosseiros, mas ainda assim não como observadores zelosos, pela razão de não serem profundamente ensinados nele, nem plenamente convencidos dele. Pelo que podemos ver quão necessária é esta doutrina, sim, ainda que não tivéssemos cuidado com os que não estão na Igreja, contudo em respeito àqueles de quem temos o maior cuidado, estando na Igreja de Deus conosco. E esta necessidade também observaremos se, em verdade, notarmos as diversas utilidades que procedem do correto entendimento disto. Pois, visto que o dia de Sábado é o dia de escola, o dia de feira, o dia de mercado, o dia de alimentação da alma, quando os homens, conhecendo puramente o uso dele, separam-no totalmente dos outros dias, verão como podem se recuperar de pecados já passados, armar-se contra o pecado vindouro, crescer no conhecimento, aumentar na fé e quanto serão fortalecidos no homem interior.

Pelo que, no livro de Deus, quando o Senhor quer instar a observação de toda a lei, frequentemente o faz sob esta única

palavra de guardar o Sábado. Novamente, quando os Profetas repreendem asperamente o povo por seus pecados, eles particularmente lhes expõem como os Sábados do Senhor são quebrados. E, para dizer a verdade, como pode um homem permanecer por muito tempo no gosto pelo pecado, se abraça esta doutrina em consciência, se voluntariamente deseja que seus pecados sejam descobertos, sua consciência desnudada, os julgamentos de Deus contra seus pecados ameaçados, por meio do que ele possa chegar a uma aversão e crescer em um maior desgosto de seus pecados diariamente? Certo é, de fato, que, como em outras coisas, assim nesta, o uso cerimonial pouco aproveita. Todavia, se pelo uso cerimonial do Sábado, porque muitos assim o usam, devêssemos abandoná-lo, poderíamos muito bem, pela mesma razão, colocar para fora das portas da Igreja a administração dos Sacramentos, a prática da oração e a pregação da Palavra, porque a maior parte dos homens usa estas coisas por formalidade. Nem é a questão que temos em mãos o que os homens fazem, mas o que devem fazer na observação do Sábado.

No estabelecimento disto, esta ordem se oferece para ser observada: primeiro, falar do mandamento em si e, depois, das razões do mesmo. O mandamento, como vemos, é entregue tanto afirmativa quanto negativamente, ao passo que todos os outros mandamentos são expressos apenas ou afirmativa ou negativamente. Assim, onde se diz "santifica o dia de sábado", o uso santo do Sábado é instado de forma direta e estrita; onde se acrescenta "nele não farás nenhum trabalho", a quebra irreligiosa do mesmo é claramente restringida.

As razões são quatro em número. A primeira está incluída na palavra *Lembra-te* e é extraída do fim, o que é, em efeito, isto: "Queres adorar-me puramente e amar o teu

próximo sinceramente? Então observa esta única coisa, que eu, portanto, coloquei indiferentemente entre aqueles mandamentos que concernem à minha própria honra e ao conforto de teus irmãos". A segunda razão deriva-se da autoridade do Legislador, pela qual o Senhor insta nossa obediência, e está expressa nestas palavras: *O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus*. A terceira é inferida da equidade desta lei, na qual o Senhor lida com os homens como que por conferência e disputa por razão clara: que justamente não podemos negar-Lhe o sétimo para Sua própria glória, Ele que não nos negou seis dias para trabalharmos em nossos próprios assuntos. E isto se colhe quando Ele diz: *Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia*, etc. A quarta e última razão é emprestada da proporção do próprio exemplo do Senhor: que, assim como em seis dias Ele fez todas as coisas e no sétimo cessou de criar (embora não de preservá-las), assim em seis dias podemos ter um uso natural das criaturas de Deus, mas no sétimo dia devemos ter um uso espiritual delas.

Sob estas pode-se ocultar outra razão derivada do tempo em que o Senhor primeiro ordenou o Sábado, que foi na inocência do homem; de modo que, se antes da transgressão ele era um meio eficaz para manter o pecado fora, então, após a queda do homem, deve necessariamente ter força para resistir ao pecado. Pode parecer o melhor caminho para alguns, primeiro tratar do mandamento em si e, depois, das razões. Todavia, porque a sabedoria do Senhor às vezes prefixa a razão, como no primeiro mandamento, e visto que é algo de pequeno efeito instar o uso para aqueles que não estão fundamentados na doutrina, e é difícil vencer a afeição até que o júízo seja convencido, primeiro armaremos a matéria com razões e, depois, mostraremos tanto como esta lei é guardada

quanto como é quebrada. Esta ordem nos é recomendada pelo Espírito Santo em 2 Timóteo 2:16 e, por falta desta ordem, muitos excelentes Sermões têm pouco efeito; pois onde o juízo, pela verdade, não é convencido, ali muitas exortações caem por terra. Por esta causa também o uso santo do Sábado tão pouco prevalece com muitos, por não estarem fundamentados com juízo no verdadeiro conhecimento do mesmo.

Mas, antes de chegarmos ao discurso particular das razões, consideremos geralmente por que este mandamento é, em palavras, mais extenso e, em razões, mais pleno do que qualquer outro mandamento. Se fizermos uma revisão de toda a lei, poderemos observar como o Senhor estabeleceu seis preceitos em muitas palavras e quatro nuamente em palavras breves, como o 6º, o 7º, o 8º e o 9º. Por que, então, os cinco primeiros mandamentos estão tão revestidos de razões, e o último tão dilatado por uma amplificação especial, sendo os outros quatro tão breves e tão nus? Certamente o Senhor e Legislador previu que, quanto a estes quatro, os homens seriam facilmente levados a ceder; e vemos como os próprios pagãos os concederam livremente, os Filósofos escreveram proveitosamente sobre eles, todos os homens civis e justos os mantêm zelosamente. Para ser breve, a honestidade comum considera que não é homem aquele que mata; pensa-se ser como um animal aquele que defuma seu corpo; a civilidade externa condena o ladrão; e o tipo comum de homens desaprova o detrator e o caluniador.

Por outro lado, Ele sabia em Sua sabedoria eterna como os cinco primeiros não seriam nem na razão tão logo admitidos, nem na afeição tão facilmente abraçados; e, portanto, para enfrentar a sutileza da natureza do homem e a corrupção do seu coração, eles são estabelecidos de forma mais

penetrante. Veremos isto no primeiro e no último mandamentos da segunda tábua. No primeiro, quando o Senhor ordenou que se desse honra aos pais, Ele reforça Seu mandamento anexando uma promessa de vida longa, e por quê? Porque até o juízo nisto é muito corrompido. Pois muitos há que, concedendo a inconveniência e a vileza do homicídio, do adultério e do falso testemunho, contudo negam a necessidade e a excelência da Magistratura. Sim, e embora no juízo muitos homens cedam à razão disso, contudo a equidade disso não é tão logo abraçada na afeição; pois a experiência de todas as eras prova que a natureza corrompida do homem é mui dificilmente levada a ser sujeita, e estes últimos dias miseráveis podem testemunhar o mesmo mais especialmente, nos quais os homens cresceram para serem sem afeição natural. Não sem causa, portanto, este preceito é cercado de razão.

No último (onde Deus impõe uma regra mais precisa e um encargo mais estrito à consciência do homem do que a carne e o sangue voluntariamente suportariam, porque os homens pensam ser um trato rigoroso ter suas mínimas afeições processadas e seus pensamentos secretos condenados, desejando que seus pensamentos não sejam chamados a nenhum tribunal nem levantem a mão na barra do julgamento), Ele é constrangido, por assim dizer, por ramos particulares e diversos artigos, a estabelecer a lei, para que não encontrássemos algumas escapatórias para rastejar para fora e nos esquivarmos dos limites da mesma.

Contudo, mais evidentemente isso aparece em todos os mandamentos da primeira tábua, porque eles são mais contrários ao juízo do homem meramente natural, embora seja ele de outro modo muito sábio, e somente a palavra da verdade deve prová-los: pois no primeiro mandamento, a razão é

prefixada; no segundo, terceiro e quarto mandamentos, as razões são anexadas. Mas aqui pode surgir esta questão: a saber, por que o segundo e o quarto Preceitos são tão amplificados em palavras e fortalecidos com mais razões do que qualquer um dos outros? Certamente nisto o Senhor declara como previu claramente que, entre os demais, estes dois mandamentos encontrariam menos aceitação e seriam mais recusados.

Mas o que diremos dos papistas, familistas e heréticos entre nós nestes dias, e outros homens também, de outro modo de juízo sadio, que afirmam que tanto o segundo quanto o quarto Mandamento são cerimoniais — dos quais um traria para a Igreja as Imagens, e o outro a profanidade? Pelo que o Senhor, em Sua sabedoria, prevendo estas mentes cavilosas, preveniu seus propósitos: de modo que, se ou não cedem, ou fazem resistência à verdade tão manifesta, opõem-se à verdade conhecida e aberta, e assim se tornam mais inescusáveis. Vemos que reconhecer que há um Deus, honrar pai e mãe, abster-se de sangue, não defumar nossa carne, não oprimir injustamente, não ser um caluniador notório — todo papista e homem natural, guiado apenas pela luz da razão, facilmente concederá. Pois a ordem maravilhosa dos céus, o curso contínuo do Sol, da Lua e das estrelas, as saídas das manhãs e das tardes declaram que há um Deus. A razão persuade que as coisas no mundo devem necessariamente ser governadas e que devemos amor Àquele por quem são guiadas. A natureza ensina que as vidas dos homens devem ser mantidas; a civilidade comum abomina o adultério, a opressão e a detração.

Mas se perguntardes como este Deus deve ser adorado e que tempos devemos santificar para esse uso, veremos quantos países, tantas religiões; quantos homens, tantos artificios.

Assim vemos quão necessário era que o Senhor provesse para Sua própria glória e cativasse todas as invenções do homem, visto que todos estes Mandamentos mais lutam contra a razão do homem e pela razão têm sido mais impugnados. Assim, na pura observação destes, consiste a guarda sincera dos demais. Pois como saberemos como andar em culto puro com um coração reto perante o Senhor? Como Lhe daremos a honra devida ao Seu glorioso nome? Como seremos instruídos a lidar correta e reverentemente com a dignidade de nossos irmãos, fielmente com suas vidas, puramente com seus corpos, justamente com seus bens ou ternamente com seu crédito, senão por aqueles caminhos e regras que o Senhor prescreveu em Sua Palavra? E quando aprenderíamos essas regras senão em tais tempos que Ele mesmo designou e santificou para esse propósito? Novamente, onde estes dois mandamentos não são corretamente entendidos, ali a verdadeira Religião vai à ruína. Pois admitamos que não devêssemos seguir cuidadosamente a palavra de Deus: quantas religiões então surgiriam? Que se conceda isto: que cada homem tivesse o dia que quisesse para o culto de Deus, e então vede quantos dias os homens dedicariam ao Senhor.

Mas cheguemos às razões, das quais a primeira é extraída do fim da lei, e é em parte significada por esta palavra *lembra-te*, e em parte por esta palavra *santifica*: *Lembra-te do dia do sábado para o santificar*. Pois este termo "lembra-te", que aqui é prefixado, é estabelecido como "observa" em Deuteronômio; no que somos prevenidos a vigiar mais diligentemente e a atender com mais cuidado a este Mandamento. Neste ponto, podemos observar que, enquanto todos os outros mandamentos são simplesmente estabelecidos e diretamente propostos, este apenas possui um

prefácio prefixado, o qual tem, em efeito, este sentido: "Queres aprender sinceramente a adorar-me segundo a substância, maneira e fim que prescrevi? E queres verdadeiramente provar teu amor por mim, exercendo os deveres de amor para com teus irmãos? Então não te esqueças de guardar santo o Sábado, no qual te ensinarei tanto como deves andar retamente no culto a mim devido, quanto a viver obedientemente nos deveres concernentes ao homem".

Novamente, a natureza da palavra *lembra-te* importa nisto: que esta lei não foi apenas gravada nos corações de nossos antepassados, como foram todas as outras, mas também em palavras expressas foi ordenada a Adão e Eva no Paraíso, e manifestamente praticada pelos israelitas no deserto (Êx 16); e que, portanto, nesta promulgação comum da Lei, eles deveriam especialmente lembrar-se disto, que não é dado novamente, como o são os demais, mas antes renovado, como tendo sido entregue anteriormente. Verdade é que, antes desta publicação solene da Lei no monte Sinai, este e todos os outros Mandamentos estavam escritos nos corações de nossos antepassados, como podemos ver no livro de Gênesis. Quanto ao primeiro, lemos como o Senhor disse a Abraão: *Eu sou o Deus Todo-Suficiente; anda em minha presença e sê perfeito* (Gn 17:1). Concernente ao segundo, em Gênesis 31:19, diz-se que Raquel roubou os ídolos de seu pai; e em Gênesis 35:2, Jacó reformou sua casa e a purificou da idolatria. Quanto ao terceiro, podemos ver quão religiosos eram em jurar. Concernente ao quinto, que autoridade exerceu Jacó para com seus filhos? Que deveres eles lhe prestaram, tanto na vida quanto na morte? Como odiavam o homicídio, é manifesto naquela história. Tanto a continência de José quanto a punição ameaçada a Abimeleque declaram quão hedionda era para eles

a coisa do adultério. Concernente ao furto, a contenda de Labão com Jacó e a acusação de José contra seus irmãos mostram que era algo ilícito. Por fim, Abimeleque, o rei, repreende tanto a Abraão (Gn 20) quanto a Isaque (Gn 26) por darem falso testemunho ao negarem suas esposas (Dt 5:15).

Assim vemos quanta eficácia está contida neste prefácio, ao mostrar, tanto pelo preceito quanto pela prática dada e rendida por nossos primeiros pais, como este mandamento apenas foi dado em palavras expressas; bem como que este único preceito é a escola de todos os outros Mandamentos. Mas para que fim? Para guardá-lo como cerimonial? Não, para santificá-lo como moral; pois o fim do Sábado consiste nestas duas coisas: primeiro, na observação moral; segundo, na observação figurativa, cerimonial ou sombria dele — conforme tomamos a palavra "sombra" aqui como uma figura, porque uma cerimônia é mais do que uma sombra. Chamo de **moral** aquilo que informa os costumes dos homens, seja concernente à sua religião para com Deus, seja aos seus deveres para com o homem; entendo por **figurativo** aquilo que é adicionado por um tempo, sob algum aspecto, a certas pessoas, como auxílio àquilo que é moral, como em Deuteronômio 5:15: *Lembra-te de que foste servo na terra do Egito.*

Todavia, que este primeiro fim moral é aqui entendido, as primeiras palavras o declaram, onde se diz: *Santifica o dia de sábado.* Pois onde se faz menção da cerimônia, diz-se "guarda", e não "santifica" o Sábado. Ora, o que é santificar o dia de Sábado, senão apartá-lo de todos os outros dias para um uso peculiar do culto de Deus? Pois, de outro modo, devemos saber que todos os outros dias são santificados; de modo que santificá-lo é fazer aquela coisa no Sábado para a qual ele foi

ordenado. Mas disto falaremos mais amplamente, pela graça de Deus, na última razão. Enquanto isso, observemos brevemente isto: que, assim como nossos primeiros pais santificaram o Sábado ao contemplarem as criaturas de Deus para louvá-Lo, assim nós o santificamos ao usarmos os meios que Ele designou para o Seu culto. De modo que, primeiro, usando os exercícios da religião, pelos quais podemos ser santificados, e então unindo a eles o uso espiritual das criaturas, pelo qual podemos ser auxiliados em nossa santificação, deveríamos depois usar os exercícios de amor, pelos quais podemos mostrar que somos santificados.

Nossos primeiros pais não necessitavam ordinariamente do ministério da Palavra, pois tinham os grandes livros das obras de Deus. Nós temos necessidade da Palavra, tanto pública quanto privada, e, portanto, devemos aprendê-la, para que, tendo-a aprendido, possamos melhor exercer os deveres de amor. Assim, aquilo que foi o primeiro para Adão é agora o último para nós, a saber, o contemplar a Deus em Suas criaturas e o louvá-Lo pelas mesmas. No Salmo 92, que foi designado para ser cantado pela Igreja no Sábado, estabelece-se como o uso principal do mesmo o cantar a misericórdia de Deus, o mostrar Seus justos julgamentos ao recompensar os piedosos, embora afligidos, e ao punir os ímpios, embora aqui sejam exaltados, bem como o aprender a conhecer a Deus em Seu culto e em Suas obras.

Novamente, no Salmo 95, não veremos nenhum uso cerimonial do Sábado, mas sim que ele deve ser usado em oração a Deus, em louvor a Deus e no ouvir de Sua Palavra. Isto é confirmado em Êxodo 31:13: *Fala aos filhos de Israel e dize: Certamente guardareis os meus sábados; pois é um sinal entre mim e vós nas vossas gerações, para que saibais que eu*

sou o Senhor, que vos santifica. Bem como em Deuteronômio 5:12: *Guarda o dia de sábado para o santificar, como o Senhor teu Deus te ordenou.* E em Ezequiel 20:12: *Também lhes dei os meus sábados, para que servissem de sinal entre mim e eles, para que soubessem que eu sou o Senhor que os santifica.* Nestes lugares, como a razão é adjunta ao guardar o Sábado, devemos entender que, onde ele é chamado de "sinal", entende-se um documento [instrução], e não uma figura (pois toda figura é um sinal, mas nem todo sinal é uma figura), como podemos ver nos sacramentos, que não são figuras ou sombras de coisas vindouras. Assim, no fato de o Senhor dizer: *Meu sábado é um sinal entre mim e vós*, é o mesmo, em efeito, que se dissesse: "Meu sábado é uma instrução comum entre vós e mim; de mim como o Criador, Redentor e Santificador; de vós, como criados, remidos e santificados". De modo que o Sábado é um documento e penhor da vontade de Deus, pelo qual deveríamos saber o que Ele é para nós, e no qual deveríamos aprender o que deveríamos fazer para Ele. Sob este aspecto, este mandamento não é mais cerimonial do que o primeiro, onde o Senhor propõe o que Ele é para nós e secretamente inclui o que deveríamos ser para Ele.

Não é de admirar, então, que este seja o fim principal, o qual não foi iniciado com os judeus, mas primeiro ordenado a Adão e Eva. Pelo que podemos assim arrazoar, tanto segura quanto solidamente: Tudo o que é o fim primeiro, é o fim principal; mas santificar o Sábado é o fim primeiro, porque foi assim ordenado a Adão no tempo de sua inocência, momento em que não poderia ser uma figura, porque, pelo juízo de todos os doutos e sadios (dos quais li alguns), não houve figuras até que o pecado entrasse no mundo, do qual nossos pais ainda estavam livres; mas sim um meio para mantê-los na inocência,

visto que, não obstante sua excelente criação, estavam sujeitos à queda; portanto, este fim deve ser o principal. Isto não foi dado apenas à posteridade de Abraão, mas a toda a posteridade de Adão; e, portanto, não era próprio dos judeus, tendo sido iniciado primeiro no Paraíso e, depois, renovado no Monte Sinai.

Assim, este fim moral foi o fim primeiro e o fim comum; e embora, como os judeus tivessem uma causa mais especial de adorar a Deus — visto que haviam recebido um livramento mais peculiar, quando não podiam ter descanso no Egito, e neste dia lembravam-se de seu descanso —, contudo, nada obstante, isso não era o fim, mas antes uma razão pela qual guardavam o Sábado; como podemos ver também em Êxodo 23:12, onde o Senhor ordena o descanso no sétimo dia, acrescentando como razão, não como fim: *para que descanse o teu boi e o teu jumento, e para que tome alento o filho da tua escrava e o estrangeiro*. Onde este poupar os animais é adicionado como uma razão extraída daquela humanidade que está na Lei, não como uma coisa para este fim especial ordenado neste preceito, o qual é próprio antes do sexto Mandamento, e apenas acessório a este. Por esta causa, sendo esta cerimônia apenas acessória, não pode retirar o principal; e sendo o posterior, não pode retirar o anterior. Não é uma boa razão que, sendo retirado o acessório, o principal deva também ser revogado; mas antes, ao contrário, removido o acessório, o principal pode permanecer; passado o que é anexo, a substância mais geral pode continuar; e embora o posterior seja anulado, o anterior pode não ser abolido.

Portanto, embora o fim cerimonial, que era apenas um acessório e adicionado depois como algo peculiar aos judeus, tenha se ido com eles, para quem esta lei foi feita, contudo o

fim moral, que era o principal e primeiro entregue como algo geral para todos, ainda nos pertence. Por fim, tudo o que separa ou Deus do homem, ou o homem do homem, isso mesmo é revogado. A Lei Moral (que é livre de todas as cerimônias e, por meio de Cristo, não exige nada senão uma obediência sincera, embora imperfeita, sendo desprovida de todo rigor e isenta da maldição) não separa Deus do homem, nem o homem do homem. Portanto, a Lei Moral não é revogada. Pois nada é anulado senão o rigor e a maldição da Lei, que faziam um divórcio entre Deus e o homem, e a cerimônia da Lei, que fazia uma separação entre homem e homem, isto é, entre o judeu e o gentio, como podemos colher em Colossenses 2 e Gálatas 4.

Pelo que afirmamos que, no que era peculiar aos judeus quanto ao seu livramento, esse fim do Sábado cessou; mas no que nos é comum com eles e com todos os outros, o de sermos preservados nos meios do verdadeiro culto, o Sábado deve ser observado. De modo que não a doutrina e a obediência sincera do Sábado, mas a maldição da Lei e a guarda rigorosa do Sábado é que foram revogadas. Quando uma coisa possui diversos fins, se um fim for removido, o outro pode permanecer. Pois, assim como os Sacramentos no tempo da lei tinham dois fins — um para mostrar antecipadamente que Cristo viria, o outro para assegurá-los do que teriam em Cristo quando Ele viesse —, no fato de mostrarem antecipadamente a vinda de Cristo, eles se foram; no que nos asseguram do que temos em Cristo, permanecem ainda conosco. E como, por exemplo, podemos ver no Sacramento da Circuncisão dois fins: um como sinal da circuncisão da carne, que agora cessou; o outro como selo do Arrependimento e da Fé; e assim ele é para nós, permanecendo como um penhor de imitação, embora não na mesma maneira de administração que há na circuncisão,

mas na mesma matéria para esse efeito, a saber, no Batismo. Da mesma forma, tendo o Sábado dois fins, um moral e outro cerimonial: no que era cerimonial e foi dado aos judeus, enquanto judeus, era próprio dos judeus; mas no que era moral, não dado apenas aos judeus, mas aos nossos primeiros pais antes dos judeus, e aos gentios depois dos judeus, ele permanece não menos para todos os homens, após os judeus cessarem de ser um povo peculiar, do que o reunir-se em um lugar ainda nos pertence. Pois, embora no fato de os judeus se reunirem em um lugar, como representava a Igreja de Deus, isso tenha sido retirado (porque Deus está presente conosco em todos os lugares), contudo, como eles o tinham para estabelecê-los em seu culto, e nós necessitamos de auxílios tão necessários para a religião quanto eles jamais necessitaram, o mesmo permanece conosco (Rm 4).

Ora, se o Sábado fosse apenas um sinal de descanso espiritual (como alguns fantasticamente pensaram), e não antes uma escola santa para nos ensinar o culto de Deus, concederíamos que fosse cerimonial; mas visto que isto é conforme a primeira instituição, e que aquela cerimônia foi apenas adicionada a ele em tempo e por um tempo, embora não tenhamos o dia deles, contudo temos um dia de descanso; assim como, embora não tenhamos os selos deles, contudo temos selos; e embora o acessório se tenha ido e terminado com eles, contudo o principal continua para nós e permanece depois deles. Pelo que concluímos esta primeira razão: que, como o Sábado é moral, devemos guardá-lo em verdade, embora em fraqueza, sabendo que, tendo-se ido o rigor da Lei com a maldição e a cerimônia, temos a promessa de ter nossa fraqueza e defeitos nisto perdoados em Cristo, como temos em todas as outras coisas.

Agora cheguemos à segunda razão, extraída (como mostramos) da equidade da lei, e contida nestas palavras: *Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia*, etc. Esta não parece ser uma lei dura, nem onerosa, mas fácil, e tal que todos podem ceder a ela. Pois, visto que o Senhor nos deu seis dias para nossa vocação, não pensemos ser estranho ou estreito que Ele tenha reservado e tomado o sétimo dia para Si mesmo; Ele que, se tivesse ordenado um dia para trabalhar e outro para ser dedicado ao Seu culto, para a gloriosa profissão de Seu Nome, poderia justamente tê-lo reivindicado. Esta razão, então, é tal que, por justiça e equidade, não pode senão provocar nossa obediência, e mais forçosamente nos acusa se formos desobedientes. Este tipo de argumento é usual no livro de Deus, como em Gênesis 3:2-3, onde nossa mãe Eva formula mui bem esta razão para a Serpente, tivesse ela permanecido nela: *Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele*, etc. No que, ao mesmo tempo que louva a misericórdia de Deus em lhes dar tão amplamente o uso de todas as árvores, exceto apenas uma, pela lei da equidade ela exagera o pecado deles se, tendo um uso tão generoso de muitas árvores lícitas, comessem da única árvore que fora proibida.

A mesma razão alega José para refrear sua Senhora de seu propósito devasso e repugnante (Gn 39:8-9): *Eis que o meu senhor não sabe o que há em casa comigo, e entregou em minha mão tudo o que tem; não há ninguém maior do que eu nesta casa, e nenhuma coisa me vedou, senão a ti, porquanto tu és sua mulher; como, pois, faria eu este grande mal?*, etc. Neste lugar, ao passo que ele, por um lado, louva a liberalidade de seu senhor, por outro mostra como seu pecado seria, até pela

regra da justiça, mais hediondo e horrível se, não se contentando com a cortesia de seu senhor, se intrometesse em sua própria posse. Novamente, a partir disto Jó repreende sua esposa e mostra a blasfêmia dela (Jó 2:10): *Como fala qualquer doida, falas tu*, disse Jó. *Receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal?* Assim, pelo esquadro da retidão, o homem de Deus prova ser a ofensa dela tanto maior quanto, tendo recebido tantas bênçãos, não podia suportar provar uma vez da cruz. Das bocas destas duas ou três testemunhas podemos colher quão hediondo mal é que, não nos contentando com a larga medida de seis dias de trabalho, sejamos tão ousados a ponto de invadir o sétimo dia do Senhor, reservado para Si mesmo.

Assim vemos como o Senhor nos concede seis dias para nossos corpos e o sétimo dia para nossas almas; não que devamos pensar que os outros dias devam ser separados deste uso, mas que este dia deve ser totalmente apartado dos outros para esse uso. Pois, se fosse possível ou conveniente, seja em respeito à nossa vocação ou aos lugares onde habitamos, reunirmo-nos duas vezes em cada dia da semana, como ainda se usa em alguns lugares (embora mais por costume e formalidade do que em fé e de consciência na maioria desses lugares), seria nada mais que justo. Pois vede que proporção há de seis dias para o sétimo, a mesma pode ser colhida de nove, ou antes, doze horas para a décima; pelo que o dízimo, ao menos, pode ser oferecido ao Senhor. E nisto reside a única diferença entre os seis dias e o sétimo: que o culto de Deus deve, nos seis dias, ser usado em tais épocas que, em sabedoria, sejam assim separadas e divididas para esse fim, sem qualquer impedimento de nossas vocações lícitas e necessárias, de modo que não tome o principal, mas as aparas e o excedente de nossa

vocação; mas no sétimo dia devemos fazer tal separação dos outros dias que, o que fazíamos apenas em parte na semana ou nos dias de trabalho, possamos fazer integralmente no sétimo dia e dia de Sábado. Verdade é que esta equidade de reunir-se duas vezes por dia é mais conveniente para cidades e vilas populosas, onde muitos habitam juntos, do que em outros lugares e situações que, pela distância do lugar, não possuem a congregação habitando tão próxima.

Aqui, nossa distinção comum de chamar os dias da semana de "dias de trabalho" e os dias de Sábado de "dias santos" [feriados] retira a afirmação frívola daqueles que pensam que cada dia deveria ser o nosso dia de Sábado, como se devêssemos confundir e misturar nossos dias de trabalho e dias de descanso.

Ora, se a permissão dos seis dias nos pertence, não nos é também ordenado o santificar o dia de Sábado? E se nos são permitidas aquelas coisas que concernem à nossa vocação, não nos são muito mais ordenadas aquelas coisas que respeitam à nossa santificação? Pelo que, se alguém diz que o mandamento é cerimonial, não pode o mesmo dizer que a permissão é cerimonial? Pois quem quer que afirme um, pode afirmar o outro; mas ambos falsamente. Se admitíssemos que estes dias devessem ser restringidos sob alguns aspectos e por algumas causas especiais, afirmamos que esta restrição deve ser por um tempo, mas não contínua; e que, quando as razões das exceções cessassem, então as próprias exceções deveriam cessar também. Mas alguns dirão: "O quê? Não permitireis algum dia de descanso para humilhação e jejum, ou, permitindo alguns dias para humilhação, não permitireis um também para ação de graças e regozijo?". A isto respondo que, concernente ao jejum, quando há uma necessidade especial de um dia designado, isto

não é mandamento de homem ou da Igreja, mas do próprio Deus, que, assim como impôs sobre nós a necessidade do remédio, assim também nos ordenou usar o remédio. E quanto ao dia de regozijo, penso que pode ser colocado no Sábado, o qual fazemos nossos dias de ação de graças. Pois, como os judeus usavam o Sábado como um dia para lembrar com ação de graças a sua criação, assim nós podemos usar esse dia para uma lembrança agradecida de nossa redenção, porque nele podemos meditar em todos aqueles benefícios que nosso Salvador Cristo, por Sua natividade, circuncisão, paixão, ressurreição e ascensão, adquiriu para nós. Mas se qualquer homem objetar que isto é mui mesquinho e escasso, porque, como Deus é extraordinário em misericórdia, assim deveríamos ser extraordinários em ação de graças, concedo que os Magistrados cristãos podem, por ocasião necessária, na sabedoria do espírito, alterar os tempos e designar algumas épocas para esse propósito; desde que seja feito por um tempo e não continue como perpétuo. Pois em seis dias, como ensinamos antes, devemos principalmente laborar em nossas vocações e dedicar alguma parte do tempo ao culto de Deus; e no dia de Sábado devemos principalmente aguardar o culto de Deus e não dedicar tempo a outras coisas, senão por necessidade, porque não somos menos encarregados no Sábado de adorar a Deus do que somos permitidos nos outros dias de seguir nossas vocações ordinárias.

Agora prossigamos para a terceira razão, tomada do Legislador ou autor dos mandamentos. Pois assim se segue em Êxodo 20:10: *Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus*, etc. Este argumento sabemos ser usado severamente nos três preceitos anteriores. No primeiro, ele vai antes do mandamento; no segundo, vem depois; no terceiro, está mais

estritamente adjunto. E aqui é chamado de "Sábado do Senhor", o que prova que, portanto, deve ser totalmente gasto com o Senhor. Ora, fosse ele cerimonial, então seguir-se-ia que haveria apenas nove mandamentos, visto que (Dt 4:13) Moisés afirma que a aliança que o Senhor ordenou ao Seu povo que fizesse eram dez mandamentos; onde vemos que não a Igreja, mas a Palavra de Deus estabelece esta computação. E, embora as cerimônias sejam também mandamentos do Senhor, nada obstante devemos sabiamente distinguir entre um e outro. Os mandamentos foram imediatamente entregues pelo próprio Senhor; as cerimônias foram dadas imediatamente a Moisés da parte do Senhor, mas mediadamente de Deus ao Seu povo pelo ministério de Moisés. Pois diz-se em Deuteronômio 5:22: *Estas palavras falou o Senhor a toda a vossa congregação no monte, do meio do fogo, da nuvem e da escuridão, com grande voz, e nada mais acrescentou.* Neste lugar, o homem de Deus fala dos dez mandamentos, que pouco antes havia repetido conforme foram publicados, geralmente a todos, pelo próprio Senhor; os quais, portanto, são perpétuos para todos os povos, nações e línguas, não apenas para os judeus, mas também para os gentios. As cerimônias, como sabemos, não eram universais, mas, começando com os judeus, terminaram com eles; nem eram perpétuas, mas na vinda de Cristo foram revogadas.

Esta diferença é ainda mais claramente estabelecida em Deuteronômio 4:13-14: *Então o Senhor vos anunciou a sua aliança, que vos ordenou fazer; os dez mandamentos, e os escreveu em duas tábuas de pedra. Também o Senhor me ordenou ao mesmo tempo que vos ensinasse estatutos e juízos, para que os cumprísseis na terra a que passais para a possuir.* Onde Moisés faz uma distinção nítida entre aquelas leis que Deus deu em Sua própria pessoa e aquelas que foram dadas por

seu ministério. Por esta palavra "estatutos", que está neste versículo, significam-se, como alguns afirmam, aquelas leis pelas quais os judeus diferiam de outros povos. Assim vemos como Moisés foi o ministro da lei cerimonial, que foi dada apenas a alguns e durou apenas por uma época; mas a lei moral, que pertence a todos os homens e vigora para sempre, o próprio Senhor a entregou.

Ora, assim como respondemos aos papistas, defendendo contra eles o segundo preceito como moral e não cerimonial, assim também nos opomos a eles nisto. Pois vede que mentes errantes e instáveis havia nos judeus concernente ao culto de Deus, o mesmo também há em nós por natureza; e quaisquer auxílios de que necessitassem nisto, seja para serem lembrados de sua criação, ou para a contemplação das obras de Deus, ou para sacrificarem ao Senhor, os mesmos são tão necessários para nós, para nos ajudar em nossos sacrifícios; pois necessitamos de uma regra perfeita tanto quanto os judeus, para nos preservar da idolatria e da heresia. Novamente, visto que temos tão grande necessidade de um tempo solene para estas coisas, no qual possamos nos entregar totalmente ao ouvir, orar e receber os Sacramentos, como eles tinham para o seu culto; estamos sujeitos a tão grandes distrações de mente em nossas vocações como eles estavam e, sendo com eles de natureza finita, não podemos fazer mais do que eles coisas infinitas. É tão requisito para nós quanto para eles ter uma lei, tanto para o tempo quanto para a maneira do culto; na qual, deixando de lado nossas obras ordinárias, deveríamos principal e integralmente nos entregar àqueles exercícios de Religião e deveres de amor que antes fazíamos apenas em parte, e assim mais livremente espiar nossos pecados passados, evitar nossos pecados presentes e nos fortalecer contra os pecados vindouros.

Pelo que, para encerrar este argumento, afirmamos contra os ímpios heréticos de nosso tempo que, enquanto necessitarmos de meios corporais, como comida, bebida, vestes e sono, para a continuação de nosso estado corporal, assim também necessitaremos dos meios espirituais, como a Palavra, os Sacramentos e a oração para a continuação de nossas almas. E como não é cerimonial, por estas considerações, usar estes meios, assim é moral ter um tempo ordenado e observado no qual estas coisas devam ser praticadas.

Resta falar da quarta e última razão, extraída da proporção do próprio exemplo de Deus, como pode aparecer nestas palavras de Êxodo 20:11: *Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou.* No que temos, em efeito, isto: assim como o Senhor fez as criaturas em seis dias, assim nós em seis deveríamos ter um uso natural delas. E como Ele santificou, isto é, apartou o sétimo dia para o Seu próprio culto, e o abençoou com uma bênção peculiar dada ao culto designado, assim nós também, apartando este dia das obras ordinárias de nossa vocação, deveríamos total e unicamente consagrá-lo ao culto de Deus. De modo que, como Deus fez todas as coisas em seis dias, assim podemos usá-las seis dias, como Adão fez no jardim; e como o Senhor descansou de Suas obras de criação, embora não de Sua obra de providência e administração, assim devemos apartar este dia para buscar uma bênção especial e uma santificação especial do culto de Deus, por causa de Sua própria promessa e instituição.

Por que o Senhor fez isto ao nosso primeiro pai? Ele contemplou as obras de cada dia e abençoou cada dia. Devemos notar que Ele deu uma bênção especial acima dos

outros dias a este dia. Ora, portanto, admita-se que um homem concedesse isto a um herético: que deveríamos ser tão perfeitos quanto Adão em sua inocência (o que é uma heresia manifesta); contudo, eles devem conceder que necessitávamos da Palavra e dos Sacramentos (cujo uso eles negam), visto que Adão necessitava do uso de todas estas coisas, estando ainda sem pecado. Nós, portanto, lhes opomos isto: que enquanto reconhecerem a necessidade de auxílios corporais, clamando por comida, sono e vestes, assim também suas almas necessitam de meios espirituais, como a Palavra, os Sacramentos e a oração, porque suas almas devem ser tão preservadas quanto seus corpos nutridos. Nosso primeiro pai, então, tinha um Sábado para ser lembrado do Criador e para que, sem distração, pudesse ser melhor lembrado do glorioso reino vindouro, para que mais livremente pudesse se entregar à meditação e para que pudesse melhor glorificar a Deus em seis dias. Assim como os heréticos negam a necessidade da Palavra, da oração e dos Sacramentos, assim nós aguardamos um novo céu e uma nova terra, e então esperamos e reconhecemos que guardaremos um Sábado contínuo. Mas, entretanto, visto que o Sábado que agora temos existia antes do pecado, nós, desde que o pecado entrou no mundo, temos muito mais necessidade dele, porque aquilo que era necessário para manter Adão na inocência é também necessário para nos recuperar e para nos manter em nossa recuperação. Tendo o Senhor, então, santificado este dia, ele não é nosso dia, mas o próprio dia do Senhor.

Mas alguns dirão: "Como? É Deus melhor servido no Sábado do que em qualquer outro dia?". Respondo: não que coloquemos a religião naquele dia, por ser um dia, mais do que em qualquer outro; mas que naquele dia estamos mais livres de

distrações e postos em mais liberdade para a adoração a Deus do que estamos nos outros seis dias, nos quais estamos vinculados à nossa vocação ordinária e lícita. Pelo que, assim como não atribuímos santidade às criaturas da água, do pão e do vinho nos Sacramentos, mas reconhecemos toda a graça interior como procedente da bênção e instituição de Deus, assim prometemos a nós mesmos no dia do Senhor uma bênção maior, não por qualquer coisa no dia em si, mas em razão da própria ordenança de Deus e da promessa de uma bênção à mesma. E como não negamos uma bênção do Senhor na oração privada, leitura e conferência, mas reconhecemos uma bênção maior como devida, até pela própria promessa do Senhor, a estes exercícios públicos em comparação aos outros, assim não negamos que a graça de Deus esteja sobre aquelas horas remidas de nossas vocações externas e consagradas ao Senhor; mas confessamos que uma bênção mais especial de Deus pertence àquele dia inteiro que o Senhor tomou para Si somente, e isso por amor de Sua própria promessa a todos aqueles que vêm com corações simples para obedecer ao Seu santo mandamento.

Ora, tendo percorrido estas razões que provam ser o dia de Sábado moral, e que este mandamento não deve ser menos observado do que os outros nove, antes de entrarmos na exposição da lei em si, será conveniente enfrentar tais razões que alguns homens trazem para prejudicar a verdade daquilo que já foi dito; o que sendo feito, pela graça de Deus, chegaremos ao restante. As razões contra o Sábado podem brevemente ser reduzidas àquelas que ou parecem ser extraídas das palavras expressas das Escrituras, ou então por alguma consequência colhidas das Escrituras. Os argumentos tomados da palavra escrita procedem ou do Antigo Testamento ou do

Novo; os que estão contidos no Antigo são tomados ou da lei ou dos Profetas.

Da lei, fazem muito alvoroço sobre o que está escrito em Êxodo 31:13-17, onde o Senhor diz isto a Moisés: *Fala tu aos filhos de Israel, dizendo: Certamente guardareis os meus sábados; porquanto isso é um sinal entre mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que eu sou o Senhor, que vos santifica. Portanto guardareis o sábado, porque santo é para vós; aquele que o profanar certamente morrerá; porque qualquer que nele fizer alguma obra, aquela alma será cortada do meio do seu povo. Seis dias se trabalhará, porém o sétimo dia é o sábado do descanso, santo ao Senhor; qualquer que no dia do sábado fizer qualquer obra, certamente morrerá. Guardarão, pois, o sábado os filhos de Israel, celebrando-o nas suas gerações por aliança perpétua. Entre mim e os filhos de Israel será um sinal para sempre; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, e ao sétimo dia descansou, e restaurou-se.*

Destas palavras eles arrebatam estas três razões. Primeiro, triunfam antes da vitória e dizem: "É manifesto que é um sinal; e, portanto (como lhes apraz concluir), é uma figura". Verdade é que aqui é chamado de sinal (v. 13), como também em Ezequiel 20:12 é claro; todavia, esta não é uma boa razão: que, visto ser o Sábado um sinal, portanto é uma figura ou sombra. Pois, embora toda figura e sombra seja um sinal, nem todo sinal é uma figura ou sombra. Uma figura mostra antecipadamente uma verdade a ser revelada depois; uma sombra denota um corpo a ser exibido futuramente; mas um sinal, assim como às vezes significa uma coisa a ser esperada depois, assim também às vezes nos assegura de uma coisa já realizada. A figura cessa quando a verdade vem; não há uso da

sombra quando o corpo está presente; mas o sinal e a coisa significada podem estar unidos, e ambos servirem para um uso presente.

Novamente, colhem do versículo 16 do capítulo que temos em mãos, onde se diz: *Guardarão, pois, o sábado os filhos de Israel, celebrando-o nas suas gerações por aliança perpétua*, que, porque o Sábado de Deus é Sua aliança para sempre, isto é, até Cristo, ele é cerimonial. Verdade é que a lei admite esta frase de linguagem diversas vezes — dizer "para sempre", isto é, até Cristo, em quem todas as coisas são cumpridas.

Mas devemos observar esta regra geral como nosso guia, quando quisermos saber quais figuras e cerimônias terminam em Cristo e quais preceitos morais nos pertencem. Quando uma coisa é instada aos judeus e possui uma razão peculiar feita propriamente ao judeu, não pertencendo em nada ao cristão, então, como começou com os judeus, enquanto judeus, cessou com os judeus. Mas quando a razão da coisa instada não é peculiar aos judeus, mas também pertence aos cristãos, então a coisa ordenada não é própria do judeu, mas comum ao judeu e ao gentio.

Portanto, esquadrinhemos a razão pela linha desta regra geral. Acrescenta-se aqui, no versículo 17: *Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, e ao sétimo dia cessou e descansou*. Onde, se tivesse sido dito que deveriam observar o descanso por uma aliança perpétua porque foram tirados do Egito, eu teria concedido ser algo peculiar aos judeus; mas visto que esta é a razão — *o Senhor descansou* —, a qual é comum não apenas à posteridade de Abraão, mas a toda a posteridade de Adão, o mandamento deve ser concedido como

geral, tanto para judeus quanto para gentios. Pois é uma instrução comum a todos os homens, em todas as eras, laborar seis dias, nos quais o Senhor fez o céu e a terra, e cessar o labor no sétimo dia, porque nele o Senhor descansou.

O sentido claro deste lugar, então, é brevemente este, como se o Senhor dissesse: "Eu fiz esta lei no princípio do mundo, e ela durará até o fim do mundo; eu a fiz a Adão, o pai de todas as gerações, e ela perdurará até o último de toda a sua posteridade, de geração em geração. Eu fiz esta lei para dar descanso a mim mesmo após minhas grandes dores tomadas na criação do mundo em seis dias, e vós a guardareis para dar descanso às vossas mentes, que estão carregadas de muitas distrações em razão de vossas vocações ordinárias naqueles dias". Nem desejaria que alguém pensasse que o Senhor tivesse necessidade de qualquer refrigério, Ele que, sendo infinito, não pode estar sujeito a distrações ou cansaço; mas devemos saber que, onde se diz que o Senhor se refrescou ao contemplar Suas criaturas, Ele recomenda Seu amor para conosco, mostrando antes o que deveria haver em nós do que o que havia nEle. Pois tal alacridade e diligência deveríamos usar em nossas vocações, que deveríamos nos alegrar quando o Dia do Senhor chega, para que nele possamos nos recuperar e aliviar nossas mentes daquelas distrações que nos sobrecarregam em nossa vocação externa, e assim nos refrescarmos com prazeres espirituais no puro culto a Deus e na contemplação agradecida de Suas obras. Vemos como estas razões militam antes a nosso favor do que contra nós. E isto quanto às provas deles extraídas das palavras prescritas da lei; agora consideremos o que alegam dos Profetas.

As razões deles extraídas dos Profetas são tomadas ou de Isaías ou de Ezequiel. De Isaías, usam estas passagens:

Isaías 56:1-2; 58:13-14 e 66:23. As palavras do Profeta no capítulo 56, versículos 1 e 2, são estas: *Assim diz o Senhor: Mantende o juízo e fazei justiça, porque a minha salvação está prestes a vir, e a minha justiça, a manifestar-se. Bem-aventurado o homem que fizer isto, e o filho do homem que nisto lançar mão; que se guarda de profanar o sábadó e guarda a sua mão de cometer algum mal.* "Vede", dizem eles, "aqui o Sábado é recomendado como um descanso do pecado". Não o nego, mas nossa controvérsia é sobre o fundamento do Sábado. Pois por que o Senhor tanto clama ao Seu povo pelos Profetas pela guarda do Sábado, e tanto brada contra a quebra do mesmo, senão porque era o meio especial do culto de Deus e da salvação deles — o qual, sendo desprezado, desprezavam o culto de Deus e o seu próprio bem-estar? E porque, neste horrível desprezo da escola santa do Senhor, onde deveriam ter aprendido tanto sua religião para com Deus quanto seus deveres para com os irmãos, deram um manifesto sinal de negligência em ambos, são dignamente ameaçados pelo Profeta. E quanto à pura interpretação deste lugar, por "guardar o Sábado" entende-se a observação da primeira tábua; por "guardar as mãos de fazer qualquer mal" entende-se a obediência à segunda tábua. De modo que a coisa aqui principalmente instada é esta: que guardassem o Sábado, o qual poderia nutri-los no culto de Deus e nos deveres para com seus irmãos.

Mas, dizem eles, o Sábado aqui está unido a cerimônias, como pode aparecer nos versículos seguintes; portanto, é uma cerimônia. Este não é um argumento sólido. Pois na lei está estabelecida a lei moral, que ensina os deveres comuns de todo o povo de Deus, na qual também estão as cerimônias, que descrevem os deveres peculiares aos judeus; sobre o que não

devemos concluir que, portanto, a lei moral seja cerimonial. Novamente, estas cerimônias contêm não apenas certas verdades de coisas espirituais que deveriam ser cumpridas em Cristo, mas também de outros meios que deveriam suceder em seus lugares. Verdade é que, se tivessem contido apenas verdades de coisas espirituais em Cristo, teria algum peso o que afirmam; mas visto que possuem também em si tais meios que, embora não da mesma maneira, contudo mais eficazmente hão de ser usados depois, a razão não é boa. Pelo que arrazoamos contra eles assim: que, embora não tenhamos a maneira de seus sacrifícios, temos nossos sacrifícios e meios do culto de Deus sucedendo-os. Pois, embora não tenhamos, como eles tinham, Sacerdotes para oferecer por nós, e tais sacrifícios de animais mortos como os Sacerdotes ofereciam por eles, contudo temos os Ministros da palavra de Deus, que dissecam as consciências dos homens, pelos quais os segredos dos corações dos homens são manifestos (1Co 14:25). Pela pregação do Evangelho e da palavra de Deus — a qual, sendo poderosa em operação e mais afiada que uma espada de dois gumes, penetra até a divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração (Hb 4:12) —, Cristo nos é como que recém-crucificado, e isso tanto mais proveitosamente do que se estivéssemos presentes no ato em si, visto que, além de descrever a maneira do mesmo, o fruto dele é mais eficazmente pregado. E certamente podemos afirmar que os sacrifícios mudos dos papistas cegos entraram quando cessou este glorioso sacrifício da pregação. E onde a palavra é administrada em qualquer poder e sinceridade, ali, sem dúvida, a pregação da lei nos abate, e a pregação do Evangelho nos traz a Cristo (Is 56:1-2).

Nisto reside a diferença entre os judeus e nós: que eles, em todos os seus Sacramentos e sacrifícios, representavam o Cristo que haveria de vir, e mostravam que seus pecados nEle seriam retirados, estando Ele ainda por vir; nós, manifestamente em nossos sacrifícios, testemunhamos que Ele já veio e que nossos pecados em Sua morte estão plenamente perdoados. Além disso, para aqueles sacrifícios dantes nomeados, temos os sacrifícios de oração e ação de graças, dos quais o Profeta fala no Salmo 141:2: *Suba a minha oração perante a tua face como incenso, e seja o levantar das minhas mãos como o sacrifício da tarde*. Bem como no Salmo 119, versículo 108: *Aceita, Senhor, eu te rogo, as oferendas voluntárias da minha boca; ensina-me os teus juízos*. Destes sacrifícios faz-se menção em Malaquias 1, Oseias 14:2, Mateus 24, João e Hebreus 13:15.

Ora, no fato de se seguir em Isaías 56:7 que o Senhor os trará à Sua casa de oração, concedo que, no fato de terem apenas uma casa de oração, a qual lhes representava que a Igreja era uma só, isso era cerimonial; contudo, também confesso que na mesma havia esta verdade comum: que deveria ser um meio para adorar a Deus. Pelo que, neste lugar, o Senhor ordena e recomenda assembleias santas até mesmo a nós, para quem elas são tão necessárias quanto para os judeus. Pois, embora não seja agora necessário, nem exigido, que subamos a Jerusalém para adorar segundo a maneira dos judeus, contudo, além de nossas casas privadas, nas quais podemos adorar ao Senhor, necessitamos de um lugar público e comum para nos reunirmos; para o qual o Senhor em Seu Evangelho fez esta promessa: que onde dois ou três estiverem reunidos em Seu nome, Ele estará no meio deles. Isto também nos é recomendado pelo exemplo dos santos Apóstolos, que se

reuniam e, além de suas diversas casas, diz-se em Atos 2:46: *Perseveravam unânimes no Templo*; de modo que tinham um lugar onde a Palavra, os Sacramentos, a Oração, etc., eram usados. E embora agora não tenhamos as mesmas ofertas, lugares e sacrifícios que os judeus tinham, contudo temos estas coisas mais eficazmente do que eles; e embora não tenhamos o Sábado deles, temos um Sábado.

As palavras de Isaías 58:13 são estas: *Se desviares o teu pé do sábado, de fazeres a tua vontade no meu santo dia, e chamares ao sábado deleitoso, e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando as tuas próprias palavras; então te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra*, etc. Isto é falado ao estado presente dos judeus, como então eram, e não propriamente aos gentios, senão na medida em que estes podem ver seu estado nos judeus, aspecto sob o qual pode ser proveitosamente aplicado aos gentios; mas evidente é que aqui, propriamente, foi falado aos judeus. Pois neste lugar o Profeta asperamente os repreende porque não guardavam seus jejuns e dias santos retamente. Todavia, eles não hesitavam em queixar-se entre si de que haviam jejuado, que se humilharam e usaram todos os meios que seus pais antes deles haviam feito, mas tudo em vão, visto que não sentiam os mesmos efeitos que seus pais sentiram.

Pelo que o Senhor, por Seu Profeta, lhes responde desta sorte: "Verdade é que jejuais de fato, mas com isso mentis e viveis ainda em vossos pecados; jejuais, mas sem arrependimento; e tão longe estais de verdadeiramente abandonardes vossos pecados que, em vossos dias de jejum, por mais que como hipócritas useis a ação externa, exerceis

crueidade, opressão, debate e contenda. E esperais que esta santa hipocrisia seja aceitável para mim? Não. Se quereis agradar-me com vosso jejum, arrependei-vos de vossos pecados, mostrai vossa tristeza pelos frutos do amor, exercendo as obras de misericórdia e compaixão; coisas que, quando eu vir em vós com um coração reto, então aceitarei vossa oferta e me agradarei de vosso jejum. Novamente, não penseis que olharei para vossos dias santos enquanto os usardes apenas por costume e em hipocrisia, tornando-os inúteis para o meu culto e para vossa salvação e arrependimento, até o tempo em que vos esforceis por um uso melhor e mais santo deles, tanto concernente ao puro honrar do meu nome quanto ao avanço de vossa própria salvação".

"Eis aqui", dizem eles, "o Sábado é revogado". Nada poderiam afirmar mais contrário a este lugar. Pois aqui não há revogação do Sábado, mas um estabelecimento da verdadeira celebração do Sábado, com uma aguda repreensão de seu estado corrompido e presente. E, assim como Ele fala contra o Sábado corrompido deles, também os taxa por seu jejum hipócrita; de modo que, se querem que o Sábado seja revogado, muito mais devem expulsar o jejum das portas da Igreja, contra o qual Ele é mais enfático; e dizendo-lhes que seus jejuns não são em verdade, o Senhor lhes mostra com qual jejum se agrada. Novamente, dizem eles: "Vede, aqui é manifesto que cessar do pecado é o Sábado que devemos guardar". Respondo: é o fruto do Sábado que devemos guardar; e, portanto, porque onde os meios são usados sem qualquer efeito ou fruto, ali os meios nada são, o Senhor antes os insta aos efeitos e à guarda do Sábado com fruto, do que anula o Sábado. E é usual na palavra de Deus usar o efeito pela causa, e o fruto pelos meios, como podemos ver em Tiago 1:27: *A religião pura e imaculada*

para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo. O que, brevemente, é como se o Apóstolo dissesse: este é o efeito da verdadeira religião, quando a fé se mostra puramente nas obras do amor. Novamente, em João 6:47-48: *Aquele que crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida.* Onde nosso Salvador Cristo mostra que o efeito da fé é o comer da carne de Cristo e o beber do Seu sangue. De modo que usar os meios sem o efeito é hipocrisia; como também esperar pelo efeito sem usar os meios é tola presunção.

Pelo que afirmamos, e isso da boca do Senhor por Seu santo Profeta, que descansar no jejum e no Sábado como um meio externo é de nenhum valor sendo separado das boas obras, que são o resultado e o efeito do mesmo; que, se quisermos que Deus seja misericordioso conosco, deveríamos também nos mostrar misericordiosos para com os outros. Assim, o Senhor não retira aqui um, mas mostra que um é infrutífero sem o outro, e está tão longe de retirar o Sábado que, antes, trata de informá-los no verdadeiro uso do Sábado. O significado, portanto, das palavras do Profeta é este: "Se não quiseres descansar na mera cerimônia de teus dias santos, mas fizeres o teu santo serviço a mim e os deveres de amor aos teus irmãos, então te mostrarás como alguém que tem verdadeiro prazer em Deus e em Seu culto". Onde devemos aprender a nos deleitarmos tanto com os meios de nossa salvação que, vendo que podemos apenas em parte nos entregar a eles nos dias da semana, deveríamos nos regozijar grandemente quando o dia de Sábado chega, ao contrário da prática do povo no tempo de Amós, que dizia (Am 8:5): *Quando passará a lua nova, para vendermos o grão? E o sábado, para abrirmos os celeiros de trigo, diminuindo o efa, e aumentando o siclo, e enganando*

com balanças enganosas?. Pelo que concluímos que aqui não há a revogação, mas a pura celebração do Sábado, a qual aparece pelo efeito, quando nos atrai para mais perto de Deus e nos faz ter maior prazer em Seus caminhos.

Resta o que está em Isaías 66:23: *E será que de uma lua nova à outra, e de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o Senhor.* Onde se diz "de um sábado a outro", "eis", dizem eles, "aqui se estabelece um Sábado contínuo a ser observado todos os dias no reino de Cristo, e portanto não deve haver apenas um dia prescrito em toda a semana". Mas a razão é mui fraca e contém um absurdo manifesto. Pois, se cada dia devesse ser um Sábado, e no Sábado nos é ordenado não fazer nenhum tipo de trabalho, quando trabalharíamos em nossas vocações ordinárias, para as quais o próprio Senhor nos permitiu seis dias? Assim vemos que os seis dias de nossas vocações ordinárias seriam arrancados. Se dizem que um homem pode seguir sua vocação e ainda assim adorar a Deus suficientemente e como convém ao santo Sábado, então devem conceder que podemos fazer nossas obras ordinárias no Sábado, bem como suspeitam o Senhor de falta de sabedoria. Mas se olhássemos de perto para as vidas desses homens, descobriríamos que, enquanto clamam por guardar cada dia como um Sábado, em verdade, entretimentos, não observam Sábado algum. Além disso, no fato de ser necessário um dia particular totalmente dedicado ao Senhor, é certo que os mais queridos filhos de Deus, que nos outros dias remitem tempo para o culto de Deus, desejam isto fervorosamente.

Agora, concernente ao lugar em si, que parecem interpretar mui mal, devemos entender duas coisas. Primeiro, não deve ser tomado simplesmente, mas por via de

comparação; segundo, refere-se ao reino da glória e à segunda vinda de Cristo. Por via de comparação, entende-se assim: que o povo de Deus não deveria se contentar em adorá-Lo apenas no Sábado, mas também nos outros seis dias deveria ser-lhes lícito ter assembleias santas e reuniões cristãs; o que, embora agora devessem fazer apenas em parte, em razão de sua vocação ordinária, futuramente o fariam tanto contínua quanto perfeitamente no reino do céu. Coisa que foi realizada até pelos Apóstolos, os quais, embora observassem um dia solene, contudo tinham suas assembleias piedosas para exercícios santos também em outros dias. Verdade é que a Família do Amor pretende uma aparência do reino de Deus nesta vida pelo ressurgir do pecado, dizendo que aqui nos assentamos em lugares celestiais. Mas as Escrituras, neste caso, falam do princípio, não da consumação dos filhos de Deus na glória. Pois nesta vida possuímos apenas em esperança aquilo que perfeitamente desfrutaremos. Somos aqui admitidos apenas na entrada deste reino; aqui tomamos posse, recebemos nossos títulos; nosso contrato e evidência nos são dados neste mundo para nos assegurar de que futuramente teremos a plena fruição e perfeita posse.

Pelo que outro Profeta diz em Jeremias 31:33-34: *Esta será a aliança que farei com a casa de Israel: Depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior... E não ensinará mais cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conhecei ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior, diz o Senhor.* Onde podemos ver que, embora o pleno cumprimento de nossa glória e conhecimento esteja no céu, contudo verdade é que aqui ele é iniciado, e será terminado futuramente, quando conheceremos perfeitamente a Deus, a quem agora

conhecemos apenas em parte e como que em um espelho. Pois cada um, como está em Hebreus 5:12 concernente a estes tempos, deveria ser capaz, pelo Espírito de Deus, de ensinar aos outros conforme aquela vocação na qual o Senhor o colocou. E como aquele lugar não alcança que todos devessem ser Doutores, mas que deveria haver conhecimento em todos, embora em maior medida em alguns, assim nosso Profeta não quer dizer que cada dia devesse ser um Sábado, mas que os cristãos, em cada dia da semana, deveriam prover para o culto de Deus em alguma medida, embora mais plena e solenemente no Sábado. Assim vemos que a força disto está na via de uma comparação: que os cristãos não deveriam se satisfazer concernente ao culto de Deus apenas com o Sábado, mas que também, conforme sua vocação permitisse, deveriam adorar de Sábado em Sábado.

Quanto à segunda resposta — para provar contra os defensores de um Sábado contínuo que este lugar se refere à Igreja triunfante, e não à Igreja militante —, isso aparecerá facilmente se considerarmos diligentemente o que vai antes e o que vem depois; regra que deve ser dignamente seguida ao se peneirar o verdadeiro sentido das passagens nas Escrituras. Ora, no versículo anterior, faz-se menção dos *novos céus e da nova terra*; pelo que ele não quer dizer a primeira aparição de Cristo em humildade, mas Sua segunda vinda em glória, como pode aparecer em 2 Pedro 3:13, onde o Apóstolo repete as mesmas palavras, dizendo: *Nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e uma nova terra, em que habita a justiça*. Certamente, se o Profeta tivesse pretendido que isto ocorresse na vinda de Cristo na carne, é mui provável que devesse ter sido no estado florescente da Igreja e nos tempos gloriosos dos Apóstolos; mas que não foi assim, é manifesto

pelas próprias palavras do Apóstolo: *Nós aguardamos novos céus*, etc. No versículo seguinte, o Profeta fala do *verme que não morrerá* e do *fogo que não se apagará*; o que indubitavelmente se entende dos infernos, para onde os ímpios serão lançados no último dia do juízo, como pode ser colhido pelas palavras de nosso Salvador Cristo em Marcos 9:43-44, onde Ele faz menção do inferno, *onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga*. Pelo que, pelas premissas e pela sequência, concluímos com os doutos que o Sábado aqui mencionado deve ser guardado no reino do céu. E, portanto, o Sábado contínuo deles, que deveriam ter nesta vida, é um artifício de seu próprio cérebro, e não colhido deste lugar. E isto quanto às razões que pareciam provar ser o Sábado cerimonial, tomadas das palavras prescritas do Antigo Testamento. Quanto àquilo que alegamos de Ezequiel, capítulo 20, já está respondido suficientemente ao refutar a primeira razão deles, que foi extraída de Êxodo 32 [31].

Agora resta, de igual maneira, considerar os argumentos deles que tomam do Novo Testamento, seja da história de Cristo, seja dos escritos de Seus santos Apóstolos. E porque os quatro Evangelistas concordam em uma harmonia, reduziremos brevemente todas as suas razões a um ou dois lugares principais, a saber, Mateus 12:1-8 e Marcos 2:27. Em Mateus 12, diz-se: *Naquele tempo passou Jesus pelas searas, em um sábado; e os seus discípulos, tendo fome, começaram a colher espigas, e a comer. E os fariseus, vendo isto, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer num sábado. Ele, porém, lhes disse: Não lestes o que fez Davi, quando teve fome, ele e os que com ele estavam? Como entrou na casa de Deus, e comeu os pães da proposição, que não lhe era lícito comer, nem aos que com ele estavam, mas só aos*

sacerdotes? Ou não lestes na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado, e ficam sem culpa? Pois eu vos digo que está aqui quem é maior do que o templo. Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício, não condenaríeis os inocentes. Porque o Filho do homem até do sábado é Senhor.

A ocasião desta doutrina de Cristo é que, saindo Ele a pregar com Seus Discípulos, estes, por fome, colheram espigas de milho. Disto surgiu, pelos Fariseus, esta Controvérsia, que acusaram os Discípulos de viajarem no dia de Sábado, como se tivessem feito uma obra no Sábado que não era lícita ser feita, porque a Lei dizia que nenhum homem deveria viajar naquele dia. Nosso Salvador Cristo, ouvindo esta acusação, defende Seus Discípulos; do que alguns concluem que nosso Salvador aqui revogou o Sábado. Mas o que poderiam ter forjado de mais falso? Pois se, como dizem, Ele agora tivesse revogado o Sábado, então nosso Salvador Cristo não obedeceu a cada parte das cerimônias até a morte; o que, se afirmarem, digam-lhes o perigo disso. Antes, pelo contrário, segundo o juízo dos mais doutos, afirmamos que Cristo está tão longe de falar contra o Sábado neste lugar que estabelece a pura observação do mesmo contra aqueles que, perversa e falsamente, o julgavam. E aqui vemos os Fariseus lidarem mui astutamente. Pois poderiam muito bem ter acusado os Discípulos de furto, tanto quanto de quebrarem o Sábado, não soubessem eles que, assim como a Lei permitia a um homem entrar na vinha para colher uvas, contanto que não levasse cachos embora, assim eles, para satisfazer sua fome, poderiam prontamente comer das espigas, não levando nenhuma consigo. Todavia, não podiam ver que esta viagem deles não era como a viagem ordinária nos outros

dias, e que era condizente com o Sábado, permitindo a Lei uma jornada de dia de Sábado.

Alguns (curiosamente) definiram isto como sendo o espaço de uma milha, alguns duas, alguns três milhas; aos quais, embora não negue a liberdade de seu juízo, penso consistir naquela distância que um homem possa convenientemente viajar para algum propósito santo, sem qualquer impedimento do exercício ordinário daquele dia, e sem cansaço seja para o corpo ou para a mente, pelo qual se tornaria menos apto para o culto do Senhor ou para seus deveres. E, portanto, aqueles que habitavam apenas tão longe de Jerusalém que pudessem naquele dia convenientemente ir aos Sacrifícios e retornar para casa sem nenhum dos impedimentos anteriores, faziam uma jornada de dia de Sábado. E agora, em nossos tempos, um homem pode legitimamente ir tão longe para o uso mais confortável ou santo do dia no ouvir; desde que nem seu corpo seja sobrecarregado, nem qualquer tempo devido de ouvir seja preterido, e isso sem prejuízo ou quebra do Dia do Senhor. Pelo que, vendo que nosso Salvador Cristo e Seus discípulos viajavam para um fim tão santo, e não mais longe do que era lícito por uma jornada de dia de Sábado, o fim da jornada — que deve medir esta e ações semelhantes — prova que nisto não houve quebra do Sábado. Nem é provável que os Fariseus tenham reprovado e controlado os Discípulos por viajarem, visto que até eles mesmos eram companheiros na jornada, mas antes o fizeram por colherem as espigas; por meio do que mostraram que a cerimônia do descanso não era a coisa principal no Sábado (como hoje em dia alguns pensam), mas antes porque fizeram provisão para seus corpos, contrariamente (como imaginavam) a Êxodo 16:24.

Bem, é mui provável que, estando os Discípulos longe do lugar de onde partiram (porque, se tivessem desfalecido então, ali teriam se recreado) e distantes de qualquer lugar onde pudessem comer (pois, se estivessem perto de algum lugar, poderiam antes ter se refrescado com outras coisas que não com grãos), eles, pelo desfalecimento e por falta de outros itens necessários, foram constrangidos a satisfazer sua necessidade presente com estas coisas; o que, se não tivessem feito, não seriam capazes de persistir em sua vocação, que era condizente com o Sábado — cujas obras jamais restringiram o comer, o que, não obstante, poderiam tão justamente ter repreendido nos Discípulos quanto o colher as espigas.

Os argumentos pelos quais Cristo lhes responde podem brevemente ser referidos a cinco cabeças. A primeira está estabelecida nestas palavras, versículo 3: *Não lestes o que fez Davi, quando teve fome, ele e os que com ele estavam? Como entrou na casa de Deus, e comeu os pães da proposição, que não lhe era lícito comer, nem aos que com ele estavam, mas só aos sacerdotes?*. Vede, Ele fala aqui da cerimônia dos pães da proposição, que foi quebrada para a preservação das vidas dos homens; por meio do que mostra que as Cerimônias, como coisa de menor importância, devem dar lugar por amor à vida. De modo que isto é falado sobre o fim, porque a coisa que é proibida para um fim comum não é quebrada para um uso particular. Pelo que Davi e sua companhia comeram os pães da proposição para servirem à sua necessidade, e isso sem quebra da Lei; quanto mais podem meus Discípulos comer as espigas para habilitá-los mais a atenderem à ordenança de Deus? É uma regra na lei civil que é contra a civilidade caçar mui avidamente as sílabas de suas Máximas e, com negligência, desprezar e permitir o verdadeiro sentido da Lei. Coisa na qual

nosso Salvador apanha os Fariseus, que eram censores mui severos da letra e observadores mui severos da matéria da Lei. Nosso Salvador, portanto, em efeito, quer dizer isto: que, assim como não era lícito comer os pães da proposição usual ou ordinariamente, e contudo comê-los por necessidade não era ilícito; assim, usualmente colher grãos no Sábado, mesmo em tempo de Colheita, não era lícito; e contudo, extraordinariamente e por necessidade, colhê-los não era ilícito no Sábado, o qual permitia as obras de necessidade, pelas quais os homens pudessem ser melhor habilitados e menos impedidos de fazer as obras daquele dia. E por esta causa, visto que os Discípulos, sem este auxílio, estariam menos aptos seja para pregar aos outros ou para ouvir nosso Salvador, e por ele foram mais habilitados para qualquer destas coisas, é evidente que estavam tão longe de quebrar o Sábado ao fazê-lo que, antes, o teriam quebrado ao não fazê-lo. Assim, Cristo não apenas não revoga o Sábado neste lugar, mas também, repreendendo os Fariseus por interpretarem mal a Lei e tomá-la de forma mui estrita, sem a devida consideração do fim da mesma, estabelece uma observação mais pura do mesmo (Lc 6:1).

A segunda razão, que é extraída da própria Lei e da própria prática dos Sacerdotes, pode ser colhida dos versículos quinto e sexto: *Ou não lestes na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado, e ficam sem culpa? Pois eu vos digo que está aqui quem é maior do que o templo.* Como se dissesse: "Verdadeiramente interpretais mal o Sábado; deveis considerar melhor que tipo de obras o Sábado proíbe, a saber, as obras das vocações ordinárias dos homens, não sendo adequadas para a dignidade do Sábado e em nada tendendo ao culto de Deus; mas se elas convêm à dignidade daquele dia e

são feitas para o santo culto de Deus, não são ilícitas. Aconselhai-vos (rogo-vos): não matam vossos próprios Sacerdotes, no dia de Sábado, seus animais para sacrificar? Não circuncidam naquele dia? E não levais vossos filhos ao Templo para serem circuncidados, o que são obras tanto em respeito aos vossos Sacerdotes quanto a vós; e contudo, no fato de que nestas coisas sois feitos mais aptos para servir a Deus em Seu culto, não as pensais ilícitas? Da mesma forma, sabei que este colher das espigas em meus Discípulos não é obra de suas vocações ordinárias, mas para torná-los mais aptos para o culto de Deus". No fato de nomear os Sacerdotes, mostra que fala antes contra as pessoas do que contra a causa, e os estrangula em seu próprio argumento. Pois a resposta, em efeito, é esta: "Se meus Discípulos profanam o Sábado, então vossos próprios Sacerdotes fizeram o mesmo".

Sob isto podemos incluir a resposta de nosso Salvador Cristo aos judeus, que O acusaram por curar o homem enfermo no dia de Sábado, em João 5:17: *Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também*. Isto é: assim como meu Pai cessou das obras da Criação, contudo não cessou de fazer o bem no Sábado; assim, embora eu e meus Discípulos tenhamos cessado de nossas vocações ordinárias, contudo não cessamos, seguindo o próprio exemplo do Pai, de fazer as obras de misericórdia no Sábado. Pois as obras da providência de Deus devem ser feitas todos os dias. Visto que Ele, então, Se digna a nos colocar em Seu lugar para fazer coisas boas, podemos legitimamente fazê-las, embora com algum labor corporal, como podemos naquele dia recorrer aos aprisionados, visitar os enfermos, socorrer os necessitados, reconciliar os sem caridade e admoestar os desregrados. E por quê? Não buscamos nisto nosso próprio lucro, mas o lucro de nossos irmãos; não

desejamos nossa própria glória, mas a glória de Deus. Em cujos casos não somos proibidos, mas ordenados a fazer o bem no Sábado.

Se olharmos de perto para a história de nosso Salvador Cristo, veremos que Lhe era mui usual curar os enfermos, restaurar a vista aos cegos, abrir as bocas dos mudos e frequentar exercícios semelhantes no dia de Sábado. E por qual causa? Porque nos outros dias os homens, seguindo suas vocações ordinárias, não podiam segui-Lo tão bem; mas no dia de Sábado, postos de lado seus outros negócios, atendiam-No voluntariamente e reuniam-se. De modo que, se Ele tivesse feito estas coisas nos outros dias, teria impedido as vocações ordinárias dos homens pelo concurso de gente; ou então as teria feito para menor glória de Deus, se nenhuma companhia ou concurso tivesse ocorrido. Pelo que, assim como o povo naquele dia estava mais apto para vir a Cristo, assim Cristo estava então mais pronto, quando Suas obras também pudessem mais contribuir para a glória de Deus. Além disso, Ele fez então estas coisas, antes, para que pudesse desmamar os judeus de sua opinião supersticiosa sobre o Sábado e introduzir o puro uso do mesmo no exercício das obras de amor.

Ora, se o descanso externo do dia tivesse sido a coisa principal nele, como os Fariseus então sonhavam e muitos hoje em dia têm pensado, então como teria Cristo feito estas coisas, Ele que deveria cumprir todas as coisas ordenadas na Lei Moral e não deixou nada por fazer em nenhum jota da Lei Cerimonial, até que o véu do Templo de Seu corpo fosse rasgado? Assim vemos como o fim principal era moral, e não cerimonial; e, como é moral, dado a todos os homens para auxiliá-los nos meios de sua salvação, é tão necessário para nós quanto para os judeus. Novamente, a Cristo não foi feita

nenhuma pergunta mais do que sobre o Sábado, e em todas as Suas respostas Ele antes invectiva contra a perversão do que tenciona a revogação do Sábado. Da mesma maneira, Ele nada menos tenciona do que a revogação do dia em Sua Apologia contra os Fariseus; mas antes expõe a tolice deles ao provar em suas faces que cavilam demais para a perversão do Sábado, visto que são levados a repreender nos outros aquilo que eles mesmos fazem. A razão de Sua defesa insinua isto: "Se pensais ser um dever santo cortar a carne das crianças no Sábado, porque é feito em vosso Templo, o que de outro modo poderia parecer uma espécie de homicídio e crueldade; novamente, se pensais que o Templo ordena a obra de matar vossos animais para o sacrifício, o que sendo feito na praça do mercado seria carnicheiro demais; então vos dou a entender que meus discípulos nada fazem que desonre o Sábado, enquanto eu estiver presente com eles, que sou maior do que o Templo".

A terceira razão está contida no sétimo versículo: *Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício, não condenaríeis os inocentes*. Aqui nosso Salvador Cristo, assim como antes defendera Seus Discípulos por testemunhos extraídos da Lei, agora os escusa pelo testemunho dos Profetas e cita uma passagem de Oseias, capítulo 6:6, como se dissesse: "Que obras o Sábado proíbe? Não são as obras de nossa vocação ordinária? Que obras o Sábado ordena? Apenas sacrificar? Não, mas fazer também as obras de misericórdia, que é o fim de todos os nossos sacrifícios. Por que, então, visto que a lei não proíbe que se cumpram os deveres de amor, negareis esta obra de misericórdia aos meus Discípulos, para que, quando desfaleçam, não sejam refrescados?". Que esta passagem do Profeta deve ser assim interpretada — que o Senhor não quer apenas o sacrifício, mas a misericórdia com

ele —, podemos prová-lo por outros lugares das Escrituras, como 1 Coríntios 1:17: *Porque Cristo não me enviou para batizar, mas para evangelizar*; onde o Apóstolo quer dizer que não foi principal e unicamente enviado para batizar, mas também para pregar. De modo que o lugar deve ser entendido por via de comparação: que quando uma das coisas não pode ser convenientemente feita sem que a outra seja deixada de lado, então a misericórdia, que é melhor que o sacrifício, deve ser preferida, como sendo o resultado para o qual o Sacrifício é referido.

E, neste aspecto, embora simplesmente considerados em si mesmos e em relação às pessoas a quem são prestados, a primeira tábua da Lei e os deveres da mesma devam ser preferidos à segunda tábua e aos deveres desta; contudo, em comparação, quando um destes deve necessariamente ser deixado de lado porque ambos não podem ser feitos juntos, visto que o Senhor mais aprova nossa obediência quando o testemunho dela é comprovado pela prática para com Seus Santos, e nos exercícios de amor realizamos em verdade aquilo que, de outro modo, buscamos apenas por meios, o Senhor deseja misericórdia, e não Sacrifício, e o conhecimento de Sua vontade mais do que holocaustos. De modo que nisto os Discípulos não apenas não quebram, mas guardam o Sábado. Este argumento Cristo usa em Marcos 3:4, onde, sendo repreendido porque no dia de Sábado curara o homem que tinha uma mão ressequida, disse aos Seus acusadores: *É lícito no sábado fazer bem, ou fazer mal? Salvar a vida, ou matar?*. Bem como em Lucas, onde desta maneira respondeu aos Fariseus, que O vigiavam enquanto curava o homem que tinha hidropisia (Lc 14:5): *Qual de vós será aquele que, caindo-lhe num poço um jumento ou um boi, o não tire logo no dia de*

sábado?. Como se dissesse: "Por que vigiais para me apanhar nisto? Permitireis que as obras de misericórdia sejam feitas aos animais e negareis que sejam feitas aos homens? Por quê? Ajudareis vossos animais estando em perigo e não posso eu ajudar este homem estando em tal perigo?". Todavia, devemos aqui notar que nosso Salvador Cristo, ao mostrar como nesta lei há humanidade para com as criaturas, não dá um jota de liberdade aos homens mundanos que, sob pretexto desta obediência, buscam antes seu próprio ganho privado ao resgatar dos perigos as criaturas do que a glória do Deus Todo-Poderoso, a qual pode redundar para Ele pelo serviço mais alegre e confortável da criatura sendo assim remida.

Ora, se alguém aqui mais indagar se no tempo da sementeira ou na época da colheita, quando os tempos anteriores foram e ainda parecem ser intempestivos e rigorosos, podem de algum modo no Sábado entregar-se a semear ou colher seus grãos, respondo: Não. Pois é por palavras especiais expressamente proibido em Êxodo 34:21: *Seis dias trabalharás, mas ao sétimo dia descansarás; na aradura e na sega descansarás*. E certamente, de todos os tempos, o laborar na colheita parece mui ilícito. Primeiro, se à medida que os benefícios de Deus crescem sobre nós, devemos crescer em gratidão, então, colhendo naquele tempo, deveríamos render as maiores graças, e não pensar que o culto de um dia é suficiente em sete, muito menos retirá-lo do Senhor em parte ou no todo. Segundo, visto que na semana anterior cansamos tanto nossos próprios corpos pelo labor e muito mais os corpos de nossos animais no trabalho; além disso, ao trabalhar no Sábado, desprezamos a ordenança de Deus mui ingratamente, Ele que tão bem em Sua lei proveu para nós neste caso, lidamos mui desumanamente conosco mesmos e mui injuriosamente com o

nosso gado. Novamente, se neste dia não fazemos consciência do culto de Deus desprezado por este labor mundano, manifestamos nossa falta de fé na bondade, sabedoria e providência de Deus: como se Ele ou não preservasse aquilo que até agora nutriu da terra, ou que, tendo lidado tão misericordiosamente em muitos benefícios antes, devesse agora falhar-nos em um; o que indubitavelmente não faria, não fosse nossos pecados a provocá-Lo a isso. Pelo que, se assim vier a acontecer por nossos pecados, devemos antes em paciência, arrependimento e sabedoria submeter-nos à punição do que profana e obstinadamente buscar por tais meios sacudi-la de nós. Verdade é, como dissemos antes, que obras de necessidade são lícitas no Sábado; mas devemos entendê-lo de necessidades presentes, e não de perigos que são iminentes, isto é, que parecem vir, mas ainda não são certos de vir. Pois quando o perigo é presente — como uma casa em chamas, ou se um derramamento de sangue por razão de uma contenda parece prestes a ser cometido se não houver ajuda, ou em casos semelhantes —, porque o Senhor como que lançou o remédio sobre nós e nos colocou em Seu próprio lugar para ministrar ajuda, então podemos usar nossa liberdade; mas quando o perigo está por vir e ainda está na mão do Senhor, devemos lançar todo o remédio sobre Ele, se o perigo falhar, sabendo que Ele em Sua providência e misericórdia removerá o mal, ou então, ao enviá-lo, punirá nossos pecados.

Mas para retornar disto àquilo de que um pouco nos desviamos: a razão de Cristo aqui usada é ainda mais instada em Lucas 13:15, onde responde ao chefe da Sinagoga, que se indignara contra Ele por curar no Sábado: *Hipócrita, no sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi, ou o seu jumento, e o não leva a beber? E não convinha soltar desta*

prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás tinha presa?. Isto é: "Dais de beber ao vosso gado no Sábado, coisa que vossos Rabinos não pensam ilícita; e pensais que eu quebro o Sábado por ajudar uma fiel crente? Não é isto antes hipocrisia em vós do que qualquer nova doutrina em mim?". Mas aqui alguns objetarão: Cristo poderia ter feito isto no dia seguinte à mulher, que em tão pouco tempo não teria perecido mais do que o boi, se este não tivesse sido levado à água até o dia seguinte. A isto respondo: assim como as obras que fazemos às criaturas de Deus não lutam com a guarda do Sábado — porque, no aspecto de que o gado, por não ser atendido, tornar-se-ia menos proveitoso ao seu dono, embora por isso não perecesse totalmente —, assim, no aspecto de que esta mulher teria permanecido mais inapta para a glória de Deus e para a guarda do Sábado se não tivesse sido ajudada, embora talvez não perecesse totalmente, esta obra de nosso Salvador Cristo nada foi contra o Sábado, não buscando Ele Sua própria glória e lucro, mas a glória de Seu Pai e o lucro de outrem.

Agora segue a quarta razão no oitavo versículo: *Porque o Filho do homem até do sábado é Senhor*. Isto é: Deus o Pai, fazendo o Sábado, é o Senhor do mesmo; o Filho do homem é igual ao Pai, portanto o Filho do homem é também Senhor do Sábado. Novamente: assim como o Senhor fez uma lei para o homem, mas nenhuma para Si mesmo, assim sois vós audaciosos demais na presença do Senhor ao controlardes meus discípulos. Pois, se eu, sendo o legislador, dou um privilégio especial aos meus Discípulos — como de fato posso fazer, instando a lei onde me apraz e dispensando a lei a alguns conforme desejo —, é então justo que censureis aqueles a quem eu privilegio? Pelo que, visto que sou eu quem designou

o Sábado e, portanto, melhor sei quem o guarda e quem o quebra, dou-vos a entender que estes homens, a quem falsamente acusais porque não conheceis a pura guarda nem a quebra do Sábado, não o quebraram. Permiti-me então, rogo-vos, sendo Senhor de minha própria ordenança, dispor dela como melhor me parecer.

O quinto argumento pode ser emprestado do segundo capítulo de Marcos, versículo 27, cujas palavras são estas: *O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado*. Muitos pensam que esta razão contribui muito para o propósito deles; mas estão enganados em sua própria ignorância. Pois, diz Cristo, esta é a causa pela qual meus discípulos não descansaram tanto quanto pensais que deveriam ter feito: o Sábado, isto é, o descanso, foi feito para o bem e conforto do homem, e não o homem apenas para o descanso, mas para a santificação do Sábado. De modo que, embora não tenham, por alguma boa causa, observado o descanso (o qual deve dar lugar ao proveito e utilidade do homem), contudo não quebraram a santificação do dia, que é o que principalmente se exige deles, visto que, se não tivessem comido este grão, teriam desfalecido e assim se tornado inaptos para a santificação do mesmo. Dizemos que a comida foi feita para o homem, isto é, para o alívio, sustento e conforto do homem, não o homem para a comida, a saber, para o comer e consumir da comida; mas para que, desfrutando do conforto das criaturas de Deus, pudesse louvar ao Senhor mais livremente. Nem pode qualquer homem disto justamente colher que, portanto, neste dia pode fartar-se de comida conforme deseja, porque isso seria antes para inabilitá-lo do que para habilitá-lo a guardar santo o Sábado. Novamente, dizemos de igual maneira que o labor — isto é, a utilidade que vem pelo

labor — foi feito para o homem, não o homem para o labor, mas para a glória de Deus, a qual pelo labor em sua vocação lícita ele pode granjear para o Senhor. Pelo que, visto que o descanso foi designado apenas como meio pelo qual o homem possa mais adequadamente santificar o Sábado, e os discípulos comeram este grão para que pudessem estar mais aptos para isso, é manifesto que não violaram a santificação do Sábado.

Além disso, embora ninguém possa dizer que os Sacramentos são figurativos, contudo os Sacramentos foram feitos para o homem, não o homem para os Sacramentos, isto é, para o mero uso dos elementos; embora deva necessariamente ser concedido que usar a palavra e os Sacramentos em pureza e santidade para o maior fortalecimento de nossa fé é um dos deveres mais excelsos e principais do homem. Todavia, no aspecto de serem apenas meios e deverem dar lugar ao fim para o qual são ordenados, estou persuadido de que, embora a congregação estivesse ocupada seja em ouvir a palavra pregada ou em receber os Sacramentos ministrados, contudo, se uma casa em chamas devesse em amor ser ajudada, as ações anteriores deveriam dar lugar à última. Pois lemos em Atos 20:10 que Paulo, estando ocupado em pregar e avistando um jovem que estava em sono profundo e caíra morto, não fez consciência de cessar de falar para descer e lançar-se sobre o jovem e abraçá-lo, até que o seu espírito retornasse a ele, e depois subiu novamente e continuou sua pregação. Pelo que, em todas estas razões, podemos ver como Cristo mostrou aos judeus que eles perversamente se apegavam à cerimônia, e não revogou o Sábado. Aqui, então, há um argumento mui contrário àquele que estes homens afirmam. Pois, visto que nosso Salvador Cristo poderia em uma palavra ter mostrado ser ele uma cerimônia, se tivesse pretendido tal coisa, e não ter

amplificado tanto a matéria, vemos que Ele antes fala contra a opinião supersticiosa e o abuso do Sábado do que afirma qualquer coisa como a que estes homens supõem.

A estas razões anteriores podemos adicionar aquela que está em Mateus 24:20: *Orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno, nem no sábado*. Isto, dizem eles, mostra que a perseguição de Jerusalém seria tanto mais gravosa para os judeus se caísse no Sábado, porque então não lhes era lícito fugir; de modo que, se ficassem, estariam propensos a perder suas vidas caindo nas mãos de seus inimigos; se fugissem, quebrariam a Lei de Deus e assim se tornariam sujeitos à punição da mesma. Mas isto nada era no propósito de nosso Salvador Cristo, que, portanto, os preveniu a orar para que a destruição da cidade não caísse no Sábado porque então seria a punição mais gravosa para eles, quando, além do estrago de seus próprios corpos, veriam a glória de Deus traspassada, o Templo poluído, o culto de Deus profanado, a palavra de Deus blasfemada e o Sábado do Senhor aviltado. A verdade disso aparece no fato de que tribulações e o tempo de sua visita viriam sobre eles quando o Sábado não seria cerimonial, como agora era quando Cristo lhes falava, mas em tal tempo em que os homens adorariam a Deus em espírito e verdade, sem quaisquer sombras e figuras, quando Cristo já teria ascendido ao céu, como de fato aconteceu. De modo que isto aumentaria a dor de tantos quantos sinceramente adorassem ao Senhor: que, quando deveriam se regozijar no santo culto de Deus, pranteariam e lamentariam pela horrível blasfêmia dos inimigos contra o nome de Deus; e que, quando deveriam cantar os louvores de Deus, suspirariam e uivariam ao verem o aberto desprezo a Deus e à Sua verdade. Em respeito a cujas miseráveis calamidades, nosso Salvador Cristo antevê o estado

deplorável que haveria naqueles dias para as que estivessem grávidas e as que amamentassem. Pois, embora o fruto do ventre e a multiplicação de filhos, em respeito a si mesmos, fossem boas bênçãos de Deus, contudo o estado daqueles tempos seria tão perigoso que até as bênçãos de Deus seriam tornadas em maldições, e os filhos, que de outro modo lhes seriam um conforto, agora aumentariam sua tribulação, desconforto e dor. Pelo que é certo que Cristo nem pretendeu que cada dia fosse igual — pois, do contrário, não teria apontado distintamente para este dia —, nem pensou ser ele uma cerimônia, porque, conhecendo o tempo em que as cerimônias deveriam cessar, estaria tão longe de nutri-los em sua superstição que, sendo o Profeta de Deus, antes lhes ensinaria, nisto como em outras coisas, o puro uso do Sábado.

Assim, tendo falado daquelas passagens no Evangelho que poderiam parecer militar contra o Sábado, falemos agora daquelas passagens nas epístolas dos Apóstolos, para que vejamos se contêm qualquer verdade sólida para o propósito deles, por mais que se pense terem algum apoio aparente. Estas alegações procedem ou das epístolas de Paulo ou da epístola aos Hebreus; das epístolas de Paulo, as que ele escreveu aos Romanos, aos Gálatas ou aos Colossenses.

A passagem que trazem da epístola aos Romanos está no capítulo 14, versículo 1: *Ora, quanto ao que está enfermo na fé, recebei-o, não em contendias sobre dúvidas. Um crê que de tudo se pode comer, e outro, que é fraco, come legumes. Não despreze o que come o que não come; e o que não come não julgue o que come; porque Deus o recebeu por seu. Quem és tu, que julgas o servo alheio? Para seu próprio senhor ele está em pé ou cai. Mas estará em pé, porque poderoso é Deus para o firmar. Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga*

iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro em seu próprio ânimo. Aquele que faz caso do dia, para o Senhor o faz e o que não faz caso do dia, para o Senhor o não faz, etc. Neste último versículo, eles desejariam colher que um homem poderia fazer escolha do dia conforme quisesse, e como em uma coisa indiferente. E alguns expositores doutos afirmam que o Apóstolo neste capítulo trata de coisas que, em sua própria natureza, são indiferentes; e, portanto, aqui devemos usá-las em amor.

Embora eu conceda ser este o escopo geral da passagem, nego ser este o fim principal. Pois, assim como o Apóstolo fala de coisas indiferentes, também fala de coisas não indiferentes. E isto veremos se considerarmos o último versículo do capítulo anterior e o primeiro do capítulo seguinte. Assim está escrito no capítulo 13, versículo 14: *Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências.* O efeito disso é este, se comparado com o primeiro versículo do capítulo seguinte: "Embora vos tenhais revestido de Cristo e verdadeiramente O conheçais por Sua palavra, contudo, se outro homem que professa o mesmo Cristo convosco não atingiu a mesma medida de conhecimento e a mesma proporção de fé que vós tendes, desejaria que não o julgásseis por sua fraqueza mais do que desejaríeis que ele vos julgasse por vossa força; mas antes, suportando sua enfermidade, que com o tempo pode ser mudada para uma força mais perfeita, esforçai-vos por todos os meios para ganhá-lo para a solidez de juízo".

Pelo que, no fato de dizer: *Acolhei ao que é fraco na fé,* ele se refere àqueles que não estão estabelecidos na doutrina do Evangelho, não àqueles que são fracos em uma cerimônia ou em coisas indiferentes. De modo que, se alguém for achado

fraco na doutrina do cristianismo — quero dizer, em algum ponto dela — e contudo for sadio em todas as outras coisas, não deve ser mais enredado em controvérsias intrincadas que não pode conceber; mas tratado tão gentilmente e lidado com tal brandura que tanto as coisas boas que nele há possam ser nutridas e confirmadas, quanto ele possa ser ganho para a visão e o senso das coisas nas quais ainda é fraco. Nem devemos pensar que o Apóstolo se refere aqui a tais imperfeições que podem existir nos mais perfeitos, mas antes a tais fraquezas que se encontram na maioria dos cristãos. Este é o escopo geral do Apóstolo neste lugar, com o qual também concorda a conclusão que está no primeiro versículo do capítulo seguinte: *Mas nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos. Portanto cada um de nós agrade ao seu próximo no que é bom para edificação. Porque também Cristo não agradou a si mesmo, mas, como está escrito: Os vitupérios dos que te vituperavam caíram sobre mim.*

Onde o sentido de Paulo é este: se obtivemos mais conhecimento e atingimos graças mais elevadas do que outros homens, não devemos, em respeito a isso, desprezar os outros; mas devemos em sabedoria e paciência sustentar o erro deles por um tempo e apoiar fortemente sua fraqueza, não para que devamos acalentar e nutri-los em seu erro ou fraqueza, mas para que, pela humildade e paciência, possamos melhor edificá-los no conhecimento e na verdadeira piedade. Para este fim, ele alega o exemplo de nosso Salvador Cristo, que não apenas suportou as enfermidades de Seus amigos, mas também os erros de Seus inimigos. De modo que este é, então, o verdadeiro uso da fé cristã misturada com o amor: que quem quer que tenha vindo a Cristo como nós, nossa sabedoria

sustente o erro deles e nossa força apoie sua fraqueza; e como Cristo suportou Seus discípulos fracos, assim devemos nós com nossos irmãos fracos, não os contando como não cristãos porque, por juízo enfermo, dissentem de nós em algum detalhe, mas em amor vençamos suas enfermidades, porque consentem conosco no geral.

A suma disso também está estabelecida em 1 Coríntios 3:11: *Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; na verdade o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo.* Lugar no qual vemos que, enquanto estivermos em Cristo pela fé e pelo arrependimento, embora nossa fé esteja misturada com alguma fraqueza e nosso arrependimento com algum erro, embora edifiquemos com nosso ouro, prata e pedras preciosas alguma madeira, feno ou palha, contudo o Senhor nos suportará; quanto mais, por este respeito, em causas semelhantes, devemos suportar uns aos outros.

Ora, por amor ao exemplo, o Apóstolo traz esta instância: *Um crê que de tudo se pode comer; e outro, que é fraco, come legumes*, etc. Alguns pensam que este comer de todas as coisas se referia aos romanos, e que o comer legumes se entendia dos judeus que então estavam em Roma. Mas esta não parece ser uma opinião sólida, visto que não lemos em nenhuma história eclesiástica que os judeus estivessem em Roma; nem o Apóstolo escreve uma epístola mista, parte aos

romanos e parte aos judeus, mas escreve-a integralmente e a endereça apenas aos romanos. Novamente, não podemos colher de nenhuns registros dos escritores que os judeus comessem apenas legumes. Verdade é que, pedagogicamente, o uso de muitas criaturas era proibido aos judeus; todavia, não parece provável que estivessem atados tão estritamente ao comer de legumes. Disto estou certo: que até hoje em dia o diabo persuadiu muitos cristãos recém-chegados a Cristo de que, se comem qualquer coisa seja em qualidade mais delicada ou em quantidade mais liberal do que a mera necessidade exige, pecaram. E contudo nestes homens há, sem dúvida, uma boa intenção geral; mas neste particular sustentam um erro.

Neste exemplo, o Apóstolo estabelece a parte mais forte e a mais fraca; a parte mais forte é prefixada, a qual é uma obra da fé; a parte mais fraca segue-se, a qual é a fraqueza da fé. Pois marcai, ele diz: *Um crê que de tudo se pode comer*: aqui há uma obra da fé, porque ele tem a palavra por seu penhor; e então diz: *outro come legumes* — ele não diz "crê que pode comer legumes", pois o faz na fraqueza da fé e não tem a palavra por seu penhor, nem crê que pode usar outras carnes. Inferido este exemplo, o Apóstolo usa esta exortação: *Não despreze o que come o que não come*; como se dissesse: não permita que aquele que é tão forte na fé pense, por isso, que não é cristão aquele que tem este erro de se pensar mais santo se não come nada além de legumes. Acrescenta-se: *o que não come não julgue o que come*; e isto é mui necessário. Pois é mui incidente aos jovens no cristianismo julgar os outros que não são tão abstinentes quanto eles. Não é aqui, então, a pessoa tão condenada quanto o fato. Pois, embora possamos julgar o seu pecado e repreender o seu erro, contudo não devemos

julgar a sua pessoa, como se Deus não fosse capaz de recuperá-lo.

Ora, para provar isto, o homem de Deus traz um argumento apenas para confirmação da doutrina imediatamente anterior, e ele é extraído do maior para o menor: *Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias.* Razão que tem, em efeito, este sentido: embora devesse haver alguns tão fracos no conhecimento que não fizessem diferença de dias em respeito aos seus usos — o que indubitavelmente é um grande erro —, contudo não desejaria que, por este respeito, um homem o contasse como não cristão; muito menos, então, deve isto ser feito a alguém que, por enfermidade, come legumes, o que é um erro menor que o outro. A opinião mais forte é posta em primeiro lugar, a mais fraca por último. Pois, assim como esta é a mais forte: *um crê que de tudo se pode comer*, assim esta é a mais fraca: *outro come legumes*; assim como esta é a obra da fé: *este homem estima um dia acima de outro*, assim esta é a fraqueza da fé: *outro conta todos os dias iguais.*

Aquele que faz caso do dia, diz Paulo, não o faz sem conhecimento e juízo, mas *para o Senhor o faz*; de modo que o dia de Sábado é o dia do Senhor. Esta é a opinião forte, digo, distinguir um dia do resíduo, o que era desconhecido aos gentios, os quais, embora tivessem muitos dias santos por uma imitação corrompida da observação judaica de que haviam ouvido, contudo eram ignorantes do verdadeiro dia. Mas agora, ouvindo sobre o dia do Senhor, alguns entre eles começaram a duvidar dele, com os quais o Apóstolo deseja que o mais forte lide em amor. Em nossos dias, vemos que, porque houve muito clamor contra os dias santos, alguns também não hesitarão em clamar contra o Sábado. Bem, se um papista em todos os

outros pontos gerais de doutrina for verdadeiramente convertido a Cristo e, por falta de instrução, duvidar do Sábado, devemos em amor lidar com ele e, por uma época, apoiar sua fraqueza.

Todavia, devemos lembrar que o fraco não deve ser sempre suportado, como aparece pelas palavras do Apóstolo no capítulo 15:2: *Portanto cada um de nós agrade ao seu próximo no que é bom para edificação.* Enquanto o erro for de fraqueza, e for apenas uma enfermidade no homem da qual, pelo conhecimento da verdade, ele desejaria ver-se livre e liberto, ele deve ser suportado. Mas se proceder de ilusão, obstinação e de um juízo refracto [rebelde] como que enganado pelo diabo, então não deve ser suportado, nem mesmo hoje em dia; aliás, se formos nisto faltosos, o erro não é tão tolerável em nós como era neles, visto que lhes faltava o Antigo e o Novo Testamento, ambos os quais nos são tão abundantemente abertos. Mas se alguém, verdadeiramente arrependendo-se de seus pecados e fielmente crendo em Cristo, por ignorância tiver medo do Sábado como de uma cerimônia servil, ele deve ser suportado na medida em que deseja chegar à verdade; e se ele se tornar obstinado, não deve mais ser suportado.

Mas como provais que esta é a opinião mais forte — estimar um dia acima de outro dia — e que esta é a mais fraca — contar todos os dias iguais? Respondo: os Apóstolos observaram um dia e o recomendaram a nós por sua própria prática, o que sem dúvida não teriam feito tivesse sido a parte mais fraca. Além disso, não é improvável que uma lei para a observação deste dia tenha sido também feita por eles em Atos 15 e, portanto, deve ser a parte mais forte. E embora os judeus não pudessem ser retirados de seu dia, contudo os Apóstolos poderiam ter um dia. Novamente, no fato de o Apóstolo desejar

que ninguém seja julgado por, por fraqueza, não observar o Sábado, e contudo ele não apenas julga a si mesmo os gálatas, mas também, como sendo zeloso sobre eles, diz-lhes que teme o seu retrocesso porque observavam dias, meses, tempos e anos; é aparente que esta é a opinião mais forte, especialmente vendo que em Colossenses 2:16 ele diz: *Ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados*; isto é, se não quiserdes usar os sábados solenes das festas ordinárias deles, ainda assim sois livres, e a Igreja não deve julgar-vos.

Ora, que os Apóstolos praticaram este dia, é evidente em Apocalipse 1:10, onde é chamado de Dia do Senhor. Bem como em 1 Coríntios 16:2: *No primeiro dia da semana*, o qual em uma antiga cópia grega é chamado de Dia do Senhor. Além disso, em Atos 20, a Igreja guardava este dia, porque nele o Senhor tirou a luz das trevas, e Cristo neste dia ressuscitou dos mortos, e o Espírito Santo foi enviado nele, quer possamos trazer à memória nele nossa Criação, Redenção e Santificação. E onde é comumente traduzido em 1 Coríntios 11: *Quando vos ajuntais*, na tradução siríaca encontra-se: *No Dia do Senhor; quando vos reunis*. Pelo que é provável que os Apóstolos observassem este dia e, portanto, também aparece neste lugar que tratamos que é a opinião mais forte, na qual, embora um homem falhe por enfermidade, não deve ser julgado. Assim vemos como este lugar nada contribui para o propósito daqueles que desejariam anular o Sábado, mas é trazido antes por via de um argumento: que se um irmão contasse todos os dias iguais, o que era uma grande fraqueza, contudo não deveria ser julgado; tão longe deveriam estar de julgá-lo, que por fraqueza come legumes, o que é o erro menor (At 28:17).

Aqui, se alguém objetar que nossos primeiros pais nada comiam senão ervas e frutos, e que, portanto, deveríamos nos contentar com o mesmo, respondo: a natureza deles, na inocência, era tão sã, íntegra e perfeita que não necessitavam de outros alimentos como nós, que, em razão de nossa fraqueza e fragilidade que acompanham o pecado, temos necessidade de outras criaturas, todas as quais nos são puras pela palavra e pela oração. Ora, se nossos pais, não necessitando de outras criaturas para seu alimento corporal, necessitavam do Sábado, muito mais nós, que necessitamos de nossas criaturas, temos necessidade do Sábado.

A segunda razão é tomada de Gálatas 4:10-11: *Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. Receio de vós, que haja eu trabalhado em vão para convosco.* A isto respondo que não devemos nos prender aos títulos das letras, mas observar o escopo do escritor e pesar o intuito da epístola. O estado da causa é este: os gálatas eram gentios que, pelo ministério de Paulo, haviam recebido o Evangelho; depois, certos falsos apóstolos (como todos os doutos concordam) neles se infiltraram, fazendo-os crer que deveria haver ali a mesma política civil de religião que havia entre os judeus, e, além da pureza do cristianismo, trataram de misturar as superstições do judaísmo. O Apóstolo, portanto, mostra que, tendo Cristo vindo para afastar as figuras, todos os que mantivessem tais dias, meses e tempos que os judeus observavam, enquanto judeus, obscureceriam a Cristo.

Os judeus tinham suas assembleias solenes e convocações (Lv 23:2) em certos tempos do ano, cujos primeiros e últimos dias guardavam como Sábados ao Senhor, dos quais Paulo aqui fala; e, portanto, ele diz "guardais sábados" [no plural], e não "um sábado", pelo qual certamente

ele não se entristece aqui com eles. Pois Paulo havia plantado este dia entre eles, como aparece em 1 Coríntios 16:1: *Quanto à coleta que se faz para os santos, fazei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galácia*. Onde podemos ver aquele antigo costume da Igreja Primitiva, que era: após a palavra lida pelo espaço de uma hora, após o sermão terminado e os Sacramentos administrados, muitos costumavam dar, não por constrangimento, mas de boa vontade, aos pobres. Visto que ele havia designado o Dia do Senhor na Galácia, não é provável que os tivesse repreendido tão asperamente por sua própria ordenança, a ponto de dizer-lhes que temia o retrocesso deles da verdade por causa disso; mas sim por causa daqueles dias santos judaicos que, sendo peculiares aos judeus, tiveram seu início e seu fim com eles.

E se dissermos que aquele dia não deveria ser guardado por uma cerimônia, mas algum outro, isso não seria abrogar, mas mudar a cerimônia; como aquele que, despojando-se de um tipo de vestimenta e, por orgulho, investe-se de um novo traje, não afasta, mas muda o seu orgulho; ou como aquele que, de um devasso imundo, torna-se um avarento cobiçoso, não se livra do pecado, mas muda de um traje de pecado, do qual está cansado, para algum outro. Os papistas, portanto, embora não tenham os mesmos dias, tendo novos dias em seu lugar, não abrogaram, mas alteraram o judaísmo. Justino Mártir afirma que não tinham nenhum dia santo senão um na Igreja Primitiva. Ele fala, então, claramente contra as cerimônias que, pela eternidade e perfeição do sacrifício de Cristo, estão abolidas (Hb 9 e 10). Nosso primeiro pai Abraão, quando creu, recebeu a circuncisão como o selo de sua fé, para a qual o Batismo é sub-rogado aos cristãos. O sinal particular que pertencia à posteridade de Abraão se foi; mas a água no Batismo pertence

a todos em uma equidade geral. Da mesma forma, como o Sábado os lembrava de seu livramento, ele se foi; mas como por ele lembramos a ressurreição de Cristo, nós o retemos. Para concluir, o Apóstolo não se refere neste lugar àquele Sábado, mas àqueles dias santos dos judeus que, sendo o início e o fim, o primeiro e o último dia de suas festas, eram sábados.

A terceira razão, Colossenses 2:16-17: *Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo.* Isto também se entende da distinção judaica de carnes e dias. Pois os colossenses estavam perturbados com falsos apóstolos, como estavam os gálatas. E qual é a razão de estarem tão sobrecarregados com observações judaicas? Por certo, a religião dos cristãos, que consiste antes na pura simplicidade do que na pomposa solenidade, tem apenas a palavra puramente pregada, os Sacramentos administrados sem vãs exibições, orações oferecidas em humildade; e, portanto, não parece tão polida, tão gloriosa e tão adornada como a religião judaica, que atraía a maior parte dos homens após si. Assim, nossos pais, vendo a religião judaica tão envernizada, e a religião dos gentios tão pomposa, e a religião cristã cheia de simplicidade, atraíram os gentios da simplicidade do cristianismo e introduziram este amontoado de cerimônias.

Pelo que aqui Paulo lhes diz que estas coisas não passavam de instruções por um tempo e pedagógicas; e, portanto, não lhes pertenciam de tal modo que precisassem perturbar suas consciências sobre elas, embora não as observassem. *Ninguém vos julgue*, diz o Apóstolo, em tais cerimônias judaicas, a ponto de, por não as observarem, vos contarem como não cristãos. Aqui há o mesmo intuito da

matéria que havia no anterior; aqui o Apóstolo desce dos gerais para os particulares, ali ele ascende dos particulares para os gerais. *Ninguém vos julgue por causa de um dia de festa*, que era um octonário (pois por oito dias duravam as festas dos judeus), ou dos *dias de sábados* — ele não diz "do Sábado"; pois se refere àqueles sábados que eram anexos dos dias santos anteriores, não àquele santo Sábado que era comum aos judeus com todo o restante do povo de Deus. E ao passo que na primeira parte do versículo se diz: *Ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber*, ele mostra que os judeus tinham certos animais e aves imundos, e ofertas de bebidas, que lhes eram proibidos; todavia, para os cristãos, todas as coisas são puras.

Mas alguns dirão: "Que necessidade temos agora de jejuar? Quem nos censurará?". Respondo: o próprio Senhor. Pois, embora nós, que somos cristãos, não devamos ser encarregados como os judeus o foram com um dia especial, contudo, como os judeus, com todo o povo de Deus, se humilhavam perante o Senhor, seja para a remoção de algum juízo que presentemente pesava sobre eles, seja para a prevenção de alguns perigos que lhes eram iminentes, ou para a obtenção de alguma graça de que careciam (e contudo sem todas as observações de dias), assim devemos nos unir a eles. E, portanto, quem quer que recuse o exercício da humilhação, seja privada ou publicamente, o mesmo deve ser controlado pela palavra. Se algum for ordenado publicamente pelo Magistrado, seja a causa justa ou não justa, devemos obedecer; se a causa for justa, não é o mandamento do Magistrado, mas de Deus, e quem quer que quebre isto, certamente deve ser condenado.

A similitude aqui anexada pelo Apóstolo é mui adequada: pois, assim como o pintor habilidoso primeiro retrata e depois pinta com cores frescas e vivas aquilo que antes, de forma mais rude e obscura, moldara e fashionara com um carvão preto; assim estes rudimentos, mais sombriamente, representavam aquilo que agora nos é vivamente descrito: a verdade de todas as coisas em Cristo. *O corpo é de Cristo*: como se dissesse: recebestes a Cristo e as coisas que Ele prescreveu; e embora não tenhais os sábados e dias santos dos judeus, contudo tendes o verdadeiro Sábado e o puro dia santo que Cristo vos deixou. Aqui, então, o Apóstolo está tão longe de ab-rogar o Sábado que não faz menção, nem inclui qualquer significado disso nestas palavras. E isto quanto às razões que pensam ter obtido das epístolas de São Paulo.

Agora consideremos aquela passagem que está na epístola aos Hebreus, capítulo 4, versículos 3 a 11: *Porque nós, os que cremos, entramos no descanso, como disse: Assim jurei na minha ira que não entrarão no meu descanso; embora as suas obras estivessem acabadas desde a fundação do mundo. Porque em certo lugar disse assim do sétimo dia: E descansou Deus de todas as suas obras no sétimo dia. E outra vez neste lugar: Não entrarão no meu descanso. Visto, pois, que resta que alguns entrem nele, e que aqueles a quem primeiro foram pregadas as boas novas não entraram por causa da desobediência, determina outra vez um certo dia, Hoje, dizendo por Davi, muito tempo depois, como está dito: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações. Porque, se Josué lhes houvesse dado descanso, nãoalaria depois disso de outro dia. Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no seu descanso, ele próprio descansou de suas obras, como Deus das suas. Procuremos,*

pois, entrar naquele descanso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência.

"Eis", dizem eles, "o Sábado que os cristãos devem observar é descansar do pecado". Respondo: isto não está provado. Pois isto era tanto para os judeus quanto o é para os cristãos. Pois diz-se no Salmo 95: *Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração*, etc. Isto o Profeta escreveu depois que Calebe e Josué entraram em Canaã, para onde, embora muitos não entrassem, contudo alguns entraram; de modo que tinham até aquele descanso então, tanto quanto nós temos agora. Pelo que não se segue que, porque o descansar do pecado é também ordenado aos cristãos como um uso puro do Sábado, portanto ele retire o outro.

Novamente, o descansar de Deus de Suas obras não pode ser uma figura do descansar do pecado, não mais do que as obras de Deus podem ser uma figura de obras pecaminosas. Ora, visto que o Senhor aqui usa um argumento de proporção entre Suas obras e as nossas obras, o Seu cessar de Suas obras e o nosso cessar das nossas obras — porque entre a figura e a coisa figurada deve haver alguma proporção e semelhança —, pergunto-vos: que proporção há entre as obras de Deus e os nossos pecados? Que analogia entre o descansar de Deus de Suas obras e o nosso descansar do pecado?

Novamente, que não se pode aqui referir ao descanso do pecado é manifesto, porque o que aqui é falado foi estabelecido a Adão (Gn 2:2-3), momento em que não havia pecado no mundo e, portanto, nenhum descansar do pecado, e portanto nenhuma figura de descansar do pecado, porque todos os doutos nisto concordam que não houve figuras antes do pecado. Além disso, e em quarto lugar, o Apóstolo mostra que

este descanso se refere ao reino do céu. Pois, assim como Davi falou isto da terra de Canaã, assim o Apóstolo o fala do reino do céu. Pelo que ele conclui: *Procuraremos, pois, entrar naquele descanso*, onde não apenas descansaremos do pecado, mas de todas as nossas obras ordinárias de nossas vocações, onde não haverá nem comer, nem beber, nem casar, nem dar-se em casamento. E como o povo antes foi ameaçado de que, por sua incredulidade e desobediência, não entraria na terra de Canaã, assim somos aqui ameaçados de que, a menos que estudemos e lutemos contra estas coisas, não entraremos no reino do céu.

Todavia, embora o Sábado não fosse uma figura para Adão do descansar do pecado, contudo era para ele um sinal de que chegaria ao reino de Deus, onde não haveria nem comer, nem beber, nem casar; coisas que, vendo que Adão as possuía, é manifesto que ele ainda não estava no reino de Deus. O Sábado, então, o lembrava de que não estaria sempre trabalhando, mas que seria transladado, embora não morresse (pois, embora criado na inocência, não estava isento de ser transladado para um lugar melhor no tempo oportuno de Deus); mas, como diz o Apóstolo, ele teria sido mudado como o foram Enoque e Elias, embora de uma maneira mais excelente. Temos agora o Dia do Senhor, que nos assegura que, assim como agora pela fé e esperança desfrutamos da vida vindoura, assim futuramente, cessando estas duas, desfrutaremos da mesma de forma mais plena e perfeita; e assim como nossos Sacramentos puramente usados mostram uma coisa não por vir, mas já passada, assim este dia verdadeiramente guardado é uma semelhança de uma coisa não passada, mas por vir. Pois, assim como neste dia, da manhã à noite, louvamos a Deus, se guardamos o dia santo, e contudo com interrupções e distrações de muitos pensamentos alheios e segredos, assim no céu, sendo

libertos de afeições e tribulações mundanas, carnaís, temerosas e múltiplas, louvaremos o Senhor mais continuamente.

Qual é, então, a alusão desta palavra "descanso"? É esta: assim como Deus descansou de Suas obras após ter feito o mundo, assim nós devemos descansar de nossas obras. O quê? Das obras do pecado? Não, das obras de nossas vocações e, conseqüentemente, das obras do pecado muito mais. Assim, a analogia entre o descanso do Senhor e o nosso ensina-nos que devemos descansar de nossas obras ordinárias, e este descanso nos lembra daquele Sábado contínuo no qual, quando cessarmos de trabalhar, comer, beber, dormir, casar e de todas as obras a que estamos sujeitos com a corrupção, então também cessaremos indubitavelmente do pecado — tipo de descanso que, em plenitude, não devemos esperar nesta vida (Hb 4).

Esta é uma regra geral na Teologia a ser observada: que de um lugar da Escritura há apenas um sentido natural e próprio, embora por consequência, perscrutando os contrários, as causas, os efeitos e coisas semelhantes, outras coisas possam ser também colhidas dele. Se as palavras forem mais próprias e naturais, o sentido é mais próprio e naturais; se as palavras forem emprestadas e metafóricas, então o sentido é emprestado e metafórico. Ora, as alusões não servem tanto para a prova e confirmação da matéria, quanto para a amplificação e ilustração da mesma. Por exemplo, em 2 Coríntios 13:1, o Apóstolo diz: *Esta é a terceira vez que vou ter convosco*. Onde devemos entender que o Apóstolo estivera com eles uma vez em presença corporal e escrevera-lhes duas vezes, e contudo diz: *esta é a terceira vez que vou ter convosco*. Ele alude então a isto: "Como vedes, ó coríntios, na lei, que duas ou três testemunhas eram suficientes para confirmar o bem e condenar

o mal, assim estive convosco três vezes, o que é suficiente para confirmar a fé dos piedosos e deixar os ímpios sem escusa".

Novamente, em Romanos 10:18, lemos: *Mas digo: Porventura não ouviram? Sim, por certo, pois por toda a terra saiu a voz deles, e as suas palavras até aos confins do mundo.* Aqui vemos que o Apóstolo alude ao Salmo 19:4, que se refere ao dia e à noite. Esta é, então, a alusão: assim como o dia e a noite se espalham por todo o mundo, assim os Apóstolos foram enviados a pregar por todo o mundo. Novamente, em Gálatas 4, Paulo alude a Agar e Sara, lugar no qual mostra que, assim como na família de Abraão estava a imagem tanto da verdadeira Igreja quanto da Igreja maligna, uma perseguida pela outra, assim deveria ser o estado da Igreja continuamente até o fim. Da mesma maneira, o autor aos Hebreus usa uma alusão: que, assim como Deus descansou no sétimo dia das obras da criação, assim nós também deveríamos descansar das obras — não do pecado, como estes homens desejariam, mas de nossa vocação. Pois isto Adão teria feito mesmo que não tivesse pecado, e portanto não se refere ao descansar do pecado. Assim vemos que, onde a Abelha cristã colhe mel, ali a Aranha herética suga veneno, ao afirmar que nesta vida descansam do pecado e que aqui têm o seu céu.

E isto quanto àquelas razões que procedem das próprias palavras da Escritura; agora, quanto aos argumentos que são extraídos por consequência da Escritura. A razão principal deles é esta, que engana a muitos: "Aquilo que está enxertado na natureza do homem, de que os gentios não eram ignorantes, e que continua até o reino de Cristo em Sua segunda vinda, é moral; e aquilo que não era natural, desconhecido aos gentios e durou apenas até a primeira vinda de Cristo, era cerimonial; mas tal era o Sábado, portanto o Sábado é uma cerimônia, e

não um preceito moral". Respondo, primeiro, que o natural e o moral, que eles tornam uma só coisa, não devem ser confundidos. Verdade é que nossos primeiros pais tinham a lei de Deus escrita em seus corações antes de ser promulgada no monte; à qual, como dissemos, as cerimônias (servindo como rudimentos por um tempo e como anexos da lei) foram adjuntas. E embora a lei moral seja a explicação da lei natural, contudo não se segue que aquilo que está na lei moral não seja nada mais do que aquilo que está na lei natural. Sabemos que nosso primeiro pai Adão, além da lei da natureza, teve o Sábado dado em palavras expressas; e embora tivesse os grandes livros das obras de Deus, contudo teve também a Palavra e os Sacramentos; ambos os quais estavam fora de sua natureza, e não os tinha em sua própria natureza. Assim, as coisas aqui faladas renovam aquilo que foi dado, além daquilo que ele tinha pela lei da natureza.

Os gentios, então, não podem mais pela luz da natureza ver o verdadeiro Sábado do Senhor e o tempo em que Ele quer ser adorado, do que os puros meios e a maneira que o Senhor designou para o Seu culto; e, portanto, tanto papistas quanto heréticos e gentios estão tão enganados pela ignorância nesta observação do quarto Mandamento quanto o estão no segundo. Novamente, posso responder que, de alguma maneira, tanto o segundo quanto o quarto Mandamentos estão enxertados na natureza do homem. Pois jamais se encontrou alguém tão profano que não concedesse que Deus deve ser adorado, e isso não apenas interiormente, mas também exteriormente por meios. E os gentios, pelo instinto da natureza, reconheceriam que, assim como havia um Deus a ser adorado, assim deveria haver algum tempo que deveria ser sequestrado de outros negócios e dedicado a assuntos concernentes ao culto de Deus.

Mas para discernir retamente quais sejam estes meios com os quais o Senhor quer ser servido, e qual seja este tempo que o Senhor quer para Sua honra, os pagãos estavam tão distantes que, quanto mais nações, tantas mais cabeças; quanto mais cabeças, tantos mais tipos de religião.

Os gentios, cujas vãs tradições não passavam de imitações desordenadas das leis de Moisés de que haviam ouvido, tinham de fato seus dias santos que, não sendo usados em fé por razão de sua ignorância da palavra, em nada podiam agradar a Deus. Sim, podemos ler quão estrita e supersticiosamente os gentios guardavam seus dias santos; de modo que, com todos os outros, concordavam de certa forma neste ponto geral: que deveria haver tanto meios designados quanto certos tempos fixos para o culto de Deus. Novamente, é provável que os gentios não fossem ignorantes da lei do jejum, como pode aparecer pelos ninivitas; mas como ordená-lo retamente para a glória de Deus, eram totalmente ignorantes, porque careciam da palavra. Pelo que nisto contamos consistir a verdadeira glória dos cristãos: que o Senhor nos deu a verdade e não nos deixou às nossas próprias invenções nos meios do culto de Deus; e nisto reside a dignidade cristã: que, assim como temos a maneira de nossa religião prescrita pelo próprio Deus, assim temos também o tempo, que Ele para esse propósito santificou. Não se segue, então, que, porque o Sábado não está enxertado na natureza do homem, portanto o Sábado não seja moral, porque em verdade nem as leis dos meios do culto de Deus, nem as do jejum estavam assim enxertadas, embora de alguma maneira o estivessem.

As razões deles por consequência procedem ou do Antigo Testamento ou do Novo. O argumento deles do Antigo Testamento é este: "Não lemos que a lei do Sábado fosse posta

em prática antes que a lei fosse promulgada no monte Sinai; portanto, é cerimonial e não moral". Esta não é uma boa razão: "não o encontramos escrito, portanto não existiu". Pois assim poderiam argumentar contra o jejum e muitas outras coisas que foram usadas, e contudo a prática delas não foi deixada por escrito. Quem pode desaprovar o matrimônio e os sponsais? Não os aprovam os gentios, as leis civis e a lei romana? E contudo, que registro temos deixado concernente a estas coisas por escrito antes da lei? Olhai para a história dos Reis e Juizes, nos livros das Crônicas, onde encontrareis menção feita apenas uma vez ao Sábado, e o temos uma vez ordenado por preceito em Gênesis 2:2 e recomendado pela prática em Êxodo 16:26, lugar no qual o homem de Deus fala no pretérito perfeito: *Vede que o Senhor vos deu o sábado.*

A segunda razão deles é extraída do rigor da lei a ser executada (Êx 35:2-3) sobre aquele que colheu gravetos, o que dizem não nos dever ser imposto. Quanto a isto, nada mais milita contra a observação moral deste preceito do que as outras cerimônias militavam contra os outros preceitos aos quais estavam unidas. Os judeus, estando em sua menoridade, tinham regras peculiares a si mesmos; com estas não estamos enredados. Todavia, tinham outros mandamentos gerais que, sendo-nos comuns com eles, ainda nos pertencem. Como, por exemplo, ensinar a nossos filhos os mandamentos do Senhor nos pertence (Dt 6:7), mas atá-los sobre nossas mãos por sinal e como frontais entre nossos olhos pertence aos judeus; enterrar os mortos nos pertence, mas embalsamá-los com especiarias (eles que não tinham tão claro testemunho da ressurreição) pertence aos judeus. Não nos é a lei do homicídio tão imposta quanto aos judeus? Contudo, podemos comer sangue, o que eles não podiam. Devemos ser tão temperantes

quanto eles, contudo podemos comer a gordura da carne, que lhes era proibida. E assim em todos os mandamentos, a observação moral nos pertence tanto quanto a eles; a guarda cerimonial, a eles e não a nós. E o mesmo concluímos deste lugar concernente ao acender fogo neste dia.

Do Novo Testamento, também colhem duas razões. Primeiro, dizem que não é mencionado nem instado tanto no Novo Testamento quanto o são os outros preceitos. Respondo: esta não é uma boa razão, mas deve antes ser devolvida aos anabatistas, que arrazoam que as leis judiciais não devem ser usadas porque não são instadas. Antes, vede que o que o Espírito Santo estabeleceu mais parcimoniosamente no Antigo Testamento, Ele supriu mais plena e claramente no Novo Testamento; e o que a lei contém mais plenamente, o Evangelho trata mais parcimoniosamente, porque o Senhor em Sua sabedoria celestial não quis nos perturbar muito com uma só coisa. Mas sabemos que ele é nomeado em Mateus 12 e 24, Marcos 2, João 5, Atos 20:1, 1 Coríntios 16 e Apocalipse 1.

O segundo argumento é este: "Os Apóstolos mudaram o dia, o que (dizem estes homens) jamais teriam feito tivesse ele sido moral". Respondo: jamais foi ordenado nem designado qual dia certo deveria ser guardado entre sete, mas que deveria haver a observação de um sétimo dia; o qual sendo guardado, é suficiente, e a lei permanece inviolada. E contudo não permitimos que qualquer homem, ao seu prazer, mude agora este dia. Pois o que os Apóstolos fizeram, não o fizeram como homens privados, mas como homens guiados pelo Espírito de Deus; fizeram-no para evitar a superstição com que os judeus o haviam infectado. Novamente, assim como os judeus usavam o outro dia, que é o último dia da semana, porque era o dia em que o Senhor tornou todas as coisas perfeitas, assim os

Apóstolos o mudaram para o dia da ressurreição de Cristo, que foi o iniciador do novo mundo, dia no qual recebemos um fruto e posse mais plenos de todos os benefícios na concepção, nascimento, vida e morte de Cristo. Além disso, este foi o primeiro dia da criação do mundo, no qual o Senhor tirou a luz das trevas. Por fim, diz-se que o Espírito Santo neste dia desceu sobre os santos Apóstolos. De modo que este dia nos lembra adequadamente de nossa criação para sermos gratos a Deus Pai, de nossa redenção para sermos gratos a Deus o Filho, e de nossa santificação para sermos gratos a Deus o Espírito Santo.

Ora, se alguém puder alegar razões mais eficazes ou iguais a estas, poderá alterar o dia, desde que seja com o consentimento da Igreja. Pelo que, permanecendo a equidade da lei, ela não está ab-rogada. A circuncisão, como mostramos, é considerada de duas maneiras: ou como o selo da Fé (Rm 4), ou como um sinal daquela circuncisão que temos em Cristo, feita sem mãos. Desta maneira considerada, ela cessou; como é selo da Fé, ela permanece, não a mesma em forma e maneira, mas a mesma em efeito. Pois, embora não tenhamos o mesmo auxílio de nossa Fé, temos um auxílio. Os judeus tinham Sacramentos em maior número, mas nós os temos mais excelentes em significação. Embora não tenhamos muitos Sacramentos e dias santos, temos dois Sacramentos e um dia mais eficaz do que todos os que os judeus tinham. Vemos, portanto, em verdade, nenhuma razão até agora pela qual não devamos observar o Sábado como Moral.

Assim, tendo confirmado a doutrina do Sábado pelas santas Escrituras e provado que há um uso moral do mesmo, tanto para nós quanto para os judeus; e tendo respondido a todas as objeções contrárias que poderiam parecer militar

contra esta doutrina; segue-se agora, segundo nossa primeira divisão, que falemos da observação do Sábado em si, mostrando como ele é guardado e em que é quebrado. Pois ambos estão expressos no Mandamento: no qual se estabelece a afirmativa, para ensinar como guardá-lo; e a negativa, para mostrar como o quebramos. Primeiro, então, mostraremos como o Sábado deve ser guardado; depois, declararemos como ele é quebrado.

Onde se diz no início do preceito: *Lembra-te de o santificar*; e no fim dele: *o Senhor santificou o sábado*; assim, não se diz simplesmente "Lembra-te de guardar", mas "de santificar"; nem se menciona simplesmente que o Senhor deixou o sétimo dia, mas *abençoou o sétimo dia e o santificou*. Por meio disto nos é insinuado que neste dia deveríamos crescer no amor para com Deus e em terna afeição aos nossos irmãos; somos ensinados que então guardamos o Sábado retamente quando o usamos para aquele fim para o qual foi ordenado, isto é, quando usamos nele (como antes mostramos) aqueles exercícios pelos quais possamos ser mais santificados, e Deus mais glorificado tanto neste como nos outros dias da semana. Estes exercícios são tais que podem ser ou privados ou públicos. Os exercícios públicos devem ser usados pelo menos duas vezes em cada Sábado, e são estes: primeiro, a palavra lida e pregada; depois, orações fervorosamente feitas com ação de graças, canto de Salmos e reverente administração dos Sacramentos.

E primeiro, quanto à leitura e pregação da palavra, lemos em Neemias 8:8: *E leram no livro, na lei de Deus, e declarando e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse*. Também podemos ver isto na prática dos Apóstolos, em Atos 13:15: *E, depois da leitura da lei e dos*

profetas, os chefes da sinagoga mandaram dizer-lhes: Homens irmãos, se tendes alguma palavra de consolação para o povo, falai. E assim como os Ministros liam e pregavam a palavra, assim era a prática da Igreja ouvir, como em Eclesiastes 5:1 [4:17]: *Guarda o teu pé, quando entrares na casa de Deus; e aproxima-te mais para ouvir do que para oferecer o sacrifício de tolos.* E diz-se em Neemias 8:3: *E os ouvidos de todo o povo estavam atentos ao livro da lei.* E concernente ao orar, dar graças e cantar, o Profeta de Deus usa uma veemente exortação à Igreja no Salmo 95:1-2: *Vinde, diz ele, cantemos ao Senhor; jubilemos à rocha da nossa salvação. Apresentemo-nos ante a sua face com louvores, e celebremo-lo com salmos.* E no Salmo 65:1: *A ti, ó Deus, o louvor espera em Sião, etc.*

Ora, quanto aos Sacramentos, geralmente devemos notar que, assim como no tempo da lei os sacrifícios eram mais usados no dia de Sábado, assim nossos Sacramentos, sucedendo aos sacrifícios, devem ser então mais frequentados. Quanto à ceia do Senhor, aparece em Atos 18 e 1 Coríntios 11 (conforme parece) que era administrada em cada Dia do Senhor, embora hoje em dia os ministros não possam fazê-lo assim, pela grande ignorância e segurança carnal do povo. Quanto à administração do Batismo, embora não haja passagens expressas das Escrituras mostrando a prática dele neste dia, contudo há muitas boas razões condizentes com a palavra que provarão o mesmo. Primeiro, sabemos que a Circuncisão era usada naquele dia e, portanto, o Batismo, que veio para o lugar da Circuncisão, deve ser usado no dia de Sábado. Novamente, o Batismo é uma ação pública de fé, pela qual um membro deve ser recebido na Igreja e, portanto, as orações de toda a congregação devem ser feitas por ele; todos devem ser por meio disto lembrados dos benefícios que

colheram pelo Batismo e, assim, tirar um duplo proveito de sua presença nisto.

Ora, visto que idosos e jovens, homens e mulheres, senhores e servos, pais e filhos, não podem se reunir com tamanha generalidade e conveniência nos dias de semana em razão de suas vocações, como podem fazê-lo no Dia do Senhor, postos de lado seus negócios; parece, por justa razão, que o Sábado é o dia mais apropriado para este Sacramento.

Novamente, se o Senhor, em Sua infinita sabedoria e bondade, ordenou que a Circuncisão fosse realizada no oitavo dia — tanto para evitar a superstição, caso alguém vinculasse a graça de Deus ao sinal exterior, quanto para que houvesse tempo suficiente para que as crianças colhessem alguma força para o corte de sua carne — por que não seria requisito que o Batismo fosse adiado para o Dia do Senhor? Isso serviria tanto para remover a opinião supersticiosa daqueles que pensam que as crianças que morrem sem batismo estão condenadas, quanto para melhor habilitar a criança a ser mergulhada na água, conforme o costume antigo e a pura natureza do Batismo. Pelo que, por estas causas, não se pode negar que o Batismo seja um dever público do Sábado.

Quanto aos exercícios privados no Sábado, eles ocorrem antes do culto público, após ele, ou entre as reuniões. Os deveres que precedem consistem em examinar a nós mesmos ou em estimular a nós mesmos. O exame de nós mesmos consiste, em parte, em perscrutar nosso estado passado e, em parte, em considerar nossa condição presente. Ao perscrutar nosso estado passado, devemos trazer à memória quais pecados cometemos na semana anterior, para maior humilhação de nós mesmos em oração; ou devemos lembrar

quais graças de Deus em nossas almas e quais benefícios de Deus sobre nós ou nossos amigos recebemos, para melhor nos incitarmos à ação de graças.

Ao considerar nossa condição presente, devemos examinar como estão nossas afeições e que medida de fé, arrependimento e piedade há em nós. Se houver qualquer carência especial ou ocasião para oração pública, devemos rogar as orações do Pastor e da congregação. Se alguma causa peculiar de ação de graças solene se oferecer, devemos informar ao Pregador e ao povo; bem como, se houver necessidade, devemos orar pelo Ministro, para que sua boca seja aberta a fim de prover algum suprimimento feliz e santo pela palavra.

Quão requisito seja este exame, nossas práticas civis o podem declarar. Vemos homens mundanos prósperos que, se não todos os dias, ao menos uma vez por semana, examinam seus livros, fazem suas contas, conferem seus ganhos com suas despesas e ajustam seus balanços, para verem se lucraram ou perderam, se estão em vantagem ou em falta. E não deveríamos nós, muito mais — se não uma vez ao dia, o que seria expediente, ao menos uma vez por semana — chamar a nós mesmos a um acerto de contas? Devemos examinar o que saiu de nós, o que veio a nós, como avançamos em procedimentos piedosos ou como retrocedemos; para que, se tivermos aumentos santos, possamos dar graças e glória a Deus; e se estivermos em falta, possamos nos humilhar e nos esforçar, na semana seguinte, para trabalhar conosco mesmos mais fervorosamente a fim de recuperar a perda anterior.

Feito este exame, devemos ainda nos estimular antes de virmos aos exercícios públicos. Isto consiste em ler, meditar e

orar, por meio do que podemos provocar um apetite espiritual para recorrermos à congregação com mais fome, desejo e amor. Quão necessário isto seja, a longa e lamentável experiência da falta de proveito na escola de Cristo o mostra dolorosamente. Pois qual é a causa de lucrarmos tão pouco nas orações da Igreja? O que faz com que a palavra tenha tão pouco poder sobre nós? De onde vem o fato de os Sacramentos serem tidos em tão pouca conta? Não é porque nos aproximamos do Senhor com corações não instruídos e ouvidos incircuncisos, sem afeições preparadas e sentidos não exercitados? Assim, entramos e saímos da casa de Deus sem mais proveito do que o que obtemos em peças teatrais, onde, deleitando nossos olhos e ouvidos por um momento com a visão dos espetáculos, depois partimos vaidosamente.

Se em algum momento devemos receber um amigo especial ou convidados ilustres, a civilidade manda evitar todas as coisas repulsivas e providenciar tudo o que for belo em nossas casas; e não pensaremos ser dever cristão, em tais momentos em que o Senhor fez promessa especial de nos visitar e tornar-se nosso convidado amigável, purgar as afeições repugnantes do coração e dispor nossas almas em alguma ordem santa para recebê-Lo? Somos tão diligentes em nos apresentarmos no Sábado com nossas melhores vestes, porque compareceremos diante de toda a congregação; e seremos negligentes em trajar nossas almas, visto que devemos aparecer diante de Deus e de Seus anjos? Professamos exteriormente ser este dia um tempo mais solene que qualquer outro dia da semana; e em nossa prática interior negaremos o mesmo?

Portanto, nesta santa preparação de nós mesmos, devemos imitar a sabedoria dos homens mundanos que, tendo

uma petição ao Príncipe ou a algum personagem nobre que não obtém o sucesso e o resultado esperado, logo começam a prestar contas a si mesmos, a considerar em que circunstância falharam, por que tentaram seu empreendimento com menos circunspecção e prudência, acusando-se de tolice e trato impensado em sua causa, pelo que, como a dolorosa experiência lhes ensina, seu pedido caiu por terra. Não devemos ser diferentes desses homens quando, ao lidarmos com o Senhor, não lucramos tanto quanto deveríamos pelo ouvir, ler, orar ou qualquer outro exercício público. Nem devemos hesitar em arrazoar conosco mesmos e nos considerarmos culpados, seja por omitirmos algo que deveria ser feito, seja por cometermos algo que deveria ser evitado, antes de nos dirigirmos aos nossos deveres públicos.

Ora, para que este exame e estímulo de nós mesmos sejam melhor realizados, é requisito (ao contrário da longa e repugnante prática da maior parte dos homens) que nos levantemos cedo no dia de Sábado. Vemos que os jovens se levantam cedo para recorrer a casamentos, a banquetes, para folguedos de maio, para o toque dos sinos ou vaidades semelhantes. Os papistas interrompem seu sono para que, mais cedo, possam ter suas Missas e práticas papistas. Os heréticos também, para atenderem às suas vãs revelações, ganham tempo levantando-se cedo. Tudo isso serve para nossa vergonha, nós que, para exercícios santos e celestiais, para servir ao Senhor em espírito e verdade, não remimos tempo algum para que o Sábado do Senhor seja melhor santificado. Pelo contrário, ao banharmos nossos corpos em nossas camas naquele dia mais do que em qualquer outro, persuadindo-nos de uma liberdade excessiva nisso, tornamo-lo um dia de nosso próprio descanso, e não do descanso do Senhor.

Diz-se que os israelitas se levantavam mui cedo para sua idolatria; relata-se que os Profetas estendiam suas mãos logo cedo pela manhã. Portanto, pela vergonha de uns e para a imitação de outros, estimulemo-nos mais cedo no dia do Senhor, fazendo do Sábado o nosso deleite (Is 58), para que sejamos não menos cuidadosos em dedicar as primícias do dia e a doçura da manhã ao puro serviço de Deus, do que os idólatras em sua idolatria, os jovens em suas vaidades, os homens mundanos em sua cobiça e os heréticos em suas heresias costumam fazer.

Se assim nos examinarmos em nossos pecados cometidos e nos dons de Deus recebidos; se nos humilharmos por uns e formos gratos pelos outros; se perscrutarmos nossas carências, orarmos por nossos pastores, nos prepararmos e usarmos todos esses exercícios em sabedoria, levantando-nos cedo (a menos que por alguma causa especial ou fraqueza que exija que permaneçamos no leito), que a experiência dos frutos posteriores e dos bons aumentos dos exercícios públicos fale, e que a prova relate se a palavra não se torna mais preciosa, nossas orações mais poderosas e nosso recebimento dos Sacramentos mais eficaz e proveitoso para nós.

Quanto aos exercícios que se seguem ou que ocorrem entre os meios públicos, eles servem ou para o aumento da fé e do arrependimento, a fim de tornar os meios públicos mais proveitosos para nós, ou são exercícios de amor, pelos quais podemos mostrar algum fruto dos primeiros. Os exercícios de fé e arrependimento são a leitura, a comparação das coisas ouvidas, o exame e a aplicação delas a nós mesmos, a oração, a ação de graças e a meditação. Primeiro, digo que, após nosso ouvir público, devemos nos entregar privadamente à leitura daquelas coisas que, ao ouvirmos, não entendemos

suficientemente; também à comparação de passagem com passagem, conforme foram alegadas, para melhor prova da doutrina recebida e maior estabelecimento de nossa fé nela. Para este fim, devemos usar a oração privada por um juízo sadio e afeições puras, para que o Senhor se digne a operar em nossas afeições aquilo que recebemos no juízo. Nem devemos esquecer de ser gratos, louvando a Deus e cantando Salmos por aquelas coisas pelas quais vemos nosso conhecimento ser melhorado ou nossa consciência tocada.

A estes devemos unir a meditação, seja sobre os meios de nossa salvação, seja sobre as obras de Deus. Sobre os meios: prestando contas a nós mesmos de quais coisas lidas e pregadas principalmente nos tocaram e concerniram; quais sentimentos e confortos especiais o Senhor nos deu em nossas orações; que aumento de fé nas promessas de Deus e de arrependimento no propósito de uma vida nova tivemos nos Sacramentos; para que, assim, façamos um uso privado e peculiar dos meios públicos e gerais. Sobre as obras de Deus: em parte concernente àquelas propriedades que estão nEle mesmo — como Sua misericórdia, justiça, sabedoria, verdade, poder e providência — e em parte concernente às Suas criaturas e obras de Suas mãos, nas quais Ele deixou certas impressões e qualidades necessárias para nosso uso e proveitosas para nossa instrução.

Quanto ao primeiro ponto, a prática do Profeta e o dever de todos os bons professos no Salmo 92 mostram suficientemente que é uma obra especial do Sábado louvar e declarar a bondade do Senhor, regozijar-se nas obras de Suas mãos, louvar Sua verdade e proclamar Sua justiça. Naquele Salmo, o homem de Deus protesta que as obras de Deus são gloriosas apenas para os piedosos, e como os homens

insensatos e ímpios não podem considerar as obras de Deus, nem discernir Seus juízos, porque medem a condição dos homens por seu estado presente, não olhando nem para como Deus lidou antes, nem considerando que, embora os fiéis pareçam murchar e ser cortados pelos ímpios, contudo crescerão novamente e florescerão na Igreja de Deus, como os cedros no monte Líbano.

Ora, assim como com o exercício da palavra temos os Sacramentos para fortalecer nossa fé, assim, com o meditar nas obras de Deus, devemos nos fortalecer com a contemplação das criaturas de Deus — como os céus e sua extensão, beleza e curso contínuo; e a terra, que teria sido toda tão agradável quanto o jardim do Éden se Adão tivesse continuado em sua inocência. Se a obra de Adão, pela luz da natureza, era contemplar as criaturas de Deus, também é nossa obra fazê-lo pela luz da graça de Deus e do Seu Santo Espírito. Para este fim, o rei profético, no Salmo 19, estabelece a primorosa feitura, proporção e ornamentos dos céus, dizendo: *Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Não há linguagem nem fala onde não se ouça a sua voz. A sua linha se estende por toda a terra, e as suas palavras até ao fim do mundo. Neles pôs uma tenda para o sol, o qual é como um noivo que sai do seu tálamo, e se alegra como um herói, a correr o seu caminho. A sua saída é desde uma extremidade dos céus, e o seu curso até à outra extremidade deles; e nada se esconde ao seu calor* (Sl 19:1-6).

O profeta Isaías, no capítulo 1:2-3, diz: *Ouvi, ó céus, e dá ouvidos, ó terra... O boi conhece o seu possuidor, e o jumento a manjedoura do seu dono; mas Israel não tem*

conhecimento, o meu povo não entende. Neste lugar, somos instruídos por criaturas insensíveis sobre como deveríamos cumprir nosso dever para com Deus. Portanto, é bom considerar como, em seis dias, tivemos nossos animais obedientes a nós, e quão desobedientes somos ao Senhor. Ó Deus, como Tuas criaturas nos atenderam! Quando falávamos a elas, ouviam-nos; quando as castigávamos, seguiam-nos; em todos os nossos negócios, serviam-nos. E, contudo, não ouvimos o Teu chamado pela palavra, não lucrámos com Teus castigos, nem atendemos aos Teus mandamentos. *A cegonha*, diz o Senhor pelo profeta Jeremias, *conhece o seu tempo determinado*, mas o meu povo não me conhece. E a experiência pode nos fazer corar ao ver como as aves, contra o inverno tempestuoso, transportam-se para climas mais quentes até o tempo da primavera, enquanto o homem, sozinho, ou insensivelmente não prevê, ou imprudentemente não evita os tempos perigosos que virão.

Para concluir, em Mateus 16:2-3, nosso Salvador Cristo repreende a tolice dos Fariseus, dizendo: *Quando é tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está rubro. E, pela manhã: Hoje haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Hipócritas, sabeis diferenciar a face do céu, e não conheceis os sinais dos tempos?*. Verdade é que este uso espiritual e santa meditação sobre as criaturas de Deus deveria ocupar toda a nossa vida; todavia, porque nossas distrações em nossas vocações lícitas e ordinárias não permitem isto tão plenamente em respeito à nossa natureza finita, devemos nos lembrar, no dia de Sábado, de buscar uma recuperação e, por diligência cristã, fazer recompensa por nossa negligência anterior nisto.

E em tão celestial variedade, que tanto por preceito quanto por prática recebemos de nossos antepassados para este propósito, muito lucraremos e avançaremos neste exercício se, na sabedoria do espírito, nos esforçarmos para moldar nossas meditações especialmente sobre aquelas coisas das quais, em razão de nossas vocações, de nossos países ou da estação do ano, temos ocasião mais especial. Ora, se por razão de algum embotamento ou apatia, pela corrupção da natureza e castigo secreto muitas vezes incidente aos mais queridos filhos de Deus, não pudermos realizar esses deveres sozinhos com tanta reverência, alegria e conforto, podemos humildemente usar o remédio que, pela comunhão dos santos, o Senhor proveu para este caso. Assim, frequentando a santa companhia dos piedosos, doutos e zelosos, a quem o Senhor deu maior liberdade de graças e de espírito, poderemos ser humilhados em relação às nossas próprias carências e receber o suprimento por eles e neles. Se não pudermos, por ignorância ou estupidez, ler as coisas ouvidas, comparar as passagens recebidas pelo ministério público ou orar pelo fruto delas; se não formos capazes de nos refrescar considerando as obras de Deus; então devemos atentar à leitura, conferência, oração, ação de graças, cântico e meditações de outros, para que, ao menos, tenhamos nossos juízos esclarecidos ou nossas afeições melhor estimuladas.

Nem devemos corar ou nos envergonhar de reconhecer nossas carências perante nossos irmãos, mas com toda a humildade lidar com eles seriamente e inquiri-los sobre como podem comparar e reconciliar as passagens entregues, como podem amplificá-las pela meditação, como sentem suas afeições renovadas, como podem moldar uma oração a partir delas, como podem colher das criaturas e obras de Deus

matéria proveitosa para ação de graças; para que, por sua piedosa participação, tenhamos nossa ignorância auxiliada ou nossas enfermidades aliviadas. Pois, indubitavelmente, esta é a causa pela qual tantos, em ignorância e apatia, suportam o Sábado como um fardo: o fato de terem vergonha de, ao pedirem a ajuda de outros, revelarem sua ignorância ou exibirem aquela corrupção de natureza que, de fato, veem e sentem em si mesmos. Contra essa vergonha mundana e carnal devemos lutar, se quisermos triunfar sobre a vergonha eterna dos ímpios, e nos estimularmos por aquela sociedade proveitosa e mútua que convém aos filhos de Deus, seja para o aumento dos dons espirituais, seja para um suporte caridoso das enfermidades uns dos outros. E estes são, brevemente, os exercícios de fé e arrependimento, pelos quais podemos nos estimular ou ser estimulados por outros.

Resta agora tratar dos deveres de amor, porque o Sábado do Senhor não é um dia apenas de conhecimento, mas de amor; não apenas de ouvir a palavra pela pregação, mas também de cumprir a palavra pela prática. E estes deveres ou respeitam as pessoas de nossos irmãos, ou concernem às coisas que os cercam. As coisas concernentes às suas pessoas referem-se ou às suas almas ou aos seus corpos; os exercícios respeitantes às coisas que os cercam referem-se ou aos seus bens ou ao seu crédito.

Os deveres para com as almas de nossos irmãos consistem em ensinar os ignorantes, levar pecadores ao arrependimento, ligar as feridas dos que estão aflitos de espírito, confortar os fracos, fortalecer as mãos que descem e os joelhos que estão prestes a desfalecer, estimular os que estão apáticos, admoestar os desregrados, confirmar a fé dos que creem, encorajar no bem-fazer aqueles que começaram bem e

repreender os transgressores obstinados. E embora estes devessem ser os exercícios de cada dia, pertencem especialmente ao Sábado, no qual suprimos as carências que temos nos dias de semana. Os deveres de amor exigidos para com os corpos de nossos irmãos são a visita aos enfermos, o socorro aos aprisionados, a ajuda aos pobres e miseráveis, o alimentar os famintos, o vestir os nus, o conforto aos angustiados e o dedicar de nossos bens aos necessitados.

Na Igreja Primitiva, assim como recebiam o Sacramento em cada Sábado, também depositavam algo para o uso dos pobres, o que faziam tanto para dar um testemunho agradecido de como o Senhor os abençoara na semana anterior, quanto para mostrar algum penhor piedoso de sua piedade para com seus irmãos aflitos. Concernente aos exercícios de amor para com o crédito de nossos irmãos: se ouvirmos quaisquer relatos secretos que tendam ao descrédito de outrem, devemos não apenas suprimi-los cuidadosamente, mas esforçar-nos sabiamente para recuperar o crédito anterior deles. Isto exige sabedoria celestial, tanto para admoestar o autor de maus relatos quanto para significar ao homem de quem se falou mal qual perigo e naufrágio de seu bom nome se pretende — contudo, sempre ocultando a pessoa e expondo o relato, para que, se a parte for culpada, possa mais cedo sair de seu pecado, tendo o Senhor disparado tal aviso contra ela; ou, sendo inocente, que busque antes se provar pelo rumor do que perseguir o autor.

Mas, infelizmente, o pecado de nossa era não apenas trouxe a ignorância e baniu a prática deste dever cristão, mas também, o que é mais, em vez de curar, ferimos o crédito de outrem, e é difícil discernir se há mais disposição para relatar o mal ou para ouvir maus relatos de outros. Quem não vê que a

profissão comum de nosso Sábado tornou-se uma conversa de mesa e um falatório vão sobre as enfermidades alheias, jogando o crédito de nossos irmãos de um lado para o outro como uma bola de tênis? E isto não é usado apenas entre mulheres de mente instável, cujas línguas laboram em alguma enfermidade maior, mas também por homens que, indiscretamente, ou dão início ou propagam em plena medida, e além da medida, o descrédito de seus vizinhos. Estão tão longe de curar tais chagas e estancar tais brechas que as abrem ainda mais e avançam mais profundamente do que qualquer um fizera antes (Sl 15:3).

Além disso, em todos estes exercícios, tanto públicos quanto privados, tanto concernentes à fé quanto aos deveres de amor, tanto conosco mesmos quanto com os outros, duas coisas devem ser especialmente observadas por nós. Primeiro, devemos à noite provar nossos corações: com que verdade, com que cuidado e com que sinceridade fizemos estas coisas; porque, assim como Deus abomina a hipocrisia em tudo, assim especialmente não a suporta em Seu próprio culto. Segundo, devemos examinar a nós mesmos: com que proveito, seja para nós mesmos ou para os outros, com que conforto, com que aumento de coisas boas estivemos versados nestes deveres; para que não descansemos na obra realizada, mas possamos oferecer os frutos de nosso aumento santo em uma boa consciência ao Senhor.

A primeira coisa, então, é trabalhar com nossos corações pela sinceridade, porque, embora geralmente todos os mandamentos exijam obediência espiritual, mais peculiarmente o fazem aqueles que imediatamente nos ligam ao nosso Deus. Isto faremos se cumprirmos os deveres da fé fielmente, os exercícios do arrependimento cuidadosamente e os deveres do

amor amorosamente. Desta maneira, pois, podemos expostular conosco mesmos: "O aumento da misericórdia do Senhor trouxe-me um aumento de santidade neste dia? Como meu conhecimento aumentou, minhas afeições foram tocadas, minha fé fortalecida, meu arrependimento renovado, o amor aos santos em mim confirmado? Como a palavra traspassou meu coração? Como minhas afeições foram vivificadas pela oração? Quanto minha fé foi fortalecida nos Sacramentos? Foi o Sábado o nosso deleite? Estamos mais perto de Deus em fé e arrependimento? Estamos mais perto de nossos irmãos em amor e benevolência? Estamos melhor afetados para com a glória de Deus? É o pecado mais gravoso para nós do que tem sido?". Se for, dai a Deus a glória em Cristo; se não, que nossas perdas nos façam buscar alguma recuperação piedosa no tempo vindouro. O fato de se pensar pouco nestas coisas é a causa pela qual, na maior parte e quase geralmente, descansamos no uso cerimonial do Sábado.

Consideremos agora um pouco a bondade de Deus ao dar tão santa variedade de coisas boas, cuja consideração pode, em parte, nos humilhar e, em parte, nos confortar. Pois em tão rica e principesca vicissitude, embora façamos muitas coisas, contudo alguns deveres privados ou públicos, conosco mesmos ou com os outros, podem ser deixados por fazer; se fazemos as ações externas, falhamos nas afeições interiores — e isto deve nos humilhar. Todavia, podemos aqui também sugar algum conforto, para mais nos atrair a estes santos exercícios, no fato de que, embora estejamos cansados de um exercício, possamos nos refrescar com outro: se não lucrarmos por um, podemos lucrar por outro. De modo que, se formos totalmente desprovidos de deleite e não colhermos proveito algum, não podemos senão escusar o Senhor e acusar a nós mesmos. Pois,

se não podemos prosperar em exercícios privados, podemos ganhar pelos meios públicos; se não encontramos deleite sozinhos, podemos nos unir a outros; se não podemos lucrar pela leitura, podemos lucrar pela oração; se não pela oração, então pela meditação; se não pela meditação, então pela conferência; se não pela conferência, ainda pelo cântico; se não pelo cântico, ainda pela contemplação das criaturas de Deus; se não por estas, então pelo ensinar, admoestar e visitar os outros; se não nisto, por nos permitirmos ser ensinados, admoestados e instruídos por outros.

Pelo que, como em um banquete solene guarnecido de diversas carnes, o estômago mais fraco, não gostando de um prato, pode refrescar-se com outro, a menos que o apetite tenha desaparecido por completo; assim, nesta variedade celestial, o Senhor proveu que o mais fraco possa confortar sua consciência, se não com uma iguaria espiritual, com outra, a menos que esteja tão doente que seja totalmente desprovido de graça e sem esperança de recuperação — o que o Senhor, em Sua misericórdia, afaste de nós. E assim, tendo mostrado o que é ordenado, prossigamos para aquelas coisas que são proibidas.

O Sábado (dizemos) é quebrado ou por impedimentos e obstáculos gerais, pelos quais não podemos santificar o dia, ou pelos maus frutos que seguem a não guarda do mesmo. Pois, assim como há duas coisas ordenadas — a saber, o descanso e a santificação do descanso —, assim duas coisas são proibidas: o labor e a fadiga, na medida em que ou impedem a santificação do Sábado ou profanam o descanso sabático.

Primeiro, quanto aos impedimentos da santificação do Sábado, que em sua própria natureza são indiferentes, devemos saber que, assim como o avanço desta santificação é ordenado,

assim os obstáculos são proibidos; e como o descanso é ordenado na medida em que contribui para a santificação do dia, assim nossas obras não são simplesmente proibidas, mas na medida em que são obstáculos à santa observação do mesmo. E estes são ou obras lícitas, ou recreações e prazeres lícitos. E, portanto, como dizemos no Mandamento anterior que todos os juramentos vãos, leves, usuais e costumeiros são proibidos, e contudo afirmamos que todos os juramentos tais são ordenados quando tomados em defesa da glória de Deus, do bem-estar de nossos irmãos ou em quaisquer outros casos de peso e importância, quando as coisas devem necessariamente ser conhecidas e não podem ser conhecidas de outro modo senão por um juramento; assim dizemos neste preceito: todos os assuntos usuais no Sábado são aqui proibidos, mas concedemos que, se estes ocorrerem para a glória de Deus na preservação de Suas criaturas necessariamente a ser feita, ou de modo que nos habilitem mais para quaisquer deveres do Sábado, então eles não apenas não são proibidos, mas também mui estritamente nos são impostos.

E, portanto, assim como não se permitem outros que se infiltrem sob pretexto, senão os que são de peso, da mesma forma não permitimos obras de pretensa necessidade, senão aquelas que, por não poderem ser feitas no dia anterior nem no dia seguinte, são, pelas considerações anteriores, necessariamente exigidas. E ao passo que o Senhor não apenas dá licença para tirar o Boi ou o Jumento da cova para preservar suas vidas, mas também para levá-los à água para tornar suas vidas mais confortáveis para eles; assim permitimos não apenas coisas necessárias à vida do homem, mas também coisas convenientes ao uso e conforto do homem — como o preparo de alimentos convenientes, pelos quais um homem pode ser

tornado mais alegre nos deveres da santificação; desde que, ao usá-los, nos refresquemos e não nos oprimamos, e ao prepará-los, usemos o tempo antes, depois ou entre o exercício público. Mas, como Deus permitiu esta licença, nós, de nossa parte, devemos cuidar para não abusarmos desta liberdade. Pois, quando o Senhor é tão justo, liberal e favorável em conceder e perdoar nossa necessidade e favorecer nossas conveniências, Ele sem dúvida não deixará impunes os gananciosos buscadores de lucro que, sob a forja da necessidade, abusam de sua liberdade e da liberalidade dEle. A licitude desta permissão nos é ensinada pelo próprio Cristo, o fiel intérprete da lei, e isso não apenas por preceito, mas por prática. Pois, no fato de ter curado os enfermos e sanado os doentes no Sábado, permitindo que o povo naquele dia recorresse a Ele, Ele mostra como as coisas concernentes à glória de Deus são lícitas de serem feitas no Sábado. E vemos que, no fato de a lei permitir o levar o boi à água, as coisas convenientes não são naquele tempo ilícitas, desde que não sejam abusadas ou usadas em excesso.

Estabelecida esta moderação, peneiremos mais de perto as coisas que são proibidas. Estas são ou as obras de nossa vocação, ou recreações lícitas. As obras são tais que ou são mais usuais nos seis dias, ou, ocorrendo apenas em certos tempos especiais nos meses ou anos, são menos usuais. Primeiro, concernente às obras que têm seu curso ordinário nos dias de semana — como arar, semear, exercer ofícios manuais e coisas semelhantes —, não há dúvida, e a pessoa mais profana não as porá em dúvida, mas toma-se como certo que estas obras devem dar lugar ao culto de Deus, para que os homens, sendo libertos delas, possam ser mais santificados. E estas coisas são terminantemente proibidas na Lei e nos

Profetas, que não permitiam que uma carga fosse carregada no Sábado, obra pela qual apontavam mais secretamente para todas as demais. Mas as palavras deste mandamento são uma demonstração suficiente desta matéria.

Quem quer que, então, faça do Dia do Senhor um dia de fardos para seus negócios terrenos — seja por tornar costumeiro que seus servos sigam suas vocações, ou viajem em seus assuntos, ou então quando eles mesmos fazem naquele dia o que não fariam em outros tempos, quando, em uma disposição espiritual de seus negócios, poderiam prover melhor —, são profanadores do Sábado e serão julgados como desprezadores desta lei. E o que quer que esses tipos de professos pretendam em palavras, e se vangloriem de conhecimento e liberdade cristã, eles encobrem seu pecado sob a religião e puxam a cortina da profissão cristã para cobrir a devassidão de sua conversa não cristã; e assim, vivendo como animais, morrerão como animais, ou pior que animais, visto que irão para os infernos, enquanto os animais irão para a terra. É mui lamentável que em uma comunidade cristã — onde Cristo, e ninguém antes de Cristo, deve ser preferido; onde o fruto de tantos anos de ensino deste dever deveria ser mostrado — os homens, como pagãos que jamais souberam da criação do céu e da terra por Deus, ou jamais ouviram da redenção do homem por Cristo, ou jamais provaram do poder santificador do Espírito Santo, nem em tempo algum entenderam o mistério da Trindade, não façam consciência do Sábado, mas apenas o julguem digno de um dever civil.

Mas alguns alegarão uma necessidade mais usual em certas e peculiares vocações, sobre as quais, como dizem, resta uma questão adicional; como entre os carvoeiros, ferreiros,

guardadores de rebanho, pastores, transportadores, tropeiros e mercadores, todos os quais possuem, de fato, vocações árduas e laboriosas. Contudo, devemos dizer e manter este fundamento: que nestas e em vocações ordinárias semelhantes, a ordenança do Senhor não impede a boa ordem humana, mas elas estão de tal modo subordinadas uma à outra que, se dermos a cada uma seu tempo e seu lugar, as obras do homem podem ser exercidas, e contudo o culto de Deus ser preferido; porque, assim como nossas vocações servem ao culto de Deus, assim o culto de Deus santifica as nossas vocações.

Verdade é que o Senhor exige não apenas o culto do dia de Sábado, mas também o de outros dias da semana, ao menos privadamente ou, se nossas vocações o permitirem, publicamente. E, embora não neguemos a estes homens uma liberdade maior nos seis dias, eles não devem ser isentos dos deveres do dia de Sábado, o qual é imposto geralmente a todos os homens, e especialmente a estes, cujos labores, por serem mais penosos e contínuos nos dias de semana, devem fazê-los antes descansar nos dias de Sábado. E visto que não se desobrigarão das mesmas graças que os outros homens quanto à sua criação, redenção e santificação, se não proverem um suprimento no sétimo dia por sua liberdade nos seis dias, serão inferiores à condição dos animais; pois os animais, naquele dia, têm o seu descanso, e eles não o têm. Além disso, ao pretenderem tais escusas, revelam abertamente sua falta de sabedoria espiritual. Pois não existe tal vocação que o impeça; mas se fossem tão sábios para com Deus quanto são políticos no aumento de suas riquezas, saberiam como dividir seus tempos e estações para o alívio de seus corpos e o refrigério de suas almas no Sábado.

E aqui os homens devem ser encarregados de cuidar de seus servos. Pois o mandamento é claro e expresso: *até tu e o teu servo*. Não é suficiente que os homens venham à Igreja por si mesmos, mas devem trazer também os seus servos. O Senhor viu como os homens seriam engenhosos em enganar suas próprias almas, não trazendo seus dependentes e famílias consigo para a congregação, os quais, não obstante, sendo criados, remidos e santificados, são tão devedores ao culto de Deus quanto os seus senhores. Mas que não se enganem, pois o sangue das almas deles será exigido das mãos daqueles que, sendo governantes mui senhoriais e tirânicos, tornam seus servos ou iguais aos animais, ou piores que animais, não cuidando de nada senão do mundo, jamais pensando no inferno, para onde se apressam.

Esta lei também alcança aqui os pastores, guardadores de rebanho, padeiros e cervejeiros, tipos de homens que, se os retiveste, estás encarregado de trazê-los à casa de oração tanto quanto a ti mesmo. Pois Deus, tendo-os feito homens, não quereria que os usasses como animais para ti; nem debes abusar do trabalho deles para torná-los como o boi de que cuidam. Mas os homens mundanamente sábios providenciarão, mudando seus turnos, para que seus negócios sejam feitos alegremente; e por que, então, proveriam para o culto de Deus tão negligentemente? Novamente, se pastores e guardadores de rebanho podem encontrar meios de ir a feiras e mercados, se podem escolher tempo para visitar seus amigos, por que não podem também prover para ouvir a palavra de Deus no dia de Sábado? Bem, não vos enganeis: de Deus não se zomba. Conforme o homem semear, assim colherá. Em alguns lugares, cervejeiros e padeiros alegam grande necessidade. Se assim for, nossa regra geral permite uma liberdade, mas ainda desta

maneira: se não podem despachar seus negócios nos seis dias, devem levantar-se mui cedo no dia do Senhor, para que façam tudo o que têm a fazer com a menor perda possível; e se devem necessariamente começar seu trabalho para o dia seguinte ao Sábado, que o façam o mais tarde possível na noite, para que nos exercícios públicos não sejam interrompidos nem desviados. Portanto, dizemos isto: que, assim como prescrevemos nas outras vocações, também para a ordenha das vacas, o arrumar das camas e o preparo das carnes, bem como para viajantes, padeiros e cervejeiros, que seus negócios, se forem necessários, devem ser feitos ou cedo pela manhã, ou tarde da noite.

Há dois tipos de vocação de maior dificuldade: uma pelo mar, outra por terra; uma de marinheiros, outra de correios. Pois os homens, estando nos mares, não podem vir convenientemente aos lugares públicos de religião, e em assuntos civis há frequentemente grandes necessidades desconhecidas aos homens privados. Concernente à primeira, dizemos que ou estão em assuntos necessários, ou não estão; se não estão, devem ser contados como puros quebradores do Sábado; se estão em suas vocações lícitas e necessárias, os tempos devem ser de tal modo divididos que seus corpos sejam aliviados e suas almas refrescadas. Todavia, se a necessidade presente tornar-se mais violenta, então vale a regra geral das coisas que não podem ser feitas antes ou depois. A isto acrescentamos que, sob certo aspecto, porque os marinheiros possuem intermissões em razão de suas frequentes mudanças de turno, poderiam ser designados meios para o culto de Deus privadamente. Pois há vicissitudes de labor gastas em beberagens, embriaguez e sono; lazer que poderiam ter tão livre para o culto de Deus privadamente quanto qualquer um

em terra. Além disso, observada a proporção de seis para sete, que possam dedicar algum dia em sete ao que deveriam fazer no próprio Sábado. Pois então o Senhor aceita a equidade da lei quando, por necessidade, não podemos observar o tempo prescrito da lei.

Ademais, quando seus navios estão ancorados ou em porto, quando são retidos por tempestade, ou consertam seus aparelhos, ou esperam longamente nos portos por seu comércio, então o tempo que antes foi perdido deve agora ser remido; se não nos tempos fixos, contudo, como dissemos, em algum momento observando a proporção da lei. Terceiro, se fossem tão prudentes nas coisas celestiais quanto são políticos nas terrenas, embora não possam ter acesso tão conveniente aos meios públicos, contudo, em toda a companhia (visto que por medo de piratas viajam muitos juntos para maior proteção), por uma contribuição geral poderiam manter um Ministro entre eles. Novamente, considerando que os marinheiros são ou da classe mais rica, ou de condição mais humilde, dizemos que os mercadores mais ricos e abastados nadam tanto em seus ganhos que, se tivessem apenas corações para pagar o dízimo de seu aumento, poderiam não apenas manter convenientemente um Ministro no navio, mas também prover liberalmente para o culto de Deus em terra. Quanto aos mais pobres, se não podem oferecer um boi, que ofereçam uma rola; se não podem oferecer uma pomba, que ofereçam um pouco de flor de farinha de trigo; quero dizer, se não podem prover um pregador grave, ao menos que procurem algum homem bom para ler-lhes a santa palavra de Deus, para entregar-lhes o sentido claro e puro das Escrituras e ajudá-los na oração e outros santos exercícios da religião. Pois, se podem em seus diversos navios manter um guia habilidoso na navegação para conduzi-los em suas

viagens, então, por um fundo comum, podem mui mais facilmente sustentar os custos de um mestre que, em grandes perigos, possa fortalecê-los e confortá-los, e em todos os estados possa guiá-los e protegê-los rumo ao porto do céu.

Quinto, em respeito ao fato de terem maiores bênçãos nos mares, receberem maiores testemunhos do favor de Deus, provarem mais generosamente do poder de Deus em perigos iminentes e terríveis, e terem mais liberal experiência de Sua providência em sua maravilhosa preservação do que seus irmãos em terra, penso que não deveriam ser menos zelosos, mas mais cuidadosos com o culto de Deus do que os outros em terra. Embora, então, a forma prescrita da lei nem sempre possa ser usada, a proporção da lei pode ser observada; e visto que Deus é o Senhor dos mares tanto quanto é o governador da terra, Ele deve ser não menos adorado em um do que no outro. E, contudo, a falta deste Seu culto distinguiu os homens do mar dos outros por sua monstruosa profanidade e brutal irreligiosidade. E, no entanto, no fato de este mal não ser tão geral, mas haver até naquela vocação alguns que temem ao Senhor, é manifesto que a culpa não está na vocação, que em si mesma é lícita, mas na corrupção das pessoas, que degeneraram em um ateísmo infernal.

Agora, concernente aos correios, isto brevemente: ou os correios viajam no Dia do Senhor por necessidade, ou sem necessidade. Se viajam pelos assuntos necessários da terra, e tais que, por demora, seriam mais perigosos, e cujo rápido despacho seria mais proveitoso para todo o corpo do reino, a liberdade é permitida, sendo maior ou menor conforme a gravidade ou leveza de seus assuntos; mas se não possuem necessidade, a regra das leis de Deus recai sobre eles. Todavia, na maior parte das vezes, os súditos não devem julgá-los tão

precisamente, porque os assuntos dos Príncipes não são conhecidos por todos; mas devem antes orar para que tanto o coração do Príncipe seja reto nisto, quanto para que o Senhor os mova sempre a usar os caminhos que forem mais convenientes.

E isto quanto às obras usuais de nossa vocação, em geral. Resta falar daquelas obras que não possuem o curso ordinário dos dias de semana, mas são, nada obstante, usadas em certos tempos e estações fixas, como as Feiras em certos meses e trimestres do ano, a sementeira no inverno e na primavera, e a colheita no verão e no outono. A isto podemos acrescentar jornadas especiais empreendidas não usualmente, mas extraordinariamente, e a colheita do açafrão na época do ano. Todas estas coisas possuem suas estações próprias e são desumanamente empurradas para os tempos do próprio Senhor, por mais que os homens tenham pretendido uma necessidade, e a carne e o sangue, caçando a liberdade, disputem o contrário.

Primeiro, quanto às Feiras e Mercados, que por homens políticos, sábios e mundanos são mantidos nos dias do Senhor: isso argui a falta de sabedoria piedosa onde são praticados, porque, sem qualquer prejuízo ao culto de Deus, poderiam ser observados convenientemente em outro tempo. Pois, se nenhuma necessidade, lucro ou prazer pôde fazer com que os papistas tivessem suas Feiras em seu dia de Natal, dia de Páscoa, Quinta-feira Santa e dia de *Corpus Christi*, então é uma vergonha para nós, que em verdade e zelo deveríamos precedê-los, profanar o Dia do Senhor com isso. Sim, acrescento: é intolerável, porque um estatuto firme e a lei civil impõem uma clara inibição de todos esses conventículos e assembleias mundanas naquele dia. Estas Feiras são, na maior parte, ou mercados solenes e de maior duração, ou pequenos

mercados de menor frequência. Se forem mercados mais solenes, então a continuidade do lucro nos dias de semana pode facilmente conceder ao Senhor o Seu direito nos dias de Sábado; se forem pequenos mercados, então estão dentro do compasso de sete dias e podem ser usados nos seis dias entre os Sábados, não sobrecarregando o Dia do Senhor com eles.

Concernente ao tempo da sementeira e da colheita, ouvimos que no Sábado são por palavras expressas proibidos em Êxodo. E aqui uma coisa me faz maravilhar: por que os homens pleiteiam antes pela liberdade da colheita do que pela da sementeira, quando o tempo é igual para uma e para outra, e Aquele que restringiu uma, restringiu a outra? Sim, e há mais sabedoria e menos labor exigido na sementeira, e há menos cautela e mais labor usado no tempo da sega. E contudo muitos pensam ser estranho semear e arar no dia de Sábado, mas não fazem consciência de segar, colher e transportar a carga naquele dia. Mas aqui, ao mandamento, unamos a promessa. Se formos negligentes em prover para o culto de Deus, o Senhor Se desobrigará de cuidar de nós. Mas, se primeiro buscarmos o reino de Deus e a Sua justiça, todas estas coisas nos serão acrescentadas.

E, em verdade, a necessidade da colheita antes nos encarrega de muitos outros deveres no Dia do Senhor do que nos desobriga de qualquer um. Primeiro, o labor dos seis dias naquela estação é tão grande que os homens não podem convenientemente entregar-se ao culto de Deus, seja pública ou privadamente; e, sob esse aspecto, especialmente naquele tempo, devem fazer consciência do Sábado, no qual devem se esforçar para fazer algum suprimento piedoso para suas carências anteriores. Sob isto podemos ocultar outra razão: embora os grandes proprietários tenham maior liberdade nas

obras desta vocação, possuem servos e gado que, no tempo da colheita, trabalham especialmente; para cujo bem e descanso, visto que o Senhor proveu em cada Sábado, não podemos, sem falta de misericórdia para com as criaturas e sem o controle da ordenança de Deus, nestes tempos ocupados especialmente, negar aos nossos servos e gado o seu descanso, porque eles tinham então mais necessidade de cessar no dia de Sábado, quando mais trabalham nos dias de semana.

Novamente, a experiência nos ensina que, se o clima neste trimestre do ano for mais intempestivo, os homens estão então mais prontos a soltar seu apego à providência de Deus por sua desconfiança carnal. Por outro lado, se os tempos são mais temperados e os frutos da terra mais abundantes, então escondemos seguramente nossos corações na terra e, atando nossas afeições aos nossos celeiros ampliados e cheios, vomitamos nossos conceitos de fartura com o homem rico e dizemos: *Ó minha alma, descansa, tens em depósito muitos bens para muitos anos*; e assim enterramos nossas almas na abundância de nosso aumento. Mas o que é ter um punhado de grãos e ganhar com isso uma taça da ira de Deus? O que ajuda quando o Senhor, seja para corrigir nossos pecados ou provar nossa fé, envia mau tempo, que um homem apague a estampa e esfregue a marca da obra de Deus com tal desobediência desdenhosa? Não deveríamos antes, em tal escassez como a que o Senhor designa por Joel, erigir um novo Sábado em oração e jejum, do que derrubar o antigo Sábado com labuta e fadiga, para que o Senhor, vendo o nosso arrependimento, pudesse deter as janelas do céu e, cessando o Seu castigo, pudesse deixar alguma bênção atrás de Si?

Ora, portanto, para curar nossa desconfiança, ajudar nossa impaciência e corrigir nossa cobiça, bem como para

testemunhar nossa sujeição à bendita vontade de Deus, o Senhor frequentemente envia esta prova no tempo da colheita. Novamente, se conforme a largueza da liberalidade de Deus podemos ampliar nossa gratidão, se conforme o Senhor nos estende Seus benefícios devemos estender nossa obediência a Ele: em que época do ano os homens recebem mais abundantemente as misericórdias de Deus do que agora, quando a providência de Deus chega ao resultado e cresce para um cumprimento perfeito; quando a terra está pronta para trabalhar e dar à luz de suas entranhas tudo o que, pela bênção de Deus, antes recebeu e concebeu? E, conseqüentemente, em que tempo se exige de nós uma maior medida de ação de graças, e quando o Senhor nos encarrega mais profundamente de um cuidado com o Seu culto, do que quando Ele, por assim dizer, nos sobrecarrega com o peso de Seus benefícios?

Se, então, ou o mandamento de Deus pode nos vincular, ou a promessa de Deus nos tocar; se ou a fadiga de nossos corpos pode nos causar piedade, ou as distrações de nossas mentes podem nos mover; se ou as carências de nossas almas podem nos compelir, ou os benefícios de Deus nos arrebatam, confessaremos que, embora em todos os tempos cuidadosamente, nesta época do ano mui cuidadosamente e especialmente deveríamos prover para o culto de Deus, o refrigério de nossas almas e o alívio de nossos corpos. Além disso, se a vocação da justiça, que por sua dignidade é mais necessária; se o lavrar da terra, que é algo mais indispensável, neste dia se curvam e cessam para dar lugar ao culto de Deus; então a colheita e o transporte, para os quais nem dignidade nem necessidade podem ser tão bem pretendidas, devem necessariamente cessar. E melhor é que o homem colha um pouco menos de seu ganho privado do que uma ferida tão

profunda seja desferida nos flancos da glória pública de Deus; e mais conveniente é que alguns poucos sofram do que uma grande multidão seja ofendida.

E contudo verdade é que nosso axioma da necessidade possui sua virtude tanto neste tempo quanto em outro. Todavia, espero não precisar aqui vos lembrar da distinção entre necessidade presente e necessidade iminente — uma concedida, a outra negada. Uma necessidade presente exige uma ajuda presente, como uma casa incendiada exige nosso auxílio imediato, pois Deus, neste caso, nos subordinou como Seus oficiais e tenentes para a preservação de Suas criaturas. Mas, se pressupomos e prevemos perigos vindouros, Deus torna os atos dos homens em desvarios e enfurece seus artifícios; pois, visto que Ele abre e fecha as janelas do céu e os depósitos de água, visto que Ele pode tornar os céus como bronze e a terra como ferro, e envia a chuva temporã e a serôdia, estas coisas não estão em nossas mãos, mas no poder do Senhor, que ou prova a fé deles, ou pune nossos pecados, e nos testa se O serviremos mais parcimoniosamente quando Ele nos pune, ou mais seguramente quando Ele nos poupa.

A outra questão seguinte é sobre a colheita do açafrão. Se os homens forem sábios e providentes para servir a Deus, os campos de açafrão, penso eu, também podem ser de tal modo mantidos que não haverá tal perda como os homens mundanos pretendem. Mas se a natureza dele for tal, como alguns afirmam, que naquele dia ele perece se não for colhido, no mesmo dia em que brota, então penso que, pela lei da necessidade, ocorrendo esta coisa, ele pode ser colhido no Sábado; contudo com estas condições: que colham tantos quantos puderem ser obtidos convenientemente, que nenhum exercício público do culto de Deus seja omitido, e que suas

mentes estejam santas e espiritualmente ocupadas enquanto o colhem. Ora, se alguns objetarem que há algo na ordem da natureza que luta contra a ordenança desta lei, respondo: visto que esta coisa ocorre no Dia do Senhor apenas raras vezes, portanto não é algo ordinário, mas como uma obra de necessidade. Agora, para encerrar esta questão, exigimos que na colheita sejamos de mente espiritual, o que podem mostrar dando a ela uma marca de separação, isto é, que a dediquem aos mais pobres, se forem dos mais abastados; se forem de condição mais humilde, ainda assim podem repartir algo com seus irmãos mais necessitados, testemunhando assim que não buscam o seu ganho, mas a glória de Deus.

Resta brevemente e em uma palavra falar das viagens, as quais, se forem ordinárias e usuais, em caso algum são lícitas; mas se forem extraordinárias e necessárias, como frequentemente acontece a Advogados ou Médicos, então, conforme a necessidade, são mais ou menos permitidas. Vemos que muitos papistas não saem de casa nos dias de seus santos, pelo que se detecta a falta de nosso amor espiritual, nós que não fazemos consciência de cessar no Dia do Senhor. E assim a religião inventada pelo homem encontra melhor aceitação e uma prática mais ampla do que aquela que foi ordenada por Deus. Se qualquer homem objetar a perda de seu sustento caso não trabalhasse neste dia, oponho a isso a perda da glória de Deus, e isso com o Seu interrogatório: se a miserável riqueza sórdida do homem não deveria dar lugar à glória imortal de Deus.

E a experiência confirma a verdade da palavra de Deus: que em vão os homens se levantam cedo e tão tarde tomam seu descanso, em vão edificam e tomam tão grandes dores, quando o Senhor nega a bênção. E o que seria ser rico pela política e

pobre pelo desagrado de Deus? Que importa se a bolsa está pesada e suas consciências perturbadas? Que importa se são ricos perante os homens e pobres perante Deus? Novamente, quem é que assim dispõe de suas jornadas e de seus assuntos? De modo que alguns, fazendo consciência de seu Sábado, são em suas jornadas em um dia mais prosperados, em seus assuntos em uma hora mais auxiliados, do que muitos outros que, desprezando a ordenança de Deus, o são em muitas horas e em muitos dias? Quem dirige os homens para serem previdentes em suas vendas e negociações? Quem embrutece e enfurece outros? Quem envia a um homem (que não por um simples desejo de ganho, mas por um cuidado singular em andar em sua vocação, usa o comércio de compra e venda) mais fregueses em uma hora do que outro homem tem em um dia inteiro, cujo coração está inflamado, cujos olhos estão acesos pelo amor ao ganho, buscando o lucro como quer que venha, por bem ou por mal? Os homens atribuem isso ao acaso, e assim frequentemente, pelo justo juízo de Deus, recebem um vácuo, isto é, confiando no mundo cego, não recebem tanto ganho quanto o necessário para quitar suas despesas. Podem os homens viajar dia e noite por mar e por terra, e isso por uma coisa transitória, e não dedicarão nenhuma hora para a defesa do culto de Deus? Temem ladrões se prolongarem sua jornada para a manutenção de uma boa consciência, e não têm medo de ladrões quando, por suas afeições mundanas, podem viajar cedo e tarde? Porque nisto o terror de suas próprias consciências pregará mais forçosamente a eles do que eu posso falar, deixá-los-ei àquela prática do homem de Deus que é usada em Neemias 13.

E assim, tendo falado das obras de nossas vocações, agora devemos falar das obras de nossos prazeres. Concernente

às recreações lícitas desta vida, que o Cristianismo permite e não proíbe (pois das diversões ilícitas, estando sempre fora de época e especialmente no Sábado, nada temos a dizer), se podem ter lugar e tempo no Dia do Senhor ou não, eis a questão. Nesta parte do tratado, digo, não falamos de prazeres profanos e ociosos, mas daqueles que trazem algum uso posterior após serem usados, e que são permitidos pela palavra de Deus, desde que neles se use moderação e sejam santificados para nós pela palavra e pela oração. E contudo, mesmo para estes, não ousamos dar o tempo consagrado a Deus para folguedos e prazeres. Nem devemos curiosamente formular qualquer divisão primorosa nesta matéria, mas primeiro consideraremos os banquetes e festas acostumados neste dia, e depois outras recreações e exercícios naquele tempo frequentados e usados, os quais, embora em seu tempo, lugar e pessoas não sejam ilícitos, contudo neste tempo, no Dia do Senhor, negamos serem lícitos.

Quanto aos banquetes, podemos dividi-los em Ágapes [banquetes de amor], festas da Igreja e banquetes suntuosos, que trazem consigo maiores despesas e largueza de liberalidade, como são os usados em casamentos, na admissão de homens em seus cargos civis, ou então os realizados por alguns benefícios especiais recebidos, ou alguns juízos extraordinários removidos, ou outras causas semelhantes a estas, como quando homens que possuem certa posição e prestígio na comunidade, conforme seus graus e vocações, às vezes os ordenam.

Tocante a estes banquetes solenes e suntuosos, afirmamos brevemente o seguinte: aqueles que no Dia do Senhor instituem tais solenidades, e estufam cada repartição e bombardeiam cada canto da casa com homens e mulheres,

devem ser admoestados a considerar devidamente o que se relata de Davi, tanto na história dos Reis quanto no livro das Crônicas. Ele, tendo um desejo vão e um apetite supérfluo, não quis adiar, mas ansiou por provar da água do poço de Belém, uma cidade bem fortificada e de onde a água não poderia ser trazida manualmente sem algum perigo para os que a buscassem. Pelo que três de seus homens mais valentes tiveram este encargo designado, para cujo cumprimento suas vidas foram arriscadas. Ao retornarem, a graça tornando seus frutos posteriores melhores que os anteriores, após melhor deliberação, ele derramou a água no chão, dizendo: *Guarde-me o meu Deus de que tal faça; beberia eu o sangue destes homens com as suas vidas?* (1Cr 11:19); mostrando assim tanto a sua ofensa ao enviá-los quanto a livre misericórdia de Deus ao salvá-los.

Pelo que, visto que estas preparações pomposas não podem convenientemente ser usadas no Sábado sem o risco das almas dos homens (embora o Senhor em misericórdia possa salvar suas almas), como no fato de que diversos encargos em grandes famílias exigem diversas pessoas para realizar diversos deveres, e assim o que é um dia de descanso torna-se um dia de labuta. A equidade do não acender de um fogo deve vincular os cristãos, embora a sanção não os constranja; ao passo que os israelitas, de uma polegada de liberdade, tomariam uma braça, para uma instrução infantil esta coisa lhes foi restringida. E embora tenhamos uma liberdade adicional para acender um fogo, visto que estamos em países mais frios que os israelitas, contudo a equidade da lei deve nos ensinar que não devemos tornar esta liberdade serva de nossos desejos lascivos, ou para fomentar a licenciosidade carnal e impedir o culto de Deus (2Sm 23:15-17).

Se for perguntado se este dia é adequado para o casamento ou não, respondo: é, porque naquele dia, por ser um dia de regozijo, há uma liberdade de fala mais lícita e um uso mais liberal de comportamento alegre. Todavia, que não façam naquele dia, se casarem, o seu banquete solene; mas, visto que podem ter uma companhia conveniente em algum outro dia, que ou casem e banqueteiem em algum outro dia, ou casem no Dia do Senhor e banqueteiem em outro. E se for perguntado se os Ágapes podem ser guardados neste dia ou não, respondo: há diferença entre banquetes de amor e banquetes solenes. E se os homens fossem tão sábios quanto eram nos tempos do papismo, seriam políticos para encontrar alguns meios de prover para a glória de Deus e, contudo, não negligenciar totalmente o provimento conveniente para sua mesa. Não me cabe designar, nem me comprometo a prescrever como a carne deve ser preparada ou como os encargos devem ser divididos; contudo, por experiência, posso dar testemunho de alguns que, por sua religião, gozam de crédito na Igreja e, por sua autoridade, possuem prestígio na comunidade, e contudo no Dia do Senhor têm suas mesas tanto cristã quanto honrosamente guarnecidas sem qualquer impedimento ao culto de Deus, não obstante o número de seu séquito diário e família ordinária ser grande. Uma coisa é prover banquetes de entretenimento mais que competentes, e outra coisa é usar banquetes de amor nada menos que o conveniente: um nos oprime e inabilita para exercícios santos, o outro nos refresca e habilita para os deveres da religião.

Ora, concernente aos exercícios e prazeres do corpo, deixando todos os passatempos vãos — em todos os tempos ilícitos, mas mui especialmente no Sábado — e falando de tais recreações que em si mesmas são lícitas e podem

legitimamente ser usadas pelos filhos de Deus em seu tempo e lugar (como as de tiro ao alvo, treinamento de soldados e coisas semelhantes, todos os quais prazeres trazem um proveito presente ou futuro para a Igreja ou comunidade), não negamos simplesmente os seus lugares, mas pensamos-los convenientes e recomendáveis com o testemunho do Espírito Santo em 2 Samuel 1, onde Jônatas é louvado por Davi por seu tiro. Todavia, o dia de Sábado não é tempo adequado para estes usos, o que mostraremos brevemente.

Primeiro, devemos saber que o Senhor, tendo proibido as obras de nossa vocação ordinária — as quais trazem consigo uma promessa mais especial de lucro e penhor de recompensa em seu tempo —, proíbe também os prazeres lícitos; porque, se o uso daqueles é proibido, sendo lícitos e necessários para a sustentação e manutenção da vida do homem, então estas coisas não tão indispensáveis, embora convenientes para a recreação, são muito mais inibidas. E isto veremos mais claramente se lembrarmos que o descanso é ordenado na medida em que é um auxílio e avanço para a santificação, e o labor é proibido na medida em que é um impedimento da mesma. Em razão do que, se os prazeres não são menos obstáculos e impedimentos para a santificação do Sábado do que os labores corporais e ordinários, então os prazeres não possuem mais liberdade no Dia do Senhor do que as nossas obras externas.

Ademais, devemos ser circunspectos para não descansarmos em nenhuma segurança sonolenta ou letárgica da carne; mas em qualquer medida que detrairmos das obras ordinárias de nossa vocação, nessa proporção devemos acrescentar à santificação do dia — não muito diferente dos bons cristãos, que dedicam às suas almas tudo o que retiram de

seus corpos. Sabedoria e diligência que, embora usemos mui cuidadosamente, contudo, visto que deixaremos tantos deveres por cumprir quantos teremos cumprido, não vejo que lazer podemos legitimamente emprestar às recreações. Se qualquer professo carnal pressionar esta coisa mais veementemente, parece-me que ele pode corar ao defendê-la, visto que este tipo de guarda de dias santos em prazeres e folguedos era usado até pelos pagãos, que se assentavam para comer e beber e se levantavam para folgar: primeiro atulhando seus ventres com banquetes e depois refrescando-se com folguedos. Pelo que, assim como agora negamos as festas da Igreja como imitações dos pagãos, assim negamos os folguedos de dias santos como remanescentes da antiga profanidade.

Mas se for aqui objetado que os judeus tinham suas festas solenes, instrumentos musicais e exercícios de prazer — contudo os homens sempre por si mesmos, e o outro sexo por si mesmo; não com aquela mistura monstruosa de homens e mulheres, que é um pecado principal e archi-inimigo da religião de nossa era; e isso com Salmos santos feitos por Davi e Moisés, não com música vã usada por ateus profanos —, respondo, como Paulo fala em 1 Coríntios 13 de sua própria pessoa: que eles, sendo como crianças, falavam como crianças, entendiam como crianças, pensavam como crianças, estando apenas nos rudimentos; mas nós, tornando-nos homens, devemos afastar as coisas infantis. Novamente, a superstição dos papistas reprova este abuso, eles que não admitiam nenhuns exercícios externos em sua Páscoa, Pentecostes e Quinta-feira Santa, tempos em que pensavam que um pássaro mal construiria seu ninho. Não quebraram os papistas seus dias santos supersticiosos, e nós profanaremos tão impiamente o Sábado do Senhor? Nosso Dia de Páscoa, nosso Dia de

Ascensão, nosso Pentecostes é cada Dia do Senhor; e, portanto, deveríamos ter um cuidado especial em santificar este dia.

Que direi do zelo dos mundanos, que pode controlar por contrários a segurança de nossos pecados? Pois todos os homens mundanos jamais buscam o prazer enquanto o lucro pinga; como podemos ver naqueles que vivem de Feiras e Mercados, como mercadores e estalajadeiros. Enquanto esperam ganhar um centavo, como esperam, quão diligentes são, quão pouco folgam, quão ocupados estão! E por quê? Por certo, é a colheita deles, é o mercado deles, o qual (dizem eles) devem atender enquanto a ocasião dura. Vede, a política e o esforço do mundo podem nos ensinar o que deveríamos fazer por nossas almas. Não é o Sábado o tempo da colheita e o dia de mercado para a alma, no qual deveríamos colher enquanto o Sol brilha, no qual deveríamos ser mui diligentes enquanto nosso ganho é prometido, no qual devemos prover para o sustento e manutenção e acumular tesouros, deixando todo prazer de lado até o tempo vindouro?

E para retornar aos papistas: que padres galopantes, que missas murmuradas, que orações de caça, que serviço apressado eles tinham quando qualquer outra solenidade deveria ser usada! O que então, dirão alguns, não haverá uso de recreações? Não nego simplesmente os exercícios proveitosos, mas o que faremos com eles no Dia do Senhor? Se todo o nosso deleite estivesse no Sábado, se todas as nossas fontes estivessem nele, se fizéssemos dele nossa maior alegria, que lugar restaria ou deveria restar para tais deleites carnavais, para tais prazeres da carne?

Se alguém objetar que não era uma necessidade levar o boi à água, e contudo era lícito, e que, portanto, coisas

convenientes são em alguns casos permitidas, e que os homens têm o uso de prazeres convenientes; respondo que o boi, assim levado à água, não o é para brincar e saltar naquele dia, porque isso pode ser adiado sem detrimento, ao passo que o outro não pode. E os prazeres convenientes, como comer e beber moderadamente, podem ser usados naquele dia, visto que sem eles segue-se algum detrimento; e, contudo, não permitimos o folgar, que é uma coisa que, sem dano, pode ser evitada naquele dia por amor a Deus, se sem dano podemos evitá-la por uma semana inteira por amor ao mundo. Para ser breve, a sabedoria espiritual pode prover tanto para o culto do Senhor quanto para nossas vocações e para as leis. E assim como, em razão da inconveniência, as leis políticas restringem o jogo de boliche para alguns homens — não que em si mesmo seja meramente ilícito, mas que para todos os estados, por certas causas, não é conveniente, visto que deteria alguns de suas vocações, das quais, se descansassem, incorreriam tanto na perda de coisas melhores quanto no mau gasto do tempo e no impedimento de seu ganho honesto —, nesse aspecto de impedir coisas melhores, negamos o folgar no Dia do Senhor (Is 58).

Contudo, pode restar uma questão: se as pessoas enfermas podem ter seus exercícios neste dia ou não? Respondemos: se estiverem extremamente doentes, é tempo de orar, e não de folgar, segundo o axioma de Tiago, capítulo 5. Se não estiverem tão perigosamente doentes, não necessitam disso; pois, se podem ocupar seus corações, mãos, corpos e mentes com folguedos, então sua recente visitaçāo e o fruto dela deveriam antes fazê-los refrescar-se com a leitura, o cântico ou um exercício mais liberal de conferência com os que são piedosos. E para encerrar esta parte, lembremo-nos, na

objeção anterior extraída da lei do Reino, que a lei civil não permite tanto a liberdade que os homens bons sabem usar bem, quanto restringe a licenciosidade que os homens maus usam mal; porque melhor é que os homens bons careçam de sua liberdade, o que podem fazer, do que os homens maus sejam confirmados em sua licenciosidade, o que não devem fazer; de modo que os homens maus podem ser tornados bons, e os homens bons em nada são prejudicados. E porque o amor não busca o que é seu, mas contenta-se, para o bem dos outros, em abrir mão de sua própria liberdade, ainda que pudéssemos (o que de fato não podemos) usar a recreação sem o impedimento do culto de Deus, contudo não deveríamos usá-la sendo ela um pesar para os piedosos, uma ofensa para os fracos e um motivo de regozijo para os ímpios.

Resta, em último lugar, mostrar como o Sábado é profanado, seja em pensamento, em palavra ou em ação. Pois há uma diferença entre o não santificar e o plano profanar o Sábado, no fato de que o primeiro não é totalmente desejoso de quebrá-lo, ao passo que o outro não possui desejo algum de guardá-lo. Nem o Sábado é quebrado apenas pela profanidade, mas também por obras ociosas e pela falta de cuidado em guardá-lo. Alguns profanam o Sábado por juízo corrompido, como os heréticos; outros por uma vida corrompida, como os professores carnis — um é uma alta malícia de Satanás, o outro um perigoso engano do diabo.

Quando homens de mente mundana demais fazem do Dia do Senhor um dia de despachos, um dia de fardos, um dia de contas para igualar as diferenças com todos os homens, mas tornar as coisas desiguais perante Deus. E é o lamentável pecado de nossa era sobrecarregar a ordenança do Senhor e o dia designado com todos os resquícios de questões legais; com

as borras de antigas querelas ou novas contendas iniciadas; com correrias aos Juízes, não para serem reconciliados, mas para serem vingados; não para terminar, mas para reviver controvérsias e esfregar velhas injúrias até que sangrem. Assim, aquele dia que é santificado e ordenado para o amor é um dia de ódio; de um dia de reconciliação, faz-se um dia de dissensão; e isto não pode senão proceder de uma estirpe profana.

Outros, parecendo mais favoráveis, embora não façam deste dia um tempo de mimo da carne (que é um tempo de purgar a carne), contudo fazem dele um dia de trevas palpáveis, o qual deveria ser um dia de luz resplandecente: por caçadas de ursos, por frequência a teatros e coisas semelhantes; de modo que, se começam o dia no espírito, terminam-no na carne; recebendo alguns bons movimentos pela manhã, enterram-nos à noite; e dando ao Senhor a manhã, recompensam o diabo com a tarde. Sim, em alguns lugares, o Dia do Senhor é o Dia do Diabo, sendo carregado de tantas brigas, manchado com tal fornicação imunda e sobrecarregado com os pecados que suas vocações ordinárias nos dias de semana vomitam, visto que naqueles dias não podem ser frequentados por falta de companhia.

Ora, quer falemos do não santificar, quer da profanação do dia, afirmamos que o Sábado é quebrado em pensamento, palavra e ação. Pois, sendo toda a lei espiritual (Rm 7), e sendo esta uma parte principal daquela lei, é necessário que este preceito, bem como os demais, alcance tanto o homem interior quanto o exterior. Além disso, é uma regra geral na lei que tudo o que é ilícito fazer, o mesmo é ilícito pensar ou falar; e vede que, na medida em que as ações ímpias dos homens são proibidas, da mesma maneira a afeição e a comunicação ímpias

são também proibidas. Muitos, nada obstante, fizeram tais progressos no pecado que, quando deveriam acertar contas com suas almas, as acertam com seus servos; e quando deveriam se ajustar com suas consciências, ajustam-se com seus mercadores; e contudo persuadem-se de uma pequena quebra do Sábado porque (como dizem) apenas falam um pouco com sua língua e rabiscam com suas penas. Devemos saber, então, que assim como aquilo que podemos fazer, disso podemos falar; assim o que não nos é lícito fazer, disso não nos é lícito falar.

Portanto, depondo nossas canções torpes, nossa conversa de mesa sobre assuntos mundanos, nossos artifícios carnavais e planos mundanos que estamos tramando em nossos pensamentos enquanto nos assentamos na congregação, nossos discursos privados sobre o sucesso em nossas vocações e nossa disposição política da semana seguinte — tudo isso fecha a porta para coisas melhores e sufoca o vigor das coisas boas. Pelo que, assim como o nutrir de maus pensamentos é em todo tempo fora de época, abrigá-los neste dia é mui abominável. Muitos temperarão suas línguas e deterão suas mãos, mas ainda darão alguma liberdade aos seus corações; como se o Senhor não condenasse tanto a hipocrisia de uns quanto a maldade de outros. Ora, devemos nos lembrar de unir a cada ponto geral a nossa prática particular, para que possamos obter as bênçãos reservadas para os obedientes e evitar as maldições reservadas para os desobedientes; no que o Senhor nos assista, por amor de Cristo, nosso Senhor e único Salvador.

Amém.

FINIS.

SEÇÃO VII. Notas de nossa Salvação, com a Necessidade; e Notas de um Coração Verdadeiro e Reto.

Da mesma forma, estas são marcas verdadeiras de nossa salvação, quando examinamos as Escrituras, buscando nelas encontrar a Cristo e, nele, a vida eterna, assim como os homens buscam a prata e o ouro (Pv 2:4).

3. Quando estimamos a palavra de Deus mais do que o nosso alimento necessário (Jó 23:12) e desejamos de tal modo ser alimentados por ela que possamos crescer por meio dela (1Pe 2:1-3).
4. Quando somos tardios para falar, tardios para nos irar e prontos para ouvir; despojando-nos de toda malícia e de todo resquício de pecado, e recebendo com mansidão a palavra em nós enxertada, a qual é poderosa para salvar as nossas almas (Tg 1:19-21), obedecendo de coração à forma de doutrina à qual fomos entregues (Rm 6:17).
5. Quando nela meditamos dia e noite (Js 1:8; Sl 1:2), desejando que todas as nossas ações, palavras e pensamentos sejam por ela dirigidos (Sl 1; Sl 119).
6. Se ansiamos pelas santas assembleias (Sl 84; Sl 122:1) e fazemos do Sábado o nosso deleite (Is 58:13).
7. Quando os Ministros nos são mui caros (At 10:16; Rm 10:15) e com a máxima alegria lhes ministramos de todos os nossos bens (Gl 6:6).

A necessidade de um coração reto é provada pelas seguintes consequências:

1. Sem ele, não podemos ter a certeza de que fomos justificados e santificados em Cristo Jesus (Sl 32:2; Hb 10:22).
2. Sem ele, não podemos ter a certeza de que verdadeiramente nos arrependemos de nossos pecados (Jl 2:12; Ez 18:22-23).
3. Sem ele, não podemos ter a certeza de que os nossos caminhos agradam a Deus (Sl 119:1, 5, 10, 11, 80).
4. Sem ele, não podemos ouvir a palavra de Deus de forma frutífera (Lc 8:12, 16).
5. Sem ele, não podemos orar a Deus de modo aceitável (1Tm 2:8; Sl 119:58; Sl 145; Sl 66:18).
6. Sem ele, não podemos ter a certeza de que fomos verdadeiramente batizados (1Pe 3:21; Mt 3:8; Rm 2:29).
7. Sem ele, não podemos receber o Sacramento da Ceia do Senhor para o nosso conforto (2Cr 30:18-19; Sl 4:4-5).
8. Sem ele, não podemos jejuar (Dn 10:12).
9. Sem ele, não podemos cultuar a Deus de modo algum em verdade (Jo 4:24; Is 29:13; Sl 15:2; Sl 24:4).
10. Sem ele, jamais veremos a Deus (Mt 5:8: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus"; Sl 15:2; Sl 24:4).
11. Sem ele, jamais receberemos a bênção de Deus, mas devemos esperar confusão e destruição (Sl 125:4-5; Sl 119:6; Sl 80; Sl 7:10).

Notas de um coração verdadeiro e reto:

1. Quando estamos persuadidos de que Deus Pai, pelo sangue de Jesus Cristo e pela operação do Espírito Santo, nos purifica de nossos pecados.
2. Quando estamos persuadidos de que o Espírito, procedente do Pai e do Filho, nos purifica por meio da palavra.

Portanto, guardamos a consciência limpa em relação a todas as coisas contidas na referida palavra, sem respeito ao conselho, parecer ou mandamento humano que seja alheio ou contrário à mesma palavra de Deus. Respeitando, digo, todos os Mandamentos de Deus, sem preferir um ao outro, esforçando-nos para conhecê-los, se não os conhecemos; e, se os conhecemos, para agir de acordo com eles, conforme a medida da graça que recebemos.

3. Quando desejamos verdadeiramente e nos esforçamos para evitar todas as ocasiões externas que possam atrair, alimentar ou nos fazer retroceder a qualquer pecado em que tenhamos caído, ou no qual possamos cair futuramente.
4. Quando lamentamos os primeiros impulsos do pecado aos quais cedemos, ou que tememos ceder no porvir.
5. Quando desejamos e nos esforçamos para usar todos e cada um dos meios que Deus ordenou em sua palavra para nos conduzir à pureza de coração.
6. Quando praticamos todas estas coisas anteriores tanto em segredo, a sós conosco, quanto diante dos outros.
7. Quando, ao fazer tais coisas, buscamos simples e puramente aprovar-nos diante de Deus, sem esperar louvor ou proveito, repreensão ou perda da parte dos homens, não buscando principalmente estas coisas externas das mãos de Deus, mas sim, e em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça (Mt 6).

FINIS.

SEÇÃO VIII. Um Tratado Proveitoso Contendo uma Direção para a Leitura e Entendimento das Sagradas Escrituras: pelo Mestre Greenham.

Aquelas coisas que Deus uniu, nenhum homem as separe. Portanto, a pregação e a leitura das Sagradas Escrituras, tendo sido por Deus unidas na obra de nossa salvação, não podem ser separadas. Em todas as ciências, artes e ofícios, os mestres e professores são ordinariamente necessários para o correto aprendizado e prática das mesmas. Devemos, pois, estar muito mais persuadidos de que é necessário termos guias que caminhem diante de nós no caminho da salvação.

Deve-se admitir que a pregação é o meio principal para gerar e aumentar a fé e o arrependimento no povo de Deus (Dt 18:18; Dt 33:10; Lv 10:11; Ml 2:6-7; 2Cr 36:15; Is 50:5; Is 57:8; Is 53:1; Is 55:10-11; Is 57:19; Is 58:1; Is 61:1; Is 62:15; Is 6:7; Mt 13:3; Mt 28:19-20; Ef 4:11-14; Rm 10:14-15; 1Co 1:21; 1Pe 1:23, 25). E onde este meio ordinário de salvação falha, o povo, em sua maioria, perece (Pv 29:18; Os 4:6; 2Cr 15:13; Is 56:9; Mt 15:14; Lc 11:52).

Mas que a leitura das Escrituras, tanto publicamente na Igreja de Deus quanto privadamente por nós mesmos, é um meio especial e ordinário, se não para gerar, ao menos para aumentar a fé em nós, também se prova por Dt 6:6; Dt 11:18; Sl 1:2; Jo 5:39; Mt 14:15; Rm 15:14; 2Pe 1:19; Ne 8:8; At 13:15; At 15:21. Os múltiplos frutos que provêm da leitura das Escrituras provam o mesmo.

A leitura estabelece a pregação, em vez de depreciá-la; pois ninguém pode ser um ouvinte proveitoso da pregação sem ter sido instruído na leitura das Escrituras, ou em ouvi-las ler.

Muitos inconvenientes advêm do desprezo da leitura, como o fato de o povo não saber distinguir quando uma frase é citada das Escrituras Canônicas ou dos livros Apócrifos, se provém das Escrituras ou de outros escritores, e de não conseguir discernir quando o pregador fala por si mesmo ou cita uma sentença bíblica.

Ademais, a leitura auxilia os julgamentos, as memórias e os afetos dos homens, servindo especialmente para a confirmação de nossa fé, o que se pode provar pelo exemplo dos homens de Bereia (At 17:11). Serve também para discernir os espíritos dos homens (1Jo 4), para fazer uma confissão mais sólida de nossa fé, tapar a boca de nossos adversários e responder às tentações de Satanás e dos ímpios.

Contudo, visto que os homens pecam não apenas ao negligenciar o ouvir e o ler, mas também ao ouvir e ler de modo incorreto, devem-se estabelecer as propriedades de uma leitura e de um ouvir reverentes e fiéis, as quais são oito:

1. Diligência.
2. Sabedoria.
3. Preparação.
4. Meditação.
5. Conferência.
6. Fé.
7. Prática.
8. Oração.

As três primeiras precedem a leitura e a pregação. As quatro seguintes vêm depois delas. A última deve preceder, acompanhar e seguir a ambas.

1. **Diligência:** Se a diligência é necessária na leitura de autores profanos, quanto mais na leitura das Escrituras! A diligência torna plano, fácil e agradável o caminho que de outro modo pareceria áspero, difícil e insípido. Em nossa diligência, devemos manter um curso constante, não sendo como aqueles que, por algum súbito bom impulso, ou por influência de boas companhias, ou para evitar algum perigo, leem por um tempo e logo em seguida desistem (Pv 2:12; Mt 13:54).
2. **Sabedoria:** À diligência deve-se unir a sabedoria, que consiste na escolha de: *Matéria, Ordem e Tempo*.
 - a. **Matéria:** Por falta de sabedoria na matéria que leem, muitos pecam ao estudar outros livros antes das Escrituras; e, nas próprias Escrituras, ao investigarem coisas não reveladas e omitirem as reveladas — assim como João e Tiago buscaram saber quem se assentaria à direita e à esquerda de Cristo, mas não buscaram os meios para lá chegar. E os discípulos disseram em At 1: "Restaurarás Tu neste tempo o reino a Israel?", sem indagar sobre os caminhos para alcançar o reino dos céus. E, nas coisas reveladas, muitos buscam com curiosidade e afã assuntos inúteis, como genealogias, negligenciando descuidadamente aquilo que deve ser examinado. Alguns, sem saber como reformar a si mesmos, passam o tempo a discutir a reforma da Igreja. Se o Pregador deve dar leite aos fracos e alimento sólido aos cristãos mais fortes, aplicando sua doutrina aos ouvintes, com muito mais razão os próprios ouvintes devem aplicar as suas leituras à sua própria capacidade.

- b. **Ordem:** A sabedoria também se mostra na ordem: os homens devem primeiro se fundamentar nos pontos principais da doutrina. Devemos primeiro lançar os alicerces para depois edificar sobre eles. Devemos também manter uma ordem em nossas leituras, não pulando de um lugar para outro; pois a ordem é o melhor auxílio para a memória e o entendimento. Aquele que lê pouco, porém de maneira ordenada, aproveita mais do que aquele que lê muito sem método — assim como quem manqueja no caminho correto avança mais do que quem corre fora dele ou se desvia. Portanto, por falta de ordem, muitos leem muito, mas colhem pouco proveito.
 - c. **Tempo:** A sabedoria deve ser empregada para discernir os tempos, pois não devemos ler continuamente sem realizar nenhuma outra atividade, como alguns que, pecando em um extremo, são depois levados por Satanás ao outro. O Sábado deve ser inteiramente dedicado a tais exercícios. Nos demais dias, devemos ler pela manhã, ao meio-dia e à noite — isto é, sempre que pudermos resgatar o tempo de nossas ocupações cotidianas, como Davi e Daniel que oravam nestes três períodos, nos quais se compreende todo o culto a Deus. Devemos fazer o máximo que pudermos a cada dia, e nenhum dia deve passar sem que leiamos uma linha. Deus fez tudo formoso no seu devido tempo (Ec 3:11).
3. **Preparação:** Segue-se a preparação. Se algum homem sai sem proveito algum, ou se nada compreende, ou

compreende erroneamente, a causa está na falta de preparação. A preparação consiste em:

- a. Temor da Majestade de Deus.
- b. Fé em Jesus Cristo.
- c. Um coração bom e honesto, com um desejo ardente de se alimentar da palavra de Deus.

Em todas as aparições divinas, Deus sempre enviava o temor adiante, como seu arauto. O temor gera docilidade e mansidão de espírito, como vemos em Isaque, de quem se diz que temeu e depois declarou: "Abençoei a Jacó, e ele será bendito". Vemos isso também na mulher samaritana (Jo 4:7) e nos homens em At 2. Da falta deste temor reverente procede toda oposição à palavra de Deus e a audácia com que os homens a tratam. No entanto, os que temem serão prontos para ouvir e tardios para falar (Tg 1:19), guardando a palavra no coração, a exemplo da Virgem Maria. Ainda que não a compreendam de início, e mesmo que antes se opusessem e tropeçassem na palavra, uma vez que Deus os ensina com o seu temor, reconhecerão que ela é a bendita palavra de Deus.

O temor às vezes sobreném aos homens de modo misterioso; e se, nesse momento, eles se achegarem a Deus, encontrarão alguma excelente bênção, seja pela iluminação de seu entendimento, seja pela concessão de afetos santos.

Este temor diz respeito à Majestade de Deus e à nossa própria corrupção, servindo para corrigir o orgulho da razão e refrear as nossas paixões. A experiência demonstra que, quando nossa razão e nossos afetos são domados pela miséria, pela calamidade, pela doença ou pela dor interior, tornamo-nos extremamente dóceis. Quando os homens erram, o orgulho de sua razão é punido, como ocorre com os heréticos e as pessoas

profanas. Ao contrário, o bom Espírito de Deus repousa sobre os humildes para esclarecer o seu entendimento, mas estes primeiro crucificam a sua própria inteligência e afeições, oferecendo-as em sacrifício a Deus.

La fé em Cristo é a segunda parte desta preparação. Devemos trazê-la conosco ao ler, olhando para Ele como o Messias que nos ensinará todas as coisas. Ele é o Leão da tribo de Judá, a quem foi dado abrir o livro de Deus. Ele abriu o coração dos discípulos no caminho de Emaús. Há pregadores que edificam feno e palha porque, em vez de se gloriarem unicamente nele, buscam prestígio e autopromoção por meio de sua pregação. Todos os heréticos divergem entre si, contudo concordam em um ponto: todos se desviam de Jesus Cristo (1Co 2).

Exige-se também um coração preparado para aprender (Pv 17:16): "De que serve o preço na mão do tolo para comprar a sabedoria, visto que ele não tem entendimento?". Nosso Senhor Jesus Cristo diz que aqueles que produziram fruto a trinta, sessenta e cem por um, ao ouvirem a palavra, foram os que a receberam de bom e honesto coração (Lc 8). Aqui, diz um homem piedoso e erudito, muitos são excluídos porque se aproximam sem coração.

Seguem-se agora as propriedades que devem acompanhar nossas leituras:

1. **Meditação:** A primeira é a meditação, cuja falta faz com que os homens partam sem fruto, ainda que leiam ou ouçam com diligência. A meditação torna nosso aquilo que lemos. Bem-aventurado é o homem que medita na lei do Senhor dia e noite (Sl 1:2).
 - a. A meditação divide-se entre:

- i. Mente e entendimento.
- ii. Coração e afetos.

A meditação do entendimento ocorre quando a razão discorre sobre o que foi lido ou ouvido, o que os sábios entre os pagãos chamavam de o refinamento do julgamento e a vida do aprendizado. Aqueles que carecem disso, por mais que tenham ouvido ou lido, jamais possuirão um julgamento firme e estabelecido. Esta é a razão pela qual se diz que os maiores eruditos nem sempre são os homens mais sábios.

A meditação dos afetos dá-se quando, tendo compreendido algo no julgamento, nós o digerimos continuamente e permitimos que opere em nossas afeições. É o constante exame de nós mesmos e o esforço por guardar todas as coisas nos tesouros de nossos corações. O entendimento se esvairá se não moldarmos as afeições a ele.

A meditação no julgamento precede; depois deve seguir-se esta outra, para que sejamos firmes no discernimento antes de temermos ou de nos alegrarmos, evitando assim falsos temores ou falsas alegrias. Muitos possuem um julgamento sadio, mas não têm seus corações purificados e tocados. Sabem dar conselhos aos outros, mas não conseguem segui-los, pois não unem o afeto ao julgamento. A meditação sem a leitura é errônea, e a leitura sem a meditação é estéril.

2. **Conferência:** O passo seguinte é a conferência. Se nas coisas naturais o homem necessita de auxílio, muito mais nas espirituais carece do apoio de outros. Assim como o ferro com o ferro se afia, assim o homem ao seu amigo (Pv 27:17). E assim como dois olhos veem mais, dois ouvidos ouvem mais e duas mãos fazem mais do que um, assim também ocorre nesta comunhão especial dos santos. Deus

prometeu que, onde estiverem dois ou três reunidos em seu nome, ali Ele estará presente por meio do seu Espírito, assim como esteve corporalmente com os discípulos no caminho de Emaús.

- a. A conferência realiza-se com:
 - i. Os Ministros de Deus.
 - ii. Nossos iguais.
 - iii. Ou outros.

Deve-se observar a seguinte regra: a conferência com nossos iguais deve versar sobre aquilo que ouvimos de nossos Ministros, assim como na meditação realizamos uma conferência conosco mesmos. Devemos, por um tempo, como crianças, depender das palavras dos Ministros, pois não podemos correr antes de aprender a andar, e não podemos andar sem um guia. Ninguém presuma saber mais do que convém, mas procure compreender com sobriedade, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Uma vez lançado o fundamento, edifiquem-se as paredes e os pilares. O eunuco não ousou interpretar a palavra sem um guia, mas guardou-a em seu coração, assim como o fez a Virgem Maria.

Por falta de verdadeira humildade, a conferência é difamada, sendo usada de modo prejudicial, como quando pessoas debatem assuntos acima de sua capacidade antes de estarem firmadas nos pontos principais da religião. Em segundo lugar, devemos nos reunir em amor, sem ira, inveja ou desejo de vitória; por isso, na conferência, devemos usar a preparação mencionada anteriormente, cuja falta gera tantas contendas e discussões nos grupos.

Por fim, devemos buscar coisas honestas diante dos homens, para que tudo se faça com sabedoria, sem confusão ou

ruína, e não em meio a multidões excessivas, para que possamos prestar contas de nossos atos diante dos homens, e não de portas fechadas, temendo que alguém nos ouça. Nisto reside a diferença entre a conferência dos piedosos e religiosos e os conventículos dos heréticos.

3. **Fé:** A propriedade seguinte é a fé. A palavra deve ser misturada com a fé (Hb 4:2): "A palavra que ouviram de nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé". No entanto, nem todos têm fé; por isso o profeta Isaías exclamou: "Senhor, quem creu em nossa pregação?" e Lc 18:8 pergunta: "Quando vier o Filho do Homem, achará fé na terra?". Tudo o que foi mencionado anteriormente deve cooperar para refinar a fé; pois assim como o ouro, para ser puro, é provado sete vezes no fogo, assim a fé, que é muito mais preciosa que o ouro, deve passar por todos estes meios.

A fé aqui mencionada é um acréscimo àquela da preparação. Um mercador deve possuir algum capital antes de negociar, mas ele trabalha para aumentá-lo; do mesmo modo, devemos crer em Jesus Cristo por uma fé geral antecedente, valendo-nos depois de todos os meios indicados para aumentar nosso conhecimento e fé em cada ponto particular. Uma pessoa pode ser crente de modo geral e, contudo, vacilar em particularidades — como os discípulos de Cristo, a quem Ele disse: "Se tivésseis fé como um grão de mostarda...", ou como sucedeu a Abraão, Rebeca e Zacarias.

Há uma diferença entre a fé e a mera opinião ou conhecimento: nosso conhecimento e opiniões desvanecem nas aflições; mas, como o ouro provado no fogo, a fé resiste às chamas da aflição. Satanás cirandou a Pedro, mas a sua fé não

falhou, pois Cristo orou por ele, por seus discípulos e por todos os crentes, para que a sua fé não desfalecesse.

4. **Prática:** Segue-se a prática, que consiste no desejo de que a palavra produza um aumento de fé e arrependimento (Sl 119:98): "Os teus mandamentos me fazem mais sábio que os meus inimigos, pois estão sempre comigo". A prática dos infiéis de nada vale, pois não provém da fé. Cristo, porém, declara: "Bem-aventurados os que ouvem e praticam". E o mesmo afirma Tiago, sendo este o testemunho de que possuímos fé. Aquele que assim procede é comparado ao homem que edificou a sua casa sobre a rocha.

Nossas obras não constituem o fundamento da casa, mas demonstram que edificamos sobre Cristo quando unimos os frutos da fé ao conhecimento; tais frutos darão testemunho de nós perante a nossa própria consciência e diante dos outros. Nosso Salvador Cristo adverte que o servo que conhece a vontade do seu senhor e não a pratica receberá muitos açoites, pois é mais grave pecar com conhecimento do que por ignorância. E por que haveria Ele de nos conceder mais se não praticamos o que já temos? Pois ao que tem, ser-lhe-á dado; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

Por que tantos, ouvindo a palavra, permanecem ou aumentam em sua cegueira, senão porque não quiseram praticar o que conheciam, sendo-lhes tirado até mesmo o que possuíam? Se a boa consciência não estiver unida à fé, a fé será tirada e os erros se sucederão. Se somos esquecidos, devemos reconhecer que a falta de prática é a causa. A regra da razão em todas as coisas ensina que o melhor método de aprendizado é a prática; quanto mais não multiplicará Deus os nossos talentos se os colocarmos em uso?

5. **Oração:** O último meio é a oração, que deve ser empregada no início, no meio e no fim. A oração deve perpassar todos os demais meios, pois sem ela jamais poderemos utilizá-los, tampouco obter qualquer bênção por meio deles. A oração compreende:

- *A Súplica.*
- *A Ação de Graças.*

Quanto à súplica, que deve ser feita ao lermos, é evidente em 1Co 2:9: "As coisas que o olho não viu...", referindo-se não apenas às alegrias do reino dos céus, mas também àquelas contidas na palavra. E novamente, no mesmo capítulo: "Pois qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem...? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus". Se devemos orar ao nos aproximarmos de nossa comida e bebida, para que Deus nutra o nosso corpo por meio delas, quanto mais devemos rogar a Deus que nos alimente com a sua palavra, sem a qual não poderemos tirar proveito algum.

E assim como nenhum homem ousa tocar no alimento antes de orar, não tendo direito a ele antes que seja santificado pela oração, quão impudentes são aqueles que ousam tocar no livro de Deus sem orar, ou julgam ter qualquer direito sobre ele de outra forma? Paulo planta e Apolo rega, mas é Deus quem dá o crescimento. Portanto, se alguém permanece insensível após ouvir por muito tempo, é porque Deus não lhe revelou a sua vontade. Os homens podem ser diligentes, mas errarão se Deus não lhes conceder o seu Espírito; e embora meditem e confirmem, serão punidos por darem rédeas soltas aos seus

pensamentos errantes e à sua língua, caso não orem pelo Espírito de Deus.

Muitos se apoiam apenas no conhecimento e carecem de fé por falta de oração; e nós nos contentamos com o saber e nunca praticamos porque não rogamos a Deus que escreva a sua lei em nossos corações por seu Espírito, para que não mais nós, mas Ele opere em nós. Aqueles que empreendem qualquer coisa sem orar, por mais que digam abominar o Papado, na verdade o praticam, pois presumem ter algum poder em si mesmos.

Quanto à ação de graças, se somos obrigados a louvar a Deus quando Ele alimenta os nossos corpos, quanto mais quando alimenta as nossas almas? Será Deus justamente ofendido conosco se não Lhe agradecemos pelo revigoramento que nos dão os alimentos, o sono e outras dádivas? E não deveríamos tremer de medo do seu juízo se não O louvamos por qualquer luz ou bom movimento que Ele tenha colocado em nós? Pela falta disso, após algum vislumbre segue-se a escuridão, e após muito sentimento sobrevém a apatia; é assim que Satanás procura nos roubar todas as graças de Deus. Davi diz: "Bendito és tu, ó Senhor; ensina-me os teus estatutos" (Sl 119:12). Isto nos ensina que devemos sempre louvar a Deus antes de iniciarmos a leitura. Muitos são fervorosos ao pedir, porém frios ao agradecer. Se fôssemos gratos a Deus, isso muito nos facilitaria as súplicas, e Deus não nos puniria retirando de nós as suas graças.

FINIS.

SEÇÃO IX. Um Tratado da Ressurreição.

Salmo 16:10: Pois não deixarás a minha alma na sepultura, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.

Filipenses 3:20: A nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, 21: O qual transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas.

Estamos persuadidos, como o Profeta de Deus no Salmo 16, de que seremos ressuscitados e libertos da corrupção? Que a nossa morte é um sono, e a nossa sepultura como um leito? E que aquele Deus que diariamente faz sair o sol de seu esconderijo também nos retirará da terra? Se assim for, temos a verdadeira fé, a qual sem dúvida acharemos mais fortalecida se, muito antes de a morte chegar, nos exercitarmos nas meditações sobre ela.

Vemos que muitos, por deixarem tudo para o último momento, morrem como pagãos. Outros, que aparentam ter um espírito mais heroico, desejam a morte de modo não natural, não por se sentirem oprimidos pelo peso de sua rebeldia e corrupção, mas porque, como animais, não conseguem se alegrar com as coisas do céu nem temem as dores do inferno. Estes são brutos ainda mais entorpecidos e insensíveis do que aqueles que hesitam em partir, nos quais se manifesta mais a natureza e alguma consciência; estes últimos, porém, degenerando da própria natureza, constituem um tipo de gente muito mais monstruoso e perigoso.

No entanto, o homem comum costuma elogiar essa forma de morrer, dizendo: "Ele partiu manso como um cordeiro", "deixou este mundo como um pássaro que sai da casca", "morreu tranquilamente, sem proferir palavra". Na verdade, poderiam dizer de forma mais exata: "Morreu como um animal, sem dar sinal de arrependimento, sem confessar seus pecados, sem demonstrar fruto de fé sobre como foi salvo em Cristo, e sem dar testemunho de sua esperança por meio de uma ressurreição jubilosa e da passagem para uma vida melhor". Assim vemos quão inclinados somos aos extremos, ora temendo a morte em excesso, ora temendo-a de menos. Ora, se desejamos nos livrar desse temor excessivo, eis aqui o remédio: *A minha carne repousará em esperança, pois não deixarás a minha alma na sepultura.*

Existem ainda outros que se entregam pacificamente à morte; e qual é a sua razão? Qual é a sua fé? Dizem eles: "Deve-se pagar de bom grado aquilo que é devido por necessidade; e visto que devemos uma morte a Deus, tanto faz morrer antes ou depois, pois uma vez paga a dívida, nada mais nos pode ser exigido". Contudo, dá-se o oposto com os filhos de Deus, os quais, embora tenham por meio da morte o maior privilégio dentre todos os homens, tendo provado da terra dos viventes ainda nesta vida, não se dão por satisfeitos com o mero transcorrer dos dias até que sua medida esteja plenamente transbordante. Então, morrendo na madureza dos anos e na plenitude dos dias, são recolhidos a seu tempo no celeiro do Senhor, como uma colheita madura. Tendo combatido o bom combate, completado a carreira e guardado a verdadeira fé, podem olhar com alegria em Cristo para a coroa de glória que lhes está preparada.

Para esta santa meditação e antecipação da morte, a mortalidade diária daqueles ao nosso redor deveria nos despertar. Pois vemos muitos à nossa volta, de igual compleição e idade, que respiram o mesmo ar e partilham da mesma dieta, partirem antes de nós, sendo poupados daquelas terríveis calamidades que o nosso longo desprezo da palavra ameaça trazer sobre nós. Esforcemo-nos, pois, para depositar a nossa carne em esperança, para que a nossa partida deste mundo seja como o navegar pelos mares, como as dores de parto de uma mulher, como a libertação de uma prisão e o retorno do exílio.

Certamente, o homem nunca é mais provado como cristão do que no seu desprezo pela morte. Os heréticos podem possuir grandes dons em outros pontos doutrinários, mas na morte revelarão sua hipocrisia, seja murmurando como cães, seja permanecendo insensíveis como blocos de pedra. Nos cristãos, porém, manifesta-se uma alacridade heroica temperada com tão graciosa humildade que eles não desejam viver senão para manter uma boa consciência, e não recusam morrer senão pela esperança de uma herança mais feliz. Pode ser que outros, como dissemos, mostrem aparente serenidade diante da morte, mas isso procede ou de um delírio insensato, ou de mera temeridade, ou de um descuido apático.

Não desejo que ninguém apresse a sua própria morte, nem que me leiam como alguns leram Platão, buscando com isso abreviar o tempo de sua libertação; mas sim que aprendamos que, quando Deus nos fizer sinal, devemos estar prontos para partir; e isto por nenhuma outra razão senão pela fé e na esperança das promessas divinas; com a plena certeza de nossos pecados perdoados; com uma confiança inabalável no poder de Deus para nos ressuscitar; e com a firme esperança

de uma posse mais gloriosa após esta vida. Por estes meios descansaremos de tal forma nas mãos de Deus que, quando a natureza desfalecer, nossa partida se dará com serenidade e, no devido tempo, pela madureza natural, antes cairemos voluntariamente do que seremos arrancados com violência.

Vemos, portanto, que este desejo precipitado e insensato de morrer provém de mentes abatidas ou de homens em cuja carne os seus espíritos já se acham sepultados. Ao contrário, o triunfo dos piedosos procede desta plena certeza de que Aquele que os desperta a cada manhã os ressuscitará no último dia, e de que Aquele que ressuscitou a Cristo, a cabeça deles, ressuscitará também a eles, que são os seus membros. Isto é o que acalmará todo tremor da carne que a tantos deixa paralisados, impedindo-os de beber com alegria o cálice que o Senhor lhes reservou.

Se alguma vez esta doutrina da ressurreição foi necessária, hoje ela é de extrema urgência, visto que heréticos perversos procuram nos privar do seu conforto. No tempo da tentação — venha ela diretamente do diabo ou indiretamente por seus instrumentos —, não bastará apoiarmo-nos em uma fé implícita como fazem os papistas, ou dizer que cremos conforme o Credo e conforme a Igreja crê. Para além do próprio diabo, ele subornou adversários ocultos e traiçoeiros desta doutrina, os quais, com rostos impudentes, concordam conosco na forma externa e na palavra escrita, confessando a ressurreição, mas dela se esquivam na prática e, em sentido e verdade, negam blasfemamente o seu poder. Assim, Himeneu e Fileto não negavam categoricamente a ressurreição; sim, eles a admitiam, mas de que maneira? Diziam que ela já havia ocorrido. De forma astuta, Satanás subverte o modo da ressurreição ao permitir que brinquem com o assunto.

Acaso pensaremos que os saduceus se opunham a ela de forma aberta e sem disfarces? Não; eles tinham suas falsas interpretações e leituras forçadas, com as quais Satanás, por estratégia, fingia defender aquilo que na realidade buscava mutilar e corromper. Os filósofos proferiam muitos discursos brilhantes e pomposos sobre a imortalidade da alma; mas quando chegavam ao ponto da ressurreição da carne, nada lhes parecia mais ridículo e inacreditável. A tal ponto que muitos deles, epicureus e estoicos, zombavam de Paulo quando este debatia o assunto, dizendo: "O que quer dizer este tagarela?" (conforme lemos em At 17:18). E ao falar ele da ressurreição dos mortos, alguns escarneciam e outros diziam: "Acerca disso te ouviremos outra vez".

Certamente, se a ressurreição não passasse da mera renovação da mente, como alguns tolamente sonham e falsamente afirmam, é de se crer que os acadêmicos teriam compreendido esta doutrina, e a teoria das ideias de Platão conteria mistérios semelhantes. Contudo, eis o ponto em que tropeçam e que de modo algum conseguem digerir: que o corpo físico, após ser consumido no ar, no fogo, na água ou na terra, venha depois a reviver e a receber qualidades sobrenaturais. E visto que filósofos e heréticos não toleram este ensino, é certo que poucos dentre os cristãos comuns o recebem em verdade, como suas próprias vidas o demonstram claramente.

Além disso, há outro mal ainda mais perigoso. Pela sutil astúcia de Satanás, este mistério da iniquidade introduz-se silenciosamente na mente dos homens mais instruídos, levando-os a discorrer sobre certas passagens do Antigo Testamento que os antigos, piedosos e eruditos Padres interpretavam como referentes à ressurreição, as quais são agora por estes homens negadas. Refiro-me a passagens como

Jó 19:25-27, Is 26:19 e Dn 12:2. É possível, e de fato creio, que a intenção deles não fosse distorcer esses textos. Contudo, foi estratégia de Satanás abusar da verdade e minar a nossa fé, sendo o juízo secreto de Deus permitir que Satanás assim os esbofeteasse.

Portanto, para que possamos estar melhor armados para o dia da provação e permanecer firmes na nossa herança no dia da tentação, estabeleceremos, com o auxílio de Deus, em primeiro lugar, os testemunhos expressos na palavra de Deus que confirmam esta doutrina. Em segundo lugar, apresentaremos os argumentos extraídos das Escrituras que a implicam, embora não a declarem de forma direta. Em seguida, desmascararemos o disfarce evasivo dos heréticos, por meio do qual buscam atrair os homens às suas opiniões.

Para melhor respondermos ao diabo e aos seus asseclas, consideremos primeiramente a trasladação de Enoque em Gn 5:24, na qual os Padres observaram um testemunho manifesto da ressurreição. Concordo com eles em parte, mas não de modo geral; pois não ousa afirmar com eles que o corpo de Enoque já esteja no céu, visto que, até o momento, somente Cristo ressuscitou dentre os mortos, tornando-se as primícias dos que dormem. E embora Enoque e Elias não tenham adormecido como os demais Padres, visto que se diz em Hb 11:39-40 que os antigos (entre os quais Enoque é mencionado) não alcançaram a promessa — isto é, a plenitude da promessa —, não pode ser que a carne de Enoque já esteja no céu.

De qualquer modo que tenha sido levado por vias desconhecidas, aquele Deus que pôde ocultar o corpo de Moisés de tal maneira que nem o próprio diabo o encontrou ao procurá-lo, guardou também os corpos de Enoque e de Elias

por meios que nos são ocultos. E assim como o Senhor dispõe de infinitos meios para ocultar, também possui caminhos incompreensíveis para achar tanto o corpo de Enoque quanto o corpo de Moisés.

Ora, visto que está escrito em Hb 11:35 que sofreram para que pudessem alcançar uma melhor ressurreição, é indispensável que haja um ressurgimento da carne. Lemos também em Êx 3:6 que o Senhor disse a Moisés: "Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó". À primeira vista, esta passagem pode não parecer prova suficiente para confirmar matéria de tamanha grandeza. No entanto, nosso Salvador Cristo a utiliza como um baluarte contra os saduceus em Mt 22:32, onde, para provar a ressurreição, infere as mesmas palavras, acrescentando: "Deus não é Deus de mortos, mas de vivos". Vemos assim que Abraão, Isaque e Jacó, estando vivos, têm os seus corpos guardados nas mãos do Senhor tanto quanto as suas almas. Portanto, visto que tanto os Profetas quanto o próprio Cristo valeram-se desta passagem para esse fim, nós também podemos utilizá-la com segurança para provar a Ressurreição.

Diz-se, outrossim, em Jó 19:25: "Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. 26. E depois de consumida a minha pele, contudo ainda em minha carne verei a Deus. 27. Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos o contemplarão, e não outros; posto que os meus rins se consumam no meu interior".

Esta passagem os próprios heréticos concederão de certa maneira, isto é, com uma mente extremamente perversa, entendendo-a unicamente como aquele ressurgimento para a santificação que ocorre nesta vida. Outros há, dotados de um

juízo reverente em outras matérias, que expõem esta passagem como a renovação e restauração de sua carne à vivacidade e saúde, após ter sido corrompida por chagas e devorada por feridas ulcerosas.

Contudo, admitindo-se que fosse assim — o que, em verdade, o texto não comporta —, como poderia ele ter crido nisso? Como poderia ele, estando persuadido de que Deus ressuscitaria seu corpo para uma perfeição mais gloriosa quando este se dissolvesse por completo na corrupção, deixar de crer que Deus poderia muito mais restaurar a saúde ao seu corpo agora, enquanto essa corrupção operava nele apenas em parte? Como poderia ele fazê-lo? Senão pela esperança no poder de Deus, o qual, com muito maior facilidade, poderia renovar sua carne e seus ossos estando apenas corrompidos, do que revivê-los quando estivessem totalmente mortos e perfeitamente consumidos?

Conforme lemos em Ez 37:5-6, onde se estabelece um tipo notável deste ressurgimento: “5. Assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o sopro da vida, e vivereis. 6. E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e vos sobrepujarei de pele, e porei em vós o sopro da vida, e vivereis; e sabereis que eu sou o Senhor”.

É verdade que o propósito principal do Espírito Santo é prenunciar o retorno do povo do cativeiro; contudo, Ele o faz sob uma mui excelente figura do ressurgimento e da restauração da carne no último dia. De sorte que a passagem importa nisto: se o Senhor pôde restaurar tendões, carne, pele, fôlego e vida a ossos secos, muito mais poderia Ele restaurar os israelitas à sua terra natal.

O mesmo sentido aplica-se a Is 26:19: “Os teus mortos viverão, os seus cadáveres se levantarão. Despertai e cantai, vós que habitais no pó, porque o teu orvalho é como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos”. Nesta passagem, significa-se o seguinte: assim como as ervas no inverno parecem mortas e, contudo, na primavera brotam novamente devido à seiva oculta na raiz; e assim como os corpos dos fiéis parecem perecer inteiramente sob a terra e, todavia, no último dia ressuscitarão por meio daquela semente que lhes é dada em Cristo; do mesmo modo os israelitas, que no tempo do exílio pareciam morrer como ervas invernais e perecer como corpos mortos, seriam reconduzidos ao seu lar e restaurados à sua antiga liberdade. Esta passagem não poderia deixar de mostrar o retorno do povo sob o tipo da ressurreição, visto que o Profeta declara: “Até mesmo com o meu corpo ressurgirão”.

Notável é a passagem de Dn 12:2: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e desprezo perpétuo”. Ao que se harmoniza o dito de nosso Salvador Cristo em Jo 5:28-29: “Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação”.

Ora, quando vemos que nada há de mais claro na doutrina da fé contida no Novo Testamento do que a ressurreição, e que não há nela nova doutrina que não estivesse já no Antigo Testamento — embora, de fato, ela seja apresentada de forma mais manifesta e em perfeita beleza pelo Príncipe dos Profetas do que pelos profetas que O precederam —, o que diremos que há no Novo Testamento que não tenha sido, em alguma medida, provado no Antigo?

Os judeus em nenhum artigo criam mais do que no da ressurreição, como se depreende da pronta resposta de Marta em Jo 11:24, quando nosso Salvador Cristo veio para ressuscitar a Lázaro, seu irmão. Tendo-lhe dito Ele no versículo anterior: “Teu irmão há de ressuscitar”, ela prontamente respondeu: “Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia”. Além disso, lemos em At 23:8 que os fariseus confessavam a ressurreição.

Sabemos que a fé dos judeus se fundava na Palavra que, até então, pertencia apenas à dispensação do Antigo Testamento, e não do Novo. Este último ainda não existia ou, ao menos, não desfrutava de crédito entre eles. Visto, portanto, que não somente a Igreja Primitiva creu nesta verdade sob a luz evidente do Novo Testamento, mas os judeus já criam nela pela luz do Antigo, manifesta-se que a doutrina da ressurreição está provada no Antigo Testamento. E, entre muitas passagens, esta do nosso Salmo não é a menor, onde se diz: “Não deixarás a minha alma na sepultura, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”.

Por “alma”, devemos compreender que ele se refere à sua vida natural, conforme se entende na Escritura em 1Co 15:45. Ali, o Apóstolo, tomando de empréstimo as palavras de Gênesis 2:7, diz: “O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão, em espírito vivificante”.

A razão pela qual ele provou a ressurreição de sua carne provém do poder de nosso Salvador Cristo, a quem se aplicam estas palavras: “Não permitirás que o teu Santo veja corrupção”, conforme o afirmam claramente tanto Pedro, em seu notável sermão em At 2, quanto Paulo em At 13 [referenciado no original como At 23]. Pois o Apóstolo declara

que Davi foi sepultado e viu a corrupção; logo, ele não falava de si mesmo, mas de Cristo, sua cabeça, em quem não se encontrou traço algum de corrupção.

Assim, Davi, como membro de Cristo, discerniu pelos olhos da fé que de seus lombos nasceria o Santo que, por seu próprio e magnífico poder, ressuscitaria o seu próprio corpo sem que este visse corrupção alguma; e que, por esse mesmo poder, ressuscitaria também o corpo de Davi (que veria a corrupção) para que repousasse junto ao Seu e a Ele se assemelhasse, como lemos em Fp 3:20-21: “A nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas”.

De modo que o Profeta aguarda a ressurreição da carne após esta ter sido corrompida. Isso contraria os heréticos, que fantasiam uma ressurreição espiritual do pecado — o que, de forma alguma, pode aplicar-se a Cristo, no qual não houve pecado e, por conseguinte, nenhuma ressurreição do pecado.

E isto basta quanto às passagens do Antigo Testamento; passaremos agora a apresentar as do Novo.

Primeiramente, consideremos as palavras com as quais nosso Salvador Cristo refuta os saduceus em Mt 22:32: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”. Não se pode dizer que Deus seja o Deus de Abraão estando este morto, a menos que ressuscite o seu corpo, o qual Ele tem sob sua guarda tanto quanto a alma. Pois Ele não diz: “Eu sou o Deus da alma de Abraão”, mas sim “Eu sou o Deus de Abraão”, o Deus do homem em sua totalidade. Por conseguinte, é imperioso que Abraão ressuscite.

Mt 25:31: “E, quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória”. Semelhantemente, em Lc 14:13-14: “Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, coxos e cegos, e serás bem-aventurado; porque eles não têm com que te recompensar; mas recompensado serás na ressurreição dos justos”. Como se nosso Salvador Cristo dissesse: ainda que possas supor que tudo o que assim foi doado se perdeu neste mundo, aproxima-se o tempo em que colherás a recompensa com abundância, recebendo o teu quinhão com os justos.

Em Jo 5:28-29, o Senhor manifesta a ressurreição de ambos os estados e exorta-os a não se maravilharem de que Ele vivifique as suas almas, Aquele que também ressuscitará os seus corpos da morte. “Não vos maravilheis disto”, diz Ele, “porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a voz do Filho do Homem. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação”.

Em Jo 11, Marta (como indicamos anteriormente) testifica de modo patente a ressurreição e confessa nela a sua fé.

Em At 3:19, o Apóstolo Pedro chama este ressurgimento de “tempo de refrigério”, o que nos é sumamente consolador. Pois assim como o viajante fatigado se revigora na estalagem ao cair da noite, assim também os piedosos, após as suas tribulações, serão certamente renovados e consolados na presença de Cristo.

Em At 23:6, Paulo expõe aos fariseus como era acusado por causa da esperança e da ressurreição dos mortos. E em At 24:15, Paulo declara solenemente sua fé na ressurreição, tanto

dos justos quanto dos injustos. Esta certeza produzia nele, como deveria produzir em todos nós, o zelo de uma consciência atenta ao bem; por isso ele acrescenta no versículo seguinte: “16. E por isso procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto diante de Deus como diante dos homens”.

E o que há de mais amplamente provado e confirmado do que isto em todo o capítulo de 1Co 15? Ademais, em 2Co 5:10 o Apóstolo assevera: “Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal”. Em Fp 3:21 diz-se que Cristo transformará o nosso corpo abatido, passagem esta que já citamos anteriormente.

O modo e o fim desta ressurreição também se acham expressos em 1Ts 4:14-16: “Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele. 15. Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. 16. Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido...” e assim por diante.

A Epístola aos Hebreus, no capítulo 11, retrata os múltiplos martírios dos santos. Mostra como alguns foram torturados, não aceitando o seu livramento; outros passaram por provações de escárnios e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados ao meio, tentados, e assim por diante. E por que suportavam tais tormentos? O Apóstolo nos revela no versículo 35: “Para alcançarem uma melhor ressurreição” do que qualquer libertação que pudessem obter neste mundo. Ainda no versículo 39: “E todos estes não alcançaram a promessa”, isto é, a consumação das promessas.

E no versículo 40, por que razão? “Provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados”. Pois até mesmo o primeiro membro de Cristo que adormeceu há milhares de anos não receberá a plenitude da promessa, isto é, em corpo e alma, até que o último membro esteja preparado.

Contudo, de todas as passagens, as mais sublimes são estas: 2Pe 3:10, “Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão...”; e Ap 20:11-13: “11. E vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu; e não se achou lugar para eles. 12. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus... 13. E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia...”

Tendo, pois, recebido a verdade desta doutrina, consideremo-la agora mais profundamente sob a luz da razão. De um lado, não podemos negar a ressurreição, uma vez que a Palavra a confirma — a menos que queiramos nos desviar da fé e rejeitar a própria Palavra. De outro lado, ao compreendermos como tais coisas se realizam, não poderemos resistir a elas sequer pela razão, a menos que estejamos destituídos de discernimento.

Os argumentos de que nos serviremos derivam, em parte, do próprio Deus; em parte, da ordem da natureza e das criaturas; e, em parte, dos proveitos que acompanham a verdade desta doutrina, bem como dos graves prejuízos que decorrem da negação dela.

As provas extraídas do próprio Senhor hão de ser contempladas ou simplesmente em Sua própria pessoa, ou no

que respeita ao Seu Ofício de Mediador e como Segunda Pessoa da Trindade.

No que concerne à Sua própria pessoa, cumpre observar a Sua verdade, a Sua justiça e o Seu poder. A Sua verdade manifesta-se em que os céus e a terra passarão, mas nenhum jota de Sua palavra falhará, sendo todas as Suas promessas em Cristo Jesus o *Sim* e o *Amém*. Portanto, tudo quanto o Senhor estabeleceu em Sua palavra para ser feito deve desfrutar perante nós de tamanha autoridade que nos cumpra, a exemplo de Abraão, a ele nos submeter, ainda que as circunstâncias externas pareçam inteiramente contrárias; e, a exemplo de Maria, crer, embora nenhum meio visível se nos apresente.

A Sua justiça está de tal modo unida à Sua verdade que tudo quanto temos ouvido da Palavra a equidade de Sua justiça exige que se cumpra: tanto a realização de Suas promessas em recompensar os piedosos, quanto a execução de Suas ameaças em punir os ímpios. Isto vemos em Mt 25:33 onde, pela regra da retidão, Ele posiciona as ovelhas à Sua direita e os bodes à esquerda. Em Lc 16:23-25 narra-se como o rico, achando-se nos tormentos do inferno, erguendo os olhos e avistando ao longe Lázaro no seio de Abraão, clamou: “Pai Abraão, tem misericórdia de mi...”. Contudo, Abraão, respondendo-lhe conforme a medida da justiça divina, declarou: “25. Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro, somente males; e agora este é consolado, e tu, atormentado”. A este propósito, digno de nota é o texto de 2Ts 1:6-7: “6. Se de fato é justo diante de Deus que ele dê em pagamento tribulação aos que vos atribulam, 7. e a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu...”

Nesta passagem discernimos como se coaduna com o reto juízo e com a justiça de Deus que a Sua Igreja perseguida e os Seus santos aflitos — os quais neste mundo são tidos por nada — sejam a seu tempo restaurados com uma recompensa de glória. E, por outro lado, que os seus cruéis perseguidores, que se deleitam em seus pecados e triunfam em sua crueldade, recebam como coroa a vergonha e o perpétuo desprezo em meio aos tormentos.

A equidade de tal justiça consiste nisto: visto que os ímpios não somente desonraram a Deus em suas almas por meio de todos os frutos da reprovação, mas também empregaram os membros de seus corpos como instrumentos do pecado e armas da injustiça até a plenitude de suas ofensas, convém que sofram a vingança divina não apenas em suas almas, senão igualmente em seus corpos. De igual modo, assim como as graças de Deus resplandeceram não só nas almas de Seus santos diante d'Ele e de Seus anjos, mas também adornaram grandemente os seus corpos e consagraram os seus membros como instrumentos de Sua glória, assim também o Senhor exaltará não apenas as almas dos Seus, mas também os seus corpos.

Se assim não fosse, onde estaria o cumprimento das promessas de Deus? Onde estaria a execução de Suas ameaças? Pois Abraão, Isaque, Jacó, Ló, José, Jó, Davi, Isaías, Jeremias, Daniel e todos os demais patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, confessores e santos homens e mulheres neste mundo viveram meramente como peregrinos. Almejando uma pátria melhor e celestial, padeceram nesta vida tribulações, perseguições, provas e toda sorte de males.

Por outra via, os ímpios prosperam em seus bens, corpos, mulheres e filhos. Não há apertos na sua morte, mas a sua força está firme. Não provam as chagas de Jó nem as misérias de José. A soberba os cerca como um colar, e a violência os cobre como uma veste. Os olhos deles estão inchados de gordura; eles têm mais do que o coração poderia desejar. Deste modo, neste mundo, os fiéis não desfrutam plenamente das promessas, nem os infiéis padecem as suas punições.

Por conseguinte, a justiça divina — como nos assevera a Sua Palavra — exige necessariamente que, não sendo nesta vida os santos plenamente recompensados nem os ímpios integralmente punidos, na vida por vir ressuscitem uns para as delícias celestes, e outros para os suplícios do inferno. E assim como compreendemos que haverá uma ressurreição da carne porque a Palavra — que é a verdade — o declarou, e porque a justiça — que o exige — o executará, da mesma forma o poder de Deus é plenamente capaz de realizar tudo o que a Palavra indica ou o que a justiça requer que seja feito.

Não é sem grandioso motivo que, no limiar de nossa Confissão de Fé, confessamos ser o Senhor Todo-Poderoso. Pois de que valeria a Sua misericórdia ou a Sua justiça se Ele não pudesse realizar com força o que promete, nem cumprir com poder o que ameaça? Não obstante, ao dizermos que Deus é todo-poderoso, damos a entender que Ele pode fazer tudo quanto é de Sua vontade. É certo que Ele não pode falhar em Sua verdade, nem alterar a aliança proferida por Seus lábios. Sendo assim, haveria algo impossível para o Senhor? De modo algum; o Senhor fará o que é bom e pode fazer tudo o que aprouver à Sua vontade. E dizer que Ele não pode mentir não

deprecia o Seu poder supremo, assim como tampouco diminui o mérito de um bravo Capitão dizer-se que ele é invencível.

Este poder divino manifesta-se ou na Criação, ou na Providência, ou na Preservação.

Na Criação, opera da seguinte maneira: se Deus pôde extrair do nada os céus e a terra; se da terra, que dantes era uma massa informe e caótica, o Espírito de Deus, ao pairar sobre as águas, extraiu formosa ordem; se das trevas o Senhor fez resplandecer a luz; se do pó da terra Deus formou o homem e de sua costela moldou a mulher — não Lhe seria igualmente simples, tendo tirado estas e todas as demais coisas do nada, reerguer a nossa carne (já criada) daquela terra na qual se corrompeu? Não Lhe seria tão fácil tirar novamente o homem da terra quanto Lhe foi formá-lo dela na primeira vez? Não seria tão fácil, ainda que o apodrecimento pareça obstaculizar a ressurreição, restaurar um corpo a partir de muitos ossos quanto Lhe foi plasmar de um único osso todo um corpo humano? Não seria o Senhor igualmente poderoso para restituir o corpo — que Ele dissolveu nos elementos — à sua antiga forma, assim como dantes, quando nenhuma existência possuía, foi capaz de atar a carne com tendões, infundir vigor nos ossos e adornar tudo com a pele?

Consideremos tanto o poder de Deus em reconduzir os corpos dos homens ao seu estado anterior quanto a Sua mão poderosa em desfazê-los. Pois assim como Ele reduz a carne à podridão, a podridão aos vermes, e os vermes ao pó, de igual maneira Ele pode, se assim desejar, reverter esse curso, fazendo o pó retornar aos vermes, os vermes à matéria decomposta, a decomposição à carne e a carne à imortalidade (Sl 73).

A providência de Deus nos instrui nesta verdade, quer a contemplemos no curso da natureza, quer no governo de Sua Igreja.

No curso da natureza, conforme Is 26:19: “Despertai e cantai, vós que habitais no pó, porque o teu orvalho é como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos”. Aqui o Profeta demonstra que aquele Deus que fez florescer a vara de Arão, e que extrai cores vívidas de flores sem vida e ramos verdejantes de ervas ressecadas, também nos ressuscitará em nossos corpos para o resplendor de Sua glória, após termos sido depositados na vileza do pó.

Ademais, em 1Co 15:35-38: “35. Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que qualidade de corpo virão? 36. Insensato! O que tu semeias não toma vida, se primeiro não morrer. 37. E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão, como de trigo, ou de outra qualquer semente. 38. Mas Deus dá-lhe o corpo como quer, e a cada semente o seu próprio corpo”. Vede como o Senhor chama de insensatos aqueles que recusam crer nisto. Poderia o Senhor fazer brotar o trigo da terra e não ressuscitaria da terra o homem, por amor do qual o trigo é renovado? Duvidaremos, outrossim, de que Aquele que retém as águas em Seus punhos e impõe limites aos vastos mares (os quais, por sua própria natureza, se acham acima da terra) para que não transponham os seus marcos, nem rompam de seus reservatórios e barreiras para tudo inundar, seja incapaz de reerguer os nossos corpos do pó? É certo que a carne e o sangue dificilmente admitem esta doutrina; por esta razão, carecemos de nos armar com estas e outras meditações semelhantes.

Se ponderarmos mais profundamente sobre a providência de Deus em Sua Igreja — quer no período em que se restringia a uma única família, quer quando se estendeu a muitas —, teremos a nossa fé nesta doutrina ainda mais consolidada. Pois Aquele que cumpriu a promessa feita a Abraão, abençoando todas as nações da terra em sua semente — quando o curso natural da vida já se achava extinto tanto em Abraão quanto em Sara, gerando a Isaque de seus lombos — e que guardou a aliança feita a Davi, Seu servo, trazendo Jesus ao ventre de Maria quando esta ainda não conhecia varão, sendo Ele a semente prometida para esmagar a cabeça da Serpente, é igualmente poderoso para nos arrancar do ventre seco e das entranhas sem vida da terra, em conformidade com a Sua promessa.

Em Gn 22, Abraão, sob o mandamento divino, dispôs-se a oferecer seu filho Isaque, no qual todas as promessas haveriam de se cumprir. A incredulidade não o impediu. E por quê? O Apóstolo assevera em Hb 11:19: “Considerou que Deus era poderoso para até dos mortos o ressuscitar; de onde também, figuradamente, o recobrou”. Ele recusou-se a limitar o poder divino aos meios ordinários; assim, vemos que venceu toda a incredulidade mediante a fé na ressurreição.

Que dizer se considerarmos quão magnificamente o Senhor restaurou e multiplicou a Sua Igreja após ter inundado toda a terra com as águas do dilúvio? Que dizer se recordarmos a grandiosa preservação da Igreja, libertando-a através do Mar Vermelho, quando as águas se dividiram e se ergueram como muralhas à direita e à esquerda dos israelitas? E que dizer se atentarmos para a forma poderosa como o Senhor conduziu o Seu povo em segurança pelo deserto durante quarenta anos, provendo-lhes o Maná do céu e água da rocha; curando os que

eram picados por víboras por meio da contemplação de uma serpente de bronze, e conservando as suas vestes de tal sorte que não se gastaram em tão longo período? Não creremos que este mesmo Deus é poderoso para ressuscitar da terra os corpos dos Seus santos?

Registra-se em 2Re 4:36 que Eliseu, o homem de Deus, restituiu à sunamita o seu filho morto; e em 2Re 13:21 lemos que um homem morto, ao ser lançado na sepultura de Eliseu e tocar os seus ossos, reviveu e se pôs de pé. Se Deus confirmou desta forma a doutrina de Eliseu, não confirmará muito mais a doutrina de Seu amado Filho? Se Eliseu, pelo poder divino, pôde restituir a vida a outrem, não exaltará o Senhor a Sua própria pessoa em Si mesmo no último dia?

Em Dn 3, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, recusando-se a prestar culto aos deuses falsos e à imagem de ouro que Nabucodonosor erguera — embora pudessem ter usado de astúcia para ocultar a sua fé, como o fazem hoje os nossos familistas —, foram lançados na fornalha ardente de fogo. Contudo, pela fé que depositavam em Deus, foram de tal modo preservados que o fogo não teve poder algum sobre os seus corpos: nenhum cabelo de suas cabeças se queimou, as suas capas não sofreram alteração, nem cheiro de fogo sobre eles passou.

Em Dn 6, o Profeta de Deus, ao rejeitar o decreto real, foi lançado na cova dos leões. Pela fé, ele alcançou o envio do anjo do Senhor para fechar a boca dos leões, de sorte que nenhum dano lhe causaram. Em Jn 2, lemos que Jonas, tendo permanecido nas entranhas do peixe por três dias e três noites, foi vomitado em terra seca sob o mandamento do Senhor. Em Mt 27:52-53 relata-se que os sepulcros se abriram, e muitos

corpos de santos que dormiam ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na Cidade Santa e apareceram a muitos.

O que diremos de tudo isto? Se o fogo, contrariando a sua própria natureza, cessou de consumir os corpos ali lançados diante da presença de um anjo, não restituirá ele os corpos consumidos sob o poder de Deus e a presença de Cristo? Se os leões pouparam o corpo de ser devorado, não devolverão a vida aos corpos que já foram consumidos? Se o grande peixe pôde restituir a Jonas após três dias, não entregará o mar os seus mortos? Se os mortos ressurgiram antes do tempo determinado para manifestar a paixão de Cristo, não ressuscitarão a seu tempo para comparecer perante a Sua vinda gloriosa? Não poderia aquele Deus que fez anjos assumirem a semelhança humana fazer com que os homens ressurgam da terra em sua própria forma? E por que motivo os anjos do céu e os corpos mortos da terra receberam tão subitamente aquele estado para logo em seguida o deixarem, senão para demonstrar que o tempo de sua perfeição ainda não havia chegado?

Consideremos agora os argumentos que decorrem de Deus como nosso Mediador, ponderando sobre certas obras realizadas em Sua própria pessoa, bem como sobre os aspectos concernentes aos meios que a Ele nos conduzem.

Em Lc 8:55, nosso Salvador Cristo ressuscita da morte para a vida a filha de Jairo. Elevando-se a um grau ainda maior, em Lc 7:14, Ele vivifica o filho da viúva de Naim, deitado no esquife e prestes a ser sepultado. Mais ainda, num grau superior e sumamente maravilhoso, em Jo 11:44, ressuscita a Lázaro (irmão de Marta), que já jazia morto havia quatro dias. Finalmente, em Mt 28, Ele mesmo ressuscita poderosamente,

tendo permanecido morto por três dias e três noites, sem contrair qualquer sinal de corrupção.

Quem, pois, ousaria duvidar, sob pena de condenação, que este mesmo Jesus Cristo pode ressuscitar os nossos corpos mortais e corruptíveis, ou que Ele não transformará o nosso corpo abatido para torná-lo conforme o Seu corpo glorioso, mediante aquele supremo poder pelo qual pode sujeitar a Si todas as coisas?

Eis que Pilatos sela a pedra que encerra a Cristo em Seu sepulcro, soldados armados são postos de prontidão e guardas vigiam o túmulo; contudo, nenhuma destas medidas foi capaz de reter o poder de Cristo em Sua ressurreição. Que se sucedeu então? Em verdade — o que soa de todo improvável —, inventaram que pobres almas ingênuas vieram e O roubaram dentre os guardas armados. Contudo, Ele foi visto primeiramente por Maria, depois por alguns discípulos e, posteriormente, por mais de quinhentos irmãos de uma só vez.

Vemos, pois, que o Seu ressurgimento foi corporal, e não uma mera ressurreição espiritual. Da mesma maneira que Ele ressurgiu, também nós ressurgiremos. Ele ressuscitou na carne; logo, ressuscitaremos na carne, e não somente em espírito, como fantasiam os nossos heréticos de mente desvairada. Ora, Ele não ressurgiu por Sua própria causa, do mesmo modo que não nascera puro, vivera em santidade e morrera inocente por Si mesmo; todas estas coisas Ele as fez por nós, para que fôssemos santificados, justificados e glorificados.

E Ele não sofreu somente em Seu corpo, mas igualmente em Sua alma. Com isso demonstrou que não resgatou apenas a alma, mas também o corpo, visto que o

corpo, tanto quanto a alma, era culpado e passível de punição pelo pecado. Ele não ressurgiu apenas em alma, mas também em corpo, por meio do que trouxe a graça e restaurou a santidade tanto ao corpo quanto à alma, visto que ambos a haviam perdido pela transgressão. Ele não subiu aos céus unicamente em alma, mas também em corpo, a fim de conferir glória tanto a um quanto a outro, visto que a ambos Ele havia resgatado. Portanto, conclui-se necessariamente que haverá de ocorrer a ressurreição da carne. Pois se pela fé somos feitos ossos dos Seus ossos e participantes de Sua carne (Jo 6), e se Cristo realizou todas estas coisas em Seu próprio corpo — cuja virtude nos cumpre d'Ele receber —, como poderia tudo isto operar-se caso não houvesse ressurreição?

Os meios pelos quais nos achegamos a Cristo também exigem que assim seja. Primeiramente, sabemos que a Palavra penetra tanto os nossos corpos quanto as nossas almas. Os olhos contemplam os Sacramentos, os ouvidos ouvem a Palavra e a língua a proclama; assim, o corpo possui os seus deveres, tanto quanto a alma, em receber e obedecer à Palavra. Por conseguinte, a eficácia e o fruto da Palavra hão de se manifestar tanto em nossos corpos quanto em nossas almas.

Da mesma forma, ao oferecermos as nossas orações, fazemos uso tanto do corpo quanto da alma. Pois erguemos mãos santas, dobramos os nossos joelhos, elevamos os nossos olhos, clamamos com a nossa voz e prostramos o nosso corpo por inteiro. Assim, tendo Deus criado a ambos para a Sua glória nesta vida, também ordenou que ambos fossem glorificados na vida por vir.

Ademais, nos Sacramentos ocorrem ações corporais tanto quanto espirituais. No sacramento do Batismo, o corpo é

submergido nas águas e delas retirado. Se o Batismo, portanto, é o penhor de nossa ressurreição para a graça — e isto em corpo e alma —, não devemos duvidar de que o corpo também ressurgirá, tanto quanto a alma. Na Eucaristia, de igual maneira, achamo-nos solenemente consagrados em ambas as partes: pois tanto a alma crê, quanto os olhos contemplam o pão partido e o vinho vertido, os ouvidos escutam a Palavra, as mãos manuseiam os elementos externos e a boca os saboreia devotamente. Por conseguinte, o fruto desse mistério deve transparecer tanto no corpo quanto na alma.

Para provarmos esta verdade pelas demais criaturas de Deus, consideremos que os anjos anseiam por este dia, e a criação inteira geme e chora, aguardando que o Filho de Deus seja revelado. Os demônios o temem; por isso clamavam ao nosso Salvador Cristo: “Por que nos vieste atormentar antes do tempo?” Ademais, a própria desordem que hoje se observa nas coisas indica que haverá um tempo em que tudo será reconduzido à devida harmonia, tal como foram estabelecidas em perfeita ordem no princípio.

E o próprio homem, de modo particular, deve aguardar este dia, não podendo dele privar-se — quer consideremos as múltiplas vantagens que dele provêm, quer os extraordinários prejuízos decorrentes de sua ausência. Por que suportam os homens a cruz com tamanha paciência? Por que se abstêm do mal com tanto zelo? Por que buscam o bem com tanta alegria? Senão porque aguardam uma ressurreição gloriosa, a qual constitui a consumação de todas as promessas de Deus. Sem ela, os mais piedosos seriam os mais miseráveis dos homens, e os mais ímpios seriam os menos infelizes.

Pois, se assim não fosse, que santificação se manifestaria? Que pecado deixaria de reinar? Quão poucos seriam bons, e quão numerosos seriam os maus! Como Deus seria desonrado, e como os homens justos seriam deserdados! Quem se importaria em adorar a Deus em seu corpo, ou quem guardaria a consciência limpa para preservar o seu corpo do pecado?

FINIS.

SEÇÃO X. Um Tratado de Autoexame Antes e Depois da Ceia do Senhor.

1Co 11:28: Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão, e beba deste cálice.

Estas palavras são comuns e bem conhecidas. Elas contêm uma sanção ou decreto pelo qual o Apóstolo estabelece a ordem para o autoexame de todo homem antes da participação no mistério da Ceia. Duas coisas devem ser principalmente consideradas nestas palavras: primeiro, a necessidade do exame; segundo, a maneira de realizá-lo.

Quanto ao primeiro ponto, pode parecer, na linguagem de nosso ensino habitual — “Examine-se o homem a si mesmo” —, que se trata de uma mera recomendação ou conselho, e não de um mandamento. No entanto, na língua original, a palavra apresenta-se nos mesmos termos em que as leis parlamentares e os decretos dos príncipes costumam ser redigidos. A expressão equivale a dizer: “Fica decretado”, “fica estabelecido” ou “determina-se”. De modo que aquilo que em nossa língua soa opcional, no original impõe-se como uma necessidade absoluta. Ora, ainda que o mandamento devesse desfrutar de plena autoridade perante nós, induzindo-nos a ele nos submetermos sem qualquer hesitação, tendo-o recebido pela fé, convém investigarmos os motivos deste rigoroso exame e descobrirmos as razões pelas quais ele nos é imposto.

As razões podem ser reduzidas a dois pontos principais. Elas fundamentam-se, por um lado, na profunda reverência devida à Pessoa em cuja presença nos achamos — assim como vemos os homens prepararem-se diligentemente quando hão de comparecer diante de alguma autoridade de honra. Por outro

lado, além da dignidade da Pessoa, fundamentam-se no excelente proveito das dádivas recebidas, em relação às quais também nos devemos preparar — assim como ao recebermos o *Remédio* nos preparamos para que a prescrição opere com maior eficácia em nós. De modo que, por ambas as razões, nos preparamos, e ambas convergem na Ceia do Senhor.

Pois, ainda que não atentássemos para o proveito, a própria reverência à Pessoa com quem nos assentamos à mesa deveria constranger-nos a considerar esta prática, conforme a regra de Pv 23:1: “Quando te assentares a comer com um governador, atenta bem para o que se te pôs diante; e prepara-te bem para te assentares à mesa com tal homem”. Conquanto José, ao ser chamado por Faraó, não soubesse o motivo do chamado e pouco imaginasse o êxito que dali resultaria, visto que haveria de comparecer perante um rei, e sendo ele um mísero prisioneiro, rapou a cabeça e mudou de vestes para apresentar-se diante de tão excelsa e majestosa personagem (Gn 41:14). O mesmo nos é confirmado naquela parábola em que vemos que são rejeitados não apenas os que dão desculpas e se recusam a vir, mas também aqueles que, tendo sido admitidos, apresentam-se sem o traje nupcial para honrar as bodas do filho do Rei, porquanto não se prepararam devidamente (Mt 22:1-2; Lc 14:16). Por conseguinte, sendo esta mesa na Igreja uma representação daquela mesa onde os nossos corações comungam no reino dos céus — onde se acham presentes não apenas os espíritos amados e as hostes de anjos, mas a gloriosa Trindade —, cumpre-nos, em relação a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e a toda a corte celestial, nos prepararmos com a máxima solenidade.

E ainda mais o deveríamos fazer ao considerarmos quão grande preparação se exigia, sob a Lei, para ritos inferiores a

este. Embora naqueles tempos não houvesse mandamento expresso para a Ceia, por direito de proporção deve-se guardar um respeito reverente, devendo nós a ele nos submeter. Como exemplo, consideremos que, para comer o Cordeiro Pascal — cujo selo, se comparado ao selo do Evangelho, em verdade não admite comparação —, eles se preparavam com alguns dias de antecedência (2Cr 35:6). Semelhante reverência devemos nós guardar na participação da Mesa do Senhor. E assim, raciocinando do menor para o maior, da Lei para o Evangelho, da Páscoa para a Ceia, temos nisto um forte argumento para nos prepararmos para ela.

Não carecemos de nos demorar nesta comparação, visto que uma dádiva de menor importância — refiro-me aos pães da proposição — não foi entregue a Davi sem uma condição, a saber, que ele estivesse, em certos aspectos, purificado para recebê-la (1Sm 21:4); de sorte que aqui descemos um degrau na escala dos símbolos. Mas se descermos ainda mais e contemplarmos a própria Arca, veremos como o Senhor tratou a Uzá, que estendeu suas mãos despreparadas sobre ela; pelo que o Senhor de tal modo se irou que ali mesmo o feriu de morte (2Sm 6:6-7). Mais ainda: se descermos ao próprio solo da presença de Deus, onde Moisés não pôde apresentar-se sem antes descalçar as sandálias (Êx 3:5); ou se olharmos para os apagadores, as bacias e os candelabros, com os quais ninguém podia lidar sem estar santificado (Êx 27:3; 40:10-12); poderemos agora fazer o caminho inverso. Podemos raciocinar destas pequenas coisas para a Arca, da Arca para os pães da proposição, destes para a Páscoa, e da Páscoa para o sacramento que temos em mãos, a fim de extrairmos um argumento em favor da preparação. E se José de Arimateia e as demais piedosas testemunhas que o acompanhavam, ao

sepultarem o corpo de Cristo, o envolveram não em um pano qualquer, mas em um lençol limpo de linho finíssimo — a saber, um *síndon* (Jo 19:38-40) —, que reverência não deveremos nós guardar ao recebermos não o Seu corpo morto, mas o Seu corpo vivo, sim, o Seu corpo glorificado nos céus?

E se o Senhor nos conduzir a um nível ainda mais próximo, deixando de lado a Sua majestosa presença para nos persuadir por meio de nossa própria prática cotidiana: se não colocamos nosso alimento comum, profano (pois creio poder chamá-lo assim, ou pior, em comparação a este santo mistério), em um prato sujo, nem uma gota de bebida em um copo que não esteja limpo; então, aquele que introduzir os elementos que representam o próprio corpo de Cristo em um coração despreparado e em uma alma não santificada será sumamente réu do juízo pronunciado: torna-se “culpado do corpo e do sangue do Senhor” (1Co 11:27).

Sim, assim como nosso Salvador e os Profetas se queixam de que os homens são hábeis em discernir os sinais do céu (Mt 16:3) e em valer-se das leis humanas para proveito próprio, ao passo que os preceitos divinos lhes são estranhos, de igual modo pode Ele lamentar que o alimento perecível (o qual, como Ele mesmo declara, é depois lançado na latrina, Mt 15:17) receba tal cuidado de nossa parte que lhe preparamos com esmero os utensílios; contudo, ao nos aproximarmos das coisas sagradas, mostramo-nos tão negligentes para com elas quanto o somos no conhecimento de Seus mandamentos. Vemos, assim, como nestes aspectos o Senhor pode requerer de nós a devida reverência em relação às coisas que Lhe pertencem, confrontando-as com o desvelo que dedicamos aos nossos próprios interesses.

Deixando agora de lado a presença de Deus para atentarmos ao nosso próprio proveito — assim como dantes negligenciamos o proveito para contemplarmos tão excelsa presença —, o fruto é grande. É tão excelente que os escritores da Igreja Primitiva compararam o mistério da Ceia à Árvore da Vida que estava no Paraíso (Gn 3:22), e o abuso desse mistério ao comer ilícito daquela árvore; pois, como afirmo, eles consideram a Cristo como a própria Árvore da Vida, de sorte que quem Dele se alimenta, alimenta-se da própria vida.

Quanto ao proveito: se à fé daquela que O tocou a própria orla das vestes de Cristo concedeu tão grande benefício, curando-a de tão grave enfermidade (Mt 9:20-22), podemos então elevar a nossa mente para considerar o proveito que nos traz o tocar — e, mais ainda, o receber — o corpo e o sangue de Cristo. Pressupondo-se igual fé em ambas as ações, é certo que esta última supera a primeira em muitos graus; contudo, temo que poucos colham hoje o fruto que aquela mulher alcançou.

Asseveramos, portanto, que todos estes proveitos se perdem sem a devida preparação. E, como declarou um dos Padres da Igreja, os que vêm despreparados não encontram a Cristo, isto é, o corpo de Cristo; mas, à semelhança de João no sepulcro, deparam-se apenas com o lenço ou com as vestes em que Ele fora envolvido (Jo 20:4-8) — tão escasso é o fruto daqueles que se aproximam sem preparação. A razão é (conforme assevera o Profeta Ageu) que, se um homem impuro tocar em uma coisa sagrada, esta se tornará igualmente impura (Ag 2:13-14); e, a menos que seja santo aquele que se aproxima da coisa santa, o elemento consagrado de nada lhe aproveitará (Tt 1:15).

Deste modo, quem se aproxima destas coisas sagradas sem preparação converterá a natureza delas em seu próprio dano. Sucederá com ele o mesmo que ocorre aos que tomam o *Remédio*: se uma purgação administrada para expelir a cólera não surte efeito, além de se perder o benefício, ela se transforma em uma aflição ainda mais grave, e o humor nocivo, longe de ser atenuado, é grandemente intensificado. Assim, se a sua mente permanecer impura e despreparada, os elementos do Sacramento — além de não lhe trazerem proveito — torná-lo-ão muito pior do que antes, atraindo juízos temporais ou eternos sobre a sua cabeça por causa de sua indigna recepção (1Co 11:30). Por esta causa, nas liturgias da Igreja Primitiva, a primeira palavra proclamada era concernente às coisas sagradas, a saber: *Sancta sanctis* [coisas santas para os santos], isto é, coisas santas para homens santos.

Mas limitar-se-ia o prejuízo a essa perda? De modo algum; há a perda de outros bens e, junto a ela, uma punição severa. Pois não se dá aqui como nas coisas externas, onde, se o vosso empreendimento falha, perde-se apenas o trabalho despendido. Neste caso, atrai-se um castigo indizível, o qual o Apóstolo oportunamente especifica ao dizer que “comemos e bebemos juízo para nós mesmos” (1Co 11:29). Este castigo guarda proporção com a gravidade da falta: seja pela negligência do meio de graça — à semelhança de Moisés, que foi punido por não circuncidar seu filho (Êx 4:24-25) — ou pelo desprezo a ele, caso em que não seremos absolvidos da condenação e correremos o risco de cair, como Judas, sob a inteira e plena possessão do diabo.

Por conseguinte, sob ambos os aspectos agora conjuntamente considerados — tanto pela reverência devida ao próprio Deus quanto pelo proveito certo que haveremos de

colher —, ser-nos-á de grande valia nos prepararmos devidamente. Pois sabemos, conforme se lê em 2Cr 20:33, que o insucesso nas coisas da Igreja decorre da falta de preparação espiritual do coração. Por esta razão, os homens piedosos de outrora, nossos virtuosos predecessores, mostravam-se sempre zelosos em se preparar para cada meio de graça em particular. Assim, ao disporem-se a orar, valiam-se de jaculatórias — isto é, breves preces preparatórias — antes de darem início à solene oração; e dedicavam metade do dia anterior ao Sábado para se prepararem para ele (Mc 15:42). Ora, se a preparação é necessária para cada um destes deveres isoladamente, visto que todos eles convergem nos Sacramentos, indesculpável será aquele que corre para os Sacramentos sem estar preparado.

E, assim como o Mandamento nos obriga a este Autoexame, a sua contraparte lógica exclui quatro classes de pessoas:

1. Primeiramente, se alguns, por falta de idade — como as crianças —, não são capazes de examinar a si mesmos, todos estes são afastados.
2. Em segundo lugar, se alguns, por falta de discernimento, discríção, juízo, uso da razão e outras faculdades internas — cuja ausência, independentemente da idade física, os assemelha às crianças —, não podem provar a si mesmos (como os insensatos e os desprovidos de lucidez), estes também são excluídos.
3. Em terceiro lugar, se possuem uma inteligência natural, com dotes de razão e entendimento humano, mas permanecem ignorantes quanto aos fundamentos da Religião e à doutrina dos Sacramentos — pontos essenciais da salvação que necessitam ser conhecidos —, se, digo, não

alcançaram o entendimento destas verdades, todos estes são privados da participação.

4. E, por fim, se possuem uma noção geral destas matérias e compreendem tais preceitos, mas, abusando do conhecimento, permanecem na impiedade, teimosia e impenitência, jamais se dispondo a provar a si mesmos, todos estes devem ser igualmente apartados, como convidados inaptos e indignos desta Mesa.

O objeto deste Exame somos nós mesmos, e não os outros, como assevera o Apóstolo: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo”. Assim como cada um atenta para a preparação de seu próprio alimento, de igual modo deve cada um zelar pela santificação de seu próprio coração. Pois este alimento espiritual é superior ao Maná celeste, contanto que não o corrompamos por nossa própria malícia. E, visto que, se houver um único publicano no templo, para ele olhamos e dele não desviamos facilmente os olhos, o Apóstolo ordena que o nosso exame se volte reflexivamente sobre nós mesmos, como os raios solares que se refletem na atmosfera.

No tocante à maneira de realizar o exame, cumpre considerar a natureza e o uso do termo empregado. A palavra, em sua língua original, provém do ofício dos ourives e refere-se à purificação e teste dos metais. Por essa razão, os eruditos recomendam que nos provemos segundo as regras dos ourives; o que não se faz pelo som ou eco que o metal emite — pois até no melhor ouro isso pode ser enganoso —, mas sim recorrendo-se à pedra de toque e ao crisol, que são os dois instrumentos de prova. Desse modo, associam à pedra de toque a Palavra, e ao crisol, a cruz. Todavia, por serem estes testes mais abrangentes, julgo que se aplicam melhor à provação de

todo o curso da vida de um homem, em geral, do que a este ponto particular que temos em mãos.

Outros escritores, visto que o pão e o vinho são alimentos, adotam aqui as regras dos médicos. Se um homem possui um corpo congestionado — ainda que essa repleção proceda de um excelente humor, como o sangue —, ele não necessita de nutrição, mas de esvaziamento. Por outro lado, os corpos congestionados, se a sua plenitude decorre de humores malignos, não devem ser alimentados, mas purgados — como os corpos fleumáticos, repletos de umidade. O mesmo se dá com todos aqueles que se julgam plenos de sua própria justiça, bem como com os que estão repletos de humores corrompidos e pecados grosseiros. Estes não devem aproximar-se da Mesa, por não possuírem nela direito ou parte, até que os primeiros se esvaziem da vaidade de sua presumida justiça, e os últimos se purguem da repugnante enfermidade de sua própria maldade.

Não obstante, ao considerarmos as palavras subsequentes — “Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo” (1Co 11:31-32) —, evidencia-se que o Apóstolo compreende o autoexame sob a forma de um processo judicial, como perante um magistrado. E o próprio termo, embora derivado da metalurgia dos ourives, é aqui empregado no sentido de um procedimento jurídico.

Tomemos, pois, o termo sob este prisma: nesta provação, devemos instaurar um juízo contra nós mesmos. Quando estivermos a sós, cumpre erguer em nosso íntimo o tribunal e examinar-nos minuciosamente, discernindo se comemos dignamente ou indignamente. Para maior clareza,

nenhuma direção nos é mais proveitosa do que a regra de 2Co 13:5: “Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé”. Isto significa (conforme interpreto, e comigo concordam a maioria dos homens de reto julgamento) examinar se a fé habita em vós, e se recebestes o Espírito de Cristo, que é o Seu vigário. Pois por este critério sabereis se sois dignos ou indignos; porquanto comerá verdadeiramente da carne de Cristo e beberá do Seu sangue aquele que possuir o Seu Espírito.

Mas como provaremos se temos ou não o Espírito? Respondo conforme a passagem de Ef 3:17: “Habite Cristo, pela fé, em vossos corações”. E isto nos basta; pois, possuindo esta habitação, temos o Espírito de Cristo e, logo, o próprio Cristo, de sorte que não precisamos duvidar da nossa participação.

Neste ponto, convém tomarmos o termo “fé” em sua maior amplitude, compreendendo-o em um sentido tão vasto quanto a Lei, isto é, por toda a extensão da Palavra. Assim, em primeiro lugar, devemos assentar-nos em juízo sobre nós mesmos segundo todo o rigor da justiça divina. É salutar tomarmos o registro de nossas culpas e aquele catálogo de ofensas que o próprio diabo reserva contra nós — o qual, na verdade, ele agora oculta para apresentar mais tarde, guardando-o para acusar a nossa consciência na hora da morte, quando todos os nossos pecados se amotinarão contra nós a fim de nos arrastar ao desespero. Digo que é proveitoso, conforme os dez mandamentos da Lei, formularmos dez acusações distintas, processos, indiciamentos e outras tantas sentenças de condenação contra nós mesmos. Descobriremos, então, a profunda ruína de nossa obediência e ver-nos-emos sob uma maravilhosa carência de virtude.

Tendo-nos assim indiciado, cumpre examinar quão ingratamente temos lidado com tão bondoso Salvador desde a nossa vocação, pronunciando contra nós mesmos a perpétua vergonha que merecemos: com humilhação pelo passado, dor pelo presente e santo temor em relação ao porvir. E quando conseguimos despojar-nos de toda a autocomplacência, colocando-nos na pior condição possível aos nossos próprios olhos, então nos acharemos na melhor condição espiritual; pois está na melhor condição aquele que a si mesmo se considera o pior de todos. Porquanto o propósito fundamental de nosso autoexame é revelar-nos a nossa indignidade, conduzindo-nos à mais humilde e baixa opinião a respeito de nós mesmos.

Tendo nós, em verdade, reconhecido que nos cabem a vergonha e a confusão de rosto, Deus suspenderá o Seu juízo e aplacará a Sua ira. Sim, Ele declarará: “Eis que este homem a si mesmo se condenou; não necessito, pois, condená-lo. Ele fez o bastante. Cesse o Meu julgamento sobre ele. Visto que se examinou com tamanho rigor, tudo lhe perdoo e não mais o inquirirei. Ele está livre; aproxime-se, coma e beba”.

Digo, pois, que o nosso autoexame deve revestir-se de uma forma judicial: devemos indagar de nós mesmos se somos culpados ou inocentes, dignos ou indignos. E, visto que todo homem é propenso a julgar-se digno, para refutarmos essa ilusão devemos examinar se de fato possuímos fé. Como a fé se relaciona com a verdade, e a verdade nos deve provar — a qual declara: “Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei, não as cumprindo” (Gl 3:10) —, cumpre perscrutar os livros de nossa memória, ponderando o que Deus tem contra nós e examinando-nos segundo cada preceito escrito.

Sendo, pois, constrangidos a concluir que somos inteiramente indignos, devemos, no passo seguinte, sair de nós mesmos e suspirar ansiosamente por aquela justiça que nos pode tornar dignos. Pois para o homem que se percebe lançado no estado de condenação, soar-lhe-á como palavra fiel e digna de toda aceitação “que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores” (1Tim 1:15); e para ele o nome de um Redentor tornar-se-á infinitamente precioso.

Por conseguinte, neste segundo momento, cumpre considerar aquela fé que provém da bênção do Evangelho. Por ela, discernindo a nossa própria ignorância, buscamos a sabedoria fora de nós mesmos; e, conscientes de nossa indignidade, suplicamos pela obediência do Filho de Deus. Vendo-nos inteiramente alheios a Deus por causa de nossas culpas, buscamos a nossa perfeição em Cristo, e sob esta condição a justiça nos é outorgada.

Na sequência, o exame desta fé repousa sobre outro aspecto. Um condenado buscará resgatar o seu perdão mediante um preço, por mais elevado que seja, se dispuser de meios para pagá-lo; pois o homem não poupa despesas por aquilo que deveras ama. Vemos isto no exemplo do aviltado afeto de Esaú que, apegando-se desordenadamente a um prato de comida, contentou-se em abrir mão de sua primogenitura para adquiri-lo (Hb 12:16). Se nós, de igual modo, estimarmos verdadeiramente a morte de Cristo, tudo daremos por ela.

E, em verdade, Deus nada mais requer de nós senão aquela singela condição expressa em Ef 4:32: “Antes, sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo”. Vemos ali que, assim como Deus nos perdoou, do mesmo

modo devemos perdoar aos outros. Para o homem que verdadeiramente tenciona possuir a Cristo, entregar o amor é pouca coisa. Assim como a Divindade operou em amor para conosco, assim também devemos nós operar em amor para com o nosso próximo. Isto deve ser primeiramente exigido como preceito indispensável. Com efeito, tendo nós escapado da sentença de condenação unicamente por meio do perdão — o qual nos serve como ponte de escape —, seria conduta extremamente severa e injusta se, após termos atravessado em segurança, destruíssemos a ponte diante de outros que igualmente anseiam por passar. Tal atitude seria considerada bárbara até mesmo entre os pagãos.

De tal maneira Deus estima e valoriza o amor mútuo que, se um homem estivesse prestes a render-Lhe culto direto, Ele prefere que esse dever litúrgico seja temporariamente postergado a ver negligenciado o dever de reconciliação para com o irmão (Mt 5:23-24). E na parábola do devedor implacável vemos isto de forma ainda mais patente. Enquanto a dívida se refere diretamente ao Senhor, Ele não profere palavras de tamanha indignação como as que pronuncia ao ver o servo tomar o seu conserto pelo pescoço, dizendo: “Paga-me o que me deves” (Mt 18:28). De sorte que nutrir inimizade contra os nossos irmãos, de certa maneira, ofende a Deus mais gravemente do que as nossas próprias ofensas diretas contra a Divindade. Nisto consiste todo o Exame prévio.

Quando o homem, mediante o devido Exame, reconhece-se inteiramente indigno — e indigno sob todos os seus próprios aspectos —, cumpre-lhe então ser transformado. E cumpre notar aqui algo inteiramente oposto ao que se dá em nossa nutrição física. No alimento comum, a comida se converte em nós, passando a integrar a nossa própria

substância, e não nós nela. Contudo, em se tratando deste alimento sagrado, ocorre o inverso: nós somos transformados nele, e não ele em nós. De modo que podemos dizer deste sustento espiritual o mesmo que se afirma a respeito do fermento. O fermento não se desfaz nem se converte em farinha, embora nela permaneça oculto; antes, é a farinha que por ele é transformada e levedada. O mesmo asseveramos acerca deste alimento sacramental: nós somos nele transformados.

Por conseguinte, visto que o Apóstolo adverte: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma”, o nosso exame deve culminar no comer e no beber, e não na abstinência. Aqueles que supunham honrar o Sacramento abstendo-se dele violam claramente, por esta regra, a sua finalidade. Pois ordena-se: “Examine-se o homem a si mesmo, e assim coma”, e não “e assim se abstenha”. O Sacramento é profanado tanto pela recusa em participar — após termos realizado o autoexame — quanto pela recepção indigna dos elementos.

Os elementos recebidos denominam-se Pão e Vinho. No tocante à sua natureza, nenhuma descrição nos é mais proveitosa do que a do Sl 104:15. Vendo ali que o uso do pão e do vinho consiste em nutrir, fortalecer e alegrar o coração, compreenderemos perfeitamente a analogia espiritual implícita. O corpo de Cristo, representado pelo Pão, opera na alma o mesmo efeito que o pão físico realiza no corpo. Ora, o pão tem por propriedade fortalecer o corpo do homem, como atesta o testemunho do Espírito Santo; logo, as nossas almas recebem de Cristo a força necessária para resistir ao pecado. Lemos em Gênesis que os servos de Abraão, ao retornarem da perseguição dos reis, tiveram as suas forças revigoradas pelo pão que

receberam de Melquisedeque (Gn 14). Sabemos outrossim que o Cordeiro Pascal tinha por fim conceder vigor aos que dele se alimentavam. Do mesmo modo, nosso Salvador Cristo nos chama a Si para nos conceder força espiritual para uma nova vida, em cujo vigor devemos de tal modo nos empenhar pela justiça como se o próprio céu devesse ser adquirido por nossas obras.

Pois o corpo de Cristo não foi apenas vivificado, mas é vivificante; não foi apenas santificado, mas é santificante. E assim como no físico os humores corporais correspondem ao alimento consumido, da mesma forma na alma, no tocante à prática ativa da justiça, recebemos este alimento divino para nos habilitar ao labor pelo reino dos céus. Isto é o que os homens santos de outrora recebiam no Sacramento.

Por outro lado, o sangue de Cristo deve operar em nossas almas o mesmo efeito que o vinho realiza em nossos corpos. O efeito do vinho acha-se igualmente expresso no Sl 104, mas de forma mais vívida em Pv 31:6, onde se declara que o vinho se destina a consolar os que estão prestes a perecer e os amargurados de espírito. Assim, o mesmo refrigério e alegria que o corpo experimenta após receber o vinho encontram correspondência na consolação espiritual gerada pelo sangue de Jesus Cristo. Pois nós não podemos alcançar a justiça absoluta por nossas próprias forças, assim como não o podem os anjos ou os próprios céus, os quais são impuros aos olhos de Deus e nos quais Ele encontra imperfeição. Devemos, portanto, recorrer à justiça passiva, tendo o sangue de Cristo aspergido em nossos corações.

Pela primeira — a justiça ativa —, devemos laborar com tal empenho como se quiséssemos superar a retidão dos

fariseus e dos mais severos moralistas do mundo. Contudo, ao comparecermos perante Deus, para viver ou morrer por nossa própria retidão, cumpre-nos desapegarmo-nos da Lei e buscar o sangue do Novo Testamento, o qual nos é comunicado pelo ministério da Fé.

No tocante ao ato de comer e beber, conforme preservado pela Igreja, ordena-se que elevemos os nossos corações ao Senhor. Devemos ser como águias que voam em direção ao céu, entregando-nos, nesse momento, a uma atenta meditação sobre as realidades invisíveis, contemplando os sofrimentos de Cristo: o Seu corpo partido e o Seu sangue vertido. Esta ruminação espiritual eleva a nossa foi pela operação do Espírito Santo.

O fim principal do Sacramento é a memória da morte de Cristo, a qual Ele nos confiou em Sua última despedida. Esta lembrança deve permanecer profundamente gravada em nossa mente; pois as últimas palavras de um amigo prestes a partir costumam deixar em nós as mais duradouras impressões e afetos. Com efeito, quando lemos a respeito de Sua morte, sentimo-nos tocados; quando a ouvimos pregar, comovemo-nos ainda mais; meditarmos nela eleva essa afeição a um nível superior. No entanto, acima de tudo isto, contemplarmos, por assim dizer, a crucificação visível de Cristo diante de nossos olhos é o que mais profundamente nos comove.

De tal recurso valeu-Se o Senhor em Sua sabedoria para que d'Ele não nos esquecêssemos — assim como outrora Deus Pai, após o grande dilúvio que inundou a terra, estabeleceu o Arco-Íris como memorial de nossa libertação das águas. E, tendo alimentado sobrenaturalmente os israelitas com o Maná celeste, ordenou que uma urna cheia dele fosse guardada na

Arca do Testemunho, como memorial de tão estupenda obra. Nós, tendo sido libertos pelo sangue de Cristo do dilúvio de nossos pecados, recebemos o Batismo para conservar em nós essa santa lembrança. E, sendo nós nutridos com o Maná do corpo de Cristo, ordena-se que pratiquemos este mistério a fim de perpetuar a Sua santa memória.

No tocante à união que subsiste entre Cristo e nós: visto que nada herdamos de Adão senão o que nos acarreta a morte, faz-se necessário que estejamos unidos Àquele que nos pode infundir vida e luz. O meio para alcançarmos essa união é este sacramento. E que união poderia ser mais íntima do que aquela que se estabelece entre o elemento que nutre e o corpo que é nutrido? Esta união, conquanto inexprimível por qualquer razão humana, deve ser recebida pela fé: de como Cristo, ao nascer da Virgem Maria, uniu a nossa natureza a Si mesmo. Esta mesma união possui todo reprobado para com Cristo, na medida em que Ele assumiu a forma humana; e, sob este aspecto, até mesmo os réprobos poderiam alegar certa comunhão com a carne de Cristo.

Onde reside, pois, a diferença? Em verdade, a distinção é esta: se um braço estiver ligado ao corpo, mas carecer de vida, sensibilidade e do influxo dos espíritos vitais, ele estará ligado exteriormente, mas não constituirá parte viva do corpo. Da mesma forma, os ímpios que vivem sem Fé não possuem a vida espiritual da alma; são inertes, meros apêndices sem vigor, e por isso não constituem verdadeiros membros de Cristo. Não devemos julgar suficiente estarmos unidos apenas à carne histórica de Cristo — como os Seus parentes consanguíneos, aos quais Ele Se referiu ao apontar para os que pela fé recebiam a Sua palavra, declarando: “Estes são minha mãe, meus irmãos e minhas irmãs” (Mt 12:49-50). Estes últimos

desfrutam da verdadeira união com Cristo; os primeiros possuem mera afinidade carnal com Ele na encarnação.

Por conseguinte, junto aos símbolos sagrados, Cristo é realmente comunicado ao verdadeiro receptor, e com Ele tudo o que Lhe pertence por direito na obra da redenção. E não devemos atentar unicamente para a nossa união com Cristo, mas também para a nossa mútua união com todos aqueles que pertencem ao mesmo corpo místico e que, por mais numerosos que sejam, comungam conosco. Pois isto a tudo prova, constituindo uma união de amor; em razão do que este mistério foi historicamente denominado Comunhão.

E visto que a nossa união com Cristo em nada enriquece a Deus — ainda que milhares de mundos de homens estivessem a Ele unidos —, Deus transferiu esse proveito ao nosso próximo. De sorte que (se me é permitido exprimir-me assim), do mesmo modo que Cristo nos serve de comida e bebida, também nós devemos servir, por assim dizer, de comida e bebida uns aos outros. Tudo o que possuímos em sabedoria devemos empregar em benefício dos ignorantes; tudo o que temos em santidade devemos consagrar para a edificação e ganho de outrem; e tudo o que possuímos em bens externos devemos comunicar ao próximo, conforme as suas carências e a nossa abundância. Assim seremos membros não apenas do corpo natural, mas também do corpo místico de Cristo.

Há ainda outra finalidade a considerar. Vemos que as criaturas sofreram diversas violências na natureza antes de se tornarem sustento para nós. O trigo é ceifado em sua madureza, debulhado na eira, triturado na moenda até perder a sua forma original e, finalmente, submetido ao calor ardente do forno para se tornar pão. De igual maneira, a carne de Jesus Cristo

padeceu atrozes tormentos, e o Seu sangue — como a uva espremida em seu estado mais viçoso — foi vertido de Suas veias sob duras aflições. Diante disso, nada sofreremos nós com Ele?

Não podemos descarregar a nossa indignação sobre os judeus, sobre Pôncio Pilatos, sobre Caifás e os demais, pois há muito morreram e se foram. E, para dizermos a verdade, eles não foram mais os algozes de Cristo do que o foram os cravos, a cruz ou o martelo. Foram os nossos pecados que O crucificaram; foram os nossos pensamentos vis, as nossas palavras corrompidas e as nossas próprias iniquidades que moveram Caifás, Pilatos e Judas a agirem, servindo como nossos prepostos e executores no ato de Sua crucificação. Portanto, assim como desejaríamos punir aqueles que foram apenas executores, e visto que trazemos em nós mesmos as culpas que principalmente O crucificaram, voltemos o nosso furor contra os nossos próprios pecados: processemos-los, crucifiquemo-los, preguemo-los na cruz, firamo-los de morte e sepulremo-los para sempre. Nisto devemos despender a nossa indignação.

Guardemo-nos de crucificar a Cristo novamente. Embora tal ato não possa ocorrer fisicamente — uma vez que os governadores e sumos sacerdotes do passado já não existem —, diz-se que O crucificamos espiritualmente quando, privando-O dos frutos de Sua morte, impomos-Lhe novas dores de tristeza. Pois, conquanto não tenha sido penoso para Cristo morrer a fim de alcançar o Seu propósito, ser privado do fruto de Seus sofrimentos inflige-Lhe, por assim dizer, uma dor renovada. Isto constitui a crucificação ativa; consideremos agora a crucificação passiva.

E este não é o cálice da Comunhão — pois para este apela o filho do trovão, o filho de Zebedeu —, mas o cálice da cruz, do qual o próprio Senhor bebeu. Este é o batismo com o qual devemos ser batizados, à semelhança do Seu: não com a água do Jordão — com a qual qualquer criança de sete dias pode ser lavada —, mas com o batismo da aflição, do qual nos cumpre provar (Mc 10:38). E, assim como Cristo ostenta hoje uma coroa de glória, mas antes carregou uma coroa de espinhos, da mesma forma nesta festa espiritual temos um cálice sem amargura; contudo, há também o cálice da amargura, o qual ou já bebemos, ou haveremos de beber, ou ambos. A participação deste último nos constrange à comunhão no primeiro. E certamente sofreremos: alguns experimentam a sua aflição no momento da morte e de forma íntima, o que se mostra extremamente penoso; melhor nos é suportá-la antes da morte e exteriormente. Pois, sem dúvida, haveremos de beber do cálice: se participamos de Sua glória, cumpre-nos igualmente participar de Suas aflições (Zc 12:10-11).

Contudo, assim como é salutar praticar esta provação antes, há outro autoexame ainda mais proveitoso que se lhe segue. O homem pode, pela aparência do solo, conjecturar que frutos brotarão e o que a terra produzirá; de igual modo, pelos ingredientes de um remédio, pode prever que efeito ele operará. No entanto, quando vemos o fruto despontar, a certeza é muito maior; e quando a purgação faz o seu efeito, podemos julgar com maior segurança a eficácia do remédio.

E porque as disposições prévias de arrependimento de obras mortas, fé em Cristo e amor para com os homens podem por vezes nos enganar, convém — para dirimir qualquer dúvida — examinarmo-nos depois da participação: se ouvimos a Palavra com maior júbilo, se nos empenhamos pela justiça da

fé com maior firmeza e se reduzimos a conta de nossos pecados em relação ao que dantes eram. Estes sim são frutos consoladores da sinceridade de nossos corações.

Ora, se alguém objetar que estes sinais antecedentes (cujo início está no arrependimento e na dor pelo pecado, e cujo fim se coroa no amor) bem como os frutos que se lhes seguem são de fato excelentes, mas que, ao perscrutar-se a si mesmo, sente-se mais desanimado do que encorajado, a este respondo: se o homem possuísse o arrependimento e a fé de modo perfeito e pleno, não necessitaria comungar com os santos. Pois estes mistérios foram instituídos justamente para socorro daqueles que padecem de privações; portanto, ninguém deve desanimar-se de se aproximar da Mesa por causa de suas imperfeições. Zele apenas por isto: que tudo o que fizer, faça-o, se não de modo perfeito, ao menos com sinceridade de coração.

Com efeito, é certíssimo que, pelo rigor de nosso autoexame, deveríamos partilhar da agonia de Cristo a ponto de suar sangue e, se possível fosse, ver-nos cobertos de gotículas de sangue. Todavia, a natureza humana não pode ser constrangida a tal extremo, devido ao suor frio e ao arrependimento gélido que habitam em nós. Por esta razão, Cristo foi conduzido a esse suor sob o calor de uma terrível aflição. Digo que Cristo, ao suportar tal agonia, tornou-Se não apenas a propiciação pelos nossos pecados, mas também pelas imperfeições que maculam as nossas melhores obras (visto que Ele operou o bem de forma absoluta). Por isso Cristo submergiu nestes banhos de agonia, para que a Sua perfeição no sofrimento satisfizesse pela nossa imperfeição no bem fazer.

Devemos nos apegar tanto mais a isto porque, se não logramos nos conduzir de pronto ao primeiro grau de contrição,

não devemos hesitar em buscar ao menos o segundo grau: a saber, entristecer-nos por não conseguirmos nos entristecer mais. Se alcançarmos isto, ser-nos-á suficiente. E sobre todos os que se prepararem desta forma em verdade recairá aquela oração de Ezequias, registrada em 2Cr 30:18-19, suplicando que o Senhor supra a medida de sua retidão e perdoe os pecados daqueles que preparam todo o seu coração para O buscar.

E isto basta quanto à provação antes e depois da Ceia do Senhor.

FINIS.

SEÇÃO XI. Um Tratado do Temor de Deus.

A linguagem de Moisés no Sl 90:11 assinala com veemência a escassez daqueles que verdadeiramente temem a Deus, ao indagar: “Quem conhece, Senhor, a força da tua ira?”. Sabemos que aquilo que se indaga e procura não é conhecido por quem pergunta; do contrário, a interrogação seria vã e supérflua, pois a própria natureza e finalidade de uma pergunta visa ao acréscimo de conhecimento sobre algo que não se conhece de forma suficiente. Desse modo, é evidente que Moisés conhecia pouquíssimos que temessem a Deus retamente.

Em geral, este modo de interrogação faz-se mui necessário no tocante às realidades divinas, porquanto estamos escassamente familiarizados com elas; ao passo que, em relação ao mal, nenhuma pergunta ou inquirição carece de ser feita, visto tratar-se de algo que se apresenta com fartura aos olhos, ouvidos e corações de todos os homens — e, como a experiência cotidiana o demonstra, até em demasia.

Se passarmos da época de Moisés para a de Davi, veremos que este formula idêntica pergunta no Sl 15:1: “Senhor, quem habitará no teu tabernáculo...?”, como quem testemunhava uma profunda escassez de homens que trilhassem esse caminho, deparando-se antes com o oposto; e no Sl 14 demonstra que todos se desviaram e todos se corromperam, não havendo necessidade de questionamento sobre tais pessoas. Avançando ainda mais até os dias de Isaías, constatamos que a sua linguagem converge perfeitamente com a dos dois anteriores, ao exclamar em Is 53:1: “Quem creu em nossa pregação?”, como se raros pudessem ser encontrados que dessem crédito às suas palavras. Todavia, logo no primeiro

capítulo, não hesitou em declarar abertamente, sem qualquer rodeio, que todos estavam tão repletos de pecado que não havia parte alguma isenta de maldade, desde a planta do pé até a cabeça.

Se chegarmos ao tempo de Cristo, Ele indaga em Seus dias: “Quem é, pois, o servo fiel e prudente?”, ou “quando vier o Filho do Homem, porventura achará fé na terra?”. No entanto, quanto aos ambiciosos fariseus, bem sabemos que os havia em grande abundância. Se percorrermos a história desde Moisés até Davi, de Davi a Isaías, de Isaías a Cristo, e de Cristo até o fim do mundo, constataremos que a existência de homens que temem a Deus sempre foi matéria de raridade e espanto; ao passo que a multidão dos ímpios é fato que não admite qualquer controvérsia.

E não devemos aqui cogitar que porventura houvesse muitos que temessem a Deus em segredo, sem que os outros lhes conhecessem o coração. Pois o próprio Deus, o esquadrinhador dos corações, assevera o mesmo que os Seus profetas, como declara Isaías em Is 59:4, 16: “Ninguém há que clame pela justiça, ninguém que dispute pela verdade... E viu que ninguém havia, e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor”. Ademais, este transbordo do mal não se observa apenas nas pessoas, mas os próprios tempos se mostram repletos de corrupção.

Em Gn 6:5-6 diz-se que toda a imaginação dos pensamentos do coração do homem era má continuamente, ou todos os dias. O Profeta Miqueias assevera que os homens passam a noite inteira tramando o mal (Mq 2:1). Desse modo, tendo Moisés descrito a maldade de todo o dia, e Miqueias, a de toda a noite, podemos afirmar que todo o tempo se acha

impregnado de pecado. Se dispomos de algum tempo para o bem, este se limita às nossas intenções, e não à prática; pertence ao porvir, e não ao tempo presente. Em razão disso assevera o Profeta que as aves do céu — a cegonha, a rola e outras — conhecem o tempo de sua migração, mas nós jamais encontramos tempo para praticar o bem (Jr 8:7).

Além de tudo isto, assim como todas as pessoas e épocas, também todos os lugares se acham maculados por este mal. O próprio céu não esteve livre da impiedade, visto que dali caíram os anjos rebeldes. O Paraíso não foi poupado; o Templo não esteve isento de flagrante hipocrisia. A iniquidade excedeu até mesmo as nossas próprias ações, de sorte que Davi exclamou ao contemplar tamanha multidão: “Quem pode entender os próprios erros?” (Sl 19:12). Os nossos dias podem ser contados, como se lê no Sl 90, mas os nossos pecados são inumeráveis, sendo por isso comparados à areia do mar. Vemos, pois, que no tocante às pessoas, aos tempos, aos lugares e às ações, raros são os que praticam o bem; daí decorre a queixa e a interrogação dos homens de Deus a este respeito.

O fruto que havemos de colher desta constatação é este: ao depararmos com escândalos e motivos de tristeza, não testemunhamos nada além do que Moisés contemplou outrora, ou do que Davi, Isaías e o próprio Cristo presenciaram em seus dias antes de nós. Diante dessa comparação, podemos tirar proveito: se o tempo de Moisés foi uma época de aflição, e os dias em que vivemos são dias de paz, assombra menos ver a impiedade grassar nos tempos de paz do que nas eras de tribulação. Por essa razão, Lutero, ao discorrer sobre a indagação “quem conhece o poder de tua ira?” (Sl 90:11), responde: “Ninguém antes da aflição”. Com isso demonstra

que a tribulação deve nos conduzir de modo particular ao temor e, uma vez tomados de temor, devemos exclamar: “Senhor, que queres que eu faça?” ou, com Davi, indagar: “Que darei eu ao Senhor por todos os seus benefícios?” (Sl 116:12).

Visto que o Senhor Se lamenta do reduzido número daqueles que O temem, cumpre-nos zelar para aplacar esta queixa, evitando que ela recaia com justiça sobre as nossas cabeças. Nos dias de Moisés, ao menos restavam Josué e Calebe; no tempo de Cristo, Simeão e Ana. Cumpre-nos zelar para que haja ao menos um adorador verdadeiro, à semelhança do que ocorreu nos dias de Elias. Agindo assim, tornaremos vã a interrogação profética. E certamente, se desejarmos ser tais adoradores, poucos se oporão ao nosso intento. Pois, embora os nossos pecados sejam com razão chamados de enfermidade hereditária — e se assim não fossem, com afínco os adquiriríamos —, o conhecimento e o temor de Deus, conquanto não sejam hereditários, são valorizados por mui poucos homens.

Há, pois, grandioso motivo para temermos. Trata-se de um decreto do Parlamento eterno que ao homem está ordenado morrer uma só vez (Hb 9:27); e Jó assevera que a nossa vida é breve (Jó 14:1). Não ouvimos constantemente que homens de toda sorte trilharam este caminho? Todos os sábios, todos os amantes dos prazeres; nenhum patriarca escapou, nenhum profeta esteve isento. Os nossos próprios ouvidos o testemunham. Não sentimos diariamente a ausência de nossos entes queridos, quando a ceifa divina os arrebatou e a sepultura os encerra no silêncio? Ao nos dirigirmos à congregação, não caminhamos diariamente sobre as sepulturas dos homens — monumentos eloquentes da execução do juízo final? Não nos valem do provérbio comum “tão certo quanto a morte”? E,

contudo, os servos de Deus lamentam que não conhecemos a ira de Deus.

Inquestionavelmente, apesar de tudo, não a conhecemos. Moisés, no Sl 90, prova isto por duas razões: primeiro, ele suplica que o Senhor o instrua a esse respeito; ora, se já lhe fosse perfeitamente conhecida, tal prece seria supérflua. Em segundo lugar, ele argumenta a partir do efeito: visto que não se segue o temor, conclui-se que não há conhecimento da ira de Deus, pois a ausência de temor revela uma falta de fé nesta verdade. Se estivéssemos persuadidos de quão terrível é a ira divina, tremeríamos; se não tememos, é porque não estamos verdadeiramente persuadidos da gravidade da ira de Deus. Nas realidades naturais, não nos lançamos de bom grado naquilo que tememos, tampouco tememos o que não julgamos ser um mal. Por sabermos que o fogo consome e que a água afoga, dificilmente somos levados a nos lançar no fogo ou na água. Quanto mais deveríamos proceder assim nas realidades sobrenaturais, se verdadeiramente as temêssemos! Por conseguinte, ainda que conheçamos em parte a ira de Deus, não alcançamos o perfeito conhecimento dela que nos é exigido.

Cumpre-nos discernir que uma coisa é a estimativa humana sobre o conhecimento, e outra, o julgamento de Deus a esse respeito. Assim como Isaías apontou a diferença entre a nossa consideração acerca do jejum e o juízo de Deus sobre ele (Is 58) — pois se vemos um homem abster-se de alimento, julgamo-lo um jejuador piedoso, mas o Senhor decreta de outra forma —, do mesmo modo devemos distinguir entre o valor do conhecimento aos nossos olhos e aos olhos do Senhor. De nada nos serve alegar: “Citei esta passagem, li este livro, proferi esta instrução; logo, possuo o conhecimento”. Perante o tribunal

divino, isto de nada vale. Pois, assim como Ele julga o jejum, avaliará também o saber daqueles que pretendem superar os antigos rabinos dos judeus e sobrepujar os sábios dos gentios. E não nos cause espanto: pois, assim como se diz haver uma sábia ignorância e uma douda simplicidade, de igual modo há um conhecimento ignorante e uma insensata sabedoria. E esta última, hoje, domina o mundo inteiro.

E para que procedamos sob firme autoridade, extrairemos a nossa prova de Is 6, passagem esta que, por sua excelência, é frequentemente reiterada no Novo Testamento — em Mt 13, At 28 e Rm 11. Ali constatamos que pode haver um ver que não enxerga, e um ouvir que, na verdade, nada ouve. Exatamente assim pode haver um conhecimento que, diante de Deus, não é conhecimento algum. A razão disso está em que o Senhor não reputa como saber aquilo que não se traduz em prática; se possuímos vasto conhecimento, mas não o praticamos, ele de nada vale no livro de Deus. E, assim como esta é a medida de Deus, é também a nossa estimativa comum: se nos esmeramos em ministrar preceito sobre preceito a alguém que nenhum proveito tira de nosso esforço, por mais atento que ele pareça, nós o consideramos e acusamos como se nada tivesse ouvido.

Melhor é não ter vela alguma a ter uma vela sob o alqueire; e o Senhor não reputa por luz aquela que se oculta sob o alqueire. Melhor é não ter ouvidos a ter os ouvidos de um ídolo. Com efeito, não são ouvidos, porquanto não ouvem. Da mesma forma, não é verdadeiro conhecimento aquele que se divorcia da prática. Enganamo-nos redondamente em nossas contas ao supormos possuir grande conhecimento pelo simples fato de termos ouvido muitos sermões. Visto que a eles não aliamos a prática, bem podemos riscar da conta muitos desses

sermões; pois, na estimativa divina, tais pregações nos são como se nunca tivessem existido.

Costumamos proclamar que a privação dos meios de graça é sinal evidente da maldição divina. Não o nego, pois assim o é de fato. Contudo, cumpre saber que, proporcionalmente à excelência do benefício, se dele nenhum proveito se tira, segue-se um juízo singular ali onde ele foi abusado. E um castigo ainda mais severo aguarda tal lugar do que o outro; porquanto melhor houvera sido nunca ter ouvido a ter escutado tanto e nunca ter frutificado. Diz Davi: “Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos” (Sl 119:71). De fato, sob este aspecto, a aflição lhe foi proveitosa. Contudo, para alguns não é proveitoso ser afligido; pois, não colhendo fruto da provação, tornam-se ainda piores por causa dela — à semelhança da mulher de Ló, que foi convertida em estátua de sal (Gn 19:26).

Duas coisas impedem o amadurecimento do conhecimento: a primeira é que muitos jazem em soberba ignorância, persuadindo-se falsamente de que sabem o que na verdade ignoram; a segunda é a dureza de coração, pela qual se obstinam contra o real proveito do saber. Pois ou supomos possuir uma ciência profunda, ou nos tornamos insensíveis como pedras: de sorte que, se são proclamados os juízos de Deus, não tememos; se nos são oferecidas as Suas promessas, não nos alegramos; e, seja o que for que se diga, não nos movemos. Em um coração com esta disposição, por mais conhecimento que nele se derrame — ainda que pareça transbordar —, o proveito real reduzir-se-á a nada.

Visto que nos recusamos a contemplar a ira de Deus em sua realidade, haveremos de contemplá-la em Sua justiça; pois,

pela ira divina, a justiça nos é manifestada. E certamente, ainda que outros atributos de Deus por vezes não nos afetem, a Sua ira nos desperta. Nossas afeições costumam ser ativadas por seus respectivos objetos — assim como o temor é despertado pela ira. Ora, se tememos a indignação de um homem — e especialmente a ira de um monarca, que nos parece assunto de tamanha gravidade —, o que diremos da ira de Deus? Com ela haveremos inevitavelmente de nos deparar, seja para sobre nós a suportarmos, seja para com Ele nos reconciliarmos a fim de a evitarmos. Portanto, para nos revelar esta ira, compete ao ofício de Moisés conduzir-nos à percepção de nosso pecado, colocando-nos sob o domínio da Lei e daquela condenação que ela nos prescreve, a fim de que estimemos em maior grau a misericórdia que nos é oferecida em Cristo.

A razão pela qual não estimamos a misericórdia é que fazemos pouco caso de nossos pecados; e avaliamos levemente as nossas culpas por não guardarmos o devido temor reverente em relação à ira de Deus contra o pecado. Pois a nossa percepção da culpa corresponde exatamente ao nosso temor de Sua ira. E assim, valorizamos a paz conforme avaliamos a guerra, e estimamos a fartura conforme estimamos a escassez. Se considerarmos retamente a penúria e a fome de Samaria ou de Edom, onde cabeças de jumentos eram vendidas por preço exorbitante (2Re 6:25), seremos capazes de apreciar devidamente a fartura. Por conseguinte, em nossas aflições, devemos atentar para a ira de Deus, que delas é a causa primária. Não devemos nos deter no sofrimento em si, mas sim olhar constantemente para o nosso pecado; sem cuja percepção passaremos o tempo a murmurar contra os juízos de Deus, como Jonas, ou cairemos a amaldiçoar o dia de nosso

nascimento, como Jó, distanciando-nos por completo de colhermos qualquer proveito real da provação.

Eis por que não sabemos como tirar proveito sob o peso da cruz: porque desconhecemos as causas que a motivaram, detendo-nos apenas nos efeitos. Lamentamos a dor sofrida sem atentar para a sua origem — o que se evidencia quando o homem, ao ser afligido por um ímpio, enfurece-se contra o opressor, mas não eleva os olhos a Deus. Procede ele como quem contendesse com a vara que o fustiga, sem atentar para quem a empunha. Pois o ímpio nada mais é do que a vara do Senhor ou o bastão do diabo; nós contendemos com o golpe sofrido, mas não com o inimigo que o desferiu. E da mesma forma que procedemos em relação às ciladas do diabo, agimos perante as visitas do Senhor: de bom grado quebraríamos a vara, mas recusamo-nos a nos humilhar perante Aquele que a empunha.

E de que nos vale tal conduta? Ainda que pudéssemos arrancar a vara das mãos de Deus, que vantagem teríamos contra Aquele que logo em seguida empunharia a espada, o malho ou uma grande rocha — com os quais não se limitaria a nos fustigar, mas nos despedaçaria por completo? Revela-se, pois, extrema sabedoria não contender com o efeito, mas buscar remediar a causa. Há, pois, duas coisas que nos vendam os olhos, impedindo-nos de enxergar a ira de Deus em nossas aflições: a primeira consiste em não sermos consumidos de imediato pela indignação divina. Enquanto os homens definham a passos lentos, em vez de serem abatidos por um único golpe, afastam de si qualquer suspeita de que Deus Se ache irado contra eles, e nunca Lhe reconhecem a ira até que esta se apresente como o emissário da morte.

Alguns são consumidos por apoplexias, caindo mortos repentinamente; outros definham por febres héticas, desvanecendo-se parte por parte. Isto se mostra tanto mais perigoso por ser menos perceptível, antes nos matando do que nos advertindo. Tão perigoso é desmoronar aos poucos e tão fácil morrer de tísica quanto cair morto por um colapso súbito; portanto, não é prudente aguardar o golpe fatal. A outra causa é esta: assim como para muitos os juízos de Deus são, em verdade, misericórdias decorrentes de Seu amor para conosco, também — embora não o percebamos — muitas de Suas misericórdias nos são enviadas sob a forma de juízo, procedendo de Sua ira. Assim assevera o Profeta que o Senhor deu ao seu povo reis em Sua ira (Os 13:11); e contudo, alguns foram bons governantes.

O propósito de tudo isto é demonstrar-nos que a ira do Senhor opera n'Ele exatamente quando os Seus afetos não surtem o devido efeito em nós. É por isso que, por não nos desagradarmos de nós mesmos por causa de nossos pecados, Deus Se desagrada de nós; por não rejeitarmos as nossas corrupções, Deus manifesta a Sua rejeição a elas; por não nos irmos contra nós mesmos, Deus Se ira contra nós. O pecado merece a ira, e o pecado haverá de sofrer a punição, seja por nossas próprias mãos, seja pelas mãos do Senhor. Se nos irmos contra nós mesmos, movidos de santa indignação perante as nossas culpas, como se lê em 2Co 7:11, o Senhor aplacará a Sua ira; se nos julgarmos a nós mesmos, Deus não nos julgará.

Se em some momento passamos a julgar a ira de Deus, avaliamo-la como se fora coisa inofensiva. Ora, toda ira opera efeitos; até a indignação do mais humilde nos move; e oxalá temêssemos a ira do Senhor tanto quanto tememos a ira dos

príncipes! Contudo, concebemos a ira divina à semelhança de nossa falsa imagem de Sua misericórdia: tememo-Lo como se possuísse apenas uma irritação tola e escasso poder, e Lhe agradecemos por Suas graças como se fosse um Deus mesquinho e um doador sovina. Quando nos dedicamos aos deveres para com Deus, nós os abreviamos, barganhamos com Ele, medimos e limitamos as nossas ofertas, como se quiséssemos apenas saldar uma conta mútua; mas, no tocante à nossa maldade, mostramo-nos pródigos e audazes. Procedemos como se o Senhor fosse cego, incapaz de contemplar as nossas ações, ou como se os Seus braços estivessem atados por um pano, impedindo-O de nos desferir golpes.

Ora, “a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1Co 1:25); sim, a própria fraqueza divina supera a força humana. Mas como compreenderemos esta aparente fraqueza? No homem, consideramos fraqueza aquilo que o seu dedo mínimo mal consegue tocar. Pois bem: se atentarmos para o que seria o “dedo mínimo” de Deus, consideremos o testemunho dos sábios e magos do Egito. Diante daquelas raras e terríveis pragas que assolaram a terra, eles foram constrangidos a declarar: “Isto é o dedo de Deus” (Êx 8:19). Consideremos as aflições de Jó, nas quais perdeu bens, rebanhos e filhos; e o diabo as descreve meramente como um toque do dedo divino (Jó 1:11; 2:5); e contudo, este toque bastou para tudo arruinar. O sopro ou fôlego é tido no homem por coisa frágil. Contudo, se atentarmos para o próprio sopro do Senhor, veremos que tudo o que há no homem é como a erva, e a sua glória como a flor da erva, que murcha quando o sopro do Senhor sopra sobre ela (Is 40:7). No Sl 18:8 assevera-se: “Das suas narinas subiu fumaça, e da sua boca saiu fogo devorador”. Vemos, assim, quão tremendo é o poder de Suas

próprias narinas, e quão magnífica é a aparente fraqueza de Sua ira.

Se esta é a fraqueza de Deus, o que será a Sua força? Aquela força que se manifesta quando Ele é comparado a um gigante ou a um leão: ao gigante, o maior entre os homens; ao leão, o mais forte entre os animais. Se Ele Se mostra tão magnífico quando nos toca apenas com o Seu dedo, quão terrível não será quando nos desferir golpes com o Seu braço poderoso? O que diremos, pois, quando Ele Se apresentar não apenas com o Seu vigor intrínseco — em Seu dedo, em Suas narinas e em Seu braço —, mas plenamente armado? Quando estiver com a Sua espada afiada e o Seu arco retesado contra nós, como guerreiro preparado para a batalha (Sl 7:12)? De sorte que, se nos acharmos distantes, Ele dispõe do arco para nos alcançar; se estivermos próximos, dispõe da espada para nos ferir.

Mas por que falamos de espada ou de arco, quando Ele possui não apenas estes instrumentos, mas soberanias e exércitos inteiros de criaturas às Suas ordens? Fogo, saraiva, raios, sim, até as mais ínfimas e vis criaturas, como piolhos e moscas, prontas para nos acometer. De modo que, se a espada não nos alcançar, o Seu raio nos atingirá; se a saraiva não acabar conosco, o fogo nos consumirá; se o fogo não arder, o Seu malho nos esmagará. Para além de tudo isto, Ele dispõe de Seus carros — milhares de carros que se movem no redemoinho — e de Suas colunas de fogo para nos aterrorizar. E mais ainda: conta com milhares e dezenas de milhares de anjos sob as Suas ordens para tudo devastar ao Seu aceno. Tão imensa é a ira do Todo-Poderoso! O Seu poder nunca falhará; todas as Suas obras O secundarão e, quando uma houver cumprido o seu desígnio, outra se lhe seguirá. De sorte que nós

certamente nos cansaremos de sofrer antes que Ele Se canse de nos afligir ou Se mostre fadigado em nos punir.

Mas deixemos de lado a Sua força e consideremos a nossa própria fragilidade. Somos meramente como vasos de oleiro: se colidirmos uns contra os outros, romper-nos-emos, reduzindo-nos a cacos ao menor impacto. E se o Senhor erguer contra nós a Sua vara, seremos reduzidos ao pó; se uma simples vara não bastar, Ele tomará uma barra de ferro e a lançará contra nós (Sl 2:9). Em suma, o leão recua perante Ele; o unicórnio O serve; o Beemote é dominado por Sua espada e o Leviatã não Lhe pode resistir. E a diferença entre o poder de Deus e o poder dos príncipes é incomensurável: os príncipes apenas podem infligir danos ao corpo, e toda a sua ira se limita a esta vida; o Senhor, porém, alcança tanto a alma quanto o corpo, e a Sua ira arde com igual ou maior furor na vida por vir do que nesta existência terrena.

O nosso conhecimento deve culminar no temor. Que a ignorância é atrevida, isto nos é evidente; contudo, que os homens experimentados tremam diante das calamidades iminentes ou já presentes é o que Moisés considerava tão admirável a ponto de asseverar, no Sl 90, que a nossa falta de temor é prova irrefutável de nossa ignorância. E não causa espanto; pois apraz ao Espírito Santo sempre associar o temor à sabedoria de Deus, seja como o seu princípio, seja como a sua consumação. Que ele constitui o princípio da sabedoria nos é evidente em Pv 1:7; que ele representa o fim da sabedoria manifesta-se em Ec 12:13. De sorte que não é possível possuir a verdadeira sabedoria sem este princípio, tampouco alcançar a sua perfeição sem esta consumação.

Ora, as razões pelas quais não tememos são estas: ou porque somos sábios aos nossos próprios olhos, ou porque possuímos um coração de pedra. Ambos os males são curados em nós pelo santo temor. O primeiro ponto prova-se em Pv 28:14, onde se assevera: “Bem-aventurado o homem que continuamente teme; mas o que endurece o seu coração cairá no mal”. Ali se estabelece uma clara oposição entre o temor de Deus e a dureza de coração. O segundo ponto manifesta-se em Pv 3:7: “Não sejas sábio a teus próprios olhos; teme ao Senhor”, onde constatamos que o temor de Deus corrige a nossa presunção. Afirmamos, pois, que aquele que não teme padece ou de soberba ou de obstinação; e, possuindo ambas as coisas, carece de sabedoria e, por conseguinte, evidencia-se desprovido do verdadeiro conhecimento.

O temor e a sabedoria elevam o homem à sua verdadeira dignidade. O temor constitui também a conclusão e a salvaguarda de todo amor genuíno; porquanto o amor, desprovido de temor, torna-se presunçoso e, caindo na presunção, perde o seu Amado. Vemos isto no Cântico dos Cânticos, onde a Igreja lamenta a perda de seu Amado enquanto adormecia. Por esta razão assevero que, assim como no princípio cumpre-nos guardar o temor da ira, no fim devemos guardar o temor da perda. Em Hb 12, tendo o Apóstolo discorrido anteriormente sobre o amor, para evitar que levanamente o percamos, encerra a sua exortação com uma sentença solene, selando-a com uma advertência inflamada: “Porque o nosso Deus é um fogo consumidor” (Hb 12:29).

Sobrou a todos nós, desde Adão, o temor e o ímpeto de nos escondermos após termos pecado. Em razão disso, o ladrão treme diante do magistrado, e até uma árvore seca infunde

temor na consciência do idólatra supersticioso. Sim, posso asseverar que até os demônios tremem (Tg 2:19). O pecador que rejeita o temor após pecar justifica o próprio diabo neste aspecto. Ao desprezar as advertências do juízo divino, supera a todos em maldade — quer na Igreja, quer fora dela, quer no próprio inferno. E não nos cumpre simplesmente temer de qualquer maneira, mas guardar uma justa medida de temor. Podemos declarar, como Abraão em Gênesis: “Certamente não há temor de Deus neste lugar” (Gn 20:11), e onde não há temor, não há lugar para a Igreja de Deus.

Pela misericórdia de Deus, ainda não podemos fazer tal afirmação sobre nós. Pois, embora a Igreja em nossos dias não seja tão irrepreensível quanto deveria ser — e seja, de fato, repreensível perante o que lhe cumpre ser —, não podemos negar que o temor de Abraão ainda encontra abrigo entre nós; a impiedade ainda não alcançou o extremo de extinguir por completo o temor de Deus em nosso meio.

Não obstante, nisso nos mostramos mui deficientes: o nosso conhecimento e temor de Deus não guardam proporção com o ensino que recebemos e com a justiça divina. Pois se confrontarmos a constância de nossa instrução com a inconstância de nosso aprendizado, e contemplarmos os sinais dos juízos de Deus gravados nas entranhas das nações ao nosso redor, pesando tudo isto com retidão, o nosso temor revelar-se-á nulo e o nosso saber escasso. O Senhor tem justa causa de contenda contra nós; pois, ainda que possuamos um temor superficial, este em nada guarda proporção com a gravidade dos tempos.

Portanto, assim como não basta que as nossas meditações na Lei sejam meros pensamentos vagos, mas

cumpra que em vigor e consolação superem todas as nossas cogitações terrenas; e assim como Deus requer não apenas um ouvir distraído, mas tamanha atenção que nada escutemos com maior zelo e cuidado; de igual modo devemos temer com a devida correspondência. E a ausência dessa justa correspondência é o que nos condenará, porquanto os nossos afetos não se harmonizam com a santidade de seu objeto.

Contudo, contemplemos um mal ainda maior: assim como não elevamos os nossos afetos ao nível exigido pelas coisas celestes, nós os estendemos em demasia nas coisas mundanas. Não tememos a Deus o bastante, mas tememos o mundo excessivamente; amamos a Palavra de forma escassa, mas amamos os nossos proveitos com demasia. Há, pois, um profundo descompasso em ambos os lados: o nosso temor nas coisas espirituais é deficiente; nas coisas terrenas, desmedido. E certamente, ainda que nos fosse impossível guardar perfeita medida nas coisas mais sublimes (o que, se lográssemos fazer, servir-nos-ia de grande escusa), o fato de temermos tanto as realidades mundanas e temermos tão pouco as divinas deparará gravemente contra nós.

Ademais, que o nosso temor não guarda proporção com a ira de Deus evidencia-se pela estreiteza com que o medimos habitualmente. Pois ao passo que a Escritura estabelece o temor do Senhor como a justa medida para nos desviarmos do pecado (Jó 1:1), nós, ao tornarmos leve o nosso temor de Deus, tornamos também superficial o nosso desvio do mal. Vemos, assim, que o Senhor exige uma ordem nas coisas: primeiro devemos buscar o Seu reino, e depois as demais coisas em seu devido lugar. Ao mantermos em tão baixa maré o Seu santo temor, subscrevemos contra nós mesmos a acusação que Ele tem a nosso respeito.

SEÇÃO XII. Um Tratado sobre a Hipocrisia.

Há duas coisas requeridas na Religião: a substância e a cerimônia ou máscara, e nós temos apenas uma delas. A primeira é uma coisa maravilhosamente difícil, a saber, circuncidar nossos corações, fazê-los sangrar; nós achamos que basta ouvir, pois as opiniões arrastam as pessoas comuns: pois elas são como crianças, se veem um rosto no espelho, pensam que é um homem e começam a falar dele e para ele. Essa audição cerimonial, em tempos passados, de vez em quando (como dizem) fazia bem; mas agora, como alguém diz, não é nada além de ouvir, comer, beber e falar. Que um espetáculo é suficiente para mover a multidão, fica evidente por Absalão, que, embora fosse uma besta, ainda assim, quando fez um voto e Jezabel proclamou um jejum, o povo os seguiu e disse que a Rainha se tornara religiosa e Absalão era digno de um reino; e assim, hipócritas semelhantes têm a reputação de homens justos. O dever de repreender é o dever de um homem bom, e sob a lei era assim: o acusador costumava lançar a primeira pedra. O ladrão na cruz disse: "Tu, estando na mesma condenação, ousas reprovar?" Aqui há um caso de *premunire* [sentença de perda de bens ou direitos], o que isso é na terra nós sabemos, e o que é no Céu saberemos naquele dia; exemplos temos em Arão, Nadabe, Abiú, Uzá e Acazias.

Visto que há tantos olhos doentes e tão poucos cirurgiões, é bom esperar na repreensão até que tenhamos lançado fora as nossas traves; e isto é apenas razoável, que um homem deva primeiro curar a si mesmo. Mas porque muitos não esperam por tudo isso, Cristo se enfurece, por assim dizer, e chama-os de hipócritas; onde, diz Crisóstomo, ele mostra-se

muito irado; pois quando ele usa esta palavra ou algo semelhante, como "Ó servos maus!", "Ó sepulcros caiados!", "Raça de víboras!", não é contra qualquer ofensa pequena que ele fala. O nome de Hipócrita é abominado por Deus e pelos homens. Como foi dito de Otávio e Antônio, eles odeiam um tirano, mas não a tirania; assim pode ser dito de nós: odiamos o hipócrita, mas não a hipocrisia. Assim, podemos ver primeiro na hipocrisia real: não podemos suportar um pano grosso com uma barra fina, nem fruto belo por fora e podre por dentro, nem madeira reta por fora e oca por dentro, nem pesos leves e mercadorias falsas. Na Comunidade, aquele que envenena um homem e aquele que o mata com a espada não recebem o mesmo castigo, porque o primeiro é maior, já que o mata hipocritamente. Na Igreja, os pais, estabelecendo punição e penitência para diversos pecados, determinaram para a hipocrisia a maior punição, *in prima quadragesima* [na primeira quaresma]. Pedro foi primeiramente movido a isso contra Ananias e Safira (At 5). Paulo, entre muitos perigos, estabelece isto como um dos principais: que ele estava em perigo entre falsos irmãos. S. João Evangelista, em seu Apocalipse, profetiza que a Igreja nunca seria mais afligida do que por aqueles que tinham rostos e cabelos de mulheres e dentes de Leões. As queixas dos Profetas contra eles são manifestas em seus termos: Panelas com escuma, bolos cozidos de um lado só, Avestruzes com grandes penas e de pouco voo. Mas Cristo invectiva especialmente contra eles, pois ameaça sete ais contra aqueles que são hipócritas, onde nunca é encontrado fazendo o mesmo contra outros pecadores. Para olhar mais claramente para este pecado, ele é oposto a Deus Pai: Ele é um ser, esta é uma certa aparência; Deus é um, e fez do homem um, mas o hipócrita faz a si mesmo dois, um coração e outro coração; o hipócrita deixa um pequeno lugar

para a religião, e o resto ele deixa para aquilo que ama mais do que a religião, e nesta divisão ele dá o pior para Deus, isto é, aquilo que é exterior; ele se opõe a Deus em seu coração. Deus é verdade, e o hipócrita tem uma profissão mentirosa, profanando o nome de cristão e seduzindo os simples, o que é uma nota comum dos hipócritas; assim, eles são enganadores e enganados, como Absalão e Ismael. Eles são opostos a Deus em sua bondade: Ele é bom, eles são maus por dentro e, o que é pior, cobrem o mal com o bem. Podemos ver a detestação de Deus por este pecado através de sua expostulação (Sl 50); ele a abomina de tal modo que proibiu ao seu povo a própria semelhança e representação dela, como uma veste de lã e linho, uma besta de casco fendido e cereal misturado: "Não entrará na minha presença", e no Salmo ele diz que não podia suportar a visão dele; e certamente a punição mais segura contra qualquer pecado é ter a nossa porção com os hipócritas.

Para que possamos conhecer um hipócrita, devemos julgá-lo pelo que está dentro. Um pai diz: devemos olhar para ele por fora; por exemplo, na admoestação, o seu exterior é: "irmão, lance fora o argueiro", mas levante a sua pálpebra e você verá que o olho dele não condiz com a língua. A palavra siríaca significa "tomador de face" [aquele que assume uma aparência]; sua máscara pode ser a admoestação, mas é uma máscara quebrada, pois um homem pode ver a madeira através dela, e assim ele é um hipócrita impudente. Quanto à natureza da hipocrisia, ela pode ser descrita assim: é um sinal sem a coisa significada; como quando alguém puxa um capuz sobre a cabeça, ou a cabeça para fora de um capuz, e não tem aprendizado, sendo o capuz feito para significar muito aprendizado; e assim há mais desses hipócritas do que imagináramos. Nós temos o manto de Elias, mas onde está o

seu espírito? Esta hipocrisia é um pecado de muitos cantos e graus. Em todo pecado há um mistério de iniquidade e uma substância grosseira de maldade, um fermento e uma massa de iniquidade; assim, podemos dividir a hipocrisia no mistério e na massa. O mistério apodera-se de todos nós, e há dois tipos dele. Os primeiros e melhores superestimam a si mesmos, mas fazem algo; eles elogiam mais em palavras do que na prática. Os outros são aqueles que dizem e não fazem, esta é a hipocrisia grosseira. Além disso, a hipocrisia tem dois fins. A glória de Deus deveria nos mover suficientemente, mas devemos ter algum outro fim com ela, e isto existe nos melhores homens. Agostinho diz que há poucos que não estejam manchados com hipocrisia, mas porque seu passo era largo demais, ele se corrige e diz a seguir: "Certamente, nem um sequer". A massa ou hipocrisia real tem quatro tipos. O primeiro tipo é quando um homem se deleita em fingir qualquer bem ou intenção de qualquer mal. O segundo tipo é uma hipocrisia perigosa e fechada, embrulhada em pele de ovelha, que nenhum homem pode espioná-la, exceto aquele olho que tudo vê, e se algum homem o chama de hipócrita, ele se coloca em perigo, porque não é capaz de provar manifestamente que ele o é. Dele Cristo dá um aviso; pois este hipócrita está isento da disciplina da Igreja: a regra é clara em Timóteo: os pecados de alguns homens vão adiante para o julgamento, e os pecados de alguns seguem depois. Mas conosco, se a paz continuar por muito tempo, desejaremos com Atanásio: "Eu gostaria que todos fossem hipócritas". O terceiro tipo é um hipócrita despido; ele é chamado de hipócrita queimado pelo sol, que julga todos os homens como ele era antes de ser exposto. Ele chega a ser despido por este meio: Agostinho diz, quando lhe é retirado aquilo que esperava, logo aparece se é um lobo em pele de ovelha. Podemos ver isso nos

assuntos da Igreja, quando se espera por promoção. O quarto tipo está em pele de ovelha, mas suas orelhas ficam de fora por tanto tempo que ele é facilmente notado; estes são os hipócritas de máscara quebrada. Para bancar o hipócrita, assim, não é necessário grande inteligência: pois um asno pode ser tal hipócrita, e qualquer um que possa pegá-lo pelas orelhas pode dizer: "Tu, hipócrita".

Há sete notas para conhecer um hipócrita ao repreender alguém. Primeiro, eles espionam coisas, eles não as curam. Hipócritas são observadores estreitos; em hebraico são chamados de espiões, peneiradores ou crivadores. O homem cristão preferiria que elas fossem expulsas (se forem enfermidades) e ele nunca as veria, como Sem e Jafé cobriram a nudez de seu pai e não a viram; mas Cam viu e riu dela. Estes são aqueles que proclamam as imperfeições dos homens; era o elogio de José fazer o contrário; ele não faria de Maria um exemplo público, embora tivesse grande suspeita. (Mt 7:3)

A segunda nota é: eles nunca se ocupam consigo mesmos; eles não têm tempo para fazê-lo, ou têm pouco deleite nisso. Se alguém lhes fala de qualquer falha em seu olho, eles respondem: "Por que, parece-me que seus olhos também não estão bem". Primeiro, ele dirá que eles não têm nada, ou negará em parte, ou se admitir, dirá que não atrapalha sua visão, ou que não é tão ruim quanto poderia ser; e esses hipócritas não lançam fora falhas, senão aquelas que são atenuadas; e é uma regra na Retórica: todo pecado pode ser atenuado.

Uma terceira nota é que ele dirá: "Meu irmão". O paráfrase caldeu nos aconselha a observar: ele é um hipócrita, pois observe sua língua. Eles saúdam seu irmão pela manhã com voz alta; assim os fariseus disseram a Cristo: "Sabemos

que és um homem bom e não tens respeito por pessoas", mas em sua concepção, e entre si, diziam: "Ele é um galileu".

A quarta nota é esta: eles vêm com um *Sine* [Deixa-me/Permite-me], deixem-no em paz; eles não farão nada senão como você permitir que façam; tudo é amor e caridade. Mas se ele tiver autoridade, não deve dizer: "Permita-me", ele deve lançá-lo para fora; pois diz um: "Você não fica a implorar à sua besta, você a empurra com um chifre"; assim, você deve admoestar, quer ele queira ou não. Não, eles dirão, *Sine me* [deixa-me], permita-me, ele precisa fazê-lo.

Um quinto sinal é o do efraimita hipócrita. A tribo de Efraim disse: "Por que não fomos chamados?". Mas os bons homens não se importam com quem faz, desde que seja feito. Os outros mostram que não desejam o fato, mas a glória do fato. Assim, eles espionam e não conseguem lançar fora nenhum pecado; é vinte contra um que tais hipócritas não consigam sequer espionar os pecados corretamente, e ainda assim prometerão uma expulsão também; eles assumem mais do que podem fazer.

A sexta nota é: eles se ocuparão com argueiros. Pode-se perguntar se esses sujeitos não têm vizinhos com traves em seus olhos? Certamente têm: por que então eles falam assim com aquele irmão que tem o argueiro? Esta é uma nota infalível de um hipócrita: pois como diz Crisóstomo, era mais para fazer um jogo de interrupção, ou para que ele parecesse muito justo; pela qual causa ele espia o melhor para repreender, para que possa parecer tão bom quanto ele. Pois o caminho para tornar os homens iguais é ou crescer mais alto ou, porque não podia fazer isso, ele puxará o outro para baixo; o que, de fato, ele não pode fazer. Mas os hipócritas, pensando que suas

línguas são suas, serão ousados para fazê-lo com aqueles que são bons.

A última nota é (Mt 23): Eles colocam grandes fardos sobre os outros, mas não os tocam eles mesmos com o mínimo de seus dedos. "Você faz bem (dizem eles) em levar uma vida tão estrita"; eles querem que outros homens vivam como Anjos, e eles mesmos como Demônios. Algumas notas mais eficazes, e de uso mais comum do que estas, estão estabelecidas em Mateus 23. Mas alguns podem dizer e concluir aqui: "Se é uma hipocrisia grosseira repreender, não lidarei com isso de modo algum"; e esses são ou medrosos ou iniquamente sutis, e são piores do que os outros. Não devemos desgostar do fazer de um hipócrita além do que Deus desgosta; seu desgosto deve ser nossa regra; e ele não o culpa pelo exterior, mas pelo interior. Uma repreensão é boa, mas nele é má acidentalmente, como as melhores coisas no Evangelho podem ser. Os fariseus eram repreendedores, e nossa justiça deve exceder a deles, isto é, compreender a deles e mais. Agostinho diz bem: As ovelhas não devem, portanto, jogar fora suas peles porque lobos às vezes estão revestidos com elas. Toda coisa exterior na hipocrisia deles era boa: fazer prosélitos, guardar as memórias dos Santos; e aquele que os odeia por causa de seu abuso provará a si mesmo um tolo no final. Outro tipo de homens pode concluir e pensar que aqueles que são tais ofensores abertos e desordeiros não são hipócritas, e é tudo o que podem se gabar: "Eu não sou hipócrita". Mas sabemos que ele é um hipócrita singular, pelo próprio testemunho de Cristo, que tem uma trave em seu olho: Certamente eles são da irmandade dos hipócritas. Isaías, cap. 9, falando de jovens, de jovens selvagens, diz que todos eles são hipócritas. Justino diz: "Todo homem mau é um hipócrita, mais ou menos: ninguém é pior do

que tais". E, no entanto, se um homem o visse em um manto e o ouvisse pronunciar Jeová em seis linhas, sete vezes, pensaria bem dele; ele, sendo trevas, transforma-se em um Anjo de luz; e como ele é um hipócrita, assim é sua tripulação. A carne, ela se queixa de que é muito fraca e não pode se levantar, e os espíritos estão entorpecidos, eles não podem estudar. Mas Davi, omitindo sua vigília espiritual, caiu sete vezes pior do que antes. (Mt 7)

O mundo é um hipócrita, você pode ver pelas ervas daninhas, que todos os bons escritores interpretam como hipócritas, que há feixes de hipócritas, embora poucos levem o nome; Cristo diz no Evangelho: "Hipócritas, bem profetizou Isaías sobre vós; vós vos aproximais de mim com vossos lábios, etc." Destes há muitos feixes: tais são todos aqueles que não darão um centímetro a mais no cumprimento de seus deveres do que os preceitos dos homens. Um homem poderia se maravilhar com São Paulo, por ter chamado alguns de "a circuncisão de Deus" e o "Israel de Deus", como se houvesse qualquer outro Israel ou circuncisão: há, de fato, os circuncidados dos Parlamentos e os israelitas dos Príncipes. Muitos há que, se os estatutos de Josias fossem revogados, estariam prontos para tomar os estatutos de Onri.

Há outro tipo de hipócritas chamados Hereges, como os Novacianos, Anabatistas, Familistas. O pior tipo são aqueles na Igreja, que abrem bem, até que tenham um bocado lançado em suas bocas. Diversos colorem sua hipocrisia sob o manto da popularidade afetada, como Absalão. O estratagema dos hipócritas é se juntar aos grandes homens, para que, se cometerem um deslize, não sejam importunados. Em segundo lugar, eles se juntarão aos homens bons, e se esse manto não servir, eles recorrem aos estatutos, como em Daniel; e, por

último, ao manto da religião, como Pilatos a Cristo: "Eu te conjuro pelo Deus vivo"; e como os filhos de Jacó fizeram com os siquemitas, eles os fizeram circuncidar, para que pudessem matá-los.

Há um tipo de dissimuladores que acham que é apenas hipocrisia assumir o dever de admoestar, e dizem de si mesmos que não são de mãos limpas, mas de coração limpo, e que são gloriosos por dentro, apesar de tudo o que o mundo vê. Mas Tiago diz que eles devem ser de mãos limpas também. Um diz a Agostinho: "Suficientemente me basta que eu tenha uma consciência pura; ou que eu tenha uma boa consciência". Agostinho responde: "Não deixes que isso te contente: mas lembra-te também das palavras de Cristo: 'Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus' (Mt 5). Isto é certo (diz ele), se há uma trave em teu olho, há uma estaca inteira em teu coração". Como acontece, então, que aqueles que são mais cuidadosos do que o resto sejam chamados de hipócritas? Cristo, de fato, poderia chamar os fariseus assim, pois ele conhecia seus pensamentos; mas nenhum Profeta jamais chamou de hipócrita aquele que não tinha uma trave em seu olho. Mas esta é a prática pestilenta do Diabo para vexar os filhos de Deus com aquele pecado, do qual eles não podem se livrar com quaisquer testemunhas externas ou compurgadores, sendo um pecado no coração. Se um homem for acusado de adultério, ele poderia mostrar o contrário pela circunstância de tempo e lugar, e assim se absolver; mas para este pecado nenhum juramento servirá, pois então ele é tido como um hipócrita maior. "Dê-me todos os Santos (diz Agostinho) e diga a eles, e veja como eles podem se livrar". Então, a questão é

esta: duas coisas são requeridas em um cristão, que Deus dá a Jó, que sejamos retos por fora e são por dentro.

FINIS

SEÇÃO XIII. Um Tratado sobre a Ira.

Moisés, no décimo segundo capítulo de Números, é elogiado como o homem mais manso sobre a terra; contudo, em Êxodo 32:19, é dito que ele estava irado, e também é elogiado por isso, e sua ira é permitida; onde aprendemos que nem toda ira é proibida na palavra de Deus; mas apenas aquela que é ou sem causa, ou não por uma causa justa; e que não é medida pela palavra. Pois a ira está em nós como outras qualidades da mente estão: isto é, se for governada pela nossa corrupção, é má, e é proibida na palavra como uma obra da carne; mas se, pelo bom Espírito de Deus, for santificada e governada pela palavra de Deus, é um dever ordenado; e devemos trazê-la à tona como um fruto do Espírito. E muitos dos servos de Deus nas Escrituras, estando irados por boas causas e observando a medida, são elogiados por isso: cujos exemplos, em causas semelhantes, nós devemos seguir.

Para que possamos, portanto, conhecer a ira espiritual e cristã da ira carnal e mundana, e para que possamos discernir as obras do Espírito de Deus em nós das obras corrompidas da nossa carne; será proveitoso, por meio de algumas notas, fazer uma diferença entre elas, para que assim ambas possam ser conhecidas.

A primeira nota ou diferença entre esses dois tipos de ira é esta: Se podemos pacientemente engolir e superar ferimentos e faltas cometidas contra nós mesmos, ainda assim, na causa do Senhor, podemos ser muito ardentes, fervorosos e zelosos; este é um bom sinal de que nossa ira procede do Espírito de Deus dentro de nós. Mas, ao contrário, os homens, em suas próprias causas e querelas, e quando o ferimento é feito a eles, serão muito ardentes, irados e maravilhosamente

movidos; mas na causa do Senhor eles são frios como gelo, e não há calor dentro deles, o que é um testemunho para eles de que sua ira é carnal e que ela desagrade muito ao Senhor. Portanto, se quando vemos um homem cometer qualquer pecado, e também sabemos que isso tende à desonra de Deus e ao prejuízo de sua própria alma, e se então podemos ser entristecidos, e se então não podemos deixar de estar irados; por meio disto podemos saber que nossa ira é boa, porque a glória de Deus e o proveito do nosso irmão nos moveram a isso, e não nossas feridas particulares. Ora, se quiséssemos nos alegrar em fazer assim da glória de Deus a causa principal de nossa ira; aprendamos primeiro a passar por cima de ferimentos feitos contra nós e a suportá-los silenciosamente, e por esse meio aprenderemos melhor a ficar irados com segurança, quando a coisa diz respeito à glória de Deus, pois se um homem não aprendeu a suportar seus próprios ferimentos pacientemente e sem vingança, ele a misturará com a outra, e assim excederá a medida, e na maioria das vezes tornará ambas infrutíferas.

Em segundo lugar, alguns homens nunca podem ser agradados, e toda pequena ninharia os incita à ira, o que não pode ser senão mau; e isto procede inteiramente da carne, esta ira não pode ser permitida. Mas a ira espiritual não é facilmente incitada e, quando o é, então é medida pela quantidade da falta: uma pequena falta, uma pequena e curta ira; uma falta maior, uma ira maior e de maior duração. Pois aqui devemos ser como nosso Pai celestial, que é tardio em irar-se, não nos repreende continuamente, não marca o que é feito de errado, nem nos recompensa de acordo com os nossos merecimentos. Mas continuamente usa mais meios para nos fazer amá-Lo do que para nos fazer temê-Lo. E assim deveria ser conosco também,

se quisermos ser filhos de tal pai: de modo que devemos nos esforçar e trabalhar para sermos amados em vez de temidos, e pelo amor atrair, em vez de pelo medo compelir. Novamente, com o Senhor, deveríamos estar muito entristecidos por grandes ofensas e, por ofensas menores, estar menos entristecidos. Ora, se um homem se descobrir de natureza apressada e rapidamente irado; saiba também que tal pessoa exalta a tolice, e que a ira repousa no seio dos tolos. Mas um homem de espírito paciente passa em sabedoria. Sim, deixe-o saber que tal ira não é boa, e, portanto, trabalhe seriamente para que ela possa ser reprimida nele; o que, para que ele possa fazer, deixe-o pensar e saber que antes da ira santa deve haver oração, para que o Senhor, em misericórdia, possa guiá-lo corretamente na mesma. Se, portanto, não pudermos, ou não fizermos antes de nossa ira, ou quando a ocasião for oferecida, orar ao Senhor, para que ele possa nos manter retos na mesma: temos que suspeitar de nossa ira, pois estamos em perigo de cair e ofender nela.

Terceiro, é uma marca da ira cristã quando estamos irados com o pecado em quem quer que o encontremos, ou quem quer que o cometa; pois muitos, em suas próprias questões e causas, ficarão muito irados e, nelas, pretenderão um zelo cuidadoso pela glória de Deus; mas se um pecado for cometido que não lhes toca, eles podem facilmente deixá-lo passar; como se a própria esposa de um homem fosse uma prostituta, seus filhos desobedientes, seus servos teimosos e obstinados, ou se qualquer pecado for cometido que lhe toque de perto, então ele exclamará e gritará que Deus está desonrado e dirá: "Quem já viu tais servos? Que perversidade há nas crianças hoje em dia, para que sejam tão desobedientes? E que mulheres são estas para agir de forma tão ímpia?". Enquanto

isso, se o servo de outro homem for desobediente, se sua esposa for uma prostituta, ele não pode ficar irado, ele não pode ficar entristecido. Tais homens como estes devem necessariamente suspeitar de sua ira, pois aqui eles demonstram falta de fé, falta de amor e falta de cuidado com a glória de Deus, a qual, assim como é avançada pela obediência dos outros, tanto quanto pela nossa; assim é da mesma forma desonrada pelos pecados dos outros, tanto quanto pelos nossos. Mas quando o pecado não nos diz respeito, se então não podemos nos contentar, mas o próprio zelo pela glória de Deus e o amor pelos nossos irmãos nos move a isso: então podemos pensar que nossos corações são retos nessa ira.

Novamente, há diversos que, quando seus inimigos ofendem, então estarão prontos para clamar contra isso e ficarão altamente descontentes com o fato; mas se seus amigos ofendem, eles podem suportá-los e pensar que o pecado neles é pequeno ou nada. Mas a ira cristã e espiritual é exatamente o contrário, pois ela prefere suportar a falta em seu inimigo do que em seus amigos, e mais cedo repreenderá mais agudamente a falta em seu amigo do que em seu inimigo. Portanto, tais amigos que podem suavizar um homem em seu pecado não devem ser nem apreciados, nem desejados: pois "Melhor é a repreensão aberta do que o amor secreto, e as feridas de um amante são doces". Vemos que se o filho ou a esposa de um homem, ou algum amigo especial estivesse doente no corpo, eles usariam todos os meios para que pudessem ser restaurados à sua saúde; e se não o fizessem, a esposa, filhos ou amigos pensariam rapidamente que ele não os amava. E por que não deveria ser assim na enfermidade espiritual do pecado? Como um homem me ama quando não quer usar todos os meios para me livrar do perigo do pecado? Quando, portanto, nossos

amigos caem em pecado, se então podemos ficar irados, e isso, quando eles mais nos favorecem, porque a causa é de Deus e diz respeito à sua salvação: se então podemos nos lembrar do amor antigo e temperar sabiamente o amor com a ira para repreendê-los, é um sinal de que nossa ira não é carnal, mas do espírito.

Quarto, há uma nota de ira cristã e espiritual, a qual, embora seja muito semelhante à anterior, ainda assim a discerne uma da outra tanto quanto qualquer outra. Pois muitos homens ficarão irados com os pecados de outros homens, mas nunca podem ficar irados pelos seus próprios. Contra esses tais, o Senhor fala, dizendo: "Hipócrita, tira primeiro a trave do teu próprio olho, e então verás para tirar o argueiro do olho do teu irmão". E novamente em outro lugar: "Aquele que estiver sem pecado entre vós, atire a primeira pedra nela" (Mt 7, Jo 8:7).

Quando, portanto, pudermos estar primeiramente irados com nossos próprios pecados, e mais irados com eles do que com os outros, sim, quando pudermos lançar a primeira pedra em nós mesmos; então nossa ira é do Senhor. Pois nenhum homem pode jamais estar irado em retidão com os pecados dos outros homens que não possa primeiro estar entristecido e irado com os seus próprios. Se nossa ira começar primeiro conosco, e isso por cada pecado que está em nós, de modo que não haja pecado que estejamos dispostos a favorecer em nós mesmos, ou desejosos de continuar, e permanecer nele ainda, e ninguém está mais entristecido pelos nossos pecados do que nós mesmos, e nós acusamos e condenamos mais a nós mesmos do que qualquer outro faz ou pode fazer; e novamente, se um pecado não estiver em nós, ainda assim tememos que ele possa estar, e portanto usamos meios contra ele: então, se estivermos irados com o pecado dos outros, temos esta boa garantia de que

nossa ira é boa; sim, se formos acusados ou pensados como estando irados corruptamente, quer com nossas próprias causas, ou com nossos inimigos, a tal ponto que os homens condenem nossa ira, ainda assim temos o testemunho de nossos corações e consciências para dizer que não é assim, e, portanto, aqui podemos ter um conforto sólido.

Quinto, há alguns homens que, quando estão irados com um, ficarão irados com todos, e sua ira de tal modo os abate e supera, por assim dizer, que ficam inaptos para deveres tanto para com Deus quanto para com seus irmãos. Esta ira é inteiramente carnal e deve ser condenada. Aquela ira, então, que nos torna inaptos para ouvir a palavra de Deus, para ir à oração, que desassossega nossas mentes e nos perturba, essa ira, digo eu, deve ser reprovada, ainda que fosse por uma boa causa e em nome de Deus: pois as obras do espírito de Deus não impedem ou atrapalham umas às outras, mas antes promovem umas às outras; de tal modo que, se estivéssemos frios na oração antes, esta sinceridade na causa de Deus nos desperta e nos torna muito prontos para a oração; se antes estávamos entorpecidos ao ouvir a palavra, agora estamos melhor afetados, e este verdadeiro zelo e ira na causa do Senhor, e para sua glória, dará um corte a cada coisa boa que fizermos. A verdadeira ira não nos impede de cumprir nossos deveres para com Deus, nem diminui nosso amor para com nossos irmãos; mas antes desperta em nós uma compaixão por eles, pela ira de Deus que vemos pairar sobre suas cabeças. E por essa causa, somos movidos por piedade a orar por eles mais sinceramente do que antes; tão longe estamos de tomar vingança; sim, há um cuidado maior em nós sobre como podemos ajudá-los a sair de seu pecado, do que puni-los por seu pecado. De modo que aqui a ira pelo pecado é unida a uma

compaixão amorosa pelo partido: e uma não nos move tanto a tomar vingança deles, quanto a outra nos move a ter piedade de seu caso. Aqui então há uma diferença especial entre elas; pois a ira cristã tem sempre uma tristeza unida a ela, tanto pela desonra de Deus quanto pelo prejuízo do nosso irmão; mas a ira carnal e mundana tem uma alegria e prazer nela, e alimenta-se disso, e é inflada. Tal ira piedosa estava em Cristo contra os fariseus, onde é dito que ele estava irado e triste; e em outro lugar, quando viu a destruição de Jerusalém, pelos pecados deles, pelos quais ele estivera irado com eles: é dito dele que ele chorou. Da mesma forma Paulo, ameaçando os coríntios de que, por causa de seus pecados, iria até eles com uma vara; diz depois: "Temo que, quando eu for, o meu Deus me humilhe entre vós, e chore por muitos daqueles que pecaram"; ao contrário, ele descreve a ira carnal como sendo tal que infla os homens quando veem os pecados de seus irmãos. (Mc 6, Mt 23:37, 1Co 5)

Agora, para que possamos chegar a ter uma ira santa operada em nós pelo pecado, é necessário que trabalhemos por aquele afeto que estava no Profeta Davi quando ele diz: "As afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim". Onde o Profeta mostra que todo pecado que era cometido contra Deus, ele pensava que era cometido contra ele mesmo; e estava tão entristecido e irado com isso, porque a glória de Deus (que fora confiada ao seu cuidado) estava manchada, e o próprio Deus desonrado; e isto o tornava irado e zeloso na causa do Senhor; e este zelo deve estar também em nós. O qual, para que seja temperado e não rigoroso demais, devemos também considerar como o Apóstolo Paulo aplica o mesmo lugar, quando quer exortá-los a suportar as enfermidades dos fracos e não lidar excessivamente com eles: ele traz o exemplo de Cristo, que

sofreu pelos pecados do povo, como se fossem seus, e assim os considerou; assim, então, devemos pensar que os pecados que por nossos irmãos são cometidos, são cometidos por nós, e são nossos; o que, se pudermos fazer, muito abaterá o rigor e o trato severo na admoestação, bem como na punição do pecado. O Apóstolo em outro lugar diz: "Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo". Ora, se juntarmos esses dois afetos em nós; primeiro, pensar que todo pecado cometido contra a majestade de Deus é cometido contra nós; e novamente, que todo pecado que nosso irmão comete, nós em nossas próprias pessoas cometemos o mesmo: o primeiro gerará em nós uma ira e zelo pela glória de Deus; o outro trabalhará em nós paciência e compaixão, por causa da nossa própria carne e da Imagem de Deus, que nosso irmão carrega; e disso virá uma ira zelosa unida ao amor e à compaixão pelo partido. (Sl 69, Rm 14)

Por estas notas pode a verdadeira ira cristã e espiritual ser provada e discernida daquela que é carnal e mundana, para que possamos seguir a uma como ordenada na lei e operada em nossos corações pelo espírito de Deus; e que possamos evitar a outra como proibida na lei e procedendo da corrupção da nossa carne, para que não sejamos nem tolos, que estão sempre irados por tudo, nem da maldita e blasfema família do amor carnal, que não quer, em sua perfeição, ficar irada de modo algum: outras diferenças existem; mas se um homem considerar bem estas e as praticar, ele facilmente discernirá as restantes.

FINIS

SEÇÃO XIV. Um Tratado sobre a Bem-aventurança.

Pode-se dizer que provou da verdadeira bem-aventurança aquele a quem o Senhor, antes de todos os princípios, elegeu para a salvação; cuja salvação, proposta por Deus Pai, é realizada por Deus Filho; a quem a eleição por Deus Pai e a redenção por Deus Filho são ratificadas por Deus, o Espírito Santo; em quem esta segurança de fé é operada pela Palavra pregada. A fé gera paz de espírito; esta paz causa alegria; a alegria é acompanhada de segurança; a segurança opera no amor; o amor trabalha com o cuidado de agradar a Deus e com o temor de desagradar a Deus; de onde emana um desejo de fazer o bem aos outros, esforçando-se para levá-los à paz com Deus e com os homens, da qual ele mesmo prova. Por último, é verdadeiramente bem-aventurado aquele que, além de todas as coisas anteriores, sabe usar a prosperidade com moderação e a adversidade com paciência, esperando e aguardando o cumprimento da promessa de Deus no reino dos céus. Mais especificamente, trataremos da verdadeira felicidade pelas suas causas e pelos seus efeitos.

A causa original é o amor de Deus, ao nos ordenar para sermos herdeiros da vida eterna (Ef 1:4; Mt 25:34). Nisto se expõem as riquezas generosas da misericórdia de Deus para conosco, visto que, antes que o fundamento do mundo fosse lançado, o fundamento da nossa salvação foi estabelecido; antes que pecássemos, o remédio contra o pecado foi encontrado; antes da enfermidade, o Senhor havia preparado uma medicina; antes que fôssemos condenados, ele havia proposto um meio pelo qual deveríamos ser salvos. Em relação a isso, visto que devemos nos alegrar mais por nossos nomes

estarem escritos no céu do que se tivéssemos poder (sem dano) para pisar em escorpiões, ou se tivéssemos espíritos submissos a nós (Lc 10:19-20), concluímos com o Profeta: "Bem-aventurado aquele a quem tu escolhes e fazes chegar a ti, ó Deus" (Sl 65:4).

A substância desta bem-aventurança é a nossa redenção em Cristo Jesus, que é o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo (Jo 1:29), por cujo sangue temos o perdão de nossos pecados (Ef 1:7), e por cujo Espírito (quando cremos no Evangelho) temos o penhor da nossa herança (Ef 4:14). O excelente preço disso nos é exposto aqui: no fato de que, sendo imundos no sangue dos nossos pecados, ele nos lavou com o seu próprio sangue (Hb 9:14); que ele, sendo justo, sofreu por nós, sendo injustos (1Pe 3:18); que nós, não tendo força e sendo ímpios, ele morreu por nós (Rm 5:6); que nós, sendo inimigos por causa do pecado, fomos reconciliados por ele com Deus Pai (Rm 5:12). Portanto, vendo que é bem-aventurado aquele cuja maldade é perdoada e cujo pecado é coberto (Sl 32:2), não se glorie o sábio na sua sabedoria, como se ela o tornasse feliz; nem o homem forte se glorie na sua força; nem o rico se glorie nas suas riquezas; mas aquele que se gloria, glorie-se nisto: que conhece a misericórdia do Senhor, na qual consiste a nossa salvação (Jr 9:23-24). E aprendamos todos o significado da saudação de Isabel à virgem Maria (Lc 1:42): "Bem-aventurada és tu, porque o fruto do teu ventre é bem-aventurado".

A causa formal é a iluminação do Espírito de Deus, tornando-nos capazes dos mistérios anteriores, selando-os em nós com tal segurança em nossos corações, que ousamos clamar corajosamente: *Abba*, Pai; que ousamos dizer corajosamente: "Se Deus é por nós, quem pode estar contra

nós?". Tal cegueira, loucura e incredulidade nos possuem por natureza, que, por nós mesmos, não podemos ver esses mistérios da nossa salvação, nem crer naquilo que vemos acerca do nosso conforto, até que tenhamos recebido deste Espírito, que vem do alto. Pois ninguém vem a Cristo, a menos que o Pai o atraia; e como o atraí senão iluminando os corações dos seus eleitos pelo Espírito Santo (Jo 6:44)? Portanto, vendo que estas coisas não nos são reveladas, senão pelo Espírito (1Co 2:14), terminamos com aquela bênção do Senhor Jesus a Pedro (Mt 16:17): "Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas: porque a carne e o sangue não te revelaram isso, mas meu Pai que está no céu".

A causa instrumental está em parte dentro de nós, como a fé, e em parte fora de nós, como a Palavra e os seus apetrechos que a acompanham, como a Oração, os Sacramentos e a disciplina da Igreja. A fé, sendo o fundamento das coisas que se esperam e a evidência das coisas que não se veem (Hb 11:1), aplica de tal modo as promessas de Deus aos nossos próprios e particulares confortos, que nos sela para o Senhor, fornecendo um testemunho certo aos nossos corações de que não recebemos em vão o bom Espírito de Deus. Ora, porque existe um certo tipo de fé que o próprio Satanás propaga em sua escola, e propõe como princípio a todos os seus estudiosos; vendo que os Papistas insistem na fé em suas veridades não escritas, os Familistas a querem em suas revelações tolas, o Turco a requer em suas secas especulações de Maomé, e o feiticeiro parece exigi-la em suas encantatórias diabólicas: não devemos crer em todo espírito, mas confiar somente na Palavra, que é a nossa estrela-guia e pedra de toque segura, e sendo ela mesma firme, torna a nossa fé nela a mais firme, segura e imutável. Esta bem-aventurança, de ter o

Senhor comunicando-se a nós pela sua Palavra, é privilegiada acima daquele louvor que a mulher deu ao nosso Salvador Cristo (Lc 11:27), como pode aparecer pela sua resposta aguda: "Antes, bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam". Concluímos, então, com o Salmista: "Bem-aventurados os que habitam na casa do Senhor, eles te louvarão sempre. Bem-aventurado o homem cuja força está no Senhor, e em cujo coração estão os seus caminhos" (Sl 84:4-5). Se a Rainha de Sabá considerou felizes aqueles homens que podiam estar diante de Salomão e ouvir a sua sabedoria (2Cr 9:7), se Davi considerou uma alta recompensa e um benefício principesco preferir o filho de Barzilai para sentar-se à mesa de Salomão; quão grande é a nossa felicidade ao ouvir a sabedoria de Cristo? Quão alta é a nossa bem-aventurança ao sentar-se à mesa do Senhor, onde não Salomão, mas um maior que Salomão está presente; onde não Salomão, mas um mais sábio que Salomão fala conosco? Eis então as causas da verdadeira bem-aventurança, que são a nossa eleição, redenção, iluminação e santificação: todas as quais são seladas a nós pelo Espírito Santo, o Espírito operando a fé através da Palavra pregada; Cristo Jesus assim enviando seu Espírito para nos renovar; Deus Pai enviando seu Filho para nos redimir, redimindo-nos para nos chamar, chamando-nos para nos justificar, justificando-nos para nos santificar; santificando-nos, ele nos sela pelo seu Espírito: e assim, por todas estas coisas, ele lança o fundamento seguro da nossa salvação e bem-aventurança eterna.

Quanto aos efeitos da bem-aventurança, alguns são internos e outros externos. Os efeitos internos são, em parte, apenas em relação a nós mesmos, e em parte, em relação tanto a nós mesmos quanto aos outros. Aqueles em nós mesmos são

concernentes à mortificação ou à nossa santificação. O primeiro destes está verdadeira e ordenadamente contido naquele sermão do Senhor Jesus (Mt 5), onde aqueles homens são colocados na primeira fileira, que estão esvaziados tanto da opinião de sua própria sabedoria quanto de toda persuasão de sua própria justiça; e destes é dito: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus". Ora, porque muitos perderam o controle em seu juízo, mas não desistiram tão completamente em afeição; no grau seguinte, a felicidade é prometida àqueles que desceram tanto à visão de sua própria vileza e ao senso de suas corrupções naturais, que não só estão convencidos de uma injustiça inerente em seus juízos, mas também são muito humilhados por isso em suas afeições; dos quais o Senhor do conforto determinou assim: "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados". Além disso, pelo fato de que Satanás trabalha e prevalece muito em sobrecarregar mentes exercitadas com pequenas vergonhas (uma coisa frequentemente incidente a consciências aflitas), a próxima bem-aventurança é destinada àqueles que são mansos de espírito, que choram mais em si mesmos, possuindo suas almas em paciência, do que murmuram contra os outros, como se trabalhassem em um desdém secreto por eles; e deste tipo de chorosos o Senhor Jesus pronunciou este julgamento: "Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra". Nem devemos ser de um espírito muito abjeto, como aqueles que sofrerão pacientemente todas as coisas porque não querem ser incomodados com nada (pois isso seria antes uma estupidez estoica e não cristã, do que uma mansidão heroica e cristã); mas, submetendo voluntariamente nossos pescoços ao jugo, imposto sobre nós pela nomeação do Senhor, devemos antes esperar pacientemente pelo tempo da nossa libertação e, trabalhando para manter uma boa consciência, devemos ter

fome e sede de justiça; onde, com a garantia da própria Palavra do Senhor, seremos satisfeitos no seu devido tempo.

Agora, para que possamos continuar a santificação com a mortificação, como unimos a paixão e a ressurreição de Cristo, acrescentemos algo sobre aquelas graças vivificantes do espírito, nas quais alguns efeitos da Bem-aventurança aparecem mais evidentemente. O primeiro é a paz de consciência e a alegria no Espírito Santo (Rm 5:2), pelo qual encontramos trégua com Deus e estamos em aliança com as suas criaturas; de modo que, tanto para o nosso conforto nas promessas de Deus, temos acesso a Ele para nos alegrarmos sob a esperança da sua glória; quanto para a nossa confiança nas promessas de Deus, podemos deitar-nos e dormir em muitos perigos, porque Deus tem meios para nos livrar deles, ou então está pronto para nos sustentar neles (Sl 3:6 e 4:8). Disto fala o Profeta: "Bem-aventurado o povo que pode alegrar-se em ti, eles andarão na luz do teu rosto, ó Senhor" (Sl 89:13). Agora, para que não nos enganemos com alguma paz falsa e alegria iludente, acrescentamos a esta paz de espírito a sinceridade, que o Espírito Santo ligou (Sl 32:2): "Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa iniquidade, e em cujo espírito não há dolo". E no Sl 119: "Bem-aventurados os que são retos no caminho e andam no caminho do Senhor". Cuidado para que esta retidão de espírito não seja turbulenta e vazia de amor, sem a qual tudo não passa de um orgulho inchado; assim, com isto, tornamos conhecida a nossa fé por frutos, e nosso sentimento por efeitos doces. Pois o amor, o inimigo da segurança, é cuidadoso em agradecer a Deus e temeroso de desagradá-lo; e "Bem-aventurado o homem que teme sempre" (Pv 28:14). "Bem-aventurado o homem que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos" (Sl 128:1). Por último,

este temor é unido com um cuidado de agradar a Deus na obediência da sua Palavra (Lc 11): "Bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam". Aqueles efeitos, que dizem respeito não apenas a nós mesmos, mas aos outros, são de dois tipos e compreendidos em Mateus 5. O primeiro, um cuidado cristão de operar nos outros um sabor daquela doce reconciliação, que é de Deus para o homem, ou de homem para homem; do que é dito (Mt 5:9): "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus". Muitos podem empreender este dever, mas por alguma afeição sinistra; e, portanto, exigimos um sentimento compartilhado dos males dos outros, chorando tanto pelas suas deficiências internas quanto pelas suas necessidades externas, de quem Cristo disse: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque obterão misericórdia". Do outro, o Salmista fala (Sl 40:2): "Bem-aventurado aquele que julga sabiamente o pobre, etc.". E quando a sabedoria unida à compaixão e piedade, misturada com política [prudência], opera tal moderação em nossas afeições, a ponto de podermos usar tal severidade misericordiosa onde é necessário, e uma leniência severa onde a matéria assim o requer, isso nos faz evitar, de um lado, o escândalo; pois: "Bem-aventurados são aqueles (disse o Senhor Jesus) que não se escandalizam em mim"; e, do outro lado, nos ensina a estender a mão ao necessitado: pois "mais bem-aventurada coisa é dar do que receber" (At 20:35). Os efeitos externos são a prosperidade, como um sinal do amor de Deus; e a adversidade, como uma coisa santificada para nós na cruz de Cristo (Sl 128). Muitas bênçãos temporais são propostas, não universalmente, mas restritas àqueles que temem o Senhor, porque, de fato, eles têm o interesse mais seguro nelas e o direito a elas. A mesma felicidade acontece no Sl 144, mas àqueles que têm Deus por seu Senhor. E muito mais é um

ganho certo e penhor de felicidade que surge até mesmo da amargura da aflição, para aqueles que temem a Deus, no fato de que, por ela, o Senhor os livra de algum pecado, com o qual poderiam ter apodrecido; ou os aguça para algumas ações de piedade, nas quais seu zelo começava a congelar pelo frio; ou para provar sua fé, que de outra forma teria sido escória; ou para o bem dos outros que poderiam tirar proveito disso. O testemunho do Profeta sobre isso é (Sl 94:12): "Bem-aventurado o homem a quem tu castigas, ó Senhor, e ensinas na tua lei". A isto pode ser unida aquela bem-aventurança do Senhor de todas as bênçãos (Mt 5:10): "Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus". Para desenhar, no final, a consumação de tudo, fazemos com que o monte completo de toda felicidade após esta vida seja o estar cheio do Senhor da vida e com a doçura da sua presença, que é feliz acima de tudo o que pode ser pensado e contado como feliz. Isto é prefigurado em Mateus 25: "Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino preparado para vós". E Apocalipse 14: "Bem-aventurados os que morrem no Senhor, etc.". Pois assim seremos unidos a Deus Pai, ao Filho e ao Espírito Santo; então todas as lágrimas serão enxugadas de nossos olhos; então nossas enfermidades nos serão tiradas; então habitaremos com os Anjos e com todas as hostes do céu na maior felicidade, e na própria bem-aventurança. Vemos agora, por esta corrente não forjada por nosso próprio cérebro, mas moldada a partir da Palavra de Deus, que é verdadeiramente bem-aventurado aquele a quem Deus escolhe, a quem Cristo redime, a quem o Espírito renova, a quem a fé sustenta, a quem a Palavra, a Oração, os Sacramentos e a disciplina edificam no Senhor; em quem a fé gera paz, a paz sinceridade, a sinceridade amor, o amor um temor de desagradar e um cuidado de agradar a Deus; em quem este

cuidado se esforça para uma mortificação na pobreza de espírito, esta pobreza vindo de um coração que chora, possuído em um espírito manso, que tem fome de justiça; todas estas coisas sendo unidas com aquela santificação que lamenta o pecado dos outros e alivia as necessidades dos outros, sabendo usar a prosperidade e a adversidade como penhores do favor de Deus, e aguardando sem dúvida o reino dos céus na vida que há de vir. Se algum destes elos faltar, a corrente está quebrada; se algum destes membros faltar, o corpo da bem-aventurança é imperfeito.

FINIS

SEÇÃO XV. Um Tratado sobre a Doutrina do Jejum.

Mt 6: Quando jejuardes, preparai-vos secretamente, não diante dos homens, mas de Deus que vê em secreto, e ele vos recompensará publicamente.

Is 1:16: O jejum que o Senhor requer é que afasteis os vossos maus pensamentos, cesseis de fazer o mal e aprendais a fazer o bem: aplicando-vos à equidade, libertando o oprimido, ajudando o órfão a obter o seu direito e deixando que a queixa da viúva chegue até vós.

Is 58: Àquele que jejua, mas não deixa de pecar, é semelhante a este: Eis que, quando jejuais, a vossa luxúria ainda permanece; pois não fazeis menos violência aos vossos devedores; jejuais para contendas e debates, e feris com o punho da impiedade.

Zc 7:9: O jejum sem verdadeiras obras de misericórdia é infrutífero. Mostrai misericórdia e benignidade cada homem ao seu próximo.

Dn 9: Daniel orou ao Senhor com jejum.

Jl 2:12: Voltemo-nos para o Senhor com jejum, choro e lamentação.

1Sm 7:6: Os filhos de Israel jejuaram, confessando seus pecados a Deus.

At 14: Paulo e Barnabé oraram e jejuaram na ordenação de Presbíteros.

2Co 6:4:Paulo prova-se um Ministro de Deus pelo jejum e pela oração.

Lc 2:37:Ana, a profetisa, serviu a Deus pelo jejum e pela oração.

Sl 35:13:Jesus Cristo humilhou a sua alma.

Sl 69:10:Enfraqueceu os seus joelhos.

Sl 109:24:E tornou-se magro com o jejum.

Alguns jejuns são gerais e privados, como o jejum instituído de Ester e Mardoqueu, que foi ordenado geralmente a todos os judeus, mas ainda praticado privadamente em suas casas; alguns são públicos e particulares, como o jejum de Esdras em nome dos judeus, que se casaram com mulheres estranhas. Isto deve, necessariamente, ser confessado primeiro nele como singular; segundo, quando aqueles que temiam as palavras do Senhor se ajuntavam a ele, como particular, ainda que feito no Templo diante de outros, como público. Pode-se conceder que os jejuns do nosso tempo, no mesmo sentido, podem ser ditos como sendo geralmente usados, isto é, em todo e qualquer lugar deste reino, pois podem ser usados de acordo com a santa ordenança de Deus; e neste sentido é frequentemente tomado, tanto nas Escrituras quanto na fala comum. Mas, como é tomado em nosso sentido próprio, não pode haver, até agora, nenhum jejum geral observado, quando todas essas coisas não podem, em medida alguma, ser realizadas, o que nesse tipo é necessariamente requerido. Pode ser, de fato, que tais dias de luto geral possam vir (o que Deus, por amor de seu Cristo, afaste de nós), como de guerras gerais, pragas e fomes; pois então os homens serão facilmente levados a jejuns gerais com os ninivitas. Mas esses tipos de jejuns,

como são agora usados e como nas Escrituras são ordenados a ser usados, devem ser assumidos na sabedoria do espírito para nos mover a lamentar muitos males espirituais presentes, as próprias causas de perigos gerais por vir, os quais, por estes meios, podem ser prevenidos; e não podem ser entendidos por nenhum tipo de homem, senão por aqueles que são verdadeiramente ensinados pela Palavra de Deus a ver e sentir seus próprios pecados e os pecados dos outros, e a temer aqueles juízos de Deus por vir. E aqui mantém-se a direção de nosso Salvador Cristo, concernente ao pano novo e ao vinho novo; pois, porque não pode ser tão geral, antes que não haja nenhum, é melhor que a doutrina seja verdadeiramente entregue e algum exemplo disso seja mostrado, para provocar outros por uma santa emulação a isso, para que tanto o povo possa ser libertado de sua ignorância quanto, sendo ensinado a verdade da doutrina, não pensem que o uso dela é impossível. Além disso, o jejum verdadeiro, tanto público quanto privado, verdadeiramente ensinado e fielmente praticado, liberta-nos dos nossos erros com os quais temos sido enredados, mantém-nos da liberdade carnal que de outra forma poderíamos tomar, confuta as opiniões errôneas e perigosas dos Papistas sobre o jejum e fecha suas bocas caluniosas, que há muito tempo nos acusam de não jejuar de forma alguma. (Mt 9)

A necessidade do jejum em nossa Igreja pode ser facilmente vista, pois abundamos em tantos pecados; o jejum deve ser necessariamente usado com oração, para a preservação da Religião e do Estado, e para que a Palavra de Deus possa ser dividida corretamente, para que as consciências dos homens, sendo aterrorizadas com seu pecado, possam ver como mereceram a mudança da Religião e a alteração deste governo próspero, embora Deus, em sua misericórdia, tenha até agora

continuado ambos, e continuará, se ainda lamentarmos nossos pecados e emendarmos nossas vidas, crendo que tanto as suas ameaças quanto as suas promessas são verdadeiras. Mas, acima de tudo, o Jejum nestes dias é necessário, porque nossos pecados abundam mais do que antes, maiores sinais da ira de Deus aparecem do que antes, mais medo de perigo tanto na Igreja quanto no Estado do que antes; o que, sendo manifesto, é necessário não apenas que haja pregação e oração ordinárias por sua Majestade, seu Conselho, a Igreja e o Estado, o que sempre usamos; mas também o uso extraordinário desses meios com jejum, para prevenir a ira de Deus que pode advir. E concernente à defesa ordinária contra males futuros, deve ser confessado que, como são subordinados e unidos com meios espirituais, eles podem ser bons; e sem eles não prevalecerão, porque lhes falta a ajuda da oração e do jejum. Seria uma segurança grande demais descansar nos meios ordinários de defesa, como sabedoria, política, multidão de armas, mobília de armamentos, etc., e vangloriar-se neles, porque Deus resiste aos soberbos e dá graça aos humildes. Assim, então, a negligência deste exercício de nos humilhar declarará nossa segurança, e a segurança mostra nosso orgulho e revela nossa incredulidade. Nem é o fim da oração ou do jejum a negligência dos meios ordinários, mas o afastamento da nossa confiança neles; para que pudéssemos descansar no único poder e bondade de Deus. O quão necessária é essa coisa, claramente aparece nas duas grandes derrotas que os israelitas tiveram dos benjamitas, onde eles, sendo em maior número, melhor equipados na defesa de uma causa justa, foram, não obstante, constrangidos duas vezes a recuar com grande matança, até que, finalmente, renunciando a toda confiança em si mesmos, pela oração e jejum, reconhecendo-se como nada, obtiveram a vitória. Pois então os meios corporais prevalecerão

mais, quando todos os espirituais, que Deus ordena, tiverem sido verdadeiramente usados; e eles são mais aptos a usar os meios externos de defesa, os quais aprenderam a transferir sua fé deles, pelos exercícios públicos de humilhação, para as promessas de Deus. Se com jejum e oração pudermos lutar com o Arcanjo de Deus, então nunca teremos medo do Duque Esaú nem de todos os seus edomitas; se formos israelitas para prevalecer com Deus, não podemos deixar de ser Jacós para prevalecer com o homem. Que direi de nossos antepassados, que por esta fé obtiveram suas vitórias? O tempo seria longo demais para falar de Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Asa, Josafá, Ezequias, que pela fé obtiveram as promessas, subjugaram reinos, escaparam do fio da espada, da fraqueza foram feitos fortes, tornaram-se valentes na batalha, puseram em fuga os exércitos dos estrangeiros; de alguns dos quais é enfatizado que fizeram estas coisas pela fé, ajudados pela oração e jejum; e da maior parte dos outros isso pode ser bem entendido. Vendo que estamos rodeados por tal nuvem de testemunhas, seremos tão enfeitiçados a ponto de sonhar com as mesmas vitórias sem a mesma fé, ou imaginar a mesma fé sem usar os mesmos meios? (Hb 11) Mas pode ser que alguns objetem que este exercício de humilhação enfraquece os corações dos verdadeiros súditos e encoraja os inimigos; isto foi, antigamente, caluniosamente objetado a Jeremias pelos príncipes incrédulos e carnais, que ainda queriam parecer políticos sábios. Ouvi, de fato, do arquiateu Maquiavel, que escreve sobre a Religião dos Cristãos, que, sendo praticada em verdade, enfraquece suas mãos, tornando-os covardes, e encoraja seus inimigos contra eles (embora não haja dúvida de que muitos pensem assim); mas nunca ouvi homens piedosos ou sábios dizerem isso. Nem este tipo de humilhação levanta nossos inimigos, os Papistas, em casa ou no exterior, mas seus

próprios corações orgulhosos e tentativas maliciosas contra o povo de Deus; por ambos os quais (vendo que o orgulho terá uma queda, e antes da glória caminha a humildade), podemos nos assegurar ainda mais da vitória, tendo tantas promessas na Palavra de Deus para o mesmo, confirmadas com tantos exemplos. Em vez de muitos no Sl 119, esta promessa bastará: "Aproximam-se os que seguem a malícia, e estão longe da lei; tu estás perto, ó Senhor, pois todas as tuas palavras são verdadeiras". Os terríveis juízos de Deus contra o orgulho de Moabe e outras Nações (que conspirando juntas contra o povo de Deus), no final, foram feitos seus próprios carrascos, e a grande destruição do exército do blasfemo Senaqueribe. Ezequias, rei de Judá, sendo libertado do cerco, ambos sendo operados pelo jejum público e privado, confirmam isto mais evidentemente; cujos exemplos podem servir para olharmos para outros, que são muitos em número. Verdade é, de fato, que a grande segurança, com as inundações de nossos pecados fluindo sobre as margens em cada lugar, alegrou até agora o coração de nossos inimigos; e se uma vez eles se armarem com a ira de Deus (o que o Senhor afaste por amor de Cristo), então certamente nos assustarão; o que, para prevenir, todos os meios não nos ajudarão, a menos que, em jejum, choro e lamentação, rasguemos nossos corações, embora não nossas vestes, reconhecendo sem fingimento nossos pecados e tremendo diante do seu juízo, para que possamos nos voltar para Deus com todo o nosso coração pelo arrependimento, pela fé, crendo que ele é gracioso e misericordioso, tardio em irar-se e de grande bondade. E fazendo isso, podemos nos assegurar de que o terror do Senhor será expulso de nossos corações, e o espírito de alegria e poder será derramado sobre nós; e pela fé, ajudada pela oração e jejum, agiremos valientemente. Assim, o espírito de Deus moveu Joel, o Profeta, a ameaçar o povo de seu tempo

que vivia sob um reinado próspero; a quem esta objeção poderia ter sido tão justamente feita, quanto contra o exercício; e muito mais, porque seu Jejum foi mais geral, suas ameaças mais temerosas, suas descrições de seus perigos mais terríveis. Novamente, alguns podem objetar que o jejum é um exercício de pecadores: que diremos então? A hipocrisia do homem fará a nomeação de Deus de nenhum efeito? Sim, não foi por isso que foi nomeado, para que aquele que vem aqui por costume possa, contudo, sair com consciência? Pode ele, não sendo reprovado e repreendido em sua própria alma, e vendo sua hipocrisia exposta, esforçar-se a partir de então para se aprovar, ou, pelo menos, ser sem desculpa diante do dia do Senhor? Pode não haver, também, neste exercício, alguns que vêm na verdade e no temor de Deus, a quem Deus aceitará? É justo que estes filhos de Deus sejam despojados do uso dele, pelo abuso dos ímpios? Além disso, devemos ser circunspectos para não exigir um jejum diário; pois, como na Medicina é uma coisa mais absurda prescrever um uso contínuo de evacuação violenta e raramente de alimento comum; assim também é uma teologia tão absurda dizer que é suficiente que a pregação seja usada em vários momentos, em vários lugares, e que o jejum deve ser usado diariamente; quando o ministério da Palavra de Deus deve ser tão frequentemente usado, como leite para os bebês serem nutridos, ou como carne para os homens fortes crescerem até a plenitude da idade de Cristo; e o jejum deve ser admitido, mas como sangria, ou purgação de algum humor corrupto, quando alguma grande causa o urge. Lamentamos a falta de pregação diligente, que alguns, sem um curso contínuo da qual pensam ser suficiente; um coração cristão pode apelar à bendita Palavra de Deus, o verdadeiro juiz de todos os que são ensináveis, mas o juiz de todos, até mesmo dos obstinados no último dia; sim, podemos apelar ao grande inquérito de todos

os filhos de Deus que conhecem seus próprios pecados; sim, à experiência de vinte anos, que é uma testemunha tão suficiente, que nenhuma exceção pode ser feita contra ela, se trabalhar todos e cada ponto daquele conhecimento, com um cuidado de praticá-lo, em qualquer medida suficiente, em todos os lugares, com tão poucos Sermões, tão pouca pregação na maioria dos lugares, não é muito insuficiente? A Lei diz que as bocas dos Sacerdotes deveriam sempre guardar o conhecimento, tanto para que pudessem ensinar o povo por doutrina pública e exortação; quanto para que o povo pudesse exigir deles por conferência privada. Os Profetas são ordenados a clamar e não cessar; e diz-se que o Senhor, pelo Ministério deles, levanta-se cedo e estende a sua mão durante todo o dia; e o Reino de Deus é como o pai de uma casa, que traz de seu tesouro coisas novas e velhas para o alimento diário da família. O que é isto com que todo verdadeiro Ministro é encarregado, como ele responderá diante do tribunal de Jesus Cristo, de pregar a Palavra em tempo e fora de tempo? (1Tm 4:16) Certamente, uma vez por trimestre, e uma vez por mês, pode logo parecer fora de tempo, ou mal em tempo; mas tenho certeza de que duas vezes no Sábado (se a Palavra de Deus for o juiz) pode ser chamado nada mais do que em tempo; e pregar mais tempo e mais frequentemente nos dias de jejum, pode não ser chamado, no sentido do Apóstolo, fora de tempo. Agora, jejuar todos os dias seria mais do que os fariseus faziam, que jejuavam apenas duas vezes na semana; se quisermos ser contados como filhos dos Patriarcas e Profetas, e discípulos dos Apóstolos, para tomar aquela liberdade das criaturas de Deus que eles tomaram, por que deveríamos ser sobrecarregados com as tradições de Esaús, Eremitas e Hereges? Diz-se de Basílio, o grande, e Nazianzeno, o sábio, que costumavam macerar seus corpos com muita frequência de abstinência; mas o que se segue

depois? Eles tornaram-se (como diz um grande censor sábio) inúteis para a Igreja, ficando doentes às vezes meio ano, às vezes um ano inteiro. Por que então deveríamos tentar a Deus para colocar um jugo sobre os pescoços dos discípulos, que nossos pais nunca foram capazes de suportar? Vendo que estamos mortos com Cristo para as ordenanças do mundo; por que, como se estivéssemos no mundo, deveríamos ser sobrecarregados com tradições? Como "não toques, não proves, não manuseies", que todas perecem com o uso, e são conforme o mandamento e doutrina dos homens; cujas coisas, de fato, têm uma aparência de sabedoria, em religião voluntária e humildade de mente, e não poupando o corpo, mas não têm valor algum, senão para o cumprimento da carne. Além disso, devemos aprender a fazer uma diferença entre um uso temperado e moderado das criaturas de Deus (que chamamos de sobriedade, e deveria sempre aparecer na vida dos Cristãos) e uma total abstinência do uso das criaturas, chamada Jejum; o que nem pela Palavra de Deus deveria, nem ainda pela razão natural pode ser contínua ou diariamente. E aqui aprendamos a evitar as extremidades e a guardar o meio no jejum, que o mestre Bucer nos ensinou, que diz que se não evitarmos o jejum de modo algum, ou jejuar demais, jejuaremos corretamente. Chamam eles a isto de jejum, para um homem se abster todos os dias de uma refeição? Usar oração pela manhã e à noite, embora passe a maior parte do dia e toda a noite nas comodidades, refrescos e prazeres desta vida? Isto não é Teologia sã. O curso do bendito Batista, e a dieta rústica de gafanhotos e mel silvestre, que ele usou de acordo com a natureza do solo árido e selvagem onde vivia, não contribui em nada para este propósito, a menos que aqueles que querem que seja usado, vistam também os pelos de Camelo; seus discípulos que tola e erroneamente o seguiram sem uma garantia disso (o

que ele fez sobre bom fundamento) dizem jejuar, não todos os dias, mas frequentemente.

As frases hiperbólicas sobre oração e jejum, e sobre a permanência contínua dia e noite no Templo da antiga Ana, uma viúva de oitenta e quatro anos que vivia em contemplação, não servirão para provar que um exercício diário de jejum deva ser usado por pessoas casadas e outras que levam uma vida ativa, seja civil ou eclesiástica, que por sua idade podem suportar os trabalhos da mente e do corpo, e por sua vocação estão obrigadas seis dias da semana, sem alguma ocasião especial, a seguir os trabalhos da mesma, e no sétimo dia celebrar uma festa ao Senhor, e não um jejum com os maniqueístas. Assim, os mais excelentes servos de Deus, Davi, Daniel e Paulo, são notavelmente elogiados a nós por seus santos exercícios de oração e jejum: dos quais um (como vemos) eles usavam diariamente e de acordo com suas necessidades ordinárias; o outro, em necessidades especiais e extraordinárias com as quais Deus os pressionava. Somos obrigados a seguir estes exemplos, na medida em que eles seguiram a Cristo, que, embora jejuasse (sem dúvida) muitíssimas vezes, contudo, sua vida estava tão longe de um jejum diário, que era considerada uma festa contínua. De fato, o jejum papista pode muito bem, e sem perigo para o corpo, ser contínua e diariamente usado, e ainda assim ser de muitas maneiras perigoso e prejudicial à alma; mas outro jejum sendo usado diariamente seria prejudicial tanto ao corpo, inchando-o com ventos e enchendo-o de humores corruptos, quanto à alma, na medida em que o orgulho seria gerado e opiniões nocivas também nutridas nele. Um jejum verdadeiro não requer apenas um vazio no estômago, porque o reino dos céus não consiste em comida nem bebida, e porque, se comemos, não somos

piores, e se não comemos, não somos melhores; e vendo que o exercício corporal aproveita pouco, sim, muitas vezes prejudica muito mais ao inflar a mente do que pode fazer bem ao derrubá-la, devemos usar com tanta frequência e cuidado a Palavra, a oração e outros santos exercícios, públicos e privados, para o aumento das coisas espirituais, quanto usamos a abstinência das naturais, acrescentando tantos meios ao homem interior quantos retiramos do exterior: para que não apenas humilhemos o corpo, mas ambos juntos, e esperemos pelo tempo oportuno de Deus para receber dele conforto para nossos espíritos, assim como buscamos e contamos em breve tomar sustento para nossos corpos. Além disso, o jejum verdadeiro requer que descansemos de nossos lucros e prazeres ordinários, e, se for público, que ouçamos também dois, três ou quatro Sermões em um dia, com oração longa e fervorosa, e meditação séria antes, durante e depois desses exercícios, leitura reverente das Escrituras e canto de Salmos unidos ao jejum, como é perfeitamente ensinado no uso perfeito e verdadeiro fim deste exercício. Os Profetas Isaías e Joel não acharam suficiente exortar o povo ao verdadeiro arrependimento, mas clamaram também pelo exercício público do mesmo, cuja doutrina dos Profetas é selada por Neemias e Esdras, e o restante do povo, que, não obstante seu notável progresso no conhecimento da lei, ainda assim, vendo as ameaças secretas do Senhor contra seus males espirituais, acrescentaram este meio de um jejum além do uso ordinário da Palavra, deixando um exemplo à Igreja para sua instrução em todas as idades. Se fôssemos tão perspicazes, tão sensíveis de consciência como eles, poderíamos discernir juízos maiores ameaçados pelo Senhor contra nós, e sentir mais males espirituais em nós mesmos do que eles jamais sentiram; pois, para deixar passar aquela grande praga do Senhor sobre nossos

tempos, como o Ministério tão ignorante e dissoluto, tal sacrilégio por apropriações indevidas e Patronos irreligiosos que, durante todo este tempo, não são corrigidos; a vida carnal dos Protestantes, a rigidez dos Papistas que não podem ser convertidos por tanto tempo, o perigoso dissimular dos Ateus e Maquiavelistas na Igreja e na comunidade; as longas e amargas contendas dos verdadeiros professos, além de muitos outros males que não devem ser ditos; e muitos males conhecidos e professados nestes dias, contra os quais até agora nem a lei foi estabelecida nem a pregação prevaleceu: e esquecemos a calamidade de nossos irmãos nas Igrejas perseguidas, com quem esquecemos por tanto tempo, e ainda esquecemos, de lamentar. Não soprou o próprio Senhor uma Trombeta para os nossos Jejuns? Que aqueles que são os Ministros do Senhor estejam continuamente exortando para isto. Que Deus lhes conceda repreender o pecado, ameaçar a lei, mover ao Arrependimento e insistir no Jejum.

SEÇÃO XVI. Do envio do Espírito Santo.

Atos 2:14-17:14. Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a sua voz e disse-lhes: Homens judeus e todos os que habitais em Jerusalém, isto vos seja conhecido, e escutai as minhas palavras.15. Pois estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo apenas a terceira hora do dia. 16. Mas isto é o que foi dito pelo Profeta Joel.17. E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos.

Na primeira parte deste capítulo é estabelecida a obra de Deus ao enviar o Espírito Santo sobre os Apóstolos, bem como os efeitos disso, tanto nos Apóstolos quanto nos ouvintes; maravilhosos naqueles, diversos nestes. Os Apóstolos falavam com línguas tão estranhas, e os ouvintes até agora não estavam muito comovidos, mas secretamente murmurando e dizendo que tinham bebido profundamente e, assim, tornaram-se eloquentes. Ao que Pedro, aproveitando esta boa ocasião, refuta-os com duas razões: primeiro, dizendo-lhes que eram apenas nove horas, ou a terceira hora do dia, tempo em que os homens não costumam estar embriagados. "Não", diz ele, "está tão longe de estarmos embriagados, como supondes, que conosco é exatamente o contrário". Pois a coisa não aconteceu como um dos vossos próprios Profetas vos previu; não é superfluidade de bebida, mas uma abundância do Espírito de Deus, não prometida por privilégio especial somente a nós, mas a todos os sexos, condições e estados de homens, quaisquer que sejam, se estiverdes preparados para recebê-la.

Pois, assim como o Senhor concedeu os dons do seu Espírito a nós, assim também o fará convosco, se não recusardes voluntariamente; e, portanto, o Senhor está pronto agora para realizar maravilhas no mundo; e quem quer que deliberadamente recuse ou descuidadamente abuse destas graças, será enredado nestes juízos; ainda assim, como o Senhor sendo mais pronto em magnificar sua misericórdia do que em mostrar sua justiça, cumprirá isto: que todo aquele que invocar o nome do Senhor escapará dos juízos ameaçados e também obterá estas graças. E isto é tudo, tanto geral quanto brevemente, quanto ao escopo deste lugar. Mais particularmente, podemos observar três pontos especiais: primeiro, o testemunho liberal de Joel e seu rico elogio da graça de Deus ao conceder tais graças à sua Igreja sob o reino de Jesus Cristo, e isto está estabelecido nos versículos 17-18; a segunda coisa é que, no tempo em que o Senhor tratará assim com seu povo, o Senhor enviará muitos juízos, como heresias, ofensas, escassez, pragas e guerras, que aqui são declarados em discursos figurativos e emprestados de sangue, fogo, vapor de fumaça e coisas semelhantes, pelos quais ele punirá e se vingará pelo desprezo de tão graciosas misericórdias, como nos versículos 19-20; e a terceira coisa é o meio pelo qual escaparemos de tais juízos pesados e alcançaremos tais graças celestiais, e assim perseveraremos nelas, o que é declarado no versículo 21. Mas antes de entrarmos mais profundamente no discurso destes pontos particulares, observaremos a ocasião e as circunstâncias deste discurso de Pedro: a ocasião foi que, o povo não lucrando com a obra anterior e maravilhosa do Senhor, o Apóstolo aproveita a ocasião para instruir ainda mais aqueles que eram ensináveis e para repreender os escarnecedores. E ainda assim ele não ficou tão ofendido com eles, pelo fato de as obras maravilhosas de Deus não lhes terem

aproveitado em nada, a ponto de abandonar tudo, mas ele se esforça ainda mais fervorosamente e tenta familiarmente ensiná-los. Pelo que devemos aprender a não nos ofendemos precipitada, repentina ou imprudentemente com o não progresso, o pequeno progresso ou o retrocesso de alguns; mas, ao contrário, devemos nos esforçar para tentar a questão com um novo ânimo, lembrando sempre que não apenas um "ai" é ameaçado àqueles que dão justa ocasião de ofensa, mas também àqueles que, em Cristo, tomam ofensa; e, portanto, examinando-nos a nós mesmos, seja em dons naturais ou espirituais, devemos provar como podemos suportar pacientemente, sem ofensa, a falta ou a resistência de dons semelhantes nos outros. E, no entanto, vemos que se, após alguns meios usados, os homens avançam lentamente e não fazem tais progressos rápidos como se deseja, os homens, na maioria das vezes, estão prontos a abandonar tudo e ficam felizes em tirar o jugo do seu dever, pensando estar bem isentos e, por assim dizer, desonerados; quando, ao contrário, os homens espirituais, em tais casos, pensam que devem ser estimulados ao uso mais fervoroso e penoso dos meios; aos quais mentes bem-intencionadas, e aos homens de tão reto coração, o Senhor frequentemente dá bom aumento de dons, para que possam empregar o uso deles aos outros. E, certamente, se a carne e o sangue pudessem julgar em tal caso, pensaríamos que esta ocasião presente poderia ter feito Pedro desistir e afastar-se do povo; mas ele, mais manso e modestamente, como o líder do grupo, segue a questão e responde-lhes como ouvimos. Podemos ler em Atos 6 como surgiu uma murmuração entre os judeus e os gregos, a tal ponto que a credibilidade dos Apóstolos começou a ser posta em questão, como se não tivessem cuidado das viúvas, o que era um dever que lhes pertencia, como se tivessem a fé de Deus

com respeito a pessoas. Isto poderia parecer capaz de desencorajá-los, mas, ao contrário, através da bênção do Espírito de Deus, eles espionaram suas próprias necessidades em si mesmos e começaram a buscar um novo Ministério. Ora, se tivessem levado a questão a peito demais, poderiam ter se tornado inúteis, mas, passando mansamente por cima da ofensa e olhando sabiamente para o conselho de Deus, pensaram que eram apenas homens e que não podiam estar infinitamente ocupados ou atarefados em muitas coisas, ordenaram Diáconos na Igreja. Devemos, portanto, fazer um uso especial disso, quando, por alguns bons meios usados, ou de outra forma, muita indelicadeza nos é oferecida até mesmo por nossos amigos, ou encontramos pouco agradecimento pelo nosso trabalho, ou pior, por vezes colhemos censuras em suas mãos como nossa recompensa; que então não nos tornemos mais relaxados em nossos deveres, ou nos esfriemos no amor, ou desanimemos em nossa afeição para com eles; o que, se fizermos, revelará que nossa afeição era meramente e apenas natural, e não espiritual. Verdade é, e não pode ser negado, que um coração bondoso e mente liberal é mais quebrado com censuras, mas, ainda assim, esta ofensa deve ser superada e combatida em nós, seguindo o exemplo tanto de Pedro em nosso texto presente quanto do restante dos Apóstolos naquele lugar anterior (Atos 6), que preferiram encontrar ocasião de acusar a si mesmos do que deixar de ser úteis à Igreja de Cristo. Nem é, nem deve parecer-nos uma coisa estranha, que as graças e dons de Deus tenham encontrado tão fria recepção, sim, o que é uma coisa mais contrária, grandes repulsas e censuras. "Muita erudição", diz Festo (At 26:24), "faz Paulo enlouquecer": as obras do Espírito de Deus aqui são consideradas embriaguez. Ezequiel é considerado como cantando uma canção tola; Cristo foi considerado como

expulsando demônios pelo poder do diabo; João Batista foi considerado apenas como um homem melancólico; Jeú, sendo ameaçado, chamou o Profeta de insano (pois assim julgavam os Profetas, desviando-se um pouco da ordem estabelecida e das composições de palavras e preceitos de sua arte). De modo que as graças de Deus parecem, muitas vezes, aos homens serem exatamente o contrário. Se este foi sempre o juízo do mundo, que, porque não podiam ouvir os homens por mais tempo, ou ver mais fundo nas coisas do que a razão ou a arte os guiava, eles pensavam que os Profetas e Apóstolos eram espíritos barulhentos e solos estéreis, não devemos pensar que isto seja uma coisa nova. E os ouvintes devem aqui ser muito cautelosos, para que não pensem tão depreciativamente dos homens zelosos nos dons do Espírito, a ponto de considerá-los homens loucos, melancólicos ou coléricos, e tais como que ou se feririam, ou fariam algum dano aos outros; mas, ao contrário, reconheçam reverentemente que há um poder secreto e poderoso do Espírito, que o Senhor frequentemente transmite aos corações dos piedosos. Os homens podem, na maioria das vezes, tolerar bem um curso ordinário na pregação, e contanto que caia em um estilo oratório e justa proporção de palavras, ou contanto que um homem mostre uma invenção espirituosa e composição atraente da matéria; mas se um homem pressiona as consciências dos homens e, com alguma veemência, fala contra seus pecados familiares, logo dizem: "certamente este tipo de ensino revela que ele está insano". E para que possamos estar mais cansados nisto, consideremos quem foram aqueles que invectivaram assim contra os Apóstolos: não eram homens de todas as nações que temiam a Deus, e tais que eram um tanto religiosos? Sim, certamente. E quem hoje em dia abrirá mais cedo e mais duramente suas bocas contra pregadores zelosos, do que homens elaborados na arte e habilidosos em

preceitos, que, não sendo capazes pela razão de ver esta veemência, julgam aqueles que a usam como muito austeros? Portanto, assim como isto deve corrigir o juízo nos ouvintes, para que não ofendam justamente a Deus ao serem injustamente ofendidos com aqueles que são zelosos por amor ao Senhor dos exércitos; assim também deve ensinar os Ministros da Palavra a paciência, se por vezes forem interpretados erroneamente, e assim recompensar sua fúria com mansidão, para que o Senhor possa humilhar mais seus adversários, até mesmo pelo seu trato manso, daqueles de quem pensavam tão duramente; o que, sem dúvida, muitas vezes é muito eficaz até mesmo para quebrar os corações dos contraditores mais obstinados. E não pode ser contradito que estes homens, vendo a mansidão dos Apóstolos, foram muito mais conquistados e humilhados mais cedo do que se ele tivesse exalado discursos furiosos e, assim, cessado de seu santo negócio. E veremos pela experiência, que os homens que pensam que alguém é curioso, singular ou preciso, depois que o Senhor santificou alguma cruz sobre eles e os humilhou em alguma medida debaixo de sua mão, são mais humilhados pela mansidão e longanimidade daquele a quem ofenderam, do que por qualquer outro meio, porque então percebem que resistiram à graça de Deus e perseguiram os dons de Deus nele.

"Nos últimos dias". Isto é, quando Cristo deveria ser manifestado na carne, pregado aos Gentios, crido no mundo e recebido na glória, estes dons do Espírito deveriam abundar. É chamado de "último dia", por causa da estabilidade da Igreja e perfeição da Palavra, visto que nela não esperamos nenhuma outra doutrina até que Cristo venha em juízo (1Co 10:11). Depois que o Apóstolo amedrontou os Coríntios com o exemplo dos Judeus, ele vem aplicar sua doutrina desta

maneira: "Ora, todas estas coisas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para nos admoestar, sobre quem são chegados os fins dos tempos". Como se ele dissesse: estas coisas não pareciam servir para eles sozinhos, mas para nós nos últimos dias. E em Hebreus 1:2, é dito claramente em frase evidente: "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho", etc. Todos os quais lugares, em sentido ao menos, concordam com este lugar, juntamente com aquele de Gálatas 4:4, onde é chamado de "plenitude dos tempos". Pois o estado do povo antes da vinda de Cristo era infantil e pedagógico, e, portanto, os homens esperavam, como os Discípulos de João, por outro que deveria vir; e os Samaritanos tinham este princípio geral entre eles: que o Messias, quando viesse, restauraria todas as coisas e as poria em ordem. Pelo que devemos aprender a não esperar por nenhuma nova doutrina ou revelações de homens. Cristo mesmo veio e tornou as coisas perfeitas; Cristo, o príncipe dos Profetas que eles esperavam, manifestou-se na carne; quanto mais perto os Profetas estavam dele, mais clara era sua visão dele; quanto mais longe estavam dele, mais tênue era seu conhecimento dele. O próprio Senhor falou, o livro agora está fechado com uma conclusão completa; se algum homem diminuir das palavras dele, Deus tirará a sua parte do livro da vida; se algum homem acrescentar a ele, Deus acrescentará a ele as pragas ameaçadas no livro. E, portanto, todos os Hereges, Papistas e Turcos não hesitarão em concordar neste erro comum. O Turco, embora não negue a Cristo e a escritura, mas dá a eles seu tempo e lugar, contudo, terá um caminho para seu Maomé, que deve expor a Palavra para ele como bem entender. O Papista, em termos claros, não ousa negar a Cristo e seu Evangelho, contudo não pode ver toda a suficiência neles,

mas reclamando de algum defeito, ele olha para veracidades não escritas e inclina-se para velhas tradições a serem dadas à Igreja; e, portanto, ele quer que o Papa seja vigário de Cristo, e observa tudo o que seus Sínodos concluem, que deve ser estabelecido como uma verdade católica, medindo as escrituras pelas suas tradições, e não suas tradições pelas escrituras. A maldita Família do amor faz da Palavra (o que é uma coisa temível de se pensar, muito mais de se falar) apenas um "nariz de cera", ou uma "mangueira de marinho", e ainda assim eles querem seu H.N., que é a oitava pessoa e o último homem, que deve ser unido ao Evangelho, e na medida em que ele, com outros anciãos de cabelos brancos e iluminados, interpretam as Escrituras, eles concordarão. Nós agora, contra estes e todos os outros hereges, confessando que as escrituras de Deus são perfeitas e absolutas para a salvação, não unimos nenhuma outra coisa com elas, mas dizemos que vivemos nos últimos dias, nos quais Cristo deixou a plenitude da doutrina, da oração, dos Sacramentos e da disciplina para a Igreja por seus Apóstolos; e, portanto, não pensamos em nenhuma revelação, interpretação Maometana, nem tradições de homens, mas, ainda que um Anjo venha do céu e traga uma veracidade não escrita variando da verdade da Palavra de Deus, nós o rejeitamos totalmente. Nem, como correndo longe demais para o outro lado, recusamos total e simplesmente todas as ordens da Igreja, embora por vezes não haja palavra expressa, mas se por consequência, se por causa ou efeito pudermos achar isso agradável ou não repugnante à Palavra após julgamento feito com as santas escrituras, nós a receberemos; assim, para fazer da Palavra a pedra de toque, os hereges não concordarão. Além disso, como em todas as outras artes é necessário que, quem quer que queira alcançar um conhecimento sólido delas, deve acreditar em seus princípios, pois de outra forma, como os

próprios pagãos viam, não há mais como lidar com o aprendizado delas; assim, temos certas verdades gerais e rudimentos, pelos quais treinamos os recém-chegados a Cristo e provamos tanto velhos quanto jovens por eles: o que nossos hereges não admitirão. Mantemos então certas regras gerais do poder, providência e sabedoria de Deus, da nossa redenção e salvação por Jesus Cristo, da nossa santificação eficaz, do perdão dos nossos pecados, da esperança da gloriosa ressurreição e de uma vida melhor, da obediência, oração, disciplina e santa conversação, a despeito de todos os hereges, contra os quais, embora disputem, declamem, protestem e escrevam, nunca perderemos o firme controle. Segundo, o que é uma coisa desconhecida a esses homens, usamos marcar o escopo e o propósito do escritor, comparamos as coisas que vêm antes com as coisas que seguem depois, conferimos um lugar com outro, o Antigo Testamento com o novo, as alegorias com os discursos claros: vemos uma harmonia perfeita nas escrituras, recusamos toda doutrina dissidente e discordante das escrituras; tudo o que nem Turco, Papista, nem Familista fará; e, portanto, temos a verdade nestes últimos dias, que nem Maomé, Bispo de Roma, nem H.N. têm; e, portanto, não seremos julgados pelas suas revelações, tradições e sonhos, mas pelas escrituras, pelas quais os julgamos: e neste sentido dizemos "os últimos dias", ou "plenitude dos tempos", porque temos a verdade. Mas ainda os miseráveis vilões, que acumulam até a borda a medida de seus pecados, não hesitarão em dizer conosco que estes são os últimos dias, isto é, como eles interpretam, quem quer que entre na casa do amor e seja iluminado, está agora ressuscitado novamente e ouviu a última trombeta, e tornou-se de uma natureza Angélica, não precisando comer, beber ou casar-se, ao modo dos homens: e estes são nossos vagabundos errantes, que não se prenderão a

nenhuma vocação, mas vivem como pensam na ressurreição. Veja quão necessário é entender esta frase corretamente sobre os últimos dias. Não os chamamos de últimos dias no respeito de que não haverá mais tempo, mas neste respeito de que estes dias não serão encerrados até que Cristo venha e entregue o reino a Deus Pai: e como estes últimos dias foram começados na sua primeira vinda em humildade na carne, assim eles terminarão na sua última vinda em glória para o juízo.

Segue-se em nosso texto: "Nos últimos dias, diz Deus". Todas as Escrituras são dignas de ser ouvidas, porque procedem de Deus, e não do homem, embora o homem possa ser a pena do Espírito Santo. Portanto, é dito em 2 Pedro 1:20-21: "Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo". Os Profetas, para totalmente desautorizar a si mesmos, em todas as suas pesadas embaixadas, costumam dizer: "Assim diz o Senhor dos exércitos: Assim diz o Senhor, o santo"; e coisas semelhantes: pelo que eles comprariam o maior crédito, enquanto removem a imaginação dos homens de todo sonho sobre o fazer do homem, e põem sua fé em ação ao reconhecer que procede de Deus. Portanto, devemos ouvir a Palavra como se ouvíssemos o próprio Deus falando conosco, sim, como se ou subíssemos ao céu, ou Deus descesse a nós. Do mesmo modo, seja que leiamos, ouçamos ou meditemos privadamente, devemos ainda pensar que estamos na presença de Deus, que observa atentamente o uso puro de sua santa Palavra, lembrando daquele santo discurso de Cornélio (At 10:33) ao Apóstolo Pedro: "Agora, pois, estamos todos aqui presentes diante de Deus, para ouvir tudo quanto por Deus te foi ordenado". É

também dito naquela exortação à Igreja para louvar a Deus (Sl 95:2): "Apresentemo-nos ante a sua face com louvores", etc. Isto é o que nos humilhará, quando soubermos que comparecemos diante de Deus e seus Anjos, cuja presença é descrita em Ezequiel 1; e, portanto, o Apóstolo (1Co 11:10), para mover mais as mulheres de Corinto, diz-lhes que estão na presença dos Anjos. Esta meditação gera religião na audição, sem a qual, enquanto contemplamos um homem falando como de si mesmo e por si mesmo sozinho, nunca somos movidos, ameaça ele, promete ele, incute ele, conforta ele, exorta ele, repreende ele, não importa o quanto. Não, não podemos ser profundamente trabalhados, até que possamos dizer: "Certamente é o Senhor que nos fala, é a palavra do Deus altíssimo proferida pelo homem; não a receberemos como a doutrina dos homens, mas de Deus, seja como a doutrina para salvar nossas almas, ou para nos confundir; é o poder poderoso da salvação, se crermos; é um poder poderoso para nos lançar aos infernos, se não crermos". É a Palavra de Deus que move, não a palavra do homem. Pois se um homem fosse Turco, como moveria um Papista? Ou como um Papista moveria um Turco? Se ele tirar os sonhos de Maomé do Turco, ou as tradições dos Pais do Papista, ou as revelações do oitavo homem do Familista, e os pressionar com a Palavra, eles estão perdidos: de modo que é a única Palavra de Deus, a despeito da cabeça do diabo, que desvenda todos os seus erros e é capaz de movê-los e converter tantos deles à verdade quantos Deus quiser salvar. Assim, vemos o que a persuasão da presença de Deus e a autoridade da sua Palavra opera em nós. Agora, antes de entrarmos nos outros particulares, consideremos, de passagem, um pouco da razão aqui usada. Antes ele usou uma razão de probabilidade a partir da circunstância do tempo, agora ele vem a uma razão de necessidade, porque homens

embriagados nunca poderiam falar as coisas maravilhosas do Espírito. Este argumento é tirado dos contrários: homens cheios de bebida não podem manifestar assim as obras de Deus; homens assim dotados com o Espírito de Deus não podem estar embriagados. Desta maneira Paulo raciocina assim (Ef 5:18): "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito". Como se dissesse: se vos encherdes de vinho, há excesso; se vós vos ocupais com excesso de vinho, certamente não podeis ter o Espírito. Cristo também usa este argumento: "Ninguém pode servir a dois senhores", etc. Se um homem se entrega inteiramente a Deus, não pode servir ao mundo; se toda a nossa mente, coração e afeições forem dados ao mundo, não podemos servir a Deus. Aqueles, então, que estão cheios de vinho e estão embriagados, não podem ter o Espírito Santo. Digo "embriagados", porque, de outra forma, não haveria razão. Pois um pode beber vinho moderadamente e ainda assim falar maravilhosamente das obras de Deus; e um homem pode, após comer e beber, proferir as graças e louvores de Deus, para mostrar que não abusou imoderadamente das criaturas de Deus. Pois é um argumento direto, pelo qual podemos provar a nós mesmos que, se após a nossa refeição recebida, pudermos discreta, reverente e humildemente falar das coisas para o louvor e glória de Deus, não fomos devoradores imoderados ou intemperantes dos seus dons. Este é um argumento proveitoso e digno de nossa meditação. Em qualquer coisa mundana que excedamos, não podemos nos aplicar ao reino de Deus. Pois se o reino de Deus for nosso maior deleite, usaremos este mundo como se não o usássemos. Costumamos nos maravilhar muito que, após a Palavra pregada, nossas orações feitas, os Sacramentos recebidos, ainda não aparece nenhuma mudança ou alteração em nós; nossas afeições são como eram, nossa vida é a mesma que era antes:

mas não consideramos que, antes de virmos à Palavra, oração e Sacramentos, nossos corações estavam carregados e lastrados com cuidados mundanos, de modo que não havia lugar vazio em nossas afeições para a Palavra; e que nossos corações estavam tão incomodados e amontoados com prazeres vãos, que não havia espaço para o Espírito de Deus manter residência em nós, e para a religião habitar entre nós. A devida consideração disso deve nos desmamar do mundo e dos prazeres que causam saciedade, os quais trancam nossos corações para que o Senhor não possa entrar. Não podemos correr bem com a Lebre e caçar com o Cão, não podemos segurar fogo e água juntos, não podemos reconciliar Cristo e Belial, luz e trevas, Deus e o diabo. Se um sobe, o outro deve descer; se um desce, o outro subirá. Novamente, nos maravilhamos que, após a Palavra pregada, sejamos tão dominados por nossos prazeres e lucros costumeiros, vendo que, enquanto ouvíamos, tínhamos um secreto e doce desgosto pelo pecado e um incômodo conosco mesmos pelo mesmo, contanto que estes pensamentos posteriores corrijam os anteriores. Certamente respondo a partir de Paulo (2Co 3:3), porque somos ainda carnaís, somos mais carnaís do que espirituais, somos bebês em Cristo, temos apenas começos jovens em Cristo, mas procedimentos velhos no mundo. Por que então viemos a Deus tão coxeantes e mancos? Mesmo porque não chegamos a nenhum bom crescimento no novo nascimento. Contudo, tenhamos cuidado para que não continuemos a ser famintos, para que isso não gere em nós uma doença para a morte, tanto do corpo quanto da alma. Se fôssemos mais espirituais do que carnaís, e tivéssemos o Espírito derramado sobre nós em alguma medida abundante, e estivéssemos plenamente persuadidos da providência de Deus vigiando sobre nós, do ministério de seus santos Anjos

esperando por nós, e seguros da glória da vida por vir, sentindo o poder poderoso da Palavra, da lei para nos humilhar, do Evangelho para gerar fé em nós, dos Sacramentos para nos selar, de Cristo para viver em nós; oh, como deveríamos viver neste mundo! Enquanto Cristo vivia em Paulo, ele usava este mundo como se não o usasse, ele sentia tanta alegria nos frutos do Espírito que todas as outras coisas eram vis para ele. Assim, a razão pela qual os bons movimentos morrem em nós tão cedo, e as sugestões da carne prevalecem tão fortemente contra nós, é porque somos mais carnisais do que espirituais. Muitas regras podem ser dadas, como um homem deve se portar: mas para estabelecer todas, ou ficaremos aquém, ou então, ao alcançar alguma boa medida delas, podemos inchar em orgulho secreto; mas aprenda isto bem, e aprenda tudo: o que, após uma longa parte de um sermão, nosso Salvador Cristo conclui em Mateus 6:33: "Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça", etc. Isto é difícil: mas se chegarmos a qualquer crescimento médio em santidade, e provarmos quão doce o Senhor é para nós, então sentiremos certamente que nossa carne não é tão dominadora, nem será tão trabalhoso fazer o bem que desejamos fazer. O argumento do Apóstolo, vemos, é este: está tão longe desses homens que eles estão embriagados, que é o Espírito de Deus neles; do que, o que pode ser mais contrário? E está escrito até mesmo por um dos vossos próprios Profetas: "Nos últimos dias, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne", etc. Isto agora aconteceu, e portanto o reino de Cristo é agora. Pois sempre que o Espírito de Deus vier sobre todos, então o reino de Cristo é chegado, mas agora o Espírito de Deus veio sobre todos, portanto agora o reino de Cristo é chegado. Assim, o Apóstolo nos ensina como podemos saber quando e onde é o reino de Cristo, mesmo onde tanto os jovens quanto os velhos, as mulheres quanto os homens, os servos

quanto os mestres podem manifestar as obras do Senhor. No Papismo, homens e mulheres, velhos e jovens, mestres e servos, não podiam falar dos mistérios de Deus, portanto, no Papismo não há o reino de Cristo. E embora nossos Anabatistas compostos tenham grandes coisas em suas bocas, ainda assim, porque seus homens e mulheres não falam nada senão sonhos, abandonando a Palavra de Deus, eles não têm o reino de Cristo. Em muitos lugares, nos dias da Rainha Maria, tanto velhos quanto jovens não tinham medo de mostrar o louvor de Deus, tão bem as mulheres quanto os homens professavam corajosamente a verdade; não apenas mestres, mas servos deram testemunho do Evangelho com seu sangue; e, portanto, então, em tais lugares, apareceu este reino. E podemos seguramente, neste dia, raciocinar assim em cada congregação: onde velhos e jovens, homens e mulheres, podem falar o louvor de Deus, lá está o Espírito de Deus, lá está o reino de Cristo; de outra forma, se estas coisas não estão lá, não está o seu reino, que meios quer que sejam usados. E agora, para ramificar estas palavras mais particularmente: primeiro, devemos notar que Deus concede uma coisa tão excelente como o seu Espírito; segundo, que uma coisa tão excelente é enviada para uma coisa tão vil como a carne; terceiro, esta graça não é arrendada a poucos aqui e ali, mas é livremente oferecida a todos os tipos, idades, sexos e condições de homens; quarto, ela não é destilada por gotas finas, mas derramada em medida plena e abundante. O que é mais vil que a carne? O que é mais precioso que o Espírito de Deus? A excelência do qual veremos mais evidentemente em Joel 2, onde, depois que o Profeta ameaçou severamente os Judeus e os exortou a se converterem, ele os conforta novamente prometendo-lhes a renovação das misericórdias de Deus, e não parando em dizer-lhes como o Senhor lhes enviaria novamente trigo, vinho e azeite, ele vem

ao final e os faz lembrar daquilo que compensa todo o restante, e diz que o Senhor lhes dará o seu Espírito para ser derramado sobre toda a carne, que pode selar e temperar todos os outros seus benefícios, e que nunca deveria deixá-los até que chegassem à vida eterna. Acima de todos os dons então no mundo, este é o dom dos dons, o Espírito de Deus, no qual um o Senhor nos prefere não apenas acima de todas as outras criaturas terrenas, mas também acima de muitos homens semelhantes a nós mesmos, enquanto ele nos torna Reis, Sacerdotes e Profetas derramando o mesmo espírito sobre nós. A excelência deste benefício o próprio Cristo nos ensina, onde ele ensina o povo a orar, dizendo: "Qual de vós, se seu filho pedir um pedaço de pão, em vez de pão lhe dará uma pedra", etc.? "Se vós, que sois maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quando as pedem, quanto mais o vosso pai celestial dará boas coisas", diz Mateus, "o seu Espírito", diz Lucas? Este é o topo, esta é a cabeça, esta é a altura, esta é a profundidade de todas as coisas boas, mesmo o Espírito. Agora, se isto é a vida eterna (Jo 17:3), conhecer o Pai como o único verdadeiro Deus, e a quem ele enviou, Jesus Cristo, e nenhum homem pode jamais fazer isto senão pelo Espírito de Deus, pelo qual conhecemos e cremos nisto de acordo com a Palavra, e assim vivemos para sempre; quem negará a este dom de todos os dons ser o mais principal? Se esta é a dignidade das dignidades, que somos os filhos de Deus e herdeiros de uma vida melhor; quão preciosa coisa é ter o privilégio do próprio Espírito de Deus, que nos dá o pleno título, interesse e segurança de todas estas coisas para nós? Novamente, se esta é a plenitude do nosso regozijo no dia de Cristo, que ele é feito por Deus para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção, e que através dele somos tão plena e mais seguramente perfeitos do que Adão jamais foi na sua criação, e não podemos ter esta

sabedoria, a menos que o Espírito nos diga como somos esclarecidos por ela da nossa ignorância; não podemos nos alegrar nesta justiça, a menos que o espírito nos assegure que, por ela, somos absolvidos da nossa culpa; não podemos ter nenhum conforto nessa santidade, até que saibamos pelo Espírito de Deus que ela responde pela nossa impureza e profanidade, e assim nos separa e nos coloca à parte para as obras da santificação; não podemos triunfar na nossa redenção, até que o Espírito confortador de Deus sustente nossos espíritos impacientes por uma expectativa indubitável pela gloriosa aparição dela; sem este espírito, todas as coisas são morte, mas com isto, todas as coisas são vida. Isto traz conhecimento nas coisas das quais somos ignorantes; isto traz à nossa memória as coisas que conhecemos e esquecemos; isto nos assegura das coisas nas quais temos hesitado; isto nos une a Deus e nos une a Cristo; quando nos desviamos, voltamos para casa pelo Espírito; quando por ele somos renovados e pelo mesmo somos estabelecidos, venha a vida, venha a morte, venha a honra, venha a desonra, prosperidade, adversidade, riqueza ou sofrimento, um não nos elevará demais, o outro não nos derrubará demais. Se o Senhor nos dá um corpo saudável, crédito, riquezas e autoridade, somos por isso resolvidos a glorificar a Deus por estas coisas, a remir o tempo e assim possuí-las como se não as possuíssemos; se o Senhor nos nega estas coisas e envia doença, descrédito, pobreza e obscuridade, o Senhor enviará uma recompensa de coisas interiores, e faltando a saúde corporal, ele nos dará a salvação de nossas almas; em vez de crédito exterior, teremos crédito com Deus e seremos bem pensados entre seus filhos; e se, faltando riquezas mundanas, formos enriquecidos com coisas celestiais, nada perdemos, tendo trocado escória e esterco por ouro. Sem isto, a inteligência torna-se sutileza, a sabedoria política mundana, a

autoridade é armada para a tirania, a dignidade gera ambição, as riquezas engendram cobiça, a Medicina é feita infidelidade, a Lei prova esperteza, a Divindade degenera em heresia; para ser breve, sem este dom celestial de Deus santificando todos os dons, o homem mais sábio, o homem mais justo, o homem mais forte é o sujeito mais apto para o diabo trabalhar sobre ele. Mas ter inteligência, e com ela o Espírito de Deus santificando-a, que coisa é esta? Ter riquezas, e o Espírito de Deus para usá-las, é uma bênção dupla; ter autoridade, e nela ser guiado pelo Espírito de Deus, que bem pode um, tendo este benefício, fazer, seja na Igreja ou na Comunidade? Se o Espírito está ausente, tudo se volta para o nosso prejuízo, para a desonra de Deus, para o estabelecimento do reino de Satanás; e com este, todas as coisas são temperadas com seu uso, serviço e ministério para nós. Oh, como devemos orar, para que Ministros, para que Magistrados, para que cada um de nós possa ter um bem tão grande! Os Ministros, para que possam pura e corajosamente pregar Jesus Cristo, para que possam ser Ministros do espírito que vivifica, não Ministros da letra nua e que mata, para que possam pregar a cruz de Cristo sinceramente, e não a si mesmos de modo vaidoso; Magistrados, para que possam provocar a obediência por um bom governo, e que nós mesmos possamos viver santamente tanto diante de Deus quanto diante dos homens. Isto então é o que mantém um tom em todas as coisas, isto dá a medula e o tutano da bondade a tudo. Se a religião vier uma vez apenas para servir por moda, tudo será confundido. Entre muitas regras, esta é uma regra notável: ter nossos corações cheios de deleites celestiais e espirituais, o que veda, como na porta e primeira entrada, muitos discursos ociosos e vãs plataformas de estratégias mundanos, e nos faz usar esta vida como se não a usássemos. E como aqueles que são dados ao mundo não são

aptos para o reino de Deus, assim aqueles que são repletos de boas coisas têm um trabalho interior e suficiente neles, de modo que não buscam as coisas terrenas com aquelas afeições gananciosas com que outros buscam. Os Papistas e Anabatistas, balbuciando mais do que profetizando, mostram que não têm revelações verdadeiras, por mais que se vangloriem delas, porque não têm o espírito; e ainda assim, pelo fato de serem tão esforçados pelo seu espírito iludente, com o qual foram iludidos, para iludir outros, isto deve nos envergonhar de nossa ignorância, ou de que, tendo conhecimento e o Espírito Santo nos ensinando, não trabalhamos mais para ganhar outros para Cristo. Pois quem quer que seja tão ignorante que não possa dar conta de sua fé para a glória de Deus e a edificação de outros, não pode dizer que tem o Espírito de Deus. Se alguém tem o Espírito de Cristo, ele é de Cristo; se ele é de Cristo, deve ser um Profeta capaz de dar conta de sua fé, sendo requerido, e assim ele é de Deus; se ele é de Deus, então venha a vida, venha a morte, venha a saúde, venha a doença, venha o que vier, tudo vem bem; se um homem tem coisas exteriores, ele não é inchado demais com elas; se ele não as tem, ele não é entristecido demais. Mas se não temos o Espírito de Deus, certamente não pertencemos a Deus. Pois temos inteligência, sabedoria, saúde, poder, riqueza, autoridade, crédito, amigos ou qualquer coisa semelhante, e ainda assim não recebemos o Espírito de Deus; o que somos nós senão uma substância ou sujeito mais apto, sobre o qual Satanás pode forjar a obra do pecado? Não são as pessoas pobres, tolas ou simples que são os principais instrumentos que o diabo usa em seus maiores assuntos para causar dano; mas os homens sábios, políticos, ricos e poderosos do mundo. Ao contrário, se com estes bons dons temos o Espírito de Deus, que grande bem podemos fazer na Igreja ou na Comunidade? Se, além da beleza do Espírito de

Deus, temos as flores das coisas exteriores, que ornamento singular é este para nossa guirlanda? O que direi mais? Na aflição, o Espírito nos mostra a mão de Deus tanto nos humilhando quanto nos confortando, revela nossos pecados, opera em nós o desprezo desta vida, o desejo da vida por vir, e assim santifica nossa cruz pela sabedoria, arrependimento e paciência. Vendo então que estes são os efeitos do Espírito de Deus, que ele nos investe pela fé na herança eterna, ele nos assegura de todos os nossos ricos tesouros em Jesus Cristo, vendo que ele santifica todos os dons interiores e tempera o uso de todas as coisas exteriores; brevemente, vendo que com ele todas as coisas parecendo miseráveis são as mais bem-aventuradas, e sem ele todas as coisas parecendo felizes são as mais miseráveis, segue-se que, de todos os dons, o Espírito Santo é o mais excelente. Contudo, uma coisa aqui deve ser acrescentada, para que possamos nos separar totalmente dos Anabatistas; falamos do Espírito como ele mostra sua força em nós e opera em nós pelo ministério da Palavra, os quais dois trabalham juntos, e portanto é dito (Jo 6): "As minhas palavras são espírito e vida". Pois, sem o Espírito, a Palavra é como o Sol brilhante para um cego, que, não por culpa de um objeto puro, mas por falta de sentido, não é capaz de discernir a coisa mais clara do mundo; e, portanto, o Profeta Davi (Sl 119) diz: "Abre os meus olhos, ó Senhor, para que eu veja as maravilhas da tua lei". Verdade é, o Sol é brilhante, mas o que é isso para um homem cego? Verdade é, a Palavra é gloriosa, mas o que é isso para um homem sem o Espírito de Deus? Pois até onde lucramos com a Palavra, recebemos o poder dela pelo ministério interior do Espírito; devemos provar os espíritos pela Palavra, e saberemos então que recebemos o Espírito de Deus, quando ele nos dá a compreensão pura, o recebimento cuidadoso e a prática zelosa da mesma. Homens carnaís e

nossos recentes Anabatistas são apenas vangloriosos de si mesmos, ao se autodenominarem homens espirituais; não somos ensinados a nos vangloriar do Espírito, ou de qualquer obra dele, mas como ela é garantida a nós pela Palavra escrita; confessamos que cega é nossa mente e que não podemos lucrar com a Palavra, senão pelo Espírito de Deus; não buscamos o espírito em nossa fantasia, mas o espírito que trabalha pela Palavra; o qual espírito falou por Abraão, pelos Patriarcas, por Moisés e os Profetas, por Paulo e os Apóstolos, e pelo nosso próprio Salvador Cristo. Vendo que o Espírito de Deus é uma coisa tão alta, estamos aqui para lamentar por que caçamos a vida, o lucro e o prazer, e temos tão pouco cuidado para obter o bom Espírito de Deus, que é tão precioso. É uma grande falta fantasiar tanto as coisas deste mundo, e tão pouco estimar este. E aqui, não de um tratado estabelecido, mas de passagem, falaremos da última parte de nossa divisão, isto é, do meio para alcançar estas graças do Espírito. Sabemos que homens ricos podem, para seu aumento, frequentar feiras, homens ambiciosos podem obter preferência, homens carnavais vigiarão suas oportunidades, e cada homem em seu gênero sabe como providenciar o melhor para seu lucro e prazer. Nosso caminho segue na outra direção e reside na audição cuidadosa da Palavra, no uso fervoroso da oração, no reverente e frutífero recorrer aos Sacramentos e na mais santa submissão de nós mesmos à disciplina do Senhor, em frequentar a companhia dos filhos de Deus, e em nos desmamar do mundo; por todos os quais meios o espírito pode ter um trabalho mais voluntário, livre e perfeito em nós e sobre nós. E embora todas estas coisas não estejam particularmente aqui estabelecidas, contudo observe, aqui é nomeado o meio mais próprio apontando para todos os outros, e este, como vedes, é a oração, pela qual o Senhor transmite o seu espírito para nós, para tornar todos os

outros meios mais agradáveis e proveitosos para nós. Por que então tantos sermões hoje em dia não são mais eficazes, quando um ou dois sermões tocavam estas pessoas tão poderosamente? Certamente o Espírito de Deus não trabalha em nós, como ele trabalhava neles. Por que, quando alguns são convertidos, tão poucos se voltam para o Senhor, quando o Senhor atraiu tantos destes homens de uma só vez para si? Porque somos atraídos demais pela nossa própria carne, e não provamos a doçura do Espírito de Deus, como eles provavam. Mas pode um homem orar por fé e pelo Espírito de Deus, que ainda não tem nem fé nem o Espírito de Deus? Qualquer bom dom que tenhamos, é certo que o temos pela fé e pelo Espírito de Deus em alguma medida em nós, e então podemos orar pelo aumento deles em nós. Pois é o Espírito de Deus que ora em nós (Rm 8). Verdade é que muitos receberam o Espírito de Deus antes de senti-lo, e a fé antes de vê-la, e por este meio oram para receber a fé e o Espírito de Deus, como eles pensam, ou melhor, o aumento de ambos, penso eu, porque eles os receberam antes, pois de outra forma eles nunca poderiam terorado verdadeiramente. Mas eles então, que são chamados, devem este dever aos Ministros, que eles devem orar por eles, assim como os Pregadores devem orar por eles. Assim veremos as orações da Igreja (Sl 67). O Pastor pelo povo, o povo pelo Pastor deve fazer orações e súplicas. Geralmente, todos devem deixar sua luz brilhar diante dos homens e vigiar na oração, de modo que outros, vendo nossa vida piedosa, possam dizer: "oh, que povo em sabedoria e verdadeira piedade é este, é uma boa e feliz coisa nos juntarmos a eles; que zelo, que humildade, que frutos abundantes de fé estão aqui; bem-aventurado é o povo que tem tal Pastor, bem-aventurado é o Pastor que tem tal povo!". E aqui lembremo-nos de como os Apóstolos não apenas oravam pelo aumento do Espírito de Deus neles

mesmos, mas pelos começos dele em outros, que ainda não o tinham recebido; ensinando-nos, desse modo, qual é o nosso dever, a saber, que não descansemos em nossos próprios sentimentos privados, ou em orar pelo aumento deles, mas que oremos para que outros possam provar das mesmas alegrias que sentimos, e que a semente do Espírito de Deus possa brotar, para que tanto nós quanto eles, juntando-nos em oração devota e prática cristã da nossa profissão, possamos chamar e atrair outros, que ainda estão mais longe de nós, a vir mais perto de nós. Mas alguns dirão a mim: "Eu costumava ter melhores disposições e sentir movimentos mais doces do que tenho sentido ultimamente, eu lucro pouco ou nada, não, temo, antes, que retrocedo". Por que, eu vos pergunto, é isto? Digo, certamente o Espírito de Deus não trabalha em mim, como ele tem feito antes, porque não posso ter tal deleite na Palavra, tal doçura na oração fervorosa, tal alegria nos Sacramentos, não tenho tal medida abundante do Espírito de Deus em mim.

Segue-se agora a segunda coisa nestas palavras: "Sobre a carne". Há aqui duas coisas na natureza opostas uma à outra, uma mais preciosa, a outra mais vil. O que há de mais precioso do que o Espírito de Deus? O que há de mais vil do que a carne, isto é, do que um homem meramente não regenerado? Que esta palavra "carne" significa isso, fica evidente em Gênesis 6:3, onde o Senhor diz: "O meu Espírito não contendrá para sempre com o homem, porque este é carne", isto é, aquele em quem a minha imagem está apagada. E em Romanos 7:18, o Apóstolo diz: "Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum": lugar em que o Apóstolo fala de si mesmo como um homem meramente natural e não regenerado. E em João 3:6, é dito: "O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é

Espírito". Onde a antítese e contrariedade mostram o significado desta palavra "carne". Aqui, pois, está a profundidade, altura, comprimento e largura da misericórdia de Deus recomendada a nós, ao dar seu santo Espírito à carne pecaminosa; e, portanto, podemos justamente clamar com o Profeta (Sl 8:4): "Que é o homem, para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?". Oh, que é o homem, para que o Senhor lhe dê o seu Espírito! Se o homem de Deus clamou assim pelo benefício das coisas exteriores, quanto mais devemos clamar pelo benefício do Espírito de Deus! Se Jó, em seu livro, argumenta que é uma grande misericórdia de Deus que ele se dê ao trabalho de castigar o homem, quanto mais misericórdia é quando ele se digna a dar o seu Espírito a ele? Se então a carne é uma coisa tão desprezível, que jaz sem qualquer honra até que Deus envie seu bendito Espírito, aqui é refutada a opinião insensata dos Papistas, que pensam que há alguma coisa boa no homem, que move o Senhor, através de um apreço e amor por ele, a conceder-lhe estas inestimáveis graças do espírito, quando, por si mesma, ela é inteira, sempre e em todas as coisas corrupta, e apenas má continuamente. Em que estes Teólogos cegos mostram e revelam não terem provado verdadeiramente em nenhum momento o Espírito de Deus, mas apenas vislumbrado com uma visão tênue para sua própria condenação posterior, como os tolos Filósofos. Pois o povo de Deus sente claramente, e para a glória de Deus confessa corajosamente, que não há primeiro grau ou preparação em si mesmos, pelo qual pudessem mover o Senhor a lançar o seu semblante favorável sobre eles, mas que é apenas o mérito e a misericórdia imerecida de Deus que o seu espírito, o qual opera quaisquer bons procedimentos neles, também começa neles, e o mesmo espírito tanto continua a obra quanto abre caminho para a obra, sobre a qual ele mesmo deve operar

depois. É dito em Isaías 44:3: "Derramarei água sobre o sedento, e rios sobre a terra seca": onde nossa natureza, pela esterilidade, é comparada à terra seca, e o Espírito a uma fonte de água. O Senhor, além disso, por seu Profeta, mostra que, até que pelo seu bom espírito ele nos amoleça, temos corações de pedra. E pode uma pedra sangrar, embora você a machuque, corte e quebre em pedaços? Certamente, não mais podemos ser machucados, humilhados e quebrantados de coração pelo pecado, sejam os juízos de Deus nunca tão dolorosamente pressionados sobre nós, até que Deus, pelo seu bom espírito, nos toque. Se é, pois, uma grande obra transformar uma pedra em carne, tornar uma coisa insensível a mais sensível; então, certamente, tornar um coração de pedra em carne, e fazer nossos corações que estão endurecidos derreterem, sangrarem e serem resolvidos em lágrimas é uma obra mais excelente, e esta é a única obra do Espírito de Deus. E como falamos tanto para a doutrina, assim também pode servir para nossa consolação e para o conforto de todos aqueles que estão quebrantados de mente e sentem o fardo de sua corrupção natural. Verdade é que todos, geral e naturalmente, são carne, terra seca e corações duros; mas nem todos sentem isso, nem todos veem isso, nem todos lamentam isso; e, portanto, todos os que não têm os começos da fé e não provaram os primeiros frutos do espírito, porque são apenas carne, como podem sentir algo em si mesmos? Mas quando o espírito vem, essa dureza é retirada, o véu é rasgado, e então começamos a reclamar de nossa morte e torpor; então clamaremos sobre nós mesmos como homens indignos de qualquer graça ou favor de Deus. Então lembra-te, para teu conforto, da aliança de Deus feita conosco, isto é, que Deus derramará o seu espírito sobre a carne, e tu receberás do poder dele, se reclamares na verdade, e não como um Papagaio imitando a obra da razão. Pois, assim

como algumas aves podem imitar as palavras dos homens, alguns homens podem imitar as palavras de Deus. Se, pois, não estás verdadeiramente movido e puramente afetado, nem sentes tal operação graciosa em ti como desejas, lembra-te de que Deus derramará o seu espírito sobre a carne, Deus derramará águas sobre a terra seca, Deus amolecerá os corações duros; e, embora em nós mesmos não encontremos aptidão, o Senhor enviará rios de água em vez de secura, e carne em vez de dureza, e conforto em vez de peso.

Segue-se agora a terceira coisa, isto é, que este benefício será universalmente derramado sobre todos. E isto expõe a bondade de Deus que o dá, na medida em que o faz sem acepção de pessoas, tanto sobre filhos quanto sobre pais, tanto sobre servos quanto sobre mestres, tanto sobre mulheres quanto sobre homens, tanto sobre jovens quanto sobre velhos: juntamente com a quarta coisa, na medida em que este dom celestial será derramado em medida abundante, na medida em que os filhos e filhas profetizarão, os jovens terão visões e os velhos sonharão sonhos. Onde observamos, primeiro, a diferença entre a Lei e o Evangelho, entre os Pais sob a Lei e aqueles que estão sob o Evangelho. Concedemos que todos nós tínhamos uma mesma substância de fé e arrependimento; apenas eles esperavam por Cristo a vir, nós por Cristo já vindo. E aqui devem ser notadas duas outras diferenças: uma, que então o espírito era dado a poucos, e por assim dizer a um punhado; agora é dado a muitos e a todas as nações; então a um sexo mais especialmente, agora a ambos: a outra é que então eles tinham conhecimento, agora eles têm mais e uma maior medida tanto de conhecimento quanto de arrependimento. Pois os jovens terão visões, e os velhos sonharão sonhos. Este, digo eu, é a primeira diferença: que esta graça é oferecida a mais

nações. Pois a primeira foi concedida apenas aos Judeus, pois eles apenas tinham a Lei (Sl 147:19), mas agora tudo é um, Cristo é o cabeça tanto do Judeu quanto do Gentio; há um só pastor e um só aprisco, tanto de Judeu quanto de Gentio. A segunda nota de diferença é que os jovens deveriam ver visões, e os velhos sonhar sonhos. Este é um grande benefício e um sinal singular do amor de Deus para com o seu povo, que alguns deles devessem ver visões, e alguns sonhar sonhos. É dito em Números 12:6 que o Senhor se faria conhecer a um Profeta entre o seu povo por uma visão, e que falaria com ele por um sonho; e embora então, de todos, alguns profetizassem, alguns vissem visões, alguns sonhassem; contudo, agora todos profetizarão, todos verão visões, todos sonharão sonhos; não que todos serão Profetas, como os Anabatistas e a Família do amor concluem, mas que agora filhos e filhas, servos e mulheres deveriam ter tanto conhecimento quanto aqueles que, entre os Judeus, eram escolhidos Profetas. Ora, que isto não pode ser entendido literalmente (e há grande perigo se não for corretamente entendido), prova-se assim: Porque nunca houve qualquer era, ao mesmo tempo, em que todos fossem Profetas; contudo, este ditado era verdadeiro e cumprido no tempo dos Apóstolos, e ainda assim não tão literalmente que possamos perceber que todos os Apóstolos profetizaram e viram sonhos. Pedro e Paulo, de fato, viram sonhos; mas onde encontraremos que todos os outros Apóstolos fizeram isso? E ainda assim isto não seria tão cumprido, a menos que os ouvintes também profetizassem. Mas isto não foi assim, mesmo naquele tempo, e, portanto, não foi literalmente cumprido neles que todos os tipos de homens tivessem todos estes dons; e, portanto, deve necessariamente seguir-se que nunca foi tão universalmente cumprido, porque ou naquele tempo foi cumprido, ou nunca. Pois, mesmo no tempo dos Apóstolos, nem todos eram

Mestres, nem jamais o serão em qualquer tempo futuro, porque Deus é um Deus de ordem, e não de confusão, e ordenou e propôs esta diversidade: que alguns fossem Mestres e alguns aprendizes. Portanto, o Apóstolo, depois de ter estabelecido as diversas vocações dos Cristãos para edificação da Igreja (1Co 12), acrescenta no versículo 29: "Porventura são todos apóstolos? São todos profetas? São todos mestres?". Sim, Paulo prova que não era assim então. Pois, assim como há diversos membros em um corpo, e todos os membros não têm o mesmo ofício; assim é na Igreja de Cristo. Pois nem todos são Profetas, nem todos são Apóstolos, nem todos são Mestres. Como se ele dissesse: Vemos que não é assim, mas Deus dispôs de outra forma. Em Efésios 4, é dito que Cristo, quando ascendeu, ordenou diversos ofícios: alguns para serem Apóstolos, alguns Profetas, alguns Evangelistas, e alguns Pastores e Mestres, para a reunião dos Santos para a obra do ministério e para a edificação do corpo de Cristo, até que o número dos eleitos seja cumprido, e não até que os homens se tornem perfeitos nesta vida, como alguns homens tolos sonharam. Aqui vemos alguns Mestres, e o restante a obra do ministério. Novamente, Paulo em sua Epístola aos Filipenses intitula sua Epístola aos Santos, que era a Igreja, e aos Bispos e Diáconos, que eram os Ministros da Igreja: todos os Santos não eram Bispos, todos os Santos não eram Diáconos. Além disso, se todos fossem Bispos, que necessidade teriam as regras que Paulo dá a Timóteo e Tito para a escolha de Bispos? Em 1 Coríntios 14, Paulo diz: "Se algum homem for profeta, ou espiritual", isto é, um discípulo: onde ele constitui duas ordens, a saber, um Profeta ou Mestre ensinando pelo espírito, e um Cristão não da espécie comum, mas ensinado por Deus, ou alguém que recebeu das graças de Deus. E novamente é dito que os jovens deveriam profetizar. Eram então todos os jovens Profetas? De

fato, Tito era jovem e um Ministro, mas ele foi escolhido por Profetas, e profetizado a respeito dele, e havia sido instruído nas Escrituras desde a sua infância. Pois "Bispo", ele é assim chamado por seu ofício, porque supervisiona, e assim ele é chamado de "Ancião" por sua gravidade; o que mostra que, mesmo ordinariamente então, os Mestres eram velhos. Cristo não começou a pregar até ter trinta anos de idade, e João era velho antes de começar a pregar; e, portanto, ordinariamente, os homens deveriam ser de boa idade antes de chegarem a essa vocação; não que eu pense que ninguém deveria ensinar antes de ter trinta anos, mas que nunca foi ordinário que qualquer jovem ensinasse; pois é dado como preceito que os Mestres não deveriam ser jovens estudiosos. Mas uma questão é o que Deus pode fazer, e outra o que é feito ordinariamente. Pois Deus pode, e frequentemente levanta jovens para envergonhar os idosos, como se pode pensar que ele fez mesmo em nossos dias; mas isto nunca foi ordinário, nem deveria ser. As mulheres não eram ordinariamente admitidas a esta função, contudo Deus, para mostrar seu poder e envergonhar os homens, levanta por vezes mulheres Profetisas. É dito aqui que as mulheres deveriam profetizar. O que foi isto alguma vez cumprido? Alguma vez as mulheres tomaram para si o lugar de ensinar? De fato, havia uma Profetisa entre eles, mas isso não era ordinariamente. E quando as mulheres de Corinto começaram a ser ousadas e a falar na congregação, o Apóstolo dá uma regra clara de que as mulheres não deveriam falar, mas aprender em submissão. É dito ainda que servos, criadas e homens deveriam ver visões. Foi isto alguma vez cumprido? Eles tomaram em algum momento este ofício sobre si? De fato, se tivessem tido os dons, teriam sido aptos, mas vemos que nunca aconteceu. E vendo que não foi então cumprido no tempo dos Apóstolos, então não foi em nenhum momento

cumprido antes, nem em nenhuma era desde então. Sim, tiremos um argumento dos Anabatistas, e da própria Família do amor; isto não é cumprido nem mesmo neles. Pois são todos eles Mestres? De fato, se pudessem fazer isto, esse seria o caminho para converter todos a eles; mas eles não são. Pois alguns, sim, e a maioria deles são aprendizes; e aqueles homens que parecem ser mestres não estão ainda, de acordo com esta profecia, cheios do Espírito. Pois a abundância do Espírito de Deus torna o seu povo mais ousado. Pedro não teve medo de todo o Conselho; Estêvão fez seus perseguidores e acusadores envergonharem-se, e os Apóstolos eram sempre os primeiros a responder pela defesa da doutrina. Mas é assim com a Família do amor? Não, certamente. Pois chegue aos mais jovens deles, depois novatos e aprendizes, eles dirão abertamente alguma coisa e darão alguma razão de sua doutrina; mas seus Anciãos e homens iluminados não podem ser vistos, eles fogem da luz e entram em cantos. São estes homens cheios do espírito, que tão covardemente abandonam a prova de sua doutrina e deixam o pobre povo para sustentar isso, que não estão tão profundos em suas revelações, nem tão bem fundamentados em seus mistérios de iniquidade? Sem dúvida, eles não são; sim, pelo contrário, o herético mais velho, o patife mais rank [corrupto], e ele é chamado o mais notável, não aquele que é mais sábio, mas aquele que é mais sutil para negar uma verdade e para colocar uma face em uma mentira. Portanto, isto não é cumprido nem mesmo entre os Anabatistas e a Família do amor eles mesmos. Esta coisa então não pode ser literalmente entendida; eles devem necessariamente confessar que há um discurso emprestado nos versículos seguintes, onde se faz menção de sangue, fogo e vapores de fumaça; pelo que se entende que haverá grandes tribulações, heresias e coisas semelhantes. E aqui os Hereges concederão um tropo, embora

nos anteriores eles não o façam. Deus falou das bênçãos do Novo Testamento à maneira do Antigo Testamento, porque aquilo era o mais conhecido pelos Judeus. Isto os enganou, pois, quando ouviram falar do novo Templo, ficaram zelosos do antigo Templo, e alegraram-se naquele Templo que Herodes fez, embora não fosse nada como aquele que Salomão fez; e isto engana os Judeus até este dia. O mesmo erro cometem os Papistas. Pois onde as Escrituras dizem que, no tempo de Cristo, haveria doce incenso oferecido em todos os lugares: então, dizem eles, eis o sacrifício diário, o sacrifício propiciatório pelos vivos e mortos. Nenhum destes considera que o Senhor, no Antigo Testamento, adombra e prediz estas coisas por vir, e que sob aqueles termos e frases que eram mais conhecidos aos Judeus e usados pelos antigos Profetas. Esta tolice deles os Anabatistas veem, e ainda assim eles correm tão longe para o outro lado, como também faz a Família do amor. Um reprova o outro, e ainda assim nenhum deles confessará sua culpa para a glória de Deus, nem retornará e receberá a verdade.

Pode haver também outro argumento, por que este lugar não deveria ser literalmente entendido, e ele é tirado da interpretação de lugares semelhantes da Escritura. Êxodo 19: Moisés diz ao povo que o Senhor os chamou para serem Reis, Sacerdotes e Profetas. Isto é repetido pelo Apóstolo Pedro no Novo Testamento, e por João no Apocalipse, e é aplicado como neste lugar, geralmente, a todos os Cristãos. Ora, os Judeus nunca pensaram que cada homem era um Rei sentado em um trono, derrubando assim o estado político; eles não pensavam que cada homem era um Sacerdote, tomando aquele ofício do Sacerdote sobre si, mas que tinham a liberdade de suas consciências, e foram libertados da escravidão dos homens e do

pecado, assim como agora, através de Cristo, eles poderiam oferecer primeiro suas orações, depois suas almas e corpos para serem um sacrifício santo e aceitável a ele. Nem pensamos hoje em dia de outra forma sobre o Sacerdócio real dos Cristãos. E por que então deveríamos pensar grosseira e literalmente que, de fato, nos tornamos Profetas tendo aquela vocação especial, e assim tirar aquela ordem de Mestres e aprendizes, que Deus ordenou? Pois, assim como somos Sacerdotes, somos Profetas: se o discurso deve ser qualificado em um, por que não deveria ser assim no outro? Novamente, dizemos das profecias o que dizemos dos milagres. Antes que a Palavra fosse escrita, o Senhor ensinou seu povo por visões e por sonhos; e, para que pudesse prepará-los para receber sua doutrina e confirmá-los nela, ele tanto operou milagres ele mesmo, quanto deu poder a outros da mesma forma para operar, como podemos ver em Moisés, Elias e Eliseu; sim, ele deu poder para fazer milagres, quando a Lei foi escrita, porque o Evangelho ainda não estava revelado; e quando o Evangelho foi revelado, ele continuou seu dom, porque o Espírito santo ainda não tinha sido dado; sim, e quando o Espírito foi derramado sobre os Apóstolos, ainda assim este dom estava na Igreja, pois ainda o Espírito não tinha obtido crédito. Mas quando o Evangelho foi revelado, o espírito enviado para baixo e confirmado por sinais e maravilhas, então o uso dos milagres cessou; não que não existam milagres de forma alguma agora (pois não encurtamos as mãos do Senhor), mas ainda assim eles são poucos, e aqueles extraordinários. Ora, as regras pelas quais os provaremos, se são de Deus ou não, são estas: Se eles convertem ou ganham homens para a Palavra, ou confirmam na Palavra aqueles que já foram ganhos; se eles são agradáveis à Palavra e carregam a mesma majestade neles como a Palavra, então podem ser recebidos como vindo de Deus. Mas quando

não concordam com estas regras, embora a coisa operada seja miraculosa, ainda assim são muito de se suspeitar, como os milagres dos tempos antigos deviam ser recebidos com reverência. Pois Deus, em seu juízo secreto, sofre por vezes que tais sejam operados, para que os ímpios e incrédulos possam ser mais eficazmente iludidos. Novamente, sabemos que o Anticristo vem com sinais, sim, e os mesmos tão eficazes que até os próprios eleitos, se fosse possível, seriam com eles enganados. Da mesma forma dizemos dos sonhos e visões: até que o Evangelho viesse e tivesse obtido crédito nos corações dos homens, havia visões e profecias de coisas por vir; mas estando estas agora cessadas, não é ordinário que o Senhor faça todos Profetas, ou ensine por visões e sonhos. Mas por que paramos mais para provar que este lugar não pode ser assim tomado e entendido, como as palavras à primeira vista poderiam parecer dar, especialmente vendo que os perversos contrariadores, tanto dos Papistas quanto da Família do amor, são tão grosseiros e palpáveis neste ponto? Pois tal é o espírito destes homens, e tão contrário ao bom espírito de Deus, que onde a Escritura deveria ser simplesmente, e sem qualquer tropo ou alegoria interpretada, eles a transformarão ali em alegorias, como vemos muitos lugares pervertidos pelos Papistas, e quase todas as Escrituras pela Família do amor; e enquanto a Escritura, por conferência de lugares, mostra que deveria ser metaforicamente entendida, eles se apegam sem rodeios à letra nua, como nestas palavras: *Hoc est corpus meum*. Os Papistas aqui não queriam nenhum tropo, e ainda assim todo o curso das Escrituras força o mesmo. A Família do amor não admitirá em lugar nenhum, quase, o sentido natural como ele flui das palavras, e ainda assim aqui eles se apegam mordazmente à palavra, não obstante todas as razões anteriores. E isto, certamente, acontece pelo justo juízo de

Deus, de que, vendo que não queriam nem reconhecer nem ceder ao sentido natural, quando podiam, portanto, não conseguem ver onde um tropo deveria ter seu lugar. Assim foi com seu grande Mestre e pai das alegorias, Orígenes, que, dando-se a seguir suas alegorias inventadas, não pôde, através do justo e reto juízo de Deus, ver aqueles lugares que admitem um tropo. Pois, chegando àquele ditado de Cristo nosso Salvador, onde ele trata de três tipos de pessoas castas, das quais uma faz a si mesma casta por causa do reino de Deus, ele, tomando-o literalmente demais, cortou seus próprios membros e assim grosseiramente o entendeu mal. O verdadeiro entendimento deste lugar então é este: que nos tempos dos Apóstolos, e nas eras seguintes, deveria haver conhecimento mais maduro do que havia nas eras anteriores. Mas se for aqui objetado que os homens de nossos dias não são como os grandes homens e Profetas de Deus, como Isaías, Davi, Jeremias ou Daniel; a isto respondemos que as comparações devem ser sempre com coisas semelhantes. Então, se compararmos os Apóstolos com os Profetas que estavam antes deles, sabemos que os Apóstolos, na clareza e excelência do conhecimento, os superaram. E nosso Salvador Cristo testifica de João Batista que ele era o maior entre os Profetas, e ainda assim que os Apóstolos e Ministros do Evangelho eram maiores do que ele. Então compare nossos Evangelistas com os Patriarcas, e eles viram uma luz mais clara do que estes. Pois Abraão viu Cristo, mas de longe e a vir; eles viram-no evidentemente, e já vindo. Prossiga para comparar o tipo comum de povo então com o tipo comum nestes dias, e até nós vemos Cristo mais vivamente pintado diante de nós do que eles viram: eles tinham a segurança de que estas coisas viriam a acontecer, nós sabemos que já aconteceram, vendo claramente os efeitos e resultados delas. E assim vemos que as graças de

Deus são mais, e mais excelentes, do que eram no tempo da Lei. Compare Cristo com Moisés, e ele o excedeu tanto quanto o Mestre construtor excede o servo contratado. Compare seus Ministros comuns, os Sacerdotes e Levitas, com nossos Doutores e Pastores ordinários, e eles os superam na evidência do conhecimento. Todos estes notáveis homens da Lei sabiam que Cristo viria, e que o Espírito santo viria; mas a maneira de sua vinda eles viram apenas muito obscuramente, mas nós a vemos e nos alegramos nela. O significado claro deste lugar então é: que, enquanto Deus revelava sua vontade no passado a alguns por visões e por sonhos, agora todos os tipos de homens, jovens e velhos, homem e mulher, serão instruídos no conhecimento de Deus mais plenamente e mais perfeitamente. Pois deve ser entendido como em Êxodo 19: "Vós sereis um Sacerdócio real", etc., e 1 Pedro 2, e deve ser interpretado como muitas vezes em Isaías, como o cap. 11, em Jeremias, e no Evangelho segundo João é dito: "E todos serão ensinados por Deus", e aquele que está em sua Epístola: "a unção vos ensinará todas as coisas". Estes não tiram o ministério ordinário da Palavra, mas mostram que os homens não apenas terão os meios exteriores, mas também terão o ensino do Espírito. E todos estes são tão começados nesta vida, que não são realizados plenamente até que sejamos despidos desta carne e tenhamos nossa parte plena com Cristo na vida por vir. Este é o significado do lugar, e nisto vamos além dos homens das eras antigas. E além disto, na própria maneira da entrega, há muito mais clareza e evidência agora do que havia nos tempos da Lei. Pois os Profetas e homens santos de Deus, de fato, trabalharam, mas o fruto, na maioria das vezes, foi pouco, e os Apóstolos, como Cristo diz em João 4, entraram nos seus trabalhos. Sim, o Apóstolo Pedro vai mais longe, e diz que eles eram uma luz brilhando em um lugar escuro; mas nós temos uma luz de

profecia mais segura. Além disso, ele acrescenta no mesmo lugar que eles não serviram tanto às suas próprias eras e tempos, quanto a nós, que viemos depois deles. Ora, tendo o entendimento correto deste lugar, devemos ser grandemente gratos a Deus, por ele não nos ter deixado a sonhos duvidosos, mas nos ter dado a certeza da Palavra escrita, à qual serviram todas as visões, sonhos e profecias anteriores, e é confirmada a nós por cada um deles. Assim temos o sentido deste lugar, no qual ele foi cumprido nos tempos dos Apóstolos, como Pedro aqui testemunha, e neste sentido foi cumprido na Igreja Primitiva, como todas as boas histórias registram.

Vejamos, ainda, o que significa que os homens profetizarão; isto é, eles serão ensinados pelo espírito de Deus na Palavra a provarem a si mesmos, a provarem os espíritos de seus mestres, a ensinar aos outros e a serem capazes de dar uma razão de sua esperança diante de seus inimigos. Pois, assim como o Espírito Santo veio sobre Cristo, deve ele vir sobre cada um de seus membros; e, assim como ele foi ungido como Profeta, também seus membros devem ser Profetas. Este conhecimento sólido consiste em quatro coisas. A primeira coisa requerida de um cristão é que ele seja capaz de provar a si mesmo e seu estado diante de Deus, se está na fé ou não, se é filho de Deus ou não, ao contrário da doutrina dos Papistas e dos Protestantes frios, que descansam apenas em injunções comuns e procedimentos costumeiros. Assim, Paulo dá uma ordem a toda a Igreja de Corinto (2Co 13:5): "Examinai-vos, se estais na fé; provai-vos a vós mesmos"; e aqui ele acrescenta uma fala temível: "a não ser que sejais reprovados". Quem não está na fé é um reprovado; e se um homem não sabe se está na fé ou não, então ele não sabe se está em Cristo ou não. Este exame deve ser de acordo com as Escrituras, pois assim diz

nosso Salvador Jesus Cristo: "Examinai as Escrituras, porque... elas testificam de mim" (Jo 5:39); e em outro lugar ele diz: "Errais, porque não conheceis as Escrituras" (Mt 22:29). Portanto, não devemos nos pendurar no Pregador, nem neste nem naquele homem, mas devemos crer porque o encontramos na Escritura e fomos ensinados por Ele pelo Espírito, assim como os homens de Samaria disseram à mulher quando ela lhes falou de Cristo. Novamente, não devemos simplesmente e apenas conhecer as Escrituras, mas aplicá-las ao nosso próprio uso e tornar nossa própria fé segura por elas, se não formos reprovados; e esta é a primeira coisa requerida dos cristãos.

A segunda coisa é que sejamos capazes de provar nossos Mestres, não em tudo o que eles falam, mas nas coisas pertinentes à salvação. Assim nos é ordenado fazer (1Co 5, Ef 4), e na Epístola de São João: "Provai os espíritos se são de Deus" (1Jo 4:1); e nas epístolas de Pedro e Judas é dito que aqueles foram pervertidos com heresias, que nunca chegaram a conhecer a verdade, mas eram instáveis e levados por todo vento de vã doutrina. Portanto, não devemos estar sempre aprendendo e nunca chegar ao conhecimento da verdade, mas a verdade deve habitar plenamente em nós com toda a sabedoria, para que possamos discernir os espíritos. E quando tivermos pesado e encontrado qualquer coisa de acordo com a Palavra, então devemos recebê-la como a Palavra de Deus com reverência; e se encontrarmos algo falso nela, devemos estar tão longe de recebê-la que devemos considerar como maldito aquele que a trouxe, ainda que fosse um Anjo do Céu. Tola, então, é aquela fantasia frenética da Família do Amor, que dirá: "não podemos julgar, não podemos condenar". Pois todo cristão ensinado pelo espírito pode, sim, e deve, na liberdade

do espírito, provar e condenar tudo o que não é consoante com a santa Palavra de Deus.

A terceira coisa requerida de um cristão é que, por seu conhecimento, ele seja capaz de instruir e admoestar os outros. Judas, em sua epístola, requer que façamos isso, quando nos exorta a edificar uns aos outros em nossa santíssima fé. Isto também é dado como ordem em Hebreus 3, que devemos admoestar uns aos outros; e em Hebreus 5 é dito que, em relação aos tempos, deveríamos ser mestres. Nosso Salvador Cristo também nos ordena que, se nosso irmão pecar, devemos admoestá-lo. Este dever nós devemos, e este dever devemos ser capazes de cumprir, especialmente para com os de nossa casa, de nossa cidade, de nossa parentela, e assim, por graus, para com todos os homens, conforme tivermos ocasião de lidar com eles e conforme nossa vocação nos permitir.

A quarta coisa é que devemos ser capazes de dar conta da nossa esperança, até mesmo aos nossos inimigos. Pedro requer isto em palavras claras; nosso Salvador Cristo requer que, se quisermos que ele nos confesse diante de seu Pai, devemos confessá-lo diante dos homens. Estas coisas foram cumpridas nos tempos dos Apóstolos, na Igreja primitiva e nos dias da Rainha Maria, e isto, mesmo entre nós, pode ser encontrado em muitos lugares; portanto, este é o verdadeiro e natural significado deste lugar. Isto nunca foi encontrado nos Anabatistas, que, quanto mais jovens eram na heresia, mais honestos eram; e se uma vez envelhecem em sua heresia, não crescem tanto em conhecimento quanto em sutileza para inventar frases dos homens, para iludir e enganar com termos recém-engomados. Eles não querem declarar nada diante de um Magistrado; se forem presos, retratar-se-ão; se morrerem, dirão que é por traição e não por heresia. E embora hoje em dia

sejam encontrados poucos cristãos capazes de provar a si mesmos, a seus Mestres, a ensinar a si mesmos, a admoestar os outros e a dar conta de sua esperança diante do adversário, ainda assim podemos nos maravilhar menos com isso, embora não se envergonhem disso: quando alguns, ocupando os lugares de Ministros, e muitos Magistrados sábios e políticos, não podem examinar a si mesmos, e muito menos provar os outros. Examine-os e lide com eles em assuntos de uma vida melhor, de doutrina ou disciplina, e eles não podem dizer nada senão por ato do Parlamento, por injunções e pelos procedimentos comuns. Se houvesse um sopro contrário de heresia em seus ouvidos, eles não saberiam o que dizer sobre isso; seguiriam a Corte e fariam como a maioria faz, afirmariam como os superiores afirmam, e negariam o que eles negam; porque toda a sua religião pende da determinação dos Conselhos e dos procedimentos dos Reis. De modo que nem todo aquele que carrega o título e ostenta a face de um cristão é um cristão; mas eles, de fato, são professores de Cristo, que são ungidos com seu Espírito, com o qual ele foi ungido, seja em uma medida que goteja ou que flui mais abundantemente. Vemos então o que deveríamos fazer e não fazemos; em que podemos nos envergonhar ainda mais, que o Papista, o Turco, a Família do Amor se deleitem tanto em seu estudo. Eles são tão cuidadosos em desonrar a Deus, nós somos descuidados em honrá-lo; o que deveria nos mover e nos tornar mais cuidadosos em buscar o conhecimento. Muitos excedem tanto que começam agora a se envergonhar, e se despedem dos exercícios de religião; podem deixá-los de lado e passá-los a outros. "Não sou mestre, mas um lavrador", diz um; "não sou instruído em livros, mas um pobre artesão", diz outro; "nunca fui criado em escolas com estes homens instruídos, mas em casa", diz o terceiro; "não é para nós sermos vistos nestes pontos, pertence antes aos

Doutores". As palavras de Deus aqui são muito claras: "Derramarei do meu Espírito sobre toda a carne", etc. E certamente, se algum homem não recebeu o Espírito de Deus, o Apóstolo pronuncia que ele não é filho de Deus; e se temos o espírito, nós o mostraremos nos frutos do espírito. Portanto, lancemos para longe de nós estas vãs desculpas: "Somos jovens, precisamos nos divertir, a juventude é instável, será tempo para nós sermos mais graves daqui para frente, quando nos tornarmos homens velhos". Contudo, o Profeta Davi diz (Sl 119:9): "Como purificará o jovem o seu caminho?". E em Eclesiastes 12:1 é dito: "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade". Se os jovens querem pertencer a Deus, devem ter o Espírito de Deus, isto é, tais dons para que possam fazer estas coisas. Que ninguém diga: "somos velhos, nossa memória nos falha; se nosso entendimento fosse tão fresco como tem sido, poderíamos fazer alguma coisa, agora não podemos lembrar de nada". Pois os homens podem lembrar-se de coisas de vaidade feitas em sua juventude, e ao relatá-las eles desgastarão as línguas; e para buscar evidências de terras ou dinheiro, que esconderam, sua memória não falha em nenhum ponto. Bem, como o Senhor diz que os jovens verão visões, assim os velhos sonharão sonhos. Se a sabedoria e o temor de Deus são a coroa da velhice, e sem estes o homem idoso, mesmo de cem anos, é maldito, eles precisam trabalhar pelo conhecimento. Os homens velhos advogarão por seu privilégio de ir à frente dos jovens nas coisas mundanas; e esperarão eles por decretos para desculpá-los, se ficarem atrás deles nas coisas celestiais? Ninguém deve dizer: "somos apenas servos, e sob outros, devemos trabalhar pelo nosso salário, e não podemos ter tempo como os outros para aprender tais coisas; é bom se pudermos ter o dia do Senhor para descansar; devemos ter nossa recreação então, não podemos estar sempre labutando".

Bem, se sois servos de Deus tão bem quanto servos dos homens, homens ou criadas, deveis, pelo Espírito de Deus, ser capazes de profetizar. É a vossa condição difícil sob o Evangelho? Oh, louvai a Deus, não é nada tão difícil como sob a Lei. Pois em tempos passados os servos eram escravos, pouco melhores em condição do que as bestas brutas; e ainda assim os homens, estando naquele tempo em tal estado, sob tais pagãos, cuidavam tão cuidadosamente do Senhor na Palavra e na oração que redimiam todos os tempos possíveis para obter conhecimento e sentimento. Portanto, todos os homens devem atentar para isto: homens e mulheres, velhos e jovens, mestres e servos. Eles reivindicarão para si serem Cristãos, e se gloriarão apenas no título, e não estimarão o dever? Eles deixarão essa parte, talvez, para os homens instruídos em livros e para os Pregadores. Bem, eles devem saber isso novamente, do qual são voluntariamente ignorantes, que há uma coerência mútua entre estas duas coisas: o título e o dever. O quê? Vós vos gloriáis de que sois Profetas, e contudo não profetizais; vangloriais-vos de que sois Reis, e não venceis; estais felizes por serdes contados Sacerdotes, e não sacrificais. Até os Papistas, embora ensinassem a ignorância como a mãe da devoção, podem dizer mais a favor de sua superstição, e os Hereges podem dizer mais a favor de suas opiniões diabólicas, do que os Protestantes a favor da defesa do glorioso Evangelho de Cristo. Olhai apenas para os Papistas e para a Família do Amor, quão laboriosos e astutos eles são para ir, correr, cavalgar, para fazer alguém gostar de suas heresias; vede como eles vos procurarão nos mercados, como vos tratarão, que mansidão, que brandura usarão para vos saudar. Isto deveria nos envergonhar, isto deveria nos fazer trabalhar mais pelo conhecimento, para que, quando as tentações nos invadirem, quando Satanás nos acusar, quando a heresia nos assaltar,

possamos permanecer firmes e inabaláveis, possamos edificar uns aos outros e, na perseguição, não desanimar, mas resistir constantemente até o sangue.

Agora, como Pedro mostrou que o que Joel profetizou foi cumprido, assim estes versículos seguintes mostram os juízos de Deus, que deveriam cair sobre a Igreja pela negligência ou desprezo destas graças oferecidas. Há alguma questão aqui sobre o tempo. Alguns entendem isto como a vinda de Cristo na carne; outros, como sua vinda para o juízo; outros, mais verdadeiramente, pensam ser todo aquele tempo que está entre sua vinda na carne e sua vinda para o juízo; e assim parece a opinião mais provável, tanto pelas coisas que vão antes quanto pelo que segue depois. Pois nas palavras que vão antes, é dito: "Nos últimos dias derramarei do meu espírito"; agora, o dar do espírito foi cumprido em todo aquele tempo de que se fala. Novamente, aquilo que segue depois concernente a invocar o nome do Senhor, também é entendido daquele tempo. Agora, se tanto o que vai antes quanto o que segue depois for entendido daquele tempo, então é provável que aquilo que está no meio seja igualmente assim entendido. E embora a primeira vinda de Cristo tenha sido um tempo glorioso, como podemos ver pelo testemunho do Apóstolo, contudo sua última vinda será um dia muito mais glorioso, como podemos ver em Tito 2 e 2 Tessalonicenses 4, onde sua vinda é descrita como sendo com Anjos e com um brado. Contudo, porque esta glória aparece em todo o curso da redenção, será bom entender isto como os lugares que vão antes e vêm depois, isto é, de todo o tempo, em todos os quais ele não cessa de oferecer estas graças e de executar estes juízos. Quanto às palavras em si, alguns pensam que devem ser entendidas literalmente, alguns alegoricamente e

espiritualmente. Mas elas admitem ambos. Primeiro, que elas têm uso em sua significação natural, fica evidente, porque o Senhor nunca deixa sua Igreja sem algumas instruções no Sol, na Lua, nos Céus e na Terra. Pois, além dos eclipses naturais no Sol e na Lua, e outras exaltações, houve obras extraordinárias em ambos, que foram como prognósticos da ira de Deus pelo pecado. Além disso, podemos seguramente concluir que nunca houve nenhum Eclipse estranho, Cometa, aparição nos céus, tremor da terra, nascimentos estranhos e não naturais, sem que após esta mudança da natureza algum evento estranho viesse mais cedo ou mais tarde: o que mostrava que os homens haviam quebrado sua obediência com Deus e se tornado monstruosamente desobedientes, o que o Senhor nos torna conhecido mudando o curso da natureza. Portanto, dizemos que, antes de grandes Terremotos, pragas, guerras, Cometas, fome ou coisas semelhantes, vai o grande desprezo da religião, a monstruosa profanidade; assim, eles são os prognósticos de alguns pecados notáveis, seja na religião, ou na vida, ou em ambos. Assim, não excluimos o sentido literal, e ainda assim não admitimos aquela fantasia, ou melhor, frenesi da Família do Amor, porque concedemos que após desobediência e desprezo estranhos, seguem-se punições e vingança estranhas; de modo que o Profeta mostra as obras de Deus pelo pecado, seja pelas coisas que seguem, ou pelos sinais que vão antes. É uma questão: por que, neste tempo em que ele queria mostrar-se tão gracioso, o Senhor deveria enviar tais sinais da sua ira? Aqui vemos uma ordem contrária de ensino à carne e ao sangue, porque Deus então terá sua misericórdia manifestada, quando ele mostrará sua justiça. E porque os homens, ouvindo o Evangelho, imaginam uma felicidade neste mundo, Pedro, para despertá-los deste sonho, deixa-os entender que, a menos que estes dons sejam reverentemente recebidos, Deus ficará

muito irado, porque eles ou recusam ou abusam das misericórdias de Deus assim oferecidas. O uso disto é, em parte, em relação aos eleitos e ao povo regenerado, e em parte em relação aos ímpios e não regenerados; em relação aos eleitos, seja antes ou depois de sua regeneração; antes de sua regeneração, para trazê-los a buscar Jesus Cristo. Pois, embora seja certo que Deus, a seu tempo, chamará aqueles que predestinou e escolheu, contudo, porque seu Evangelho não é tão precioso para eles como deveria ser, o Senhor lhes envia cruzes, às vezes pobreza, às vezes doença, às vezes censura, às vezes uma mente perturbada, às vezes miséria privada, e às vezes uma calamidade pública para envolvê-los entre outros, porque não têm mais confiança nas promessas de Deus antes de serem humilhados. E porque os homens não serão facilmente ou usualmente humilhados pela Palavra nua, o Senhor a sela enviando tribulações, para que, quando não pudermos sentir nenhum conforto, nem no céu nem na terra, senão perdição e matéria de condenação em nós mesmos, devêssemos então ser mais aptos a receber conforto em Cristo. Novamente, na medida em que os filhos de Deus têm uma falha especial ou outra, como orgulho secreto, vanglória, amor-próprio ou outras corrupções secretas semelhantes, que a Palavra de Deus não pode ser sofrida a nos tirar destes pecados: por esta causa o Senhor envia a aflição e, pela sua correção, ele nos tira de nossa justiça civil e nos faz ter consciência das corrupções interiores e ocultas, e os faz lembrar pela miséria que a mesma corrupção está à espreita neles, a qual irrompeu nos outros, e que naturalmente ela habitava neles, embora, reprimida pelo dedo de Deus, não inflamasse violentamente. Novamente, onde outros jazem no pecado e não o sabem, porque a própria luz da natureza é sufocada neles e o espírito de Deus pode ter pouca força para operar qualquer coisa neles, para que o Senhor

pudesse trazê-los a ver o pecado desconhecido e a ter consciência do pecado sendo conhecido, o Senhor nos visita com meios privados e públicos, para que, assim como os ímpios serão atormentados no inferno sem toda esperança, alívio ou fim; assim estes, em misericórdia e medida, devam ter seus corações quebrantados; o que, porque não fariam pela amorosa invocação e convite do Senhor, portanto é feito por algumas cruces. Segundo, respeita o regenerado, seja para continuá-los em seu bom estado ou para mantê-los de alguns pecados grosseiros. Pois os filhos de Deus caem às vezes, e sempre podem cair, se Deus não os guardar. Porque Davi e Manassés haviam pecado, Deus lhes enviou a cruz para que não o esquecessem. Ora, porque o mesmo pode ser em nós, se o Senhor derramar sua ira sobre os ímpios, certamente ele não permitirá que seus próprios filhos fiquem sem controle. Não devemos então, como alguns costumam fazer, dizer: "Não pecou Davi? Por que me cobrais tanto? Não foi Davi um grande pecador e ainda assim salvo?". Seria bom, de fato, se ligássemos o pecado de Davi com o arrependimento de Davi; ou se considerássemos como o Sol foi transformado em trevas e a Lua em sangue no seu reino; se vírmos os pilares dos juízos de Deus e os vapores da ira de Deus contra ele entre os seus, como seus filhos se rebelaram, aqueles que deveriam ser Conselheiros tornaram-se traidores, e como os vilões perversos o insultaram; saberíamos certamente que pouco nos ajudaria enumerar o pecado de Davi. Isto faz Deus para semear os lábios dos ímpios, para que não digam que Deus poupa e não pune o pecado nos seus, e que não sonhem com escapar, quando seus próprios servos são tão punidos. E embora os filhos de Deus não caiam presentemente, mas estejam prontos a cair, ele os envolve frequentemente nas cruces dos ímpios, não tanto para punir qualquer pecado presente, mas para prevenir

neles algum pecado por vir, para que, tirando a ocasião de pecar, ele pudesse humilhá-los antes que caíam. Novamente, embora não estejam sujeitos a pecados grosseiros, contudo, porque são frequentemente inchados com orgulho secreto, mortos, impiedosos, entorpecidos, abandonando seu primeiro amor, às vezes nem quentes nem frios, mornos, sem zelo: brevemente, por não serem como os filhos de Deus deveriam ser, ou como eles mesmos, às vezes e antes, têm sido, o Senhor em sabedoria corrige estas faltas e enfermidades, para que de enfermidades não irrompam em enormidades; de pecados de ignorância não pequem contra a consciência; e de pecados secretos, que não cometam pecados presunçosos. Por esta causa (Ap 3), o Senhor enviou pragas sobre a Igreja de Laodiceia, não tanto por pecados grosseiros e notórios, mas porque não eram suficientemente humilhados e zelosos, mas tais que poderiam ter caído mais facilmente em enormidades mais profundas daqui por diante. Se os homens usam provar o ouro sete vezes no forno, não por qualquer massa de escória nele, mas para prová-lo; quanto mais o Senhor precisaria provar nossa fé, embora não sejamos dados a nenhum grande e notável crime? Pois, assim como pode haver dois usos na prova do ouro, um para purificá-lo da escória, o outro para refiná-lo ainda mais; assim há dois usos das correções: um para punir o pecado, o outro para provar sua fé. E embora o Senhor, mais principalmente, não puna o pecado, mas antes secundariamente, provando principalmente a paciência de seus filhos; contudo, quando os homens não podem nos acusar, nem nós podemos nos acusar, ainda assim o Senhor nos purificará de alguma corrupção secreta, que pode gerar um pecado no tempo por vir. E daqui vem que o orgulho secreto, o amor-próprio secreto, a cobiça oculta, a hipocrisia oculta e coisas semelhantes são contados como pecados dos filhos de Deus,

embora pelos mundanos sejam considerados boas virtudes. Mas alguns dirão: "É esta a verdade a que vos apegais? É este o Evangelho que professais? Vede que desordens, vede quantas opiniões há, que companhia de religiões surgiu, vede que negação da fé, que pecados grosseiros surgiram, vede que mortes, pragas e guerras são acompanhadas por isso? Certamente parece que este não é o Evangelho". Antes, todas as coisas estavam em melhor estado, nenhuma tal perturbação na religião, nenhum tal ruído de pecados notórios, nenhum tal tumulto de todos os lados, todas as coisas estavam em boa quietude; mas agora temos mais problemas do que nunca se ouviu falar em tempos passados. Os ímpios não apenas quebram seus pescoços neste obstáculo, mas os próprios filhos de Deus tropeçaram perigosamente nele. Pois quando Jó, Davi, Jeremias, sem o Espírito de Deus, contemplaram a prosperidade dos ímpios e a adversidade dos piedosos, confessaram que seus pés tinham quase escorregado, não fosse por não ousarem condenar a geração dos filhos de Deus. Para remediar isto, o Espírito Santo diz que, quando as graças de Deus mais aparecem, então o Senhor enviará os maiores juízos pelo desprezo do seu Evangelho nos ímpios, e pela negligência dele nos piedosos. Ora, isto é predito para que não fiquemos ofendidos quando vier; e este uso Cristo nos ensina a fazer dele: "Tenho-vos dito isto antes, para que, quando houver lugar..." (Jo 14:29). Pois para os filhos de Deus, sendo apenas bebês em Cristo, esta é uma grande tentação. E para chegar aos nossos dias: Não perturba muito os homens que haja tantos Ministros incultos, de Ministros cultos que haja tantos homens ímpios, que vejam tais Magistrados opressores, tal povo rebelde, tais governadores descuidados, que haja tal altura de sutileza em cobrir e ocultar o pecado; onde há mais conhecimento, tal corrida para o pecado; onde há mais

pregação, e onde o Evangelho é recebido, que deveria haver tais seitas e heresias; quando virem os Papistas prontos a enfrentar o Evangelho, o que pode um homem fazer agora, ou como pode ele se conter, se o Senhor o abandonar? Certamente Deus predisse isto. Assim como o Sol então brilhando intensamente, a Lua dando luz, o ar claro são sinais do amor de Deus, muito mais a Palavra; e como estes, sendo escurecidos e obscurecidos, mostram a ira de Deus; assim a Palavra obscurecida testemunha a sua ira muito mais. Sim, se escassez, pragas, fome ou coisas semelhantes vierem, devemos ser prevenidos sobre elas. E nosso Salvador Cristo, quando os homens lhe pediram sinais, contou-lhes de muitos; e em Mateus 24, que haveria tais maravilhas nos céus, na terra e nos mares, que até os próprios eleitos ficariam quase confundidos. Ora, se Cristo não tivesse prevenido estas coisas na equidade de seu juízo, poderíamos de fato ter tido alguma ocasião de ofensa. E por esta causa nosso Salvador Cristo diz (Mt 11:6): "Bem-aventurado é aquele que não se escandalizar em mim", porque tais confusões haverá, que os homens estarão prontos a atribuir a causa destas coisas ao Evangelho e à Palavra; e, portanto, bem-aventurados são aqueles que são prevenidos sobre estas coisas e sabem por que elas vêm. Se os Judeus não quisessem ouvir os Apóstolos falando a verdade, seria alguma maravilha se fossem seduzidos por falsos mestres? Se os homens não recebem a Palavra no amor, é alguma maravilha se forem iludidos com a heresia? (2Ts 1). Se os homens negligenciam a paz de suas mentes oferecida pelo Evangelho pregado, é alguma maravilha se tiverem guerras? Se os homens negligenciam o alimento de suas almas, é alguma maravilha se encontrarem uma fome? Quando vemos então que os homens transformam o Evangelho em libertinagem e escrevem contra ele, é maravilha se o Senhor envia problemas? Não, não;

quando os homens virem tal confusão, saibam que Deus purificará sua justiça e retribuirá vingança aos ímpios, e restaurará os piedosos às suas alegrias; e ainda assim mostrelhes que aqui não é lugar de descanso, mas que devem levantar suas cabeças para o céu, onde terão descanso sem problemas.

Agora, consideremos o que estas aflições operam nos ímpios e com que fim são enviadas a eles. Certamente, para atormentá-los e deixá-los sem desculpa. São enviadas aos filhos de Deus para humilhá-los, para trazê-los ao arrependimento, para mantê-los longe do mal, para encorajá-los no bem e para recuperá-los, tendo caído. Mas são enviadas para desarraigar os ímpios e consumi-los da face da terra; e, portanto, ele derrama todos os frascos de sua ira sobre o remanescente ímpio. E estas múltiplas pragas ocorreram frequentemente onde o Evangelho foi pregado, porque, assim como é a maior misericórdia e tesouro, se for recebido; assim a recusa antinatural dele causa os maiores juízos. Assim, os israelitas no deserto foram punidos, primeiro pela idolatria, depois por pragas, e foram desarraigados da terra. E depois que Cristo falou, os Apóstolos pregaram e os Judeus permaneceram infrutíferos, o Senhor, em sua justiça, na medida em que não quiseram crer no verdadeiro Cristo, permitiu que fossem iludidos por falsos Cristos; e que aqueles que não quiseram lucrar com os verdadeiros Apóstolos, fossem enganados por falsos Apóstolos; e então, sendo punidos com fome e doença, foram pelos Romanos subjugados. Quando o Evangelho veio a ser pregado entre os Gentios e foi desprezado, o Senhor primeiro puniu-os permitindo que caíssem em pecados vis, e depois os entregou ao Turco. Vemos como no Oeste, onde o Evangelho foi pregado e recusado, o Papa foi enviado a eles. Assim, da mesma forma, devemos fazer nosso proveito aqui.

Quando o Espírito de Deus cai plenamente em nós e ainda assim os homens, pela sua Palavra, não querem ser reformados, o Senhor enviará hereges e homens ímpios para corrompê-los. E o Senhor censurará assim o seu próprio povo, e poupará os ímpios? Não; quando pensamos que tudo está quieto, o Senhor enviará pragas por recusarmos a saúde de nossas almas; o Senhor enviará fome por recusarmos o alimento de nossas almas; o Senhor nos atormentará com guerras por negligenciarmos a paz de nossas mentes. E em Mateus 24, o Senhor estabeleceu Jerusalém como um tipo, na medida em que o Evangelho nunca continuou quieto ou incorrupto em qualquer lugar por mais de cem anos. Bem, se não vemos os começos destas coisas, estamos meio loucos; se não temermos os acontecimentos delas, estamos piores que isso; se não lucrarmos com estas coisas, a experiência dolorosa nos ensinará nosso estado miserável. Vemos quão necessária é a aflição, quer olhemos para os filhos de Deus, quer para os ímpios. A miséria torna a misericórdia doce, e a tribulação torna a graça graciosa: Cristo é então doce, e Jesus é então um Salvador, quando nós, não sentindo nenhum conforto à mão, somos levados e retirados de nós mesmos para buscar algum alívio fora. E a experiência nos ensina que, na prosperidade, estamos prontos a nos aninhar aqui embaixo e, esquecendo a vida por vir, somos cegados pelo Deus deste mundo, e assim nos tornamos mundanos, permanecendo totalmente nestas coisas inferiores. Ora, para que Deus pudesse provar por evidência como a quem ele ama uma vez, ele sempre ama, e para admoestar outros de longe, ele envia correções para nos ensinar, para que não fiquemos aqui embaixo. Pois, se o juízo começa pela casa de Deus, o que acontecerá aos ímpios? Se o Senhor restringe tanto os piedosos, como esperarão os ímpios escapar?

Agora, nestas angústias e misérias, acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; pois assim o Senhor oferece graça na ira, misericórdia nos juízos; assim moverá o Senhor os seus escolhidos e eleitos a desejar estas graças, e fará com que estes juízos ameaçados frutifiquem, enquanto eles oram pelo Espírito, que transmitirá conforto a eles pela Palavra e Sacramentos; e assim não apenas serão preservados do pecado e da iniquidade, mas também permanecerão mais sãos no juízo e na vida, passando por estas pragas para o céu, os ímpios descendo por elas para o inferno. Esta é então a terceira coisa que, no início, notamos; o significado claro da qual é tanto quanto isto: Se vós agora quiserdes apenas vos juntar em comunhão, em oração e no culto de Deus conosco, evitaremos estes juízos ameaçados e receberéis estas graças prometidas, os penhores seguros da vida eterna. Grande é a graça e a misericórdia de Deus, que nomeia um meio para remediar tais misérias, e um caminho para obter tais misericórdias, e, portanto, é digno de maior consideração e exame.

SEÇÃO XVII. Um breve Tratado sobre a Oração, baseando-se nas palavras do profeta Joel, cap. 2:32: citado por Pedro, Atos 2:21.

"Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Jl 2:32).

Pela invocação do nome de Deus neste lugar, que é apenas uma parte particular do culto a Deus, entende-se as outras partes do culto a Deus. Assim, as Escrituras algumas vezes atribuem a esta uma, outras partes do culto a Deus; como em Gênesis 3: "Então começou-se a invocar o nome do Senhor"; e em Gênesis 12: "Abraão edificou um Altar, e invocou o nome do Senhor", isto é, adorou a Deus. Novamente, no Salmo 50: "Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei". No Novo Testamento, veremos o mesmo. Pois este lugar é citado em Romanos 10, e em 1 Coríntios 1, o Apóstolo deseja graça a todos os que invocarem o nome de Deus, isto é, adorarem a Deus. Em 2 Timóteo 2: "Todo aquele que invoca o nome do Senhor", isto é, adora a Deus, "aparte-se da iniquidade". De modo que, sob esta única parte da invocação, vemos compreendidas todas as outras partes. E, em nossa língua inglesa, usamos mais a expressão: "Vamos para as orações", ou "As orações terminaram", do que "Vamos à Palavra de Deus para ouvi-la", "Vamos receber os Sacramentos" e coisas semelhantes; quando, não obstante, frequentamos outras ações de religião na congregação além da oração. E tanto Jeremias quanto nosso Salvador Cristo chamam a Igreja de casa de oração, como em Mateus 21:13: "A minha casa será chamada casa de oração, etc.". É uma casa de ouvir a Palavra, de receber

os Sacramentos, de executar a disciplina, tanto quanto de oração; mas, ainda assim, este único nome compreende todas.

Ora, antes de mostrarmos a razão disso, como acontece que poucos se importam com a Palavra, menos ainda com os Sacramentos, e o menor número com a disciplina, contudo todos mostram-se amigos da oração; sim, e os Hereges, que nas outras coisas se afastarão de nós, reconhecerão isto? Esta é a bondade de Deus, que ninguém abandona isto. Que pela oração entende-se todas as partes do culto a Deus, é manifesto em Mateus 24:13, onde nosso Salvador Cristo diz: "Mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo". Ora, os meios para evitar estes juízos vêm depois: "Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo". Em João 3, Cristo, pela pregação do Evangelho, deve ser levantado, para que todo aquele que escutar a Palavra seja salvo. Estas duas coisas estão unidas em Romanos 10, onde é dito: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo"; e um pouco depois: "Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão, se não ouvirem?". De modo que, assim como a fé salva, a fé vem pela Palavra de Deus. E em Eclesiastes 4:17 e 5:1: "Quando entrares na casa de Deus, guarda o teu pé, etc.". Lugar em que o Espírito Santo primeiro ensina os homens a ouvir e, depois, a orar, porque, assim como eles vinham ao Templo para orar, também vinham para ouvir. Da mesma forma, no Salmo 95, primeiro o Profeta diz: "Vinde, adoremos e prostremo-nos", exortando à oração; e depois: "Se hoje ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações", fazendo menção da Palavra, porque estas coisas devem estar unidas. Que os Ministros de Deus estão unidos para vir a uma e a outra, as Escrituras mostram, como em Deuteronômio 33, onde o dever dos Levitas é primeiro ensinar Jacó, e depois oferecer incenso, isto é, orar, como no Salmo

141 e 2 Samuel 12, onde o povo, reconhecendo seus pecados, solicita a Samuel que ore por eles; o qual lhes respondeu que não apenas oraria a Deus por eles, mas que também pregaria a Palavra de Deus a eles, ameaçaria os juízos de Deus e proclamaria as misericórdias de Deus a eles, se se arrependessem. Em Atos 6, quando os Apóstolos se encontraram perturbados com o ministério ordinário das mesas, ordenaram novos meios, e dedicaram-se à Palavra e à oração. Em 1 Timóteo 1 e 2, Paulo ensina Timóteo primeiro como ele deveria pregar ao povo, depois como ele deveria orar por eles; e assim o Senhor quer que o povo venha ouvir a Palavra pregada, tanto quanto para orar.

Veremos isto melhor se considerarmos o que o Senhor requer de nós ao orar. Primeiro, um homem não pode ser ouvido, a menos que faça a vontade de Deus. Mateus 7: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus". Mateus 15:8, 9: "Este povo aproxima-se de mim com a sua boca... Mas, em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens". Salmo 145:18: "Perto está o Senhor de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade". E é dito nos Provérbios que os sacrifícios dos ímpios são uma abominação ao Senhor, e sua oração é seu pecado. Salmo 34:15, 16: "Os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos atentos ao seu clamor. A face do Senhor está contra os que fazem o mal". Mas notável é aquele lugar do Salmo 66:18: "Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá". Ora, se não podemos invocar a Deus sem fé, porque Tiago 1:6 diz que devemos pedir com fé, sem duvidar; pois aquele que duvida é como uma onda, etc., e como Cristo diz, tudo o que pedirmos crendo, obteremos, vendo que

ele ensinou seus Discípulos a orar assim: "Senhor, aumenta a nossa fé"; e Tiago 5:15: "a oração da fé salvará", porque está fundamentada nas promessas e na verdade infalível de Deus; e vendo que com a fé o Senhor quer que unamos o arrependimento, porque em 2 Timóteo 2:19 diz-se: "aparte-se da iniquidade todo aquele que profere o nome do Senhor"; devemos nos esforçar em todas as nossas orações para vir com fé e certeza de que em Cristo seremos ouvidos, esperando no Senhor em novidade de vida. Se tal fé, temor e santidade são requeridos de nós na oração, vendo que tanto a fé quanto o arrependimento são começados, continuados e aumentados pela Palavra, é conveniente que o ministério da Palavra seja unido à oração. Portanto, onde é dito: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor", é o mesmo que: todo aquele que adora e serve a Deus; embora grandes calamidades venham, se ele for um verdadeiro adorador, crendo nas promessas de Deus, arrependendo-se de seus pecados e dedicando-se a servir ao Senhor corretamente, ele será preservado de todas as pragas; e ou será levado em misericórdia, se o Senhor o vir como fraco, ou, se viver, terá forças para passar por elas e, por meio delas, fazer sua viagem para o céu, assim como os ímpios, por meio delas, fazem um caminho para o inferno.

Insistimos neste ponto, antes de tudo, porque a maioria dos homens hoje em dia pensa que, se vierem à Igreja para orar um pouco, tudo está bem, foram muito religiosos, não pensando, entretanto, ser uma coisa tão necessária vir à Palavra pregada, que pode gerar neles fé e arrependimento. E, portanto, como todos concederão a oração, exceto algumas poucas pessoas desamparadas, dizemos que não há verdadeira oração onde não há fé, e não há fé sem a Palavra; e, portanto, sem a Palavra, nem fé, nem oração, nem arrependimento. Ora, se

perguntarmos, ao contrário, por que o Senhor nomeia antes a oração do que o ouvir da Palavra: respondo que, naturalmente, os homens preferem ouvir a orar, e então estamos aptos a orar verdadeiramente quando ouvimos reverentemente, porque o ouvir da Palavra infere a oração; quando ouvimos, estamos mais prontos a orar. Veremos que pessoas ignorantes e supersticiosas muito recomendam a oração, mas não a pregação; mas chegue àqueles que têm conhecimento, e eles, ao contrário, estão mais prontos a ouvir do que a orar, e continuarão mais tempo ouvindo do que orando. O Espírito Santo, então, não respeitando Turcos, Papistas ou semelhantes, mas Cristãos professos, que se vangloriarão de sua adoração a Deus, ensina-nos que tudo é nada sem a oração, sabendo que nem fundamento nem continuação do arrependimento podem existir sem a oração; a Palavra e os Sacramentos são infrutíferos sem a oração, sem a qual somos indignos de qualquer coisa, porque não nos dignamos a pedi-la uma vez ao Senhor. Apelo às consciências dos filhos de Deus, que — para eu passar por outras pessoas repugnantes que têm aversão a orar — sabem que a oração não é uma coisa da boca, mas da mente; não um soar da voz, mas um anseio do espírito; não um trabalho dos lábios, mas um afã do coração; e, portanto, confessarão, dando a Deus a glória para sua própria vergonha, que prefeririam ouvir a Palavra por duas horas do que se esforçar tão seriamente em oração por um quarto de hora. E por quê? É uma coisa pequena emprestar os ouvidos ao ouvir, é fácil alimentar nosso deleite ouvindo um homem renovar nosso conhecimento; mas pôr em ação o olho, o ouvido, as mãos, viajar com o coração, pôr todo o corpo em um quadro de submissão, como convém àqueles que oram ao Senhor (o que mostra que a oração é uma coisa tanto dolorosa quanto laboriosa), provaremos que é uma coisa muito difícil.

A oração traz a experiência das coisas que conhecemos, e sem ela temos tão pouca prova de nosso conhecimento quanto eles têm uso de um tesouro escondido, que nunca são melhores por causa dele. A Palavra nos torna conhecidos os tesouros da sabedoria de Deus; mas a fé traz a experiência deles, aplicando e apropriando estas misericórdias de Deus a nós mesmos, e a oração é o instrumento pelo qual esta fé é continuada em nós. A Palavra nos diz que Deus castigará os pecadores; a oração traz uma experiência disto. A Palavra nos diz que Deus cuida de nós; a oração prova isto. A Palavra mostra que o Senhor tem tanto poder quanto misericórdia para mostrar ao seu povo; a oração obtém a prova disto. A Palavra nos revela a sabedoria, providência, majestade e bondade de Deus; a oração transmite a certeza destas coisas para dentro de nós. Deus quer ser glorificado total e unicamente, e não pode suportar que sejamos parceiros dele nisso. Se um homem chega ao conhecimento, à fé e ao arrependimento pelo ouvir, é antes uma infusão num homem do que uma ação vinda de um homem, e é a grande misericórdia de Deus; mas quando o Senhor coloca um homem de joelhos, e o humilha na oração, e o constrange a pedir tudo a Deus, para que possamos ouvir corretamente, e assim usar as coisas ouvidas, isto quebra o coração de um homem e o faz dizer: "Grande é o Senhor". Isto, digo eu, humilha um homem a reconhecer suas necessidades; isto faz descer muitas bênçãos, tanto espirituais quanto corporais, do Senhor. Sabemos que, embora um pai esteja pronto e tenha proposto totalmente deixar uma herança aos seus filhos, contudo, para acostumá-los à obediência, ele fará com que peçam coisas de valor muito menor em suas mãos; assim Deus, não obstante ter proposto dar-nos uma herança celestial, que em Cristo é comprada, contudo, para nos continuar na fé e obediência, fará com que a peçamos a ele. Se

a sabedoria do homem pode chegar até aqui, não colheremos por isso a sabedoria de Deus? Se o homem tem esta piedade, duvidaremos da misericórdia de Deus? E assim como a oração traz experiência do amor de Deus, assim também prova nosso conhecimento, fé e arrependimento. Pois se quisermos ser suplicantes na mão de Deus, não devemos voluntariamente desagradá-lo. Pois vemos que, quando queremos obter um favor de um homem, teremos o cuidado de não ofendê-lo, para que não sofremos repulsa; e, da mesma forma, quando oramos, devemos dirigir nossos corações à obediência; e, portanto, a Escritura fala de purificar nossos corações da hipocrisia e infidelidade. Se este cuidado é tido em pedidos para coisas corruptíveis, para que voluntariamente não ofendamos aquele a quem suplicamos; então devemos saber que Deus é Senhor dos espíritos; e, portanto, orar a ele sem evitar as coisas que o desagradam, e fazer as coisas que o agradam, é apenas uma hipocrisia grosseira. Deve ser necessariamente um homem piedoso, então, aquele que ora frequentemente; e se somos tão ousados a ponto de orar, nutrindo algum pecado em nós, além de estarmos entorpecidos na oração, estamos interiormente tanto acusados quanto amaldiçoados. Disso vem tão abundante reconhecimento de nossos pecados na oração, com um propósito de evitá-los; disso vêm tais votos e protestações de obediência; de modo que a oração não apenas continua o arrependimento, mas também gera gratidão. Pois é nossa corrupção, quando sabemos que obtivemos uma coisa de qualquer outra maneira que não pela oração, que então a atribuímos aos meios; mas quando vemos que Deus ouviu nossas orações, isso sela nossa fé, confirma nossa gratidão. Verdade é que Deus dá muitas misericórdias sem oração; contudo, isto deve nos tornar mais gratos, e nada nos relaxar no uso dos meios que Deus nomeou. Que a oração confirma ainda

mais o amor a Deus, já é manifesto; agora devemos mostrar como ela opera amor até mesmo aos nossos irmãos. Quando um homem vem para orar, e tem este "fruto amargo" [choke-pear], que ele deve perdoar, ou então não ser perdoado, ele deve necessariamente ser um hipócrita em sua oração, ou cessar de orar, ou perdoar seus inimigos. É hipocrisia palpável desejar que Deus nos perdoe muitos e grandes pecados, e nós não querer perdoar ao nosso irmão algumas poucas e leves ofensas. Se olharmos para o peso, altura, comprimento, profundidade e largura de nossos pecados, confessaremos ser hipocrisia implorar perdão por tantos pecados, sendo dificilmente levados a perdoar aos outros algumas poucas transgressões. E por esta causa a Escritura diz: "Se não perdoardes aos outros, não podeis ser perdoados". Se então a Oração é tal coisa que a natureza menos entretém, se ela traz tal experiência do amor de Deus para conosco, se ela tanto confirma a Fé, continua o arrependimento e causa amor tanto a Deus quanto ao homem, é boa razão que isto seja colocado para inferir o outro, e para tornar todas as outras partes do culto a Deus mais eficazes.

"Ele será salvo". Isto é, no meio de doenças ele não será levado, no tempo da iniquidade ele não será dominado; mas em tudo isto ele sofrerá com Fé e uma boa consciência. Além disso, pela palavra "salvar", entende-se a obtenção de todas as graças, como penhores de nossa salvação e garantias de nossa herança; de modo que ela não denota apenas uma isenção nossa dos juízos anteriores ameaçados. Quer um homem então escapar da ira ameaçada e desfrutar da graça prometida? Que ele use a oração verdadeira e sincera, que tem seu fruto recomendado a nós tanto no capítulo anterior, na eleição de um Apóstolo, quanto também no início deste capítulo, na medida

em que, estando reunidos em oração, o Espírito Santo foi enviado para baixo. Agora falemos um pouco das circunstâncias. Primeiro, das pessoas, é dito: "Todo aquele". Segundo, pela extremidade do tempo, é dito: "será salvo", isto é, daqueles juízos, e dotado daquelas graças, que mesmo então, quando houver tantas opiniões que não seremos capazes de discernir bem a verdade, quando a maldade abundar em toda parte, exemplos de piedade não estiverem em lugar nenhum, quando não formos capazes de encontrar nenhum conforto, nem em nós mesmos nem nos outros; seremos tão governados que não apenas evitaremos o mal, mas a frieza em fazer o bem; e veja o que é subtraído através das injúrias dos tempos; será adicionado em graças interiores, e recompensado no reino dos céus. Quando então, na extremidade das ofensas, dissermos: "Bom Senhor, o que faremos? Aonde iremos para ouvir um bom Pregador? O que podemos fazer para ir a algum homem bom e zeloso professor?", lembra-te então, se quiseres permanecer no Senhor e cair em Oração, embora estejas perturbado com Papistas, ou Hereges, ou viveres monstruosos, então apoia-te em Deus, confia em sua Palavra e usa a oração. Quando não vires bem, nem na Igreja nem na Comunidade, então recorre às orações, e não apenas serás preservado dos perigos, mas também desfrutarás do Espírito de Deus com as suas graças. Assim veremos no volume do livro de Deus, não apenas que livramentos os piedosos tiveram pela oração, mas também por quais meios foram livrados. Noé, invocando o nome de DEUS, foi salvo na Arca, de perecer nas águas. Ló foi livrado de Sodoma: os israelitas obtiveram carne do céu, água da rocha, passagem através dos Mares, e muitas outras pessoas justas não foram apenas livradas, mas grandemente alegradas. Mas se os deixássemos passar e olhássemos para os dias da perseguição sob a Rainha Maria, quando o Sol parecia ter

mudado para trevas, a Lua perder sua luz, então os Cristãos não apenas foram muitos livrados, mas também nas prisões, em cabanas, em arbustos, na chama e no fogo, eles sempre tiveram doces sonhos, visões celestiais e maravilhosa consolação; de modo que não foram apenas consolados, mas na estaca profetizariam sobre a restauração do Evangelho, e presentemente se alegrariam, como prevendo que a verdade chegaria à sua posteridade.

"E acontecerá". Isto importa o tempo do Evangelho, e aqui é mostrada uma diferença entre o tempo da Lei e do Evangelho. Se nossos pais foram ouvidos sob a Lei, se não receberam a repulsa no amanhecer do dia; o que podemos esperar sob o Evangelho? Que ousadia podemos receber agora, quando o sol brilha na plenitude? Veja que prova eles tiveram, nós podemos ter mais; veja que experiência eles tiveram, nós podemos tê-la em maior medida, porque o que eles tiveram confirmado, nós temos confirmado. O Senhor requer de nós agora que confiemos nele ainda mais, e devemos lembrar daquele ditado de nosso Salvador Cristo (Jo 16:24): "Até agora nada pedistes em meu nome; pedi, e recebereis, para que o vosso gozo se cumpra". Se nossos pais oraram fervorosamente, por que nós não? Não temos nós mais feitos do favor de Deus? Não temos nós mais promessas? Não temos nós mais exemplos? Todos os quais nos acusam de falta de zelo na oração. No Antigo Testamento eles não nomearam Cristo, nós somos ousados para olhar para Deus em Cristo seu Filho. Ai então de nós, se estas coisas não nos movem, vendo que Cristo está à mão direita de Deus Pai, que não está agora nos lombos de Abraão, ou no ventre da Virgem, ou nas entranhas da terra; mas assim, como com Estêvão, podemos vê-lo sentado no céu à mão direita de Deus. A circunstância restante está nesta

palavra, "todo aquele": que mostra que, seja homem ou mulher, mestre ou servo, jovem ou velho, Judeu ou Gentio, nenhuma idade, nenhum sexo, nenhum estado, nenhuma condição é excluído. Verdade é que existem privilégios do homem acima da mulher, do mestre acima de seu servo, dos anciãos acima dos mais jovens; mas isto é em algumas coisas, não em todas. Pois, na adoração a Deus, na questão da glória de Deus e da nossa salvação, não há acepção de pessoas com Deus; mas: "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". Em relação ao qual devemos ser exortados que, se quisermos nos alegrar neste privilégio, devemos usar os meios devidos àqueles que estão dentro dos limites dele; não devemos nos desculpar e dizer: "Sou mulher e o vaso mais fraco, sou um jovem e imprudente, sou um velho e esquecido, sou um servo e não estou na minha própria liberdade". Pois se buscamos a graça oferecida, devemos usar os meios propostos. Mas ainda aqui há uma coisa a mais do que esta, que não apenas os justos serão salvos, mas também o pobre pecador, se agora ele se arrepender e, tendo um propósito puro de agradar a Deus, invocar o nome do Senhor. Vê, ó pecador arrependido, o Ladrão na Cruz; o Sol foi escurecido, o véu do Templo rasgado, terremotos e problemas, a confusão estava entre os homens, terrores estavam nele mesmo, e ainda assim ele, invocando o nome do Senhor e dizendo: "Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino", recebeu esta resposta confortável: "Hoje estarás comigo no Paraíso". Pedro, vendo Cristo, foi perdoado. Se contemplarmos a miséria de Davi, no estado perturbador tanto da Igreja quanto da Comunidade, quando ele não tinha um de seus próprios filhos para confortá-lo, mas, para o aumento de sua dor, um irmão assassinou outro, um de seus filhos sendo um traidor foi, pelo juízo de Deus, enforcado pelos cabelos da cabeça, seus principais amigos

rebelaram-se contra ele; ele não foi apenas em tudo isto poderosamente preservado de Deus, mas também recebeu abundantes graças do Espírito. Quando Manassés fizera Jerusalém nadar em sangue, quando a Cidade estava perto da destruição e ele mesmo em correntes; que esperança havia de que o Reino ou a Profecia continuassem? E ainda assim, invocando o nome de Deus, ele foi ouvido e ajudado. Se tais grandes coisas foram para pobres pecadores antes de Cristo, que conforto há para eles desde que Cristo veio? Se o homem miserável foi tão ajudado por Cristo, mesmo quando estava na cruz; que conforto podem esperar as consciências aflitas nele, sendo ele avançado ao Trono e Reino? Não, acrescentarei mais: mesmo os próprios hipócritas, pela Oração, escaparam de perigos exteriores, como Acabe e outros semelhantes. Sim, e observai aqueles que estão em guerras ou em alguma grande aflição, como, orando ao Senhor, são ajudados. O mesmo observaremos às vezes, seja nos mundanos, ou nos filhos de Deus não regenerados. Todos os quais concederão que, depois de terem orado, embora à sua maneira, o Senhor estranhamente os livrou. Se homens ímpios tiveram este benefício, quanto mais os piedosos o terão? Se os filhos de Deus encontraram tal graça antes de conhecerem a Deus; que graça terão quando o conhecerem, crerem nele e o invocarem? Aqui então está toda dúvida a ser retirada, e devemos deixar de dizer: "Oh, sou um pecador, não posso ser ajudado, minha indignidade me envergonha". Considera o teor disto, que corre num ponto universal para todos; não podes ser excluído se não te excluístes a ti mesmo. E por quê? É dito que todos serão salvos: o que é necessariamente de se notar. Pois o diabo nos dirá que Cristo morreu pelos outros, mas não por nós. Verdade é que todos os pecadores arrependidos, comparados com o número dos não arrependidos, são poucos; contudo, se eu verdadeiramente

abomino meus pecados, e a mim mesmo por causa de meus pecados, se eu tenho o propósito de deixar o pecado e viajar pelos caminhos da justiça, se eu amo a Deus e odeio a iniquidade e dela me aparto, embora me faltem todas estas solenes preparações, ainda assim estou persuadido de que serei salvo. E ainda assim lembra-te de que aqui não há tal liberdade para pecadores de coração endurecido; nem o Mar da misericórdia é negado aos pecadores pesarosos. Pois, assim como nenhum pecador será condenado se quiser se arrepender e, em verdade, desejar ser salvo; assim o Senhor não justificará o pecador ímpio e obstinado. Todo aquele, portanto, que tem ouvidos, ouça; quem tem olhos, veja; quem tem um coração, considere esta generosa misericórdia de Deus, esteja ele em miséria exterior ou tribulação interior; e saiba, pela própria boca do Senhor, que: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo".

FINIS.